Bibliografia e Documentação são ciências sociais que têm sustentado as comunidades de pesquisa pelos seus efeitos de controle da informação, continuidade do conhecimento registrado e garantia de seu acesso pelas futuras gerações

- Professor Alentejo (2023).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR-2	Anglo American Cataloguing Rules -2ª edição
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADI	American Documentation Institute
AHCI	Arts and Humanities Citation Index
ALA	American Library Association
AMN	Associação Mercosul de Normalização
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação & Biblioteconomia
ARIST	Annual Review of Information Science and Technology
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CBI	Centro Brasileiro do ISSN
CBI	Cumulative Book Index
CBL	Câmara Brasileira do Livro
CBU	Controle Bibliográfico Universal
CCN	Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas
CETIC	Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação
CILIP	Chartered Institute of Library and Information Professionals
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CGI.br	Comitê Gestor da Internet no Brasil
COMUT	Programa de Comutação Bibliográfica
COPANT	Comissão Permanente de Normas Técnicas
EDA	Escritório de Direitos Autorais
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FID	Federação Internacional de Documentação
FRBR	Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBGE	Instituo Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBSS	International Bibliography of Social Sciences
ICNBS	International Conference on National Bibliographic Services
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
IIB	Instituto Internacional de Bibliografia
INIS	Sistema Internacional de Informações Nucleares
INL	Instituto Nacional do Livro
ISBN	International Standard Book Number
ISSN	International Standard Serial Number
MARC	Machine-Readable Cataloging
NBR	Norma Brasileira
NUC	National Union Catalog
NUCMC	National Union Catalog of Manuscript Collections

OCLC	Online Computer Library Center, Inc.
ODLIS	Online Dictionary of Library and Information Science
OPAC	Online public access catalog
PLANOR	Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras
RBU	Répertoire bibliographique universel.
RVBI	Rede Virtual de Bibliotecas – Congresso Nacional
SBRT	Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SEER	Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores e Livreiros
UBCIM	Universal Bibliographic Control and International MARC Core Activity
UFODU	Union française des organismes de documentation
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Tecnologia
UNIMARC	Universal MARC Format
URL	Uniform Resource Locators
VIAF	Catálogo de Autoridade Internacional Virtual
Web	World Wide Web

SUMÁRIO

GUIA DE ESTUDOS EM BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO

Guia de Estudos em Bibliografia e Documentação destina-se a profissionais da indústria editorial e comércio livreiro, colecionadores, bibliógrafos, bibliotecários e trabalhadores das ciências da informação, interessados na organização do trabalho bibliográfico.

Com base em seus fundamentos e técnicas, este guia visa oferecer subsídios para que suas práticas bibliográficas e documentais possam se desenvolver na Era Digital.

Vale destacar que o termo *fundamentos* equivale a um dos significados em filosofia em que repousa de fato uma ordem de fenômenos, isto é, um conjunto de conhecimentos.

As dimensões do trabalho bibliográfico que são apresentadas nesse guia são fruto de dezoito anos de experiência docente na graduação da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO.

Das disciplinas ministradas nesse período, destacam-se: fundamentos da bibliografia e documentação, controle bibliográfico, normalização documentária e biblioteconomia digital.

Também contribuíram para o desenvolvimento deste guia, artigos científicos publicados e o repertório das edições dos cursos em extensão e ensino ministrados entre 2013 e 2019: *Atualização em Bibliografia e Documentação*, *Controle Bibliográfico*, *Bibliografia Nacional Corrente na Era Digital* e o *1º Ciclo de Palestras em Bibliografia e Documentação*. Tais experiências revelaram significativas audiências interessadas no trabalho bibliográfico.

Embora parte desse repertório tenha sido verificado no contexto acadêmico, não se pretende esgotar os temas acerca da bibliografia e documentação, mas, apresentar uma seleção de textos que possam ser relevantes para seus leitores.

E tal como alertam Such e Perol (1987, não paginado, tradução nossa) "a bibliografia é um assunto flutuante, em constante evolução e certos pontos já merecerão novas atualizações após a publicação desse trabalho". Esta é, pois, a limitação desse guia.

E por se tratar de uma seleção de textos, a escolha dos documentos arrolados também evidencia os limites desse guia.

No contexto técnico-científico, guias especializados neste tema ou sobre outros assuntos são necessários para que os consulentes possam encontrar as fontes e os recursos que lhes sejam úteis (SIMÓN DÍAZ , 1971).

Trabalho semelhante a este foi elaborado por Tanselle (2002), em sua obra '*Introduction to Bibliography*' que em sua 19ª edição trouxe seleção de textos sobre bibliografia.

No Brasil, guias especializados nesse campo carecem de atualização em atendimento às comunidades das ciências da informação e do livro.

A partir da compreensão dos fundamentos do trabalho bibliográfico, a atualização de um repertório brasileiro sobre *bibliografia* e *documentação* precisa ser comunicado sem perder de vista os clássicos nacionais que expressam teorias e técnicas bibliográficas que fundamentam aplicações de suas atividades na Web.

Nessa direção, algumas obras se destacam: *Curso de Bibliografia Geral*, de Laura Figueiredo e Lélia Cunha (1967); *Guia de bibliografia especializada*, de Zilda Galhardo de Araújo, (1969); *Para saber mais: fontes de informação em Ciência e Tecnologia*, Murilo Bastos da Cunha (2001) e sua

segunda edição de 2016; *Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais*, organizado por Bernadete Santos Campello, Beatriz Valadares Cendón e Jeannette Marguerrite Kremer (2003); *Brasil: obras de referência: 1999-2013* de Ann Hartness; *Biblioteconomia: a memória científica da Biblioteca Nacional Brasileira*, de Ana Virginia Pinheiro (2013).

Esse guia fornece seleção de artigos científicos, títulos de livros, brasileiros e estrangeiros, dos quais muitos podem ser acessados na Web e em bibliotecas universitárias brasileiras. Além desse material, também traz indicações de sítios Web.

No caso de livros e artigos, o interessado também pode dispor do serviço de 'Busca Monitorada' do sistema COMUT que permite atender a solicitações de material bibliográfico existente no Brasil (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2012).

Há indicações de livros estrangeiros digitalizados e nascidos digitais que podem ser acessados nos serviços on-line de empréstimos em plataformas, como a Internet Archive, bibliotecas digitais e em alguns catálogos de bibliotecas

nacionais, BNDigital, por exemplo. Há também a possibilidade de dispor de obras que foram digitalizadas pelo serviço da empresa Google.

Nessas perspectivas, este guia se assemelha ao que explicou Ferraz (1972), como um tipo de trabalho bibliográfico que consiste em grande lista auxiliar para determinado público com base nos catálogos de bibliotecas e em outras fontes e recursos bibliográficos.

Também se assemelha aos guias de literatura que, segundo Caldeira (2003, p. 263), "relacionam fontes de informação relativas a um assunto, fornecendo uma visão geral da área abrangida e comentários a respeito das obras incluídas".

Para melhor aproveitamento deste guia, leitores são convidados a consultarem os textos que antecedem as referências, pois, refletem o repertório fundamental para o conhecimento da bibliografia e da documentação, auxiliando-o assim para suas tarefas.

Uma vez que a seleção de textos constitui esse repertório dedicado a várias atividades bibliográficas e documentais, espero que esse trabalho aumente as probabilidades de sucesso para as atividades do leitor.

Referências

CALDEIRA, Paulo da Terra. Guias de literatura. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguierite (org.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editor UFMG, 2003. Cap. 18, p. 263-274.

FERRAZ, Wanda. *A Biblioteca*. 6. ed. rev. e aum. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Programa de Comutação Bibliográfica (Comut)*. Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://comut.ibict.br/comut. Acesso em: 11 jun. 2023.

SIMÓN DÍAZ, José. *La Bibliografía*: conceptos y aplicaciones. Barcelona: Planeta, 1971.

SUCH, Marie-France; PEROL, Dominique. *Initiation à la bibliographie scientifique*. Paris: Promodis-Editions du Cercle de la librairie, 1987.

TANSELLE, G. Thomas. *Introduction to Bibliography*. 19th Ed. Rev. Charlottesville: Books Arts Press, 2002.

ESCOPO E ORGANIZAÇÃO

A elaboração desse trabalho teve como propósito responder quais recursos podem ser úteis para formar um repertório significativo para estudos em bibliografia e documentação?

O guia está dividido nas seguintes partes:

1) *Introdutória*: apresentação, escopo e organização, metodologia e material de pesquisa utilizado;
2) *Informativa*: textos introdutórios aos repertórios.
3) *Repertório*: arrola indicações sobre os assuntos: bibliografia, documentação, controle bibliográfico e obras de referência,
4) *Pós-textual*: glossário elaborado mediante consulta a obras de referência e informações obtidas nos sítios Web de instituições.

Este guia é fundamentado no controle bibliográfico especializado. A cobertura de assuntos e textos envolve revisão de literatura de clássicos e textos atuais no campo de estudos em bibliografia, documentação, controle bibliográfico e obras de referências.

Trata-se de uma bibliografia sistemática, organizada por assunto e cobrindo os seguintes tipos documentais: artigo científico, livro, e sítio Web. A

seleção específica desses documentos se baseou na possibilidade de seu acesso on-line.

E quanto à apresentação dos itens, o guia apresenta o formato de uma bibliografia sinalética cujas referências foram elaboradas conforme a norma da ABNT NBR 6023:2018 - Informação e documentação — Referências —Elaboração.

As entradas sucedem à indicação numérica crescente e estão ordenadas alfabeticamente por nome de autor ou título. Esta e outras formas de arranjo e organização podem ser encontradas em repertórios, como por exemplo, de Amlewin (1967), Pensato (1994) e Bowers (1994).

Para apoiar a sistematização bibliográfica, adotou-se como referência o *Thesaurus da Unesco* (2023). Trata-se de uma lista controlada e estruturada de termos usados para a análise de assuntos e para recuperação de publicações em várias áreas do conhecimento, especificamente, no plano da comunicação e informação.

O arranjo pelos assuntos principais é seguido de seus desdobramentos temáticos. Por exemplo, o capítulo *Bibliografia* desdobra-se nas seguintes partes: ramos da bibliografia, tipologia da bibliografia, bibliografias intelectuais, bibliografias

físicas, bibliografias nacionais, bibliografias internacionais, bibliografia de bibliografias e bibliografias retrospectivas.

Do capítulo *Documentação* decorrem os assuntos: bibliometrias, centros de documentação, pesquisas bibliográficas e documentais e recuperação de documentos.

O leitor dispõe de textos elaborados pelo autor com o objetivo de fornecer entendimentos concernentes aos temas em destaque. Por exemplo, na seção *Controle Bibliográfico*, textos informativos antecedem os repertórios das subseções: controle bibliográfico como sistema e organização da informação e âmbitos do controle bibliográfico.

As indicações cobrem textos em português, espanhol, francês, inglês e duas indicações em italiano.

Os títulos de livro em italiano são:

Bibliografia, de Fumagalli (1916), cuja terceira edição relaciona o trabalho bibliográfico com a origem do livro e das várias disciplinas que se ocuparam com a escrita, o texto e sua organização,

Bibliografia come scienza, de Alfredo Serrai (2018), que aborda a bibliografia como ciência mãe das inúmeras disciplinas do livro e do documento.

O capítulo *Obras de Referências* destaca títulos para ilustrar alguns exemplos de publicações: almanaque, bases de dados, bibliografia e biobibliografia, catálogo bibliográfico on-line (OPAC[1]) dicionário e glossário, diretório, enciclopédia e guia de literatura.

O *Glossário* cobre termos citados no guia e que sintetizam parte dos domínios, serviços e produtos bibliográficos. Os verbetes trazem citações e referências em notas de rodapé em apoio à revisão de literatura.

---

[1] Acrônimo de *Online Public Acess Catalog*, em português: Catálogo de acesso público on-line ou Catálogo de acesso público em linha.

Referências

AMLEWIN, Robinson. *Systematic bibliography*: A Practical Guide to the Work of Compilation. Bombay: Asia Publishing, 1967. Disponível em: https://archive.org/details/in.gov.ignca.45670. Acesso em: 1 jun. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023*: informação e documentação: Referências - Elaboração. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018.

BOWERS, Fredson. *Principles of Bibliographical Description*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

PENSATO, Rino. *Curso de Bibliografia*: Guía para la compilación y uso de repertórios bibliográficos. Gijón: Trea, 1994.

UNESCO. *UNESCO Thesaurus*: Vocabulary information. Paris, [2023]. Disponível em: https://vocabularies.unesco.org/browser/thesaurus/en/. Acesso em: 10 jun. 2023.

MATERIAL DE PESQUISA

Os princípios bibliográficos que regem a elaboração deste guia são: pesquisa bibliográfica, verificação, probidade intelectual e planejamento, essenciais para a realização de repertórios bibliográficos (HARMON, 1998; KATZ, 1992; PLACER, 1955).

Sobre as fontes adotadas para elaboração do guia, o material de pesquisa utilizado consistiu em consultas a catálogos bibliográficos on-line, bibliotecas digitais e bases de dados bibliográficos, nacionais e estrangeiras.

No Brasil, destacam-se: Biblioteca Central da UnB, Memória da Biblioteconomia, da UNIRIO e BNDigital, da Fundação Biblioteca Nacional. Catálogos bibliográficos estrangeiros foram: Gallica, da França, Library of Congress Digital Collections, National Library of Australia e o WorldCat, da OCLC.

Bibliotecas digitais consultadas: Biblioteca Digital do Senado Federal, World Digital Library e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). As bases de dados pesquisadas foram: BRAPCI, SciELO, Bielefeld Academic Search Engine, E-rara.ch, Internet Archive e PubMed®.

Bibliografias e dicionários on-line também foram utilizados, por exemplo: *Guide to Reference Books*, *Bibliography of the History of Information Science and Technology* e *Online Dictionary for Library and Information Science*.

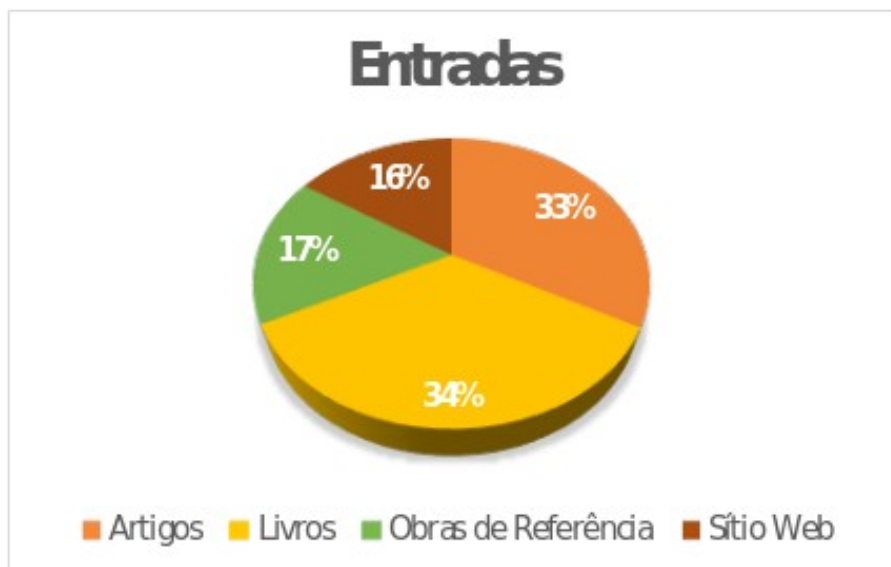
O acesso aos sítios Web indicados permite ao leitor consultas rápidas e conhecimento sobre organizações documentárias. Das indicações na Web, a maioria apresenta links persistentes, no entanto, eventualmente, o consulente pode encontrar alguns deles com sua URL desatualizada. Vale destacar que URL é o acrônimo para *Uniform Resource Locators* que permite o acesso ao conteúdo na Internet.

A mudança frequente de sua estrutura é uma barreira à sustentação da rede. A ideia de persistência de URL se baseia em um esquema de nomenclatura para acesso persistente a objetos digitais, como por exemplo, o Archival Resource Key (CALIFORNIA DIGITAL LIBRARY, 2018).

O gráfico a seguir quantifica as entradas por tipo documental:

Entradas

16% 33% 17% 34%

Artigos Livros Obras de Referência Sítio Web

Fonte: o autor (2023).

Do total de 563 entradas, os artigos indicados somam a quantidade de 184 itens, 194 livros e 90 indicações de sítios Web. O capítulo *Obras de referências* oferece 94 entradas e destas, 71 itens de acesso integral ao texto. O glossário arrola 76 verbetes.

Entradas de artigos, livros, obras de referência com indicações de localização na Web podem significar que o texto integral pode estar disponível em fontes on-line mas, sempre em respeito aos direitos de autor.

Entretanto, em alguns casos, títulos somente são acessíveis mediante compra ou assinatura e,

eventualmente, por intermédio de comutação bibliográfica. Nessas situações, consulte seu bibliotecário.

A maioria dos artigos está disponível na Web e cerca de quatorze, mediante pagamento ou solicitados no serviço de referência de bibliotecas que integram a rede do Portal de Periódicos CAPES[2].

Das 194 referências a títulos de livros, 133 estão integralmente disponíveis on-line sob licença de uso *Creative Commons*[3] ou em domínio público, conforme a legislação vigente de direitos autorais.

Títulos impressos publicados no Brasil somam 40 entradas e podem ser consultados quanto à sua disponibilidade em bibliotecas universitárias no País. Interessados também podem recorrer ao serviço brasileiro de comutação bibliográfica COMUT.

Vinte e dois títulos de livros impressos, publicados no exterior, podem ser localizados no catálogo coletivo WorldCat e acessados mediante serviço de comutação bibliográfica internacional ou adquiridos por compra.

---

[2] Até a data de pesquisa finalizada (junho de 2023) para elaboração do guia, esses itens podem ser acessados pelo serviço bibliográfico no Portal Periódicos CAPES.

[3] *Creative Commons* é uma organização não governamental sem fins lucrativos voltada a expandir a quantidade de obras criativas disponíveis, através de suas licenças que permitem a cópia e compartilhamento com menos restrições do direito privado autoral. Fonte: https://creativecommons.org/

Referências

CALIFORNIA DIGITAL LIBRARY. *ARK Identifier Summit at the National Library of France*. Riverside, 2018. Disponível em: https://cdlib.org/cdlinfo/2018/01/26/ark-identifier-summit-at-the-national-library-of-france-21-march-2018/. Acesso em: 29 jul. 2023.

HARMON, Robert B. *Elements of bibliography*. 3rd Ed. London: Scarecrow Press, 1998.

KATZ, William. *Introduction to reference work*. 6th Ed. New York: Mc Graw-Hill, 1992.

PLACER, Xavier. *A bibliografia e sua técnica*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1955.

A CIÊNCIA DA BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO

«*Bibliografia é uma eficaz arma teórica e técnica para enfrentar os perigos que ameaçam o desenvolvimento científico e cultural da nova sociedade da informação*»
– Alfredo Serrai, 2018[4]

O campo de estudos da *Bibliografia* e *Documentação* foi e continua sendo relevante para o ensino, aprendizado, pesquisa e práticas das comunidades de informação; sobretudo, para a geração e disseminação do conhecimento e formação técnica-profissional.

A natureza científica ou sobre a ciência bibliográfica [da *bibliografia*] e documentologia [da *documentação*] costuma ser discutida desde o Século XVII.

Nos séculos XIX e XX, importantes teóricos e tratadistas se destacaram: Gabriel Peignot, Paulo Otlet, Boulard, Achard, Bouchot, Fumagalli, Émile Egger, Reuben, Besterman, Suzanne Briet, Louise Malclès, Gaskell, Margareth Egan, Jesse Shera, Harmon, Serrai, Reyes-Gómez e Meneses Tello.

Talvez, uma discussão oportunamente aprofundada foi a tecida por Paul Otlet (disponível na

---

[4] (p. 138, tradução nossa)

edição de Rayward, de 1999, no quinto capítulo *A ciência da Bibliografia e Documentação*) onde assinala:

> Termos impróprios levam a concepções errôneas ou imperfeitas. Quando alguém consulta qualquer dicionário tomado ao acaso, lê-se: "BIBLIOGRAFIA (*Biblion*, livro, *grafô*, descrição), Ciência, conhecimento de Bibliografia; BIBLIÓGRAFO, aquele que está familiarizado com livros, edições etc.". A imprecisão de tais noções é impressionante. Não tendo uma definição precisa, deve-se primeiro descobrir o que o conhecimento do livro envolveu até agora (RAYWARD, 1999, p. 71, tradução nossa).

Algumas dificuldades para construir conceitos sobre bibliografia [bem como para a documentação], comuns a todos os estudos desse tipo, aparecem desde quando ambos os termos *bibliografia* e *documentação* foram, formalmente, enunciados. E para Otlet, definir uma disciplina, delimitar seu objeto, é antes de tudo estabelecer suas relações com outras disciplinas.

Desse modo, para Otlet, trata-se, em última instância, de uma tarefa de classificação. "Agora, desnecessário dizer, toda classificação é

naturalmente, pelo menos em parte, uma questão de convenção" (RAYWARD, 1999, p. 71, tradução nossa).

E deve basear-se em apenas uma das características dos objetos a serem classificados, "embora analiticamente haja um número indefinido de tais características. Objetivamente existem apenas objetos distintos ou ideias separadas" (RAYWARD, 1999, p. 71, tradução nossa).

Uma vez produzidos, os textos podem se tornar objetos de estudo sob muitos aspectos, materiais e temáticos e, como tal, também podem inspirar um conhecimento sistemático a partir do que os livros têm em comum, uma vez separados os assuntos de que tratam (RAYWARD, 1999, p. 74, tradução nossa).

À luz dessa análise, Otlet considerou distinguir o livro e a ideia como forma da substância, o recipiente do conteúdo, e claramente distinguir o conhecimento, por um lado, da documentação, por outro.

E ao envolver infinitas possibilidades de assuntos para pesquisas em qualquer área do conhecimento, Bibliografia e Documentação são eventualmente denominadas por ciências auxiliares.

Tópicos relacionados aos documentos, coleções e acervos, em qualquer suporte, período ou contexto também são elegíveis para os estudos bibliográficos e documentais, revelando suas faces: científica autônoma, de interesse para as ciências e para a sociedade.

Trabalhos historiográficos debruçados sobre bibliografia e documentação têm demonstrado que novos produtos e serviços de informação surgiram ao longo do tempo, contribuindo para colmatar lacunas de conhecimento, em vários níveis de produção e difusão da informação e em escala mundial.

Vicenzo Coronelli, em sua obra '*Biblioteca universale*' (1706) apresentou uma definição de *Bibliografia*: "são aqueles livros que contêm o índice de muitos outros livros, ou de seus autores, significando o mesmo que a denominação latina: *descriptio librorum*" (REYES GÓMEZ, 2010, p. 41, tradução nossa).

Esse sentido foi readaptado pelo bibliotecário e bibliófilo Gabriel Peignot que, em sua obra *Repertoire universal de Bibliographie*, de 1812, empregou o termo *Bibliologia* para referir-se à ciência do livro impresso e à *Bibliografia* para conotar o apoio técnico dentro dos estudos

bibliológicos, isto é, a parte que estuda os repertórios dos livros (REYES GÓMEZ, 2010, p. 41).

Ao se referir à obra *Bibliographie Instructive* de 1763, do bibliotecário francês DeBure, Condit (1937, p. 564) explica que, provavelmente, foi pela primeira vez que o termo *bibliografia* foi empregado sob o espectro profissional da disciplina, o bibliógrafo.

Embora o autor considere a existência do trabalho bibliográfico (do catálogo e da bibliografia) desde a Antiguidade, ele explica que o conceito de *bibliografia* foi concebido quase quatro séculos antes por Conrad Gesner e foi batizado durante o Século XVIII por DeBure.

O início do Século XIX foi marcado pelo aparecimento dos primeiros teóricos da bibliografia: Martin Silvestre Boulard (1804), com o *Traité élémentaire de bibliographie* e o bibliotecário de Marseille, C. F. Achard, com a obra *Cours élémentaire de bibliographie*, de 1806. Ambos contribuíram para elevar a *Bibliografia* da categoria de ciência dos livros à categoria de ciência das coleções e dos repertórios.

Essa perspectiva tinha como origem as obras destinadas à descrição dos livros, como por exemplo,

os catálogos dos livreiros franceses dos quais foram elaborados sob determinadas técnicas de descrição bibliográfica e expressavam a ideia de estudos a partir de listas bibliográficas para constituírem-se em diretórios de livros.

A entrada oficial da bibliografia como área científica é relativamente recente (HARMON, 1998; REYES-GÓMEZ, 2010). Sob a denominação *nova bibliografia*, o campo de estudos passou a ser cognominado por *bibliografia física* e, no início do Século XX, por *bibliografia analítica*, termo atribuído pelos tratadistas anglo-saxônicos a partir das pesquisas de Sir Walter Wilson Greg (1914), Alfred William Pollard, Ronald Brunless Mckerrow (HARMON, 1998).

Nesse momento, a *bibliografia* atingiu a sua maturidade (MALCLÈS, 1961), pois, teve seus fins definidos, descobriu as suas regras e forjou os seus meios graças ao trabalho realizado no século anterior por ilustres bibliógrafos e documentalistas (TORRES-RAMÍREZ, 2002) e que, desde então, serviu de base para a formalização e desenvolvimento da *Documentação*.

O termo documento já havia sido formalmente assinalado, ao menos, desde o Século XVII, em

dicionários como o de Richelet[5] – em 1680 - e no *Dictionnaire universel de Furetière*, de 1690. E em geral, eles expressavam a ideia de que um documento é uma prova em apoio de um fato[6].

Mas, ao final do Século XIX, o berço da documentação foi a Bélgica; e sua normalização e organização ocorreram com relativo sucesso na França sob o ideal de expansão da comunicação do conhecimento por intermédio da organização dos documentos.

Paul Otlet e Henri Marie La Fontaine fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) em 1895, em Bruxelas. E em seu *Tratado sobre Documentação* (1934), Paul Otlet introduziu o termo *documentologia*.

A documentação surgiu face ao desenvolvimento da indústria gráfica no final do Século XIX e o trabalho bibliográfico derivado das tecnologias à época espelhou o sentido de controle bibliográfico conexo à organização do conhecimento, materializado, por exemplo, nos objetivos da produção de bibliografias e catálogos bibliográficos.

A partir de 1903, a ideia de uma síntese universal de conhecimento levou Paul Otlet e Henri

[5] Fonte: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k509323/f49.item
[6] Fonte: https://dictionnaire.lerobert.com/definition/document

Marie La Fontaine à ampliação do seu âmbito de estudos, antes focado em publicações científicas para adicionar jornais, materiais gráficos e outros tipos de recursos de informação.

Para abarcar este novo material, ao longo do tempo, foram criadas outras instituições nacionais e internacionais para a documentação.

No início do Século XX, o internacionalismo da documentação contribuiu para a universalização do controle bibliográfico, encorajando instituições públicas e privadas de ensino, pesquisa e tecnologia a desenvolverem centros de documentação.

Em 1937, nos EUA, o American Documentation Institute estabeleceu o *Programa de Publicação Auxiliar*, organizado por sociedades científicas e profissionais, fundações e agências governamentais para a divulgação de cerca de 10.000 documentos cobrindo uma ampla gama de assuntos.

No Brasil, no início do Século XX, a documentologia de Paul Otlet influenciou o então diretor da Biblioteca Nacional, Cícero Peregrino da Silva, e esta passagem pode ser compreendida como o marco para a origem do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)[7].

---

[7] SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Manuel Cícero Peregrino da Silva. *Boletim Informativo do IBBD*, Rio de Janeiro, v. 2, n.. 5, p. 235-239,

Na década de 1960, a busca em longo prazo para o avanço socioeconômico, principalmente, dos países em desenvolvimento, teve como panorama bibliográfico internacional uma crescente movimentação em torno do planejamento nacional de bibliotecas, agências bibliográficas e centros de documentação (JACKSON, 1973).

Na atualidade, os fundamentos, técnicas e atividades em bibliografia e documentação continuam importantes para o controle bibliográfico e isso também significa que para o planejamento estratégico de organizações de todos os tipos, a noção de qualidade da informação e disseminação do conhecimento é essencial para os sistemas de informação e para a sociedade (RAYWARD, 1999).

Em seu significado social, bibliografia e documentação podem ser interpretadas de muitos modos. Como objeto e solução em contextos tecnológicos e de uso da informação: um problema de comunicação do conhecimento é essencialmente um problema bibliográfico a ser resolvido.

Desse modo, bibliografia e documentação mantêm uma interação próxima com a biblioteconomia, explicitamente, nos objetivos de

1956.

seus sistemas bibliográficos: obtenção, armazenamento e disseminação do conhecimento (PAIM, 1983).

Há nisso duas consequências que merecem reflexão:

1ª) A ampliação conceitual para a bibliografia e documentação consiste em considerar o emprego de técnicas e tecnologias emergentes para organização e transmissão de informações em um crescente e complexo ambiente informacional, colocando suas funções em constante estado de atualização.

2ª) *Bibliografia* e *Documentação* não são subáreas das ciências da informação e sequer da biblioteconomia. Ambas permanecem independentes ao expressarem processos e meios para que, nos domínios do conhecimento, a sociedade tenha acesso à informação.

A polissemia que historicamente se acumulou acerca dos termos *bibliografia* e *documentação* incorpora os documentos, cujo interesse é submetê-los à organização por meio de tarefas de sua descrição física em correspondência a sua mensagem intelectual. E isso é possível ser alcançado por meio dos sistemas de informação.

Sob a aplicação de técnicas e tecnologias, bibliotecas, agências bibliográficas nacionais, centros de documentação, museus e arquivos instituem seus sistemas para operações gerenciais,

apoiados por instrumentos para aquisição, organização, preservação e acesso aos documentos, em geral, para consulta pública.

E, nessa visão, “um sistema de informação é um sistema formal completamente previsível que espelha o comportamento determinístico de um universo do discurso” (SAYÃO, 2001, p. 88) e factível de evolução e de assegurar a percepção de outros aspectos não imaginados antes de sua elaboração (SAYÃO, 2001, p. 83).

E o resultado dessa organização é desejável para a constituição dos sistemas de informação, cuja materialidade e inscrição, no entanto, são produtos essenciais para as tarefas executadas por seus consulentes para acessarem à informação.

Isso também significa que sua existência e manutenção se baseia em sistemas que permitam as funções de entrada, processamento e saída correspondendo às operações de colecionismo, indexação e recuperação da informação.

A substância dos sistemas de informação é o trabalho bibliográfico, da bibliografia e da documentação, que se aperfeiçoa a cada geração tecnológica e em contextos de crescimento dos saberes.

E as razões sociais de sua evolução são amparadas na cultura da escrita e da leitura, em sucessivas gerações de interessados na pesquisa e produção de conhecimento, tornando evidente que os sistemas que armazenam informações são os meios que permitem às sociedades serem protagonistas do seu repertório intelectual.

Se atividades e aplicações da bibliografia e documentação precedem qualquer atividade de pesquisa, uso e disseminação da informação, a conservação lógica do registro bibliográfico no sistema é a fonte pela qual as pessoas podem se informar e recuperar documentos.

Essa relação distingue os modernos sistemas de informação de séculos passados. No entanto, sucessivamente foram aperfeiçoados e na Era Digital, oferecem mais possibilidades de interações e mais facilidades de comunicação entre redes e comunidades de práticas[8].

A participação do usuário por meio de tecnologias digitais aplicadas também tem permitido que sua experiência com o sistema seja compartilhada com seus gestores de modo a

---

[8] Grupos de indivíduos que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas ou algum interesse sobre um assunto e por isso, buscam aprofundar seu conhecimento sobre o mesmo por meio de interações de conhecimento.

contribuir com o desenvolvimento dos sistemas de informação que gerenciam.

No ambiente Web, a aplicação de tecnologias digitais tem ampliado as vantagens da bibliografia e documentação pelas operações dos usuários ao somarem sua experiência à capacidade de compartilhamento instantâneo da informação por vários meios.

Outro pressuposto científico da bibliografia e documentação se refere à continuidade do conhecimento tendo como base os documentos, bem exemplificado pelo ciclo documentário.

O ciclo documentário pressupõe a equivalência entre uso e geração da informação cujo referencial são os registros bibliográficos, conservados nos sistemas bibliográficos como resultado do "processo de reunir, classificar e distribuir documentos em todos os domínios da atividade humana" (ZAHER, 1972, p. 5).

Nesse plano, o sistema bibliográfico é moldado às especificidades de uso da informação entre as comunidades de pesquisadores e interessados nos textos e nos documentos[9].

---

[9] Termo adotado para contemplar o sentido de sistema automatizado, incluindo aquele disponível na Web para a organização, armazenamento e conservação da informação bibliográfica.

A noção central desse domínio intelectual depende: a) da organização incessantemente padronizada do conhecimento, b) disponibilidade dos instrumentos necessários para identificar os documentos entre múltiplos sistemas; c) capacidade de memória dos sistemas bibliográficos para salvaguardar registros bibliográficos acumulados, d) de o sistema bibliográfico se configurar como fonte e repertório, tornados conhecidos a partir das interações culturais da sociedade a partir dos dispositivos de recuperação da informação.

Com as tecnologias digitais, o trabalho bibliográfico manifesto na bibliografia e documentação permeia os setores de produção, comunicação e preservação dos aparelhos de cultura de uma localidade, de um país ou grupos de países.

Na atualidade, sob a aplicação de tecnologias colaborativas, participativas e disruptivas no ambiente digital (STYLIARAS; KOUKOPOULOS; LAZARINIS, 2010), *bibliografia* e *documentação* manifestam-se como meios democráticos para a universalização do conhecimento, fundamento primordial de suas cientificidades.

Referências

ACHARD, C. F. *Cours élémentaire de bibliographie, ou La science du bibliothécaire*. Marseille: J. Achard, 1806. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6257784b/f5.image.r=Cours%20%C3%A9l%C3%A9mentaire%20de%20bibliographie. Acesso em: 16 jun. 2023.

BOULARD, Martin Silvestre. *Traité élémentaire de bibliographie*... Paris, 1804. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=GtBIAAAAcAAJ&hl=pt&pg=GBS.PA1. Acesso em: 12 jun. 2023.

CONDIT, Lester. Bibliography in its prenatal existence. *Library Quarterly*, London, n. 7, p. 564, Oct. 1937. p. 564.

HARMON, Robert B. *Elements of bibliography*. 3rd Ed. London: Scarecrow Press, 1998.

JACKSON, Willian V. Um plano nacional para Desenvolvimento de Bibliotecas e Centros de Documentação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 2, n. 1, p. 23-42, mar. 1973.

MALCLÈS, Louise Noëlle. *Bibliography*. Trad. Theodore Christian Hines. New York: Scarecrow Press, 1961.

PAIM, Isis. O ensino da bibliografia especializada. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 12, n. 2, p. 233-249, set. 1983.

RAYWARD, W. Boyd (ed.). International organisation and dissemination of knowledge : selected essays of Paul Otlet. Amsterdam; New York: Elsevier, 1999.

REYES GÓMEZ, Fermín de los. *Manual de Bibliografía*. Madrid: Catalia, 2010.

SAYÃO, Luís Fernando. Modelos teóricos em ciência da informação – abstração e método científico. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 30, n. 1, p. 82-91, jan./abr. 2001.

STYLIARAS; G.; KOUKOPOULOS; D.; LAZARINIS, F. *Handbook of Research on Technologies and Cultural Heritage*. New York: IGI Global, 2010.

TORRES-RAMÍREZ, Isabel. Los estudios de bibliografía en el último cuarto del siglo XX. *Documentación de las Ciencias de la Información*, Madrid, v. 25, p. 147-165, 2002. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/38813648.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

BIBLIOGRAFIA

«*A bibliografia é a ciência do livro e a ciência do livro é a primeira condição de qualquer ciência*» - Frantz Calot e Georges Thomas, 1950[10]

Em quaisquer manuais sobre bibliografia, é comum que seus autores, à sua época, contextualizem definições sobre o que ela possa ser. Em geral, eles fornecem conceitos operacionais à medida que costumam dividi-la em ramos.

No início dos anos 1950, Freer (1954) documentou desde 1678 cerca de 50 definições sobre bibliografia e constatou que a maioria delas, vinte e quatro, surgiu após 1900, poucas concordando entre si e muitas discordando completamente uma das outras.

Pensato (1994, p. 35-36) reconhece a existência de três visões sobre bibliografia:

a) termo banalizado, desprovido de conceito;

b) visão instrumental mediana,

c) visão erudita e profissional, compartilhada por aqueles que estudam as técnicas, os procedimentos, a teoria, a história, a estrutura em seu campo científico e seus resultados.

[10] (p. [11], tradução nossa)

No entanto, o termo *bibliografia* costuma ser definido com precisão em sua base etimológica, pelo agrupamento dos vocábulos em grego *Biblion*, livro; *Graphé*, descrição. Nesse sentido, significa descrição dos livros. Ou ainda, pela junção das palavras do grego *Biblion* (livro) e *Graphaein* (escrever) resultando no termo *Bibliographos* para significar copistas de manuscritos (HARMON, 1998, p. 2).

Num sentido ampliado, bibliografia conota o estudo dos livros e outros materiais gráficos (MALCLÈS, 1956; FIGUEIREDO; CUNHA, 1967).

Gaskell (1995) explica que a bibliografia é a ciência da transmissão de documentos e dos conteúdos que comunicam. Sua evolução está ligada à história da tecnologia de produção dos livros e de outros materiais e suas atividades estão presentes em todas as manifestações do conhecimento humano.

Para McCrank (1979), a bibliografia é de difícil caracterização, pois, nem todos os recursos de descrição ou referência são bibliografias; e muitas compilações são imprecisamente assim intituladas; mesmo quando olhamos para o campo da biblioteconomia (NEWTON, 1936; REYES-GÓMEZ, 2010).

Mas, como se pode distinguir uma *pseudobibliografia* de uma *bibliografia* de fato? Em primeiro lugar, a origem do problema repousa na polissemia conceitual sobre *bibliografia*, cujos resultados evidenciam diferenças entre o profissional e o amadorismo (NEWTON, 1936).

Serrai (1994) aponta que a polissemia do conceito de bibliografia resulta no desfavor para sua cientificidade porque distancia suas funções de seu significado.

Referindo-se às funções de uma bibliografia como produto, Beaudiquez (1989) aponta que para saber o valor e o significado de bibliografia é necessário compreender o contexto: "redigir uma bibliografia, consultar uma bibliografia ou planejar uma bibliografia e outras expressões, escondem realidades diferentes".

Além disso, Harmon (1998) explica que nenhuma discussão sobre bibliografia pode deixar de mencionar sua relação com o aumento da demanda por métodos precisos de comunicação e recuperação da informação em que a civilização depende.

Contudo, pode-se afirmar que a bibliografia é percebida com o trabalho bibliográfico que é parte de sua natureza e que se realiza como processo nos

sistemas de informação que conservam os registros que produz e que serão acessados, em longo prazo.

O termo *trabalho bibliográfico* é empregado para se referir às práticas inerentes à elaboração de produtos e serviços bibliográficos dos quais decorrem de princípios e técnicas que formam bases para o desenvolvimento das bibliografias e cujas teorias e métodos alicerçam seu campo de estudos (OTLET, 1934; MALCLÈS, 1950; ZOLTOWSKI, 1952; PLACER, 1955; PETERS, 1977).

Como resultado, o trabalho bibliográfico exercido pelos bibliógrafos e bibliotecários é de tal modo importante para a sociedade que a gestão por eles exercida visa garantir o controle bibliográfico no lugar do caos.

A bibliografia compreendida como produto dessa organização ou como a ciência que descreve os vários aspectos e elementos do texto representa uma das atividades intelectuais mais antigas das sociedades.

Quando a humanidade começou a registrar suas ideias em suportes físicos, tornando-os extensões de sua memória intelectual, logo percebeu a necessidade de conservá-los em sucessivos repositórios de salvaguarda e sob condições que

pudessem sustentar a longevidade de seus escritos como prolongamento de sua memória.

E como destaca Atcan, a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades da capacidade de reminiscência e armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. “Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória”[11].

À memória biológica, que pertence à espécie, e à memória cerebral, que é do indivíduo, acrescentou-se a biblioteca, como memória coletiva das experiências existenciais, científicas e culturais, seja do indivíduo, seja da sociedade (SERRAI, 1975, p. 142).

Para exercer gerência sobre seus escritos, a humanidade passou a moldar instrumentos visando à continuidade dos textos e de seus registros, principalmente, na forma de catálogos e

[11] ATCAN, Henri. *Conscience et désirs dans des systèmes auto-organisateurs*. Paris: Morin e Piattelli Palmarini, 1974. p. 461, tradução nossa.

bibliografias, dos quais, desde então, constituíram-se como tecnologias primárias de controle bibliográfico.

Em seu histórico, as operações de organização bibliográfica foram intensificadas em consequência da incessante produção do conhecimento registrado em concomitância com tecnologias intelectuais emergentes. Por exemplo, a imprensa de tipos móveis no Século XV, a mecanização da imprensa no Século XIX e as tecnologias digitais no Século XX em diante.

E a própria ideia de bibliografias como produtos adquiriu muitos sentidos em função das várias utilidades que o trabalho bibliográfico que as delineiam pode oferecer às sociedades e à continuação do conhecimento científico.

Essa face das bibliografias diz respeito à organização de produtos e serviços bibliográficos que são disponibilizados em gerações de sistemas bibliográficos, cada vez mais, tecnologicamente, sofisticados.

Como essa organização se dá em referência aos sistemas, repertórios, bases de dados, registros bibliográficos, indicadores de qualidade, estatísticas e dados sobre recuperação e uso da informação são

evidências de que a bibliografia se realiza por meio de processos.

Nesse aspecto, a bibliografia é uma tecnologia de controle bibliográfico em sincronia com a divulgação do conhecimento, apoiada por mecanismos e tecnologias de comunicação social.

Mediante distintas formas descritivas e temáticas (BESTERMAN, 1935), tem-se a noção de controle bibliográfico como essência do sistema de representação da informação e o livro como a mais alta expressão de produtos dos quais passaram a ser denominados por bibliografias (FUMAGALLI, 1916).

No cenário de rápidas mudanças tecnológicas e sociais, a bibliografia persiste em busca do controle bibliográfico, caracterizando-se em valores e ideias acerca de comunicação científica, comunidades de informação, universalização do conhecimento, bem como, de interesse de nações em contextos internacionais dos saberes.

Em relação ao seu ensino, o aprendizado ocorre normalmente nos cursos de biblioteconomia que a apresentam como uma disciplina conexa à formação da profissão bibliotecária. Disso, tem-se a ideia de bibliotecários como bibliógrafos. *Mas, o que isso significa exatamente?*

Se a bibliografia no quadro epistemológico do profissional da informação pode ser considerada vertente de estudo da biblioteconomia, deve-se reconhecer que a primeira ajudou a preparar o caminho para a origem da segunda. "A tarefa sistemática de reunir ou compilar escritos é a progenitora legítima da profissão e disciplina que exercemos hoje" (MENESES TELLO, 2007, p. 108, tradução nossa).

Bibliografia como área do conhecimento, no entanto, traz desafios constantes para aqueles que tentam desvendá-la como ciência ou técnica, tornando necessário o exame de todas as possibilidades que ela oferece para os fenômenos da informação. Até o momento, nenhum método atendeu plenamente a tal propósito.

O método historiográfico da bibliografia tem sido o mais adotado por bibliógrafos e bibliotecários para essa finalidade; por exemplo, Besterman, Malclès, Shera, Egan, Harmon dentre outros têm demonstrado inúmeros valores sociais e científicos da bibliografia em seu percurso secular.

No campo historiográfico, as pesquisas sobre bibliografia podem variar cronologicamente, desde o

estudo de tabuletas de argila ou rolos de papiro até documentos digitalizados ou nativos digitais.

Em termos de quantidade e qualidade, o método bibliométrico também tem sido adotado para esta tarefa. Por sua potencialidade em mensurar coleções, sistemas bibliográficos, relações entre publicações, autores e instituições, a bibliometria espelha as funções e utilidades dos instrumentos bibliográficos desenvolvidos.

Além disso, Paling (2004, p. 588) aponta a contribuição da bibliografia para estudos sobre classificação e transmissão do conhecimento:

> a bibliografia fornece uma vantagem convincente para estudar a interconexão da classificação, da retórica e da produção de conhecimento. A bibliografia e as atividades relacionadas à classificação e à recuperação têm uma relação direta com os estudos textuais e a retórica.

Tal perspectiva também perpassa pela história da bibliografia, como a elaborada por Besterman (1935, p. 2). Ele a contemplou como expressão social na criação de diretórios e listas organizadas de livros de acordo com algum princípio permanente.

E mesmo reconhecendo a dificuldade conexa a qualquer ideia de princípios permanentes, as questões que envolvem a permanência e a mudança nos próprios textos e a forma como os classificamos é uma questão inerente ao paradigma bibliográfico (PALING , p. 589-590) do qual é a substância das bibliografias.

Serrai (2018) identifica o campo científico da bibliografia ao considerar que os resultados dos procedimentos ou processos bibliográficos permitem o acesso a um ambiente ao qual denomina por hiperespaço bibliográfico.

Bibliografia compreende uma existência complexa e múltipla:

> processual em seus acúmulos e dispersões, representativa sem deixar-se reduzir apenas às representações, bem como ética e politicamente entrelaçada às transversalidades disciplinares que lhes dão potencialidades variadas para seu desenvolvimento científico e humanístico[12].

De acordo com Placer (1955), essencialmente o produto *bibliografia* se caracteriza pela

[12] PINHO NETO, Jayme. *Bibliografia como memória e banco de dados*: 2020. 105 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2020. p. 98

sistematização de inventários e repertórios sobre um ou vários assuntos, distintos de uma lista ou relação sem método que evidencie as etapas do trabalho bibliográfico e seus princípios: pesquisa bibliográfica, verificação, probidade intelectual e planejamento.

Como esclarece Fonseca (1979), a pesquisa bibliográfica não é simplesmente a procura de livros, artigos e outros documentos sobre determinado assunto ou determinado autor.

Pois, essa tarefa pode se resumir na criação de fichamento a partir da cópia ou compilação de informações disponíveis em bibliografias, catálogos de bibliotecas e editoras ou de outras fontes de referência.

Essa atividade é fruto da orientação bibliográfica empreendida por pesquisadores, professores, bibliotecários, editores e determinadas organizações; útil enquanto técnica para consultas e para estudos na fase preliminar da pesquisa científica.

O princípio da pesquisa bibliográfica para o bibliógrafo se refere à “atividade que supõe uma hipótese claramente formulada e objetivamente testada” (FONSECA, 1979, p. [29]), características

essenciais para as bibliografias de todos os seus ramos.

Em geral, a pesquisa bibliográfica é apoiada pelas análises bibliométricas resultantes da aplicação da estatística, constituindo assim, na abordagem que garante à Bibliografia sua categoria científica (FONSECA, 1979, p. 32).

O princípio da verificação consiste em arrolar fontes que foram objeto de consulta. O acesso direto ao material que será compilado é uma forma de garantir a obtenção dos elementos essenciais à sua descrição bibliográfica e a garantia bibliográfica dos registros oficiais a serem inscritos nos sistemas bibliográficos.

Esse princípio é importante porque rege a avaliação sobre a consistência e confiabilidade de uma bibliografia e da pesquisa realizada ou ainda sobre um dos aspectos da relevância do sistema utilizado pelo usuário, sejam catálogos bibliográficos ou bibliografias.

Nesse aspecto, Cruz e Mendes[13] informam sobre a diferença entre catálogos de bibliotecas e bibliografias:

---

[13] CRUZ, Anamaria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. *A biblioteca*: o técnico e suas tarefas. Niterói: Intertexto, 2000.

> Catálogo de biblioteca distingue-se de uma bibliografia por indicar as unidades de uma determinada coleção, biblioteca ou grupos de bibliotecas. Assim, bibliografia é, de maneira geral, um levantamento de obras sobre um assunto, ou restritas a uma época. Não localiza as obras, isto é, não informa a instituição onde elas podem ser encontradas. Já o catálogo constitui uma lista de livros, folhetos etc., arranjada de acordo com um plano definido e com um Código de Normas de Catalogação [...].

Além de importar ao trabalho bibliográfico da catalogação e das bibliografias, o princípio da verificação tem relação direta com o princípio da probidade intelectual, fundamental na estrutura da produção dos conhecimentos.

Em relação ao princípio da probidade intelectual, Placer (1955, p. [7]) esclarece que "[...] não há crítica sem bibliografia, pode-se afirmar que não há trabalho intelectual de espécie alguma, neste estágio dos conhecimentos, sem bibliografia".

A partir da garantia das ideias que precedem quaisquer novas contribuições em quaisquer campos intelectuais,

> o autor, ao invés de esconder, lhanamente revela as fontes de inspiração ou consulta, oferecendo ao leitor e à crítica oportunidade de verificação julgada necessária. E, indiretamente, estão proporcionando aos interessados o conhecimento das melhores e mais atuais fontes (PLACER, 1955, p. [7]).

No plano da comunicação científica, as fontes produzidas no processo de divulgação do conhecimento são esforços para tornar conhecidas as ideias e resultados científicos dos saberes e aplicar o princípio da probidade intelectual é essencial para essa realização.

Além disso, Fulton (1934, p. 184) observa que a probidade intelectual também se manifesta na lista de referências; e as citações devidamente correlacionadas proporcionam um índice infalível do mérito científico de um determinado texto e do cuidado com que o manuscrito como um todo foi preparado.

Todos estes princípios decorrem de planejamento. O princípio do planejamento bibliográfico envolve as estratégias de pesquisa, o exercício da verificação, a garantia da probidade intelectual e a elaboração editorial do trabalho bibliográfico. E por isso, também está associado à

noção de avaliação dos processos que envolvem o trabalho bibliográfico em desenvolvimento.

No domínio da bibliografia, pode-se dizer que planejamento e avaliação formam um princípio que baliza o trabalho bibliográfico visando proporcionar sua produção coerente com as demandas de conhecimento da sociedade e colmatar lacunas de informação.

Ortega y Gasset (1984), por exemplo, declara que bibliografias oferecidas pelos serviços de informação devem ser planejadas com condições de localização dos documentos arrolados, isto é, crítica, precisa e seletiva de modo que seus consultores possam realizar com devido fundamento suas pesquisas, sem perda de tempo e esforços infrutíferos.

Já a avaliação é a porção com que o bibliógrafo deve conduzir seus objetivos, tanto quanto relativa à concepção da obra a ser empreendida quanto ao escopo, criando artifícios durante a elaboração da obra bibliográfica para correção de falhas eventuais.

Um exemplo desta tarefa é a bibliografia nacional retrospectiva. Quanto à produção de índexes bibliográficos acumulativos, o guia de diretrizes da Federação Internacional de Associações

e Instituições Bibliotecárias (IFLA), de 1998, para a *Bibliografia Nacional*, aconselha que esse tipo de produto seja planejado do mesmo modo que um catálogo de uma biblioteca nacional costuma ser.

O bibliógrafo ao finalizar a elaboração de uma bibliografia tem como resultado o vínculo do seu trabalho aos sistemas bibliográficos (CESARINO, 1985) cuja natureza tem por molde as necessidades informacionais das comunidades a serem atendidas (SHERA, 1975).

Desse modo, toda e qualquer produção intelectual que se processe pelo trabalho bibliográfico se estabelece na relação espaço-tempo, e por isso, resulta na tentativa permanente em transpor ruídos na comunicação da informação (BASTO, 1999, p. 63).

O alcance das bibliografias reflete um movimento a partir do local para o nacional e deste para o internacional. E em termos de visibilidade mundial de um determinado país, a bibliografia lhe confere o princípio de universalização do conhecimento (ALFARO LOPEZ, 2011), premissa elementar da Internet.

Na Era Digital, a associação entre bibliografia e tecnologias digitais revela que a atuação

profissional nas disciplinas da informação é inesgotável e o trabalho bibliográfico baseado na Web tem ampliado as possibilidades de planejamento bibliográfico, como, por exemplo: colecionismo, estatística, editoração, autopublicação e difusão do livro.

A bibliografia também apresenta aspectos teóricos que permanecem inteligíveis aos estudos sobre os textos e sua história expõe suas dimensões tecnológicas.

Para Serrai (1994, p. 113), ela é composta de fatos bibliográficos e de uma série de interesses especializados relacionados com as esferas: material, tecnológica, editorial, comercial, artística, colecionista e bibliotecária.

Das bibliografias monográficas sucederam as seriadas e daquelas de cobertura nacional, o trabalho bibliográfico se ampliou para o nível internacional (CRUZ; BECKMANN, 1995).

E do formato impresso para o meio eletrônico, da simples relação enumerativa, ela evoluiu com a sistematização dos conteúdos (CRUZ; BECKMANN, 1995).

Às bibliografias foi adicionada a função de indicadores estatísticos (FONSECA, 1979),

resultantes de metodologias complexas e úteis para o desenvolvimento científico e econômico de organizações de todos os tipos.

Da aplicação da computação e da Internet para a interoperabilidade baseada em redes e dos dados abertos interligados (*Linked Open Data*) como parte do desenvolvimento da Web Semântica, bibliografias on-line têm sido estruturadas sob arquiteturas participativas e seus consulentes podem, eventualmente, acessarem textos completos, digitalizados ou nascidos digitais em uma única interface de busca.

A completude do registro bibliográfico padronizado, a interoperabilidade de metadados bibliográficos e persistência dos links URL são pistas de que a universalização do conhecimento é factível de ser realizada pelos sistemas bibliográficos baseados na Web.

A bibliografia também pode ser compreendida em sua dimensão funcional. E suas funções podem ser socialmente dimensionada.

Superficialmente, uma bibliografia pode parecer se tratar de uma lista factual de coleções de citações e referências, mas os aspectos sociais da bibliografia estão em toda parte (WELDON, 2013).

Jahjah (2016, não paginado, tradução nossa) argumenta que pessoas praticam a bibliografia quando numa livraria, por exemplo, inspecionam, mesmo que brevemente, um livro para extrair um conjunto de informações (resumo, data, editora, série, preço etc.) que possa permitir avaliá-lo, levando em consideração sua procedência editorial ou sua aparência (número de páginas, espessura, legibilidade, tipografia etc.) antes de comprá-lo:

> os metadados e a materialidade de um livro são recursos de tomada de decisão. A ciência bibliográfica elevou essa maneira intuitiva de proceder a um alto grau de tecnicidade.

Desde o Século XIX, o trabalho bibliográfico, solitário dos séculos passados, tem sido executado por grupos de pessoas e organizações refletindo contextos sociais, sua visão de mundo e suas bases éticas e morais (WELDON, 2013).

A esse conjunto de fatores, soma-se o constante aperfeiçoamento do livro e de outros documentos que, atualmente, são transmitidos cada vez mais em canais inovadores de comunicação, sobretudo, na atualidade, com as oportunidades do ambiente digital.

Nesse contexto, a principal evidência da cientificidade da bibliografia é secularmente preferir a organização ao caos, constituindo-se na base de conhecimento da memória intelectual e os objetos informativos como objeto de sua reflexão científica.

Em seu trabalho, há o propósito social do bibliógrafo em atendimento às comunidades de pesquisadores e interessados sobre um determinado conjunto de documentos ou assuntos.

Reuben (1937, p. 67) separou as bibliografias sob dois domínios: intelectual e físico. O primeiro favorece acesso aos conteúdos e às ideias e o segundo proporciona análises físicas em dois níveis:

a) intrínseco ao livro: colação, papel, tipos etc.,

b) extrínseco ao livro: produção, circulação, preço, edições, longevidade, contexto histórico etc.

Nas perspectivas de seus produtores e tratadistas, ao longo do tempo, tecnologias, interesses de organizações de cultura, comunidades científicas e de práticas têm moldado produtos e serviços bibliográficos. E essas dimensões deram origem aos ramos e aos vários tipos de bibliografias.

No campo das bibliografias intelectuais, há o interesse pela criação de repertórios, sua reunião e sua utilidade para a sociedade em contextos do uso da informação a partir de critérios como: acurácia, completude, origem editorial, atualização, por exemplo.

No plano das bibliografias físicas, elementos e circunstâncias da existência, longevidade e percurso do livro são fontes de produção do conhecimento sobre o livro como objeto e, consequentemente, como matéria da extensão da memória intelectual das sociedades.

Especificamente, os estudos envolvem a análise detalhada destes materiais como recursos primários e úteis para determinadas comunidades interessadas nas mensagens comunicadas ou por seus aspectos materiais, estruturais, editoriais, históricos etc. (MCCRANK, 1979, p. 175).

O objetivo principal da Bibliografia é localizar materiais gráficos, facilitando o acesso aos conteúdos ao passo que, simultaneamente, revela sua materialidade como evidência de suas funções. Esse objetivo decorre de três tipos de análises:

a) *Análises físicas*: estudos de livros e outros documentos como objetos físicos e sua materialidade. Esse tipo de análise situa as Bibliografias denominadas: descritivas, históricas, científicas, textuais e críticas, do ramo Analítico (Inglaterra e Estados Unidos da América -EUA) ou Material (França e Brasil).

b) *Análise de assunto*: visa localizar cada item em relação a outros itens sobre um mesmo ou de outros assuntos. O produto é o arranjo de itens por dispositivos como cabeçalhos de assunto ou a classificação de assuntos cobertos em um trabalho bibliográfico,

c) *Análise por autor e autor/título*: visa localizar cada item em relação aos outros itens com ele ou outro autor ou título. O produto analisado se refere ao arranjo por autor ou por título dos itens ou por lista de itens (REUBEN, 1858; PLACER, 1955; MALCLÈS, 1963; GASKELL, 1995; HARMON, 1998; REYES-GÓMEZ, 2010).

Tais análises formam dois conjuntos de estudos: o primeiro debruça-se sobre a descrição material do documento e se ocupa essencialmente dos aspectos do formato; o segundo grupo de

análises preocupa-se e foca os conteúdos, centrando-se mais no controle bibliográfico dos assuntos e divulgação do conhecimento.

Dois modos interessantes de agrupar tais análises ocorrem pelas correntes da Bibliografia (REYES-GÓMEZ, 2010) e por sua classificação em ramos (HARMON, 1998).

A divisão clássica se baseia em duas grandes correntes: a tradicional (também denominada por continental) e a anglo-saxônica. Reyes-Gómez (2010, p. 57-61) também aponta para outra corrente, própria dos tratadistas italianos que consideram artificial a divisão da Bibliografia em ramos.

Pois, sob o ponto de vista da história do livro e da imprensa na Itália, eles buscam uma visão integrada das análises que caracterizam a Bibliografia como uma ciência com aspectos multidisciplinares e sociais. Entre outros autores dessa corrente se destacam: Pensato (1994), Serrai (1994, 2018) e Balsamo (1998).

Balsamo (1998, p. 11) ao se referir à corrente tradicional ou continental, destaca que se trata de: "uma dimensão puramente instrumental [...] as definições oferecidas pelos dicionários e manuais não costumam ir além de uma descrição factual".

A partir da historiografia anglo-saxônica, os ramos são classificados por dois modos: o enumerativo, também nomeado por sistemático e enfatiza sua função intelectual. Já as bibliografias do ramo analítico (físico) têm como enfoque a materialidade (VARRY, 2011) e a construção textual (GONZÁLEZ-MOREIRO, 1993).

No início do Século XX, essa forma de classificação da Bibliografia era percebida pelos profissionais do livro por duas formas de escopos: foco nos assuntos dos livros como forma de comunicação de ideias e nas propriedades físicas do livro (HARMON, 1998).

O primeiro, centrado no conteúdo, foi denominado por bibliografia intelectual, do ramo Enumerativo e Sistemático e o segundo, por bibliografia física, do ramo Analítico (países anglo-saxônicos) ou Material (denominação usada na França e Brasil, por exemplo).

No primeiro caso, ao fornecer dados do que e onde o livro e outros materiais gráficos foram publicados e sua relação com os repertórios, as bibliografias são caracterizadas pelo favorecimento aos interessados em acessarem informações bibliográficas, de modo que possam encontrar os

textos e os conteúdos que necessitam (REUBEN, 1858).

Harmon (1981, p. 13, 65) avaliou os discursos elaborados por especialistas de ambos os ramos da Bibliografia e constatou que por vezes, bibliógrafos compreendiam como científico apenas as bibliografias que se ocupavam dos aspectos físicos do livro.

No entanto, os tratadistas da corrente tradicional também consideram científico o ramo das bibliografias enumerativas e sistemáticas porque sua natureza produz o efeito de transferência da informação, do produtor ao usuário final.

Dessa corrente, destacam-se os norte-americanos Theodore Besterman (1935) e Marcia Bates (1976) e no Brasil, Xavier Placer (1955) e Zilda Galhardo de Araújo (1969).

No segundo caso, as porções materiais do livro impresso eram objetos da ‘bibliografia tipográfica’, termo criado pelos ingleses na metade do Século XVIII para a ocupação da análise física dos documentos impressos tal como ocorria em determinados catálogos e repertórios bibliográficos ingleses (MCKERROW, 1998).

Dessa corrente, destacam-se Walter W. Greg (1949), Ronald B. Mckerrow (1977), Jean Peters (1977), Gaskell, (1995) e John Carter (1995), na França, Dominique Varry (2011) e no Brasil, Rubens Borba de Moraes (1949) e Rosemarie E. Horch (1957, 1978).

Esta denominação antecede a classificação da Bibliografia por ramos e que veio a ser conhecido (como apontado acima), desde o Século XIX, como ramo analítico ou crítico pelos tratadistas ingleses (HARMON, 1998).

Este ramo resulta da corrente anglo-saxônica cujo formalismo de classificação foi intensificado pelos bibliógrafos norte-americanos. Refere-se ao estudo de materiais informativos, principalmente, livros impressos, em relação a como são feitos, do exame da colação, descrição de livros e não livros e dos aspectos inerentes a sua história (WILLIAMSON, 1967; GASKELL, 1995).

Assim, é o estudo da arte dos livros e outros itens como objetos físicos de registro do conhecimento. Portanto, é inteligível à materialidade do suporte do registro do conhecimento.

Harmon (1981, 1998) e Fonseca (1979) apontam que esse ramo da Bibliografia se

desenvolveu como ciência nos trabalhos dos bibliógrafos Sir Walter Wilson Greg, Alfred William Pollard, e Ronald Brunless McKerrow que a denominaram por ‘nova bibliografia’, diferenciando-a da corrente tradicional (REYES-GÓMEZ, 2010, p. 59-60).

Na década de 1960, o termo ‘bibliografia física’ foi proposto pelos tratadistas ingleses para se diferenciar do formalismo e domínio americano, no entanto, conservando os interesses de análises materiais dos livros e outros materiais gráficos.

Traduzido sob a denominação *bibliografia material* por Roger Laufer, o termo foi introduzido na França pelos estudos da produção impressa como populações de objetos informativos (LAUFER, 1970, p. 777).

Nesses tipos de análises, ao manuseá-lo, os bibliógrafos fazem do livro um espaço arqueológico (VARRY, 2011) cujas marcas (data, local, nome do impressor etc.) e aparência (encadernação, capa, tipografia etc.) são objeto de investigação científica.

Nessas possibilidades, bibliografias materiais podem ser definidas como o conjunto de técnicas descritivas do livro-objeto (JAHJAH, 2016) e é identificada como a ciência do livro que tem por

objetos de estudo distintos pontos de vistas ou interesses de sua materialidade, como por exemplo, sua história, produção, trajetória, descrição (VARRY, 2011) e crítica literária (LAUFER, 1970).

Tendo em vista a corrente inglesa, as bibliografias são classificadas por seus tratadistas, essencialmente, como analíticas e estas se desdobram em conceitos como bibliografias científicas, críticas, descritivas e textuais, separando-as das bibliografias intelectuais, isto é, enumerativas ou sistemáticas.

No entanto, sob o ponto de vista dos tratadistas italianos, documentos registram ideias e fatos e sob o entendimento de que sua organização e disponibilidade nos sistemas informativos permite a realização da conexão entre os que comunicam informação e aqueles que a consomem, a materialidade se torna essencial, meio pelo qual, a localização de cada documento é possível por sua individualização e conhecimento.

Sua aplicação emprega métodos próprios e técnicas para o desenvolvimento do conhecimento dos quais são viabilizados pela descrição bibliográfica, classificação de conteúdo, geração de

registros e metadados bibliográficos, favorecendo a difusão da informação.

Tal relação demonstra que a Bibliografia abarca várias possibilidades de análises. Por esta razão, os tratadistas da corrente italiana percebem que o rigor em dividir a Bibliografia por ramos é artificial. Pois, a Bibliografia tem como pressupostos teóricos inseparáveis: o controle bibliográfico e a arte do livro, resultando no desenvolvimento do conhecimento.

O enfoque dado às formas de análises bibliográficas permite dimensionar o grau atribuído a seu escopo: intelectual ou físico do qual sustenta a divisão da Bibliografia por ramos.

Quanto à organização e à estruturação, Harmon (1998, p. 4) apresenta a classificação que melhor permite a visualização dos escopos de interesse dos bibliógrafos, isto é, de acordo com o contexto de pesquisa e produção do trabalho bibliográfico.

Quanto à descrição física, Jahjah (2016) apresenta importante reflexão para a materialidade dos objetos, sobretudo, digitais, que percebe a contribuição das Tecnologias da Informação e da Web para a compreensão da materialidade digital.

Nos últimos anos, a pesquisa sobre cultura digital experimentou uma "virada material". Sob o nome de "Estudos Digitais", há a ênfase no exame das propriedades do hardware e do software, atentando para as condições de sua produção, sua história e seus efeitos na produção bibliográfica (JAHJAH, 2016, p. 3).

A história da bibliografia permite compreendê-la em muitos contextos. Besterman (1935), Malclès (1956), Harmon (1998) e Reyes Gómez (2010) destacam seu percurso, revelando suas funções e tipos.

Para Harmon (1998), as funções da bibliografia foram determinadas por várias tecnologias. Para Besterman (1935) e Malclès (1956), os tipos de bibliografias expressam necessidades de sua audiência. Reyes Gómez (2010) analisa vários conceitos sobre bibliografia, tendo em vista seus tipos.

TIPOLOGIA DA BIBLIOGRAFIA

A escrita humana existiu e floresceu muito antes de existirem diretórios para o conjunto de textos existentes; ela em si, não foi o único pré-requisito para a existência de catálogos e bibliografias, pois, por muito tempo, tais escritos eram, em muitos casos, acessíveis apenas a círculos sociais restritos, solicitados apenas por pequenos grupos (MYERS, 1988).

Sob a perspectiva da Sociologia dos textos e da Bibliografia, McKenzie (1999) demonstrou como a forma material dos textos tem determinado, crucialmente, seus significados e usos pelas sociedades:

> O conhecido processo histórico pelo qual, ao longo dos séculos, os textos mudaram sua forma e conteúdo agora se acelerou a um grau que torna a definição e localização da autoridade textual quase impossível no estilo antigo. Bibliotecários profissionais, sob pressão de irresistíveis mudanças tecnológicas e sociais, estão redefinindo sua disciplina para descrever, abrigar e acessar sons, imagens estáticas e em movimento com ou sem palavras e um fluxo crescente de informações

> armazenadas em computador (MCKENZIE, 1999, p. 1, tradução nossa).

Nesse percurso, em contraste com as primeiras décadas da imprensa na Europa, a bibliografia começou a encontrar outros estímulos para o desenvolvimento dos estudos materiais sobre o texto, aproveitando, com isso, novas experiências e audiências interessadas em saber para quem os livros, em todas os seus formatos, representam uma forma de texto para a comunicação da informação.

No entanto, os livros permanecem como principal meio de disseminação do conhecimento e a bibliografia como um sistema de sua organização em várias possibilidades de difusão do conhecimento.

Fumagalli (1916), Calot e Thomas (1950) consideram que bibliografias estão intimamente ligadas com a origem do livro cuja evolução continua a representar inovação tecnológica para a transmissão do conhecimento por meio de sucessivos sistemas de sua organização e comunicação.

Os resultados do trabalho bibliográfico para organização dos textos, se compreendidos como objetos do diretório de manuscritos, já existiam antes

da época Cristã, como os catálogos de bibliotecas na Antiguidade.

E mesmo que nesse período possa ter havido bibliografias genuínas, os catálogos antigos foram os primeiros e, por muito tempo, os únicos diretórios de livros em atendimento a certos grupos (MYERS, 1988).

Na Idade Média, catálogos de livros medievais foram antecessores da bibliografia descritiva. Por exemplo, os bibliotecários Gilles Malet e Jean Blanchet que, entre os anos de 1373 e 1380, catalogaram a biblioteca de Carlos V da França (MYERS, 1988).

Pouco depois da introdução da imprensa, a realização do registro de livros sob o valor de inventário e recenseamento constituiu a natureza enumerativa das bibliografias.

E com a aceitação da imprensa, a dificuldade passou a incluir a manutenção do controle de bibliografias ao longo do tempo. Desde 1494, com o primeiro repertório impresso de Johann Tritheim, '*Liber de scriptoribus ecclesiasticis*', o controle, no sentido de recenseamento, aplicado aos livros já era tarefa difícil de ser cumprida.

Bibliógrafos ingleses e alemães, como Walter W. Greg e George Schneider[14], explicam que as bibliografias quando compreendidas como repertório se configuraram como fenômeno inerente à circulação de livros impressos. Para esses tratadistas, a publicação de bibliografias foi definida significativamente mais tarde ao surgimento dos manuscritos.

Nessa percepção, a necessidade de produzir bibliografias em concomitância à produção e à comercialização de livros impressos urgia simultaneidade com o desenvolvimento da ciência, surgimento de áreas do conhecimento (e suas especializações) e aumento exponencial de assuntos, publicações e traduções de livros.

A crescente dificuldade para identificação de itens de interesse de pesquisadores continua a demonstrar a urgência de melhores instrumentos e canais para a comunicação do conhecimento.

Desde o crescimento exponencial da produção e circulação do livro impresso, tornou-se imprescindível a evolução dos instrumentos de controle bibliográfico, como catálogos e

---

[14] SCHNEIDER, Georg. *Handbuch der Bibliographie*. Leipzig: Verlag Karl W. Hiersemann, 1930.

bibliografias, em vários contextos sociais de uso da informação.

Nesse itinerário, a origem de vários tipos de bibliografias tem relação entre os repertórios científicos, técnicos, literários e artísticos etc. com a incessante produção do conhecimento e sua aplicação.

Da mudança gradual do arranjo enumerativo de bibliografias, com base no nome do autor e título, bibliógrafos passaram a incluir a organização dos assuntos que lhes permitiria categorizar os repertórios, trazendo uma geração de bibliografia conhecidas como sistemáticas, essencialmente, arranjadas por tópicos temáticos.

Embora por muito tempo sem um sistema de classificação preferido entre os bibliógrafos, a representação do conhecimento se tornou um dos objetivos para o enfrentamento da inflação de documentos pelo controle bibliográfico, evidentemente, como um dos problemas que teceu o berço da Documentação.

Essencialmente, o trabalho bibliográfico revela o enfoque intelectual da natureza das bibliografias, caracterizadas pela sistematização bibliográfica sobre os assuntos (PLACER, 1955).

As bibliografias estão presentes em todas as áreas do conhecimento e continuam de interesse às suas comunidades de práticas e conhecimento. Pode-se afirmar que há bibliografia para qualquer assunto.

Quanto a sua origem editorial, bibliografias podem ser comerciais ou não; podendo ser publicadas na forma monográfica ou como publicações seriadas, em variada mídia e podem ser divulgadas em quaisquer canais de comunicação social.

Placer (1955), Cruz e Beckmann (1995) também conceberam o exame historiográfico das bibliografias, caracterizando-as como recurso social de acesso à informação em relação à identificação e avaliação das espécies de bibliografias.

Nesse caso, espécies e tipos caracterizam o que a literatura explica por tipologia da Bibliografia, isto é, um modo de classificar e examinar suas características das quais delineiam suas funcionalidades.

Os potenciais empregos das bibliografias, desde sua concepção, propósito e avaliação, podem ser agrupadas segundo várias espécies, de acordo com a ênfase de seu escopo que assim caracteriza cada produção (PLACER, 1955).

A classificação de bibliografias quanto às espécies fornece elementos tanto para o bibliógrafo planejar a obra quanto para o bibliotecário avaliá-la segundo os interesses e condições de aquisição, manuseio, utilidade e atendimento às necessidades de seus usuários.

Quanto às espécies, Xavier Placer (1955) analisou os vários escopos e aspectos que caracterizam os tipos de bibliografias por:

Espaço – diz respeito ao alcance geográfico, em geral, determinado pelo aspecto geopolítico: região, país, continente, internacional ou universal, tratado comercial ou mercado comum entre grupos de países. O quadro 1 introduz os tipos geográficos das bibliografias.

Tempo – delimita a cobertura por passado, presente, acumulação temporal ou histórico, tal como disposto no quadro 2.

Tipo de pesquisa – decorre dos objetivos de pesquisa e do planejamento para a divulgação dos repertórios, conforme o quadro 3.

Alcance dos assuntos – no universo das publicações e assuntos disponíveis, é delineada segundo a audiência e propósito institucional de acesso ao conhecimento, como mostra o quadro 4.

Quadro 1 – Tipos geográficos de bibliografia

Espaço	Características	Exemplo	Bibliografia
Regional	Baseia-se na localidade. Em geral, determinada por interesses geopolíticos que podem se relacionar a características locais como a produção agrícola, industrial, artística etc.	Vale do Paraíba Grand Canyon Hesse[15]	*Guia de Obras publicadas sobre o Vale do Paraíba Fluminense: O Vale do Café*[16] *Grand Canyon Natural History Books*[17] *Hesse Projects and Bibliography*[18]
Nacional	Busca recensear uma produção intelectual de um país ou elaborada para refletir sobre sua história ou sobre aspectos culturais, econômicos, científicos etc.	Paraguai Brasil	*Historiografia paraguaya* *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*
Internacional	Compila a produção editorial, científica ou de coleções de instituições de vários países. Em geral, baseia-se na cooperação entre	Modern Language Association of America German National	*MLA International Bibliography* *International Bibliography of Periodical*

[15] República parlamentar e um estado constituinte parcialmente soberano alemão.

[16] Fonte: http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/PT/article/view/2474

[17] Fonte: https://shop.grandcanyon.org/collections/books-geology-and-natural-history

[18] Fonte: https://www.lagis-hessen.de/en/kat5

Espaço	Características	Exemplo	Bibliografia
	países	Library	*Literature*[19]
Continental	O escopo e publicação são delineados por acordo entre países do mesmo bloco continental	Europa	*Projeto Gutenberg*
Universal	Ampliação da bibliografia internacional sob a premissa de universalização do conhecimento	Unesco OCLC	*Index Translationum* *WorldCat*

Fonte: o autor (2023).

Quadro 2: Tipos de bibliografia por tempo

Tempo	Características	Exemplo	Bibliografia
Corrente	Relaciona, periodicamente, documentos à medida que são publicados	Bibliografia Nacional Corrente	*Bibliografia Nacional Portuguesa*[20]
Retrospectivo	Com base na pesquisa e no planejamento bibliográfico, apresenta repertório com dois anos ou mais após a data da publicação. Também pode ser empreendida para diagnosticar a obsolescência de uma área (ou teoria) de uma determinada ciência	Association of Canadian Archivists	*Archivaria*[21]
Cumula	Depois de publicada	H. W.	*Cumulative*

[19] Fonte: https://www.degruyter.com/database/ibz/html
[20] Fonte: https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe
[21] Fonte: https://archivaria.ca/index.php/archivaria

Tempo	Características	Exemplo	Bibliografia
tiva	em separado, é incorporada a outras bibliografias compiladas da mesma forma e sobre o mesmo tema ou tipo de pesquisa	Wilson Company	*Book Index*
Histórico	Repertório de um momento, fato histórico ou relativo à história bibliográfica de uma pessoa, instituição ou assunto	Bibliographical Society of America	*The Beginning of the World of Books, 1450 to 1470*[22]

Fonte: o autor (2023).

[22] Fonte: https://www.oakknoll.com/pages/books/34594/margaret-bingham-stillwell/beginning-of-the-world-of-books-1450-to-1470-a-chronological-survey-of-the-texts-chosen-for-printing

Quadro 3 – Bibliografias por tipo de pesquisa

Tempo	Características	Exemplo	Bibliografia
Seletiva	Seleção derivada do planejamento e pesquisa sob variado critério, como tempo, localidade, assunto ou tema dentro de um assunto, autor etc. resultando em delimitação de itens arrolados	Carol Lynch-Brown	*Essentials of children's literature*[23]
Exaustiva	A pesquisa busca esgotar a quantidade de itens para o repertório e em consonância, o planejamento visa arrolar tudo o que foi identificado	Susan M. Stievater	*A Comprehensive Bibliography of Books on Creativity and Problem-Solving: From 1950 to 1970*[24]
Anotada	Apresenta anotações de cada item arrolado; podem ser transcritas ou emitidas pelo bibliógrafo e devem indicar aos consulentes como os itens podem ser úteis	George F. McLean	*An annotated bibliography of philosophy in Catholic thought, 1900-1964*[25]
Sinalética	Diferente da anotada, lista dados essenciais de referência sem a preocupação de analisá-las sistematicamente	Theodore Besterman	*Bibliography, library science, and reference books; a bibliography of bibliographies*[26]

Fonte: o autor (2023).

---

[23] Fonte: https://archive.org/details/essentialsofchil07edlync

[24] Fonte: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/j.2162-6057.1971.tb00884.x

[25] Fonte: https://archive.org/details/annotatedbibliog0000mcle

Quadro 4 – Tipos de bibliografias quanto ao alcance do assunto

Tempo	Características	Exemplo	Bibliografia
Gerais	Cobre todos os assuntos de obras que serão compiladas e recenseadas sem seleção de assuntos ou outro fator	Organization for Security and Co-operation in Europe	*General bibliography*[27]
Especializadas	Determinam o repertório por um assunto ou área de conhecimento e podem envolver áreas correlatas	William Parker	*Homosexuality: a selective bibliography of over 3,000 items*[28]

Fonte: o autor (2023).

[26] Fonte: https://archive.org/details/bibliographylibr0000best/page/102/mode/2up

[27] Fonte: https://www.osce.org/court-of-conciliation-and-arbitration/470877

[28] Fonte: https://archive.org/details/homosexualitysel0000park

Quanto às finalidades e audiência, os tipos de bibliografias são vários, os mais comuns são:

Bibliografia Nacional Geral – arrola a produção editorial nacional.

Bibliografia Nacional Especializada – arrola a produção científica por áreas estratégicas publicada em um país.

Bibliografia de bibliografias – repertoria bibliografias e pode variar em termos de alcance geográfico, temporal e assunto.

Biobibliografia – aborda vida e obra de uma personalidade, grupos de indivíduos ou instituições.

Guia de literatura – relacionam textos relativos a um assunto, fornecendo uma visão geral da área abrangida e comentários a respeito das obras incluídas.

Guia de referências - tipo de bibliografia que arrola obras de referência: dicionários, enciclopédias, manuais, glossários, tesauros etc.

Diretório de publicações seriadas – lista formada por repertório e diretório de títulos de publicações seriadas. Apresenta dados sobre suas características e seus editores, pode ser especializado ou geral e em qualquer nível de alcance geográfico ou mídia.

Vale destacar os periódicos de indexação e resumo, produzidos por serviços de indexação e resumo de bibliotecas especializadas, empresas, centros de documentação, institutos de pesquisa, educação e cultura.

Periódicos de indexação e resumo arrolam textos no âmbito de um determinado assunto ou de assuntos para determinadas comunidades de práticas.

Esse trabalho bibliográfico visa à identificação do conteúdo de publicações de interesse: "um periódico de indexação e resumo procura representar mais detalhadamente o seu conteúdo, indexando e resumindo partes específicas desses materiais, a saber: capítulos, trabalhos de congressos e artigos"[29].

Outro destaque são os índices de citação que embora não sejam, propriamente dito, uma bibliografia, é um recurso para encontrar publicações que nasce da Bibliografia e se fundamenta nas relações entre citações e referências.

---

[29] CENDÓN, Beatriz Valadares. Serviços de indexação e resumo. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerrite. *Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Cap. 16, p. 217-248.

Os índices de citação originam-se no Século XIX com publicações jurídicas, como a de Frank Shepard que em 1873 compilou citações dos casos da Corte do Tribunal Superior Americano.

No Século XX, década de 1950, a criação do Science Citation Index (ISI), por Eugene Garfield, trouxe várias funcionalidades dos índices de citação. Essencialmente, os índices de citação servem como instrumentos aplicados para a recuperação da informação e "para uma variedade de estudos bibliométricos, sendo a análise de citação um dos mais conhecidos"[30].

Para Gaskell (1995), todos os tipos de materiais informativos são províncias do bibliógrafo. Nessa visão, bibliografias podem ser planejadas para arrolar outros tipos de mídia cujo, por exemplo, documentos cartográficos, música impressa, materiais sonoros, imagens em movimento (filmes, vídeos videogames), cartazes, literatura de Cordel, e-books, websites etc.

Listas sistemáticas de mídia que não sejam livros podem ser referidas com termos formados de

---

[30] NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Índices de citação. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerrite. *Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Cap. 17, p. 249-262.

forma análoga à bibliografia, por exemplo: Discografia (música gravada), Filmografia (filmes), *Webografia* ou *webliografia* (sítios Web) e ainda, *Arachniography,* termo cunhado pelo historiador Andrew J. Butrica, para significar listas de referência de URLs sobre um determinado assunto. O nome deriva de *arachne* – aranha e sua teia[31].

Nesse aspecto, caracterizam-se como bibliografia descritivas (TANSELLE, 1977) cuja origem remonta aos catálogos dos tipógrafos franceses nos séculos XVIII e XIX.

Especificamente, o estudo envolve a análise detalhada destes materiais como recursos primários, com foco na produção e aspectos físicos (MCCRANK, 1979, p. 175).

Nesses casos, diferenciam-se de catálogos ou arquivos especializados de coleções públicas ou privadas. A compilação desses materiais em um trabalho bibliográfico significa que princípios e técnicas da Bibliografia foram observados e aplicados.

A forma de sua organização produz efeitos de controle bibliográfico e fornecimento de informações sobre esses materiais, descrevendo-os fisicamente e

---

[31] ENCYCLOPEDIA of Information Technology. New Delhi: Atlantic Publishers & Distributors. 2007. p. 28.

oferecendo aos seus consulentes a oportunidade de conhecer aspectos de sua origem editorial, produção e os meios de sua divulgação e utilização (MCCRANK, 1979, p. 175).

Quanto aos critérios para avaliar bibliografias, de modo a considerá-la em sua qualidade, consistência e utilidade para a audiência a que justifica o trabalho bibliográfico, destacam-se:

a) *Precisão da descrição bibliográfica* - A partir da verificação, o bibliógrafo tem a garantia para que a crítica e probidade intelectual sejam realizáveis. A aplicação das técnicas de pesquisa, transcrição, descrição e classificação do documento compilado deve resultar na exatidão dos elementos que o referenciam e o individualizam.

b) *Completude dos itens arrolados* – A completude dos itens arrolados e sua quantidade são critérios de avaliação na decisão de aquisição da bibliografia. Faltas devem ser justificadas na descrição do escopo da obra; seja em função do grau de seletividade da pesquisa ou decorrente da limitação da pesquisa.

c) *Redundância* – Repetição de itens arrolados sem justificativa é um aspecto que denota imprecisão na área de cobertura da obra. Da mesma forma, os instrumentos de classificação ou o vocabulário controlado adotado devem ser utilizados com acurácia suficiente para a organização coerente do repertório.

d) *Apresentação e escopo* – Refere-se aos elementos essenciais na apresentação da obra. A apresentação deve incluir seu escopo de modo a evidenciar seu planejamento e fundamentos respondendo: para quem serve, ao que serve, porque serve e como foi feita.

e) *Probidade intelectual* se refere ao princípio que exige oferta do bibliógrafo de valores críticos à audiência que consulta sua obra de forma a favorecer que ela encontre as informações úteis de modo que possa avaliar a pertinência dos itens arrolados na bibliografia;

f) *Usabilidade* - atributo de qualidade para avaliar a facilidade de uso de uma interface. Uma bibliografia on-line, no formato de base de dados ou arranjo enciclopédico deve ter sua arquitetura Web considerando aspectos de interação entre o sistema e seus consulentes. Se impresso, a editoração deve considerar sistemas de facilidade de acesso aos conteúdos e entradas, como a determinação de índices – onomástico, ideológico, cronológico, geográfico etc.

g) *Atualização* - Nos casos das bibliografias seriadas, é importante que as atualizações ocorram periodicamente e no prazo determinado no escopo da obra, se for semestral, por exemplo, a cada seis meses, as novas edições devem estar atualizadas. No caso de bibliografias monográficas, a atualização, em edições sucessivas, deve almejar a completude e domínio do repertório de modo que ampliações e correções sejam devidamente comunicadas.

h) *Rapidez na publicação* – Esse critério é conexo às bibliografias seriadas como as bibliografias nacionais correntes, gerais ou especializadas, ou periódicos de indexação e resumo pois, além de oferecer a oportunidade de disseminação da informação, garante a qualidade da obra e sua confiabilidade por parte de seus consulentes.

Há outros critérios colaterais que podem ser mencionados: qualidade da pesquisa, autoridade, acessibilidade, custos de produção e aquisição, quantidade de itens arrolados, escolha da mídia e canais de divulgação da bibliografia.

Não existe bibliografia perfeita, mas, a busca por sua excelência é um exercício contínuo e importante para o bibliógrafo.

Artigo

1 ALENTEJO, Eduardo. Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida. *Informação & Informação*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 20-62, ago. 2015. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23124. Acesso em: 16 jul. 2023.

2 ALFARO LOPEZ, Héctor Guillermo. La bibliografía: historia de una tradición. *Investigación Bibliológica*, Ciudad de México, v. 25, n. 55,2011. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2011000300012&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2023.

3 CALDEIRA, Paulo da Terra. Bibliografia Mineira. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG,* Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 263-267, set. 1978. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36241. Acesso em: 17 jul. 2023.

4 EGAN, M. E.; SHERA, J. H. Foundations of a theory of bibliography. *The Library Quarterly*, Chicago, v. 22, n. 2, p. 125-137, 1952. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/617874. Acesso em: 14 jul. 2023.

5 FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, p. 95-124, mar. 1957.

6 FOSTER, David William. A Proposal for an Analytical Bibliography of Latin American Literature

and Culture. *Hispania*, [Birmingham], v. 72, n. 4, p. 1083-1086, Dec., 1989. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/343632. Acesso em: 16 jun. 2023.

7 GONZÁLEZ-MOREIRO, José Antonio. La bibliografía como precedente de la documentación científica: su evolución conceptual. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 22, n. ¾, p. 42-67, jul./dez. 1989. Disponível em: http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/391/365. Acesso em: 16 jun. 2023.

8 GREG, Walter W. What is a bibliography. *Transactions of the bibliographical society*, London, n. 12, p. 4-53, 1914. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.2979/tex.2009.4.2.63. Acesso em: 1 jun. 2023. Para acesso integral o texto, é necessário realizar registro gratuito para leitura on-line.

9 HAZEN, Dan. Twilight of the Gods? Bibliographers in the electronic age. *Library Trends*, Urbana-Champaign, v. 48, n. 4, p. 821-841, 2000. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/8320. Acesso em: 12 jun. 2023.

10 JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. A bibliografia no Brasil segundo os preceitos Otletianos: a liderança da Biblioteca Nacional e outras ações. *Informação & Informação*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 184-204, maio/ago. 2015. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/23130/pdf_65. Acesso em: 11 jun. 2023.

11 MENESES TELLO, Felipe. Dimensiones cognitivas de la bibliografia. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 30, n. 1, p. 107-134, ene./jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.org.co/pdf/rib/v30n1/v30n1a06.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023.

12 MYERS, Robin. *Pioneers in Bibliography*. London: St. Paul's Bibliographies, 1988.

13 MORTET, Charles. Leçon d'ouverture Du Cours de bibliographie. *Revue internationale de l'enseignement*, Paris, p. 18-31, 1898. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/bec_0373-6237_1942_num_103_1_449272. Acesso em: 20 jul. 2013.

14 PAIM, Isis. O ensino da bibliografia especializada. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 233-249, set. 1983. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/74048. Acesso em: 11 jul. 2023.

15 RODRÍGUEZ, Isabel Villaseñor. Metodología para la elaboración de guías de fuentes de información. *Investigaciones Biblitecológicas*, México, Ciudad, v. 22, n. 46, p. 113-138, sep./dic. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2008000300006. Acesso em: 14 jun. 2023.

16 SHOEMAKER, Richard H. Bibliography (General). *Library Trends*, Urbana-Champaign, v. 15, n. 3, p. 340-346, Jan. 1967. Disponível em: http://hdl.handle.net/2142/6309. Acesso em: 2 jul.2023.

17 TORRES-RAMÍREZ, Isabel. Los estudios de bibliografía en el último cuarto del siglo XX. *Documentación de las Ciencias de la Información*, Madrid, v. 25, p. 147-165, 2002. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/38813648.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

18 TRIFFITT, Geraldine. Bibliography in a digital age. *The Indexer*, Liverpool, v. 26, n. 3, p. 127-131, Sep. 2008. Disponível em: https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/indexer.2008.38. Acesso em: 2 jun. 2023.

19 ZAHER, Celia Ribeiro; GOMES, Hagar Espanha. Da Bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição. *Revista Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-7, 1972.

20 ZANDONADE, Tarcísio. Social epistemology: from Jesse Shera to Steve Fuller. *Library Trends,* Urbana-Champaign, v. 52, n. 4, p. 810-832, Spring 2004. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/items/1798. Acesso em: 23 jul. 2023.

Livro

21 AMLEWIN, Robinson. *Systematic bibliography*: A Practical Guide to the Work of Compilation. Bombay: Asia Publishing, 1967. Disponível em: https://archive.org/details/in.gov.ignca.45670. Acesso em: 1 jul. 2023.

22 BALSAMO, Luigi. *Bibliography*: history of a tradition. Berkeley: B. M. Rosenthal, 1990. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographyhist0000bals/page/n9/mode/2up. Acesso em: 1 jul. 2023.

23 BEAUDIQUEZ, Marcelle. *Guide de bibliographie génerále*: méthodologie et pratique. München: K. G. Saur, 1989. Disponível em: https://archive.org/details/guidedebibliogra0000beau/page/n283/mode/2up. Acesso em: 12 jul. 2023.

24 BOULARD, Martin Silvestre. *Traité élémentaire de bibliographie*. Paris, 1804. Disponível em: https://archive.org/details/traitlmentaired00boulgoog/page/n12/mode/2up. Acesso em: 12 jul. 2023.

25 BRENNI, Vito Joseph. *Essays on bibliography*. Metuchen: Scarecrow Press, 1975. Disponível em: https://openlibrary.org/books/OL22445614M/Essays_on_bibliography. Acesso em: 14 jul. 2023.

26 CALOT, Frantz; THOMAS, Georges. *Guide pratique de bibliographie*. 2nd Ed. Paris: Librarie Delagrave, 1950. Disponível em: https://www.bibliotheque.nat.tn/BNTK/doc/SYRACUSE/1271851/guide-pratique-de-bibliographie?_lg=en-US. Acesso em: 1 jul. 2023. Para acesso integral o

texto, é necessário realizar registro gratuito para leitura on-line.

27 CRUZ, Jane Veiga Cezar da; BECKMANN, Clodoaldo Fernando Ribeiro. *Bibliografia*: um esboço histórico. Belém: EDUFPA, 1995.

28 DUNKIN, Paul S. *Bibliography*: tiger or fat cat? Hamden: Archon Books, 1975. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographytige00dunk. Acesso em: 1 jul. 2023.

29 FUMAGALLI, Giuseppe. *Bibliografia*. 3. ed. Milano: Ulrico Hoepli, 1916. Disponível em: https://archive.org/details/bibliografia00otti/page/n7. Acesso em: 16 jul. 2023.

30 HARMON, Robert B. *Elements of bibliography*. a guide to information sources and practical applications. 3rd Ed. London: Scarecrow Press, 1998. Disponível em: https://archive.org/details/elementsofbiblio0000harm. Acesso em: 11 jul. 2023.

31 MALCLÈS, Louise Noëlle. *La bibliographie*. Paris: Presses Univesitaires de France, 1956. Disponível em: https://archive.org/details/labibliographie0000lnma. Acesso em: 21 jul. 2023.

32 MALCLÈS, Louise Noëlle. *Bibliography*. Trad. Theodore Christian Hines. New York: Scarecrow Press, 1961. Disponível em: https://archive.org/details/bibliography00malc/page/n3/mode/2up. Acesso em: 7 jul. 2023.

33 ______. *Manuel de bibliographie*. Paris: Press Universitaires de France, 1963. Disponível em:

https://archive.org/details/manueldebibliogr0000malc. Acesso em: 11 jul. 2023.

34 MCKENZIE, Donald F. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1999. Versão em italiano disponível em: https://archive.org/details/bibliografiaesoc0000mcke. Acesso em: 11 jul. 2023.

35 MUDGE, Isadore Gilbert. *Bibliography*. Chicago: American Library Association, 1915. Disponível em: https://archive.org/details/bibliography00mudg. Acesso em: 3 jul. 2023.

36 PENSATO, Rino. *Curso de bibliografía*: Guía para la compilación y uso de repertorios bibliográficos. Gijón: Trea, 1994.

37 PETERS, Jean (ed.). *Book collecting*: a modern guide. New York: Bowker, 1977. Disponível em: https://archive.org/details/bookcollectingmo0000unse/page/n5/mode/2up. Acesso em: 11 jul. 2023.

38 REUBEN, Guild A. *The Librarian's Manual*: A Treatise on Bibliography. New York: Charles B. Norton, 1858. Disponível em: https://archive.org/details/librariansmanua03guilgoog/page/n2/mode/2up. Acesso em: 11 jul. 2023.

39 REYES-GÓMEZ, Fermín de los. *Manual de Bibliografía*. Madrid: Catalia, 2010.

40 SCHNEIDER, Georg. *Theory and History of Bibliography*. New York: The Scarecrow Press, 1934.

41 SERRAI, Alfredo. *Bibliografia come scienza*: introduzione al quadro scientifico e storico della bibliografia. Milano: Biblion, 2018.

42 SIMÓN DÍAZ, José. *La bibliografía*: conceptos y aplicaciones. Barcelona: Planeta, 1971.

43 STOKES, Roy. *The function of Bibliography*. London: André Deutsh, 1969. Disponível em: https://archive.org/details/functionofbiblio0000stok. Acesso em: 21 jul. 2023.

44 TANSELLE, G. Thomas. *Introduction to Bibliography*. 18th Ed. Rev. Charlottesville: Books Arts Press, 1996. Disponível em: https://archive.org/details/introductiontobi0000unse_o7c5/page/n3/mode/2up. Acesso em: 17 jul. 2023.

45 VESENYI, Paul E. *An introduction to periodical bibliography*. Ann Arbor, Michigan: Pierian Press, 1974. Disponível em: https://archive.org/details/introductiontope0000vese/page/n5/mode/2up. Acesso em: 21 jul. 2023.
46 WILLER, Mirna. *Bibliographic Information Organization in the Semantic Web*. Oxford: Chandos Publishing, 2013. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographicinf0000will/page/n7/mode/2up. Acesso em: 11 jul. 2023.

Sítio Web

47 AMÉRICA Latina Portal Europeu. Redial & Ceisal: Madrid, [2018]. Disponível em: https://rediceisal.hypotheses.org/. Acesso em: 14 jul. 2023.

48 VARRY, Dominique. *Le matériel du bibliographe***.** Paris, [2011]. Disponível em: http://dominique-varry.enssib.fr/node/30. Acesso em: 18 jul. 2023.

49 BUSINESS Field and Research Experience: Annotated Bibliography. Farley Library, 2023. Disponível em: https://wilkes.libguides.com/c.php?g=513931&p=3511282. Acesso em: 3 jul. 2023.

BIBLIOGRAFIAS INTELECTUAIS

«*No one "reads" a bibliography; it is, simply, a record, perhaps embellished with some explanatory comments. It is a summary of all material known to be available on a subject, containing in it a chronological and literary history*[32]» - Spamer, [2018].

Desde que a teoria da bibliografia foi desenvolvida nos anos 1950 por Egan e Shera, sabe-se que todos os tipos de bibliografias são produtos de contextos sociais que os criaram e motores de interação social em várias comunidades de conhecimento (WELDON, 2013).

Reuben (1937, p. 67) explica que as bibliografias intelectuais favorecem acesso aos itens arrolados em referência aos seus conteúdos. Sob algum sistema de classificação e organização, seu produto é, portanto, uma obra de consulta.

E quando o resultado de sua organização tem por ênfase o conteúdo, os repertórios são instituídos e apresentados sob um conjunto de pontos de acesso para representação, registro e individualização dos documentos, tais como: autor, título, editor etc.

---

[32] Ninguém "lê" uma bibliografia; ela é, simplesmente, um registro, talvez embelezado com alguns comentários explicativos. É um resumo de todo o material conhecido e disponível sobre um assunto, contendo nele uma história cronológica e literária”.

Desse modo, os registros bibliográficos, produzidos, reunidos e organizados, formam os repertórios destinados à difusão do conhecimento, resultando no efeito de controle bibliográfico.

Estes são os aspectos essenciais que caracterizam as bibliografias intelectuais, classificadas no ramo da Bibliografia Sistemática, também denominada por Enumerativa.

O trabalho bibliográfico nasceu na biblioteca, na forma de catálogo. Depois, surgiu fora dela sob a forma de bibliografias como expressão de comunicação social do conhecimento (FONSECA, 1979) e por muito tempo denominadas por *Bibliotheca*.

O amadurecimento das bibliografias intelectuais passou pelas várias revoluções do livro, do manuscrito ao impresso e deste ao digital.

Nesse percurso, os aperfeiçoamentos de tecnologias do *registro civil do livro*[33] foram fatores para a passagem da enumeração da bibliografia à sua organização sistemática. Primeiramente, em processos de quantificação, depois, buscando organizar os assuntos que constituíam o conteúdo dos livros compilados.

---

[33] Termo denominado por Febvre e Martin (1992).

Em essência, as bibliografias enumerativas apresentavam listas numéricas, ordenadas alfabeticamente por título, autoria ou origem tipográfica e expressavam, em geral, inventários com base nos itens disponíveis em bibliotecas, tal como se observa na bibliografia de bispo John Bales *Scriptorum Brytannie Catalogue*, Basilea, 1557-1559 e em uma das primeiras listas de livros proibidos, o *Index Tridentinus*, publicado em 1559[34].

No histórico dessas bibliografias, desde as ancestrais aos catálogos dos tipógrafos franceses e alemães dos Século XV e início do XVI, a apresentação das bibliografias por alguma forma de enumeração espelhava os modos de apresentação tipográfica do livro e seu armazenamento em bibliotecas à época.

Contudo, a prosperidade do comércio de livros no Século XVII ampliou a popularização do livro impresso iniciada com Gutenberg. Acompanhando essa expansão, bibliografias evoluíram consideravelmente, de listas enumerativas para arranjos sistemáticos.

Os caminhos da página de rosto, tal como hoje a conhecemos, da ilustração, da encadernação, do

[34] Schneider (1930, p. 4).

sumário, do índice bibliográfico, das técnicas editoriais são exemplos de processos tecnológicos cujos resultados, gradualmente, tornaram o livro mais facilmente manipulável e seu conteúdo acessível a indivíduos, cada vez mais numerosos, nas sociedades ocidentais e orientais, ao longo do tempo.

Febvre e Martin apresentam uma curiosa história do surgimento da página de rosto e de outras tecnologias que "impuseram-se, pouco a pouco novos usos que tornaram mais fácil a consulta dos livros [...] a partir de 1475-1480 aparece a página de rosto, cuja utilidade não tarda a tornar-se evidente"[35].

A evolução das técnicas editorais foi marcada pelo esforço de simplicidade de produção livreira, pela tendência à uniformização dos textos e da apresentação do livro por intermédio de sucessivas tecnologias e técnicas aplicadas na editoração.

Por exemplo, a gravura em placas de cobre remodelou a arquitetura da página de rosto e a numeração impressa das páginas do livro – a numeração teve por finalidade inicial guiar os

---

[35] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: HUCITEC, 1992. p. 130.

artesãos que fabricavam os livros; para tempos depois, facilitar a leitura do leitor[36].

Isso foi tão importante para o favorecer o acesso aos livros que as dificuldades em citar e referenciar textos ou suas partes que encontravam os intelectuais, eruditos e estudantes ao tempo dos manuscritos e dos primeiros incunábulos foram aos poucos superadas.

Durante os séculos XVI e XVII, a produção de bibliografias acompanhou os graduais aperfeiçoamentos da editoração de livros e simultâneo a essa evolução passou a ser moldada pelos interesses e organização de cientistas, pesquisadores e eruditos que também impactavam as atividades de bibliotecários e bibliotecas:

> [...] os séculos XVII e XVIII viram mudanças surpreendentes na atividade dos bibliotecários e na organização das bibliotecas – e assim, inevitavelmente, nas maneiras de ler os livros. Com efeito, nessa época, alguns eruditos [...] procuraram enfrentar por diversos meios o crescimento do número de novos livros [...][37].

---

[36] FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: HUCITEC, 1992. p. 130.

[37] MCKITTERICK, David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem da bibliografia. BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas*: a memória dos livros no Ocidente. 3. ed. Rio de

Além disso, nos vários desenvolvimentos que caracterizaram a revolução da imprensa, do papel ao livro impresso, novos tipos e dimensões dos livros surgiam em decorrência da multiplicação de materiais e insumos que os constituíam e de técnicas editoriais que visavam equacionar os custos de sua produção e comércio.

Esses aspectos também proporcionaram a difusão do livro pela modicidade de preço, pelo enriquecimento e diversificação das coleções particulares em concomitância com o progresso dos saberes e crescimento dos assuntos e especializações dos saberes.

Por muito tempo, a classificação dos livros e sua arrumação nas estantes e prateleiras eram sinônimos. No entanto, o aumento de coleções de bibliotecas e de coleções particulares suscitou demandas para a organização terminológica e de tópicos para acesso aos livros e as principais referências foram as emergentes bibliografias[38].

No percurso dessas transformações qualitativas e quantitativas, a sistematização da bibliografia alcançou seu amadurecimento como

---

Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008. Cap. 4, p. 94-107.

[38] Ibid., p. 97.

prática bibliográfica com eruditos, como Conrad Gessner, *Bibliotheca universalis,* entre 1545 e 1555 e Antonio Possevino Possevinus, em sua obra *Bibliotheca selecta*, publicada em 1593, em dois volumes[39].

Em 1548, Gessner prosseguiu com um índice temático adicionado a *Bibliotheca universalis*, tratou-se de um grande fólio intitulado *Pandectarum sive Partitionum universalium Conradi Gesneri Tigurini, medici & philosophiae professoris, libri xxi* (*Pandectae*) que continha trinta mil entradas por tópicos (BESTERMAN, 1968).

Besterman (1935, 1968) sugere que o trabalho, *Bibliotheca universalis*, de Gessner em organizar o conhecimento foi o precursor das obras de Francis Bacon e outras enciclopédias que se seguiram.

A apresentação teológica dos vários livros da obra *Bibliotheca selecta de ratione studiorum in Historia, In Disciplinis, in salute omnium procuranda* esboça uma bibliografia organizada e abrangente sobre teologia, escolástica, catequética e controversa.

Para Mckitterick (2008), estes são exemplos do fundamento dos sistemas bibliográficos e de suas

---

[39] Mckitterick (2008, p. 95).

classificações como resultado da combinação progressiva entre as formas de apresentação do livro e do texto com a forma de organização da biblioteca; constituindo-se assim em sistema bibliográfico capaz de oferecer uma série de definições que cercavam e podiam guiar os leitores:

> As [bibliografias] que são organizadas por assuntos foram desenvolvidas no século XVII por uma longa série de eruditos, mais tarde de livreiros. Claude Clément em 1635, os jesuítas em Clermont, e Gabriel Martin, livreiro em Paris, gozam de uma fama particular (MCKITTERICK, 2008, p. 99).

Embora a diversidade de sistemas de classificação desenvolvidos ao longo do tempo, aqueles adotados por bibliógrafos foram por muito tempo as principais referências para o controle de livros no campo de sua produção e coleção.

Mas, no Século XIX, a Documentação se ocupou em estabelecer um sistema que tivesse um alcance universal de organização bibliográfica.

Bibliografias sistemáticas condensam informações primárias e secundárias, apresentando-as em listas bibliográficas sistemáticas que favorecem o controle bibliográfico para as áreas do

conhecimento (bibliografias especializadas), de obras de referência (guias de referência) ou da produção bibliográfica nacional (bibliografias gerais).

As bibliografias sistemáticas podem aparecer na forma de listagem sistemática de livros (e não-livros) com o enfoque na análise e transmissão dos assuntos que seus textos comunicam e além das referências, podem oferecer anotações, comentários, notas e resumos.

Neste aspecto e concomitante com a história do conhecimento, as bibliografias intelectuais se conectam aos inúmeros modos de perceber controle bibliográfico inteligível ao conteúdo dos documentos e cuja consequência são os vários tipos de bibliografias e aplicação do seu trabalho bibliográfico.

Otlet (1934, p. 287) reconheceu a importância das bibliografias intelectuais para o desenvolvimento do conhecimento, no entanto, sob uma visão universalista, apontou limitações das bibliografias, compreendidas como publicações monográficas ou seriadas.

Otlet (1934, p. 286, tradução nossa), referindo-se a bibliografias, em suas possibilidades de inventários e recenseamento, apontou limitações das

bibliografias do seguinte modo: “Defeito das bibliografias: a maioria das bibliografias tem como defeito”:

1º seu particularismo: estão longe de abarcar a produção internacional, quer se trate de bibliografias em formato de livro ou bibliografias periódicas;

2° ficam rapidamente desatualizadas,

3° a delimitação do campo coberto carece de precisão.

Para ele, a particularidade de conteúdo de cada bibliografia carecia de alcance internacional. Além disso, como o conhecimento cresce exponencialmente, com o tempo, a desatualização e a obsolescência acometem determinadas obras. Outra limitação que apontou diz respeito à imprecisão quanto à delimitação do tema a ser coberto.

Nas bibliografias especializadas correntes, as acumulações e os assuntos estão sujeitos a alterações, de inclusão ou exclusão, ou de itens ou tópicos. Além disso, mudanças de terminologia adotada no campo do saber pode limitá-la ou torná-la obsoleta, necessitando, por isso, de atualizações e avaliações permanentes.

No caso das bibliografias gerais, isto é, que cobrem amplo número de assuntos, como é o caso das bibliografias nacionais, a completude e atualização dependem de um esforço cooperado entre bibliotecários.

Segundo as diretrizes da IFLA para as bibliografias nacionais (1998, 2008), a qualidade e garantia de continuação das bibliografias nacionais de uma nação deve envolver responsabilidades de governos, de profissionais e sociedade para que limitações possam ser superadas.

A *bibliografia nacional corrente*, por exemplo, se fundamenta no depósito legal. Em muitos países, o instrumento legal deve oferecer uma visão geral da produção editorial de uma nação e favorecer o controle bibliográfico nacional.

Em seu livro intitulado *O bibliógrafo aprendiz*, Rubens Borba de Moraes[40] (2005, p. 110), observou:

> É preciso, também, ter bem em mente que a bibliografia ideal não existe. Nenhuma é completa e sem erros. Nenhuma foi redigida com perfeição, nenhuma está isenta de lamentáveis erros de impressão. Os bibliotecários especialistas em referência, os livreiros e os bibliófilos

[40] MORAES, Rubens Borba de. *O Bibliófilo aprendiz*. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

> experientes bem o sabem e, quando desejam informações completas sobre um livro, consultam mais de uma bibliografia.

De qualquer modo, sua evolução foi possível por inúmeras contribuições daqueles que se ocuparam em depositar esforços para materializar os valores do conhecimento para a sociedade pelos quais foram possíveis o desenvolvimento de sistemas bibliográficos.

Esse efeito é fruto das transformações sociais ocorridas na história humana onde se tem buscado incessantemente o sentido de uso e conservação da informação como expressão de sua memória, essencial para sua própria sobrevivência.

Recentemente, a sociedade tem sido beneficiária das transformações dos modos de produção do trabalho bibliográfico por meio das arquiteturas na Web, diluindo, contudo, as amarras do senso comum que predizem a bibliografia como sinônimo de lista de livros.

Como a natureza dos sistemas de informação (físicos e digitais) é o trabalho bibliográfico, o efeito de controle e divulgação da informação que deles se espera obter é o mesmo que secularmente as bibliografias intelectuais têm proporcionado à

sociedade, favorecendo o desenvolvimento do conhecimento e a difusão do livro.

Na Era Digital, o assunto *recuperação da informação* foi adicionado como corolário das atividades das bibliografias intelectuais.

50 BATES, Marcia J. Rigorous Systematic Bibliography. *RQ Journal*, [Chicago], v. 16, n. 1, p. 7-26, Fall 1976. Disponível em: www.jstor.org/stable/41354519. Acesso em: 18 jul. 2023.

51 BASTO, Patrícia Lopes. Bibliografia de teses sobre música. *Revista Portuguesa de Musicologia*, Lisboa, n. 9, p. 63-136, 1999. Disponível em: http://www.rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/viewFile/136/140. Acesso em: 10 jun. 2023.

52 COUZINET, Viviane; FRAYSSE, Patrick. L'art de la bibliographie: de l'activité à son objet. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 25, , Edição Especial, p. 105-122, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/124045. Acesso em: 1 jun. 2023.

53 GARCÍA-MORALES, Justo. Etapas y situación actual de la Bibliografía. *Boletín de la Dirección General de Archivos y Bibliotecas*, Madrid, n. XLVI, p. 7-27, 1958.

54 POLLARD, Alfred W. The arrangement of bibliographies. *The Library*, [Oxford], v. s2-X, n. 38, p. 168-187, Apr. 1909. Disponível em: https://academic.oup.com/library/article-abstract/s2-X/38/168/1051081?redirectedFrom=fulltext. Acesso em: 14 jul. 2023.

55 RATH, Prabhash Narayana. Evolution of Systematic Bibliographies in India, 1849-1993.

Library & Information History, Edinburgh, v. 34, n. 3, p. 160 -175, 2018.

56 TANSELLE, G. Thomas. Bibliographers and the Library. *Library Trends*, Urbana-Champaign, v. 25, n. 4 p. 745-762, Apr. 1977. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/601059. Acesso em: 29 jun. 2023.

57 WELDON, Stephen P. Bibliography Is Social: Organizing Knowledge in the Isis: Bibliography from Sarton to the Early Twenty-First Century. *Focus-Isis*, Chicago, v. 104, n. 3, p. 540-550, 2013. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/673273. Acesso em: 8 jun. 2023.

Livro

58 ACHARD, C. F. *Cours élémentaire de bibliographie, ou La science du bibliothécaire*. Marseille: J. Achard, 1806. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6257784b/f5.image.r=Cours%20%C3%A9l%C3%A9mentaire%20de%20bibliographie. Acesso em: 16 jun. 2023.

59 BESTERMAN, Theodore Deodatus Nathaniel. *The beginnings of systematic bibliography*. London: Oxford University Press, 1935.

60 BESTERMAN, Theodore Deodatus Nathaniel. *The beginnings of systematic bibliography*. 2nd Ed. New York: B. Franklin, 1968. Disponível em: https://archive.org/details/beginningsofsyst0000best/mode/2up. Acesso em: 20 jun. 2023.

61 CANNONS, H. G. T. *Bibliography of library economy: a classified index to the professional periodical literature relating to library economy, printing, methods of publishing, copyright, bibliography, etc*. London: Russell, 1910. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographyofli00cann/page/n25/mode/2up. Acesso em: 13 jun. 2023.

62 DOWNS, Robert Bingham; JENKINS, Frances Briggs. *Bibliography*: current state and future trends. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1967. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographycurr0000down/page/n5/mode/2up. Acesso em: 27 jul. 2023.

63 FIGUEIREDO, Laura Maia de; CUNHA, Lélia Galvão Caldas da. *Curso de bibliografia geral para uso dos alunos das escolas de biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

64 GREEN, Richard D. (ed.). *Foundations in Music Bibliography*. New York: Routledge, 1993. Disponível em: https://archive.org/details/foundationsinmus0000unse/page/n7/mode/2up. Acesso em: 21 jun. 2023.

65 KRUMMER, D. W. *Bibliografías: sus objetivos y métodos*. Madrid: Fundación German Sanchez Ruiperez, 1993.

66 PLACER, Xavier. *A bibliografia e sua técnica*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1955.

67 ROBINSON, A. M. Lewin. *Systematic Bibliography*: A Practical Guide to the Work of Compilation. London: Clive Bingley, 1963. Disponível em:

https://archive.org/details/isbn_0851571107/page/n7/mode/2up. Acesso em: 1 jun. 2023.

68 ROBINSON, A. M. Lewin. *Systematic bibliography*: A Practical Guide to the Work of Compilation. 2nd Ed. Bombay: Asia Publishing, 1967. Disponível em: https://archive.org/details/in.gov.ignca.45670. Acesso em: 16 jul. 2023.

69 SHERA, Jesse Hauk; EGAN, Margaret Elizabeth. *Bibliographic organization*. Chicago: University of Chicago Press, 1952. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Bibliographic_Organization.html?id=dd4YAAAAIAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 1 jul. 2023.

70 SONNENSCHEIN, William Swan. *The best books*: a reader's guide and literary reference book, being a contribution towards systematic bibliography. London: G. Routledge, 1910. Disponível em: https://archive.org/details/bestbooksreaders04sonnuoft/page/n7/mode/2up. Acesso em: 19 jun. 2023.

71 STOKES, R.; ALMAGNO, S. *Esdaile's manual of bibliography*. 6.ed. [London]: The Scarecrow Press, 2001. Disponível em: https://archive.org/details/esdailesmanualof0000stok. Acesso em: 1 jul. 2023.

72 VAN HOESEN, Henry Bartlett. *Bibliography*: practical, enumerative, historical; an introductory manual. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographyprac0000vanh/page/n5/mode/2up. Acesso em: 2 jul. 2023.

Sítio Web

73 BIBSOCAN: The Internet Discussion Group on Bibliography. Bibliographical Society of Canada/La Societe Bibliographique du Canada. Toronto, [2023]. Disponível em: http://www.bsc-sbc.ca/en/bibsocan-the-internet-discussion-group-on-bibliography/. Acesso em: 18 jul. 2023.

74 BIBLIOGRAPHICAL SOCIETY OF CANADA/LA SOCIETE BIBLIOGRAPHIQUE DU CANADA. Toronto, [2023]. Disponível em: http://www.bsc-sbc.ca/en/about/. Acesso em: 17 jul. 2023. A Sociedade Bibliográfica do Canadá (*La Société bibliographique du Canada*) é uma organização bilíngue (inglês e francês).

75 GILARDIN, Rémi; CATEL, Amaury; CINQUIN, Sophie. *Une bibliographie*: pourquoi ? Comment? [Paris]: Devenir historien-ne, [2020?]. Disponível em: http://www.anj.org.br/bibliografia-sobre-a-historia-da-imprensa-no-brasil/. Acesso em: 2 jul. 2023.

76 SPAMER, Earle E. *"A necessary nuisance"*- The Traditional Bibliography in a Digital Age. [*S. l.*]: Grand Canyon Natural History Association, [2018]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358271185_information_on_THE_GRAND_CANON_A_Worldwide_Bibliography_of_the_Grand_Canyon_and_Lower_Colorado_River_Regions_in_the_United_States_and_Mexico_Volume_1_Introduction_and_Bibliography. Acesso em: 11 jul. 2023.

BIBLIOGRAFIAS FÍSICAS

«*I would define 'Bibliography' to mean the study of books as material objects*»
- Walter W. Greg[41]

John Carter (1995, p. 37) descreve a bibliografia como sendo uma palavra com dois sentidos: o primeiro, uma listagem sistemática de livros para estudo posterior ou de obras consultadas por um autor; o outro, aplicável a colecionadores, é o estudo dos livros como objetos físicos e a descrição sistemática dos livros como objetos.

Nessa visão erudita e profissional da bibliografia, o bibliógrafo dedicado aos estudos sobre a materialidade dos documentos, independentemente de sua mídia, interessa-se ao que se denomina por bibliografias físicas:

> O bibliógrafo é obrigado a viajar, a examinar e a reunir exemplares dispersos em múltiplas coleções de vários estatutos. Para além do seu equipamento de apontamentos (desde o caderno de papel ao notebook ou ao tablet eletrônico à sua escolha), e de uma máquina fotográfica digital, terá o cuidado de levar consigo alguns

[41] GREG, Walter W. Bibliography-A Retrospect. *In*: THE BIBLIOGRAPHICAL Society, 1892-1942: Studies in Retrospect. London: The Bibliographical Society, 1949, p. 24. [Eu definiria 'Bibliografia' como o estudo de livros como objetos materiais].

> pequenos objetos que rapidamente se revelarão imprescindíveis (VARRY, [2010], tradução nossa).

E o resultado de seu trabalho pode enriquecer outros tópicos de interesse à ciência em geral, artes e literatura. Também contribui para áreas das ciências da informação: economia do livro, história da escrita, papirologia, paleografia, cronologia, codicologia, bibliologia, informática e humanidades digitais.

Os exemplos são abundantes e no Brasil, merecem destaque:

a) *Catálogo de Incunábulos* de Rosemarie Erika Horch (1957) que criou um padrão para descrição de raridades impressas no Século XV.

b) *Bibliografia da impressão régia do Rio de Janeiro*, de Ana Maria de Almeida Camargo e Rubens Borba de Moraes (1993), obra exaustiva que incluiu periódicos e peças de legislação, como alvarás, cartas régias e decretos da época.

c) *Catálogo dos quinhentistas portugueses da Biblioteca Nacional*, organizado por Sheila Moura Hue e Ana Virgínia Pinheiro (2004) que arrola obras raras do Século XVI, tendo como fundamento o exame do documento página a página, com o registro das

ocorrências em notas denominadas por *notas de colacionamento* (DINIZ,. 2012, p. 43).

Em relação a outras mídias não-impressas, dois exemplos brasileiros no campo da bibliografia física podem ser destacados:

a) *Cinema Brasileiro em Cartaz*, de Fernando Pimenta (2006), aborda o cinema brasileiro por intermédio de cartazes de vários filmes. A compilação de cartazes de filmes realizada pelo autor contribui para a história do cartaz como documento e seu valor para o cinema no País.

b) *Martírio e franciscanismo no século XIV: a iconografia do martírio no Breviário de Marie de Saint Pol* , dissertação de Alves[42], de 2019, que realiza um exame de iluminuras de manuscritos medievais.

Esse conjunto de obras reflete parte do trabalho bibliográfico dedicado ao exame material que caracteriza a necessidade social de se conhecer e compreender a história e culturas de uma nação, tendo como referência sua produção, uso e distribuição de textos, artefatos e peças intelectuais que constituem seu patrimônio intelectual.

---

[42] ALVES, Gabriel Pereira. *Martírio e franciscanismo no século XIV*. 2019. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em História Social) – Instituto de História da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Tanselle (2020) definiu formalmente a bibliografia física como o ramo da erudição histórica que examina qualquer aspecto da produção, disseminação e recepção de textos, compreendidos como objetos físicos.

Por exemplo, o livro antigo continua a ter leitores e sua existência não se confina às estantes de bibliotecas monumentais, dado que se encontra disponível nas bibliotecas digitais de todo o mundo[43], aumentando as chances de estudos materiais.

Nesse contexto, pode-se dizer que as bibliografias físicas têm por objetivo o estudo bibliográfico dedicado a "reconstruir para cada livro em particular a história de sua vida, para fazê-lo revelar em seus detalhes mais íntimos a história de seu nascimento e as aventuras como veículo material da palavra viva"[44].

Estudos físicos podem incluir análises de assuntos como método de coleta de dados ao se referir aos livros como objetos físicos, ou quando a

[43] GUERREIRO, Dalia. *O livro antigo na era digital*. Évora: Hypotheses, 2015. Disponível em: https://bdh.hypotheses.org/1369. Acesso em: 1 ago. 2023.

[44] GREG, Walter W. Bibliography-A Retrospect. *In*: THE BIBLIOGRAPHICAL SOCIETY. Bibliography Defined. London, [2020]. Disponível em: https://bibsocamer.org/about-us/bibliography-defined/. Acesso em: 11 jul. 2023.

fisicalidade dos itens de uma listagem precisa ser reconhecida por tópicos (TANSELLE, 2020).

Tanselle (2020, não paginado, tradução nossa) também assinala que o termo "'livros é uma abreviatura aqui para vários tipos de objetos com texto, incluindo panfletos e folhas soltas".

No berço da Revolução Industrial, a expressão *bibliografia tipográfica* foi criada pelos ingleses na metade do Século XVIII e que é a progenitora dos ramos das bibliografias analíticas, descritivas e textuais sob perspectivas do exame de todas as circunstâncias materiais do livro impresso e outros materiais. Na França, esses ramos constituem o que os tratadistas franceses denominam por *bibliografia material*.

Em comum, as bibliografias destes ramos debruçam-se nas características materiais de um artefato textual, tais como: tipos, tinta, papel, imposição gráfica, formato, impressões e exame do estado físico de um livro para essencialmente recriar as condições de sua produção (BOWERS, 1950).

Com as bibliografias analíticas, busca-se, geralmente, evidências colaterais da produção dos textos com base em práticas gerais de impressão, tendências de formato, design, multimodalidade etc.

de tal modo a examinar as convenções e influências históricas subjacentes à aparência física de um texto impresso (BOWERS, 1994; CARTER, 1995).

Nessa perspectiva, o bibliógrafo utiliza o conhecimento adquirido com a investigação baseada nas evidências físicas para comunicar suas descobertas na forma de uma bibliografia descritiva ou bibliografia textual (BOWERS, 1994).

A bibliografia descritiva denota o exame minucioso e a catalogação de um texto como um objeto físico, registrando seu tamanho, formato, encadernação e assim por diante (BOWERS, 1994). Sua origem remonta os catálogos descritivos de livros medievais, como os de bibliotecas francesas (MYERS, 1988).

O marco científico da fundação das bibliografias físicas se deu pela pesquisa do inglês Alfred Willian Pollard em torno dos estudos denominados *Shakespeare Folios Quartos*, em 1909, que inaugurou o que veio a ser conhecida como bibliografia textual (FONSECA, 1979, p. [29]-38).

A bibliografia textual, também denominada por bibliografia da crítica textual permite a identificação de variações dos textos de uma edição ou entre várias edições do mesmo texto, incluindo traduções e

a etiologia dessas variações com vistas a determinar o estabelecimento da forma mais correta de um texto ou sua melhor edição (FONSECA, 1979; GASKELL, 1995).

Os tratadistas norte-americanos passaram a relacionar aspectos textuais a questões históricas e literárias, tornando as evidências para a crítica literária, entendida como a 'ciência' ou a teoria da literatura sob o registro bibliográfico por meio de quadros sinóticos; muitos das quais com cobertura histórica.

Para eles, há o entendimento de que as bibliografias históricas constituem um novo ramo da Bibliografia. A bibliografia histórica abrange três elementos: as diferentes classes de fontes de material, os vários instrumentos de pesquisa e a organização prática do trabalho de pesquisa histórica, da materialidade dos objetos e suas análises.

Bibliografias da crítica literária são, geralmente, produzidas por especialistas com rigoroso domínio técnico. O Brasil é rico nesse tipo bibliográfico e vale o destaque para a obra *História da Literatura Ocidental*, de Otto Maria Carpeaux[45].

---

[45] Terceira edição, publicada em 2008 e digitalizada pelo Senado Federal:

Na França, o termo bibliografia material foi introduzido por Roger Laufer em 1966 e na literatura inglesa por Lloyd Hibbert em 1965. Principalmente na Grã-Bretanha, a palavra 'bibliografia' retém o significado especial de ciência do livro (MALCLÈS, 1963, p. 7).

Nesse sentido, Varry ([2010]) destaca o campo do bibliógrafo que se ocupa da materialidade do livro do qual ele não é apenas um colecionador de títulos ou um analisador de textos, mas um especialista em todas as manifestações do livro.

Esse campo é descrito por Malclès (1963) como aquele cuja tarefa é aplicar seus conhecimentos da história da impressão e técnicas relacionadas ao estudo dos livros, estabelecer a sua autenticidade, especificar a data e local de impressão e, por fim, examinar todos os detalhes que permitam esclarecer as origens materiais de uma obra.

Todavia, em mais de um caso, a *bibliografia material* ainda abrange a história do livro, a história literária, biografias, obras de referências e contextos históricos de produção de documentos (MALCLÈS, 1963).

---

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/528992/000826279_Historia_Literatura_Ocidental_vol.I.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Para Varry ([2010]), a *bibliografia material* significa uma espécie de arqueologia do livro impresso e equivale à expressão inglesa *bibliografia analítica* para denotar uma ciência do livro desenvolvida no contexto anglo-saxão desde o final do Século XIX:

> A bibliografia material, esta arqueologia do livro impresso, foi estabelecida na Grã-Bretanha na virada dos séculos XIX e XX. Como disciplina, ela é, no entanto, a herdeira de saberes e práticas atestados na Europa antiga (VARRY, 2014. p. 96, tradução nossa[46]).

Ronald B. McKerrow, A. W. Pollard e W. W. Greg formaram o trio fundador da bibliografia física da tradição anglo-saxônica, ‘a nova bibliografia’, denominada por *bibliografias analítica, descritiva* e *textual* que foram adotadas pelas sociedades bibliográficas de língua inglesa e como *bibliografia material*, na tradição francesa.

Para Tanselle (2020), entre as atividades características destes ramos estão as seguintes:

---

[46] VARRY, Dominique. *50 ans d’histoire du livre*. Paris: Presses de l’enssib, 2014. p. 96-109. Disponível em: https://books.openedition.org/pressesenssib/2483. Aceso em: 16 jun. 2023.

a) Análises acerca de pistas físicas em livros específicos para revelar detalhes do processo de produção subjacente;
b) Estudos descritivos sobre o papel (ou pergaminho), formas de letras, design, ilustrações, estrutura, encadernação e características pós-publicação de livros específicos;
c) Determinação da relação entre livros que trazem textos de uma mesma obra (textos verbais e não-verbais, como notação musical e coreográfica);
d) Relatório de histórias narrativas e estudos técnicos de fabricação de papel, uso de papel, tinta, caligrafia, faces tipográficas, fabricação de tipos, design de livros, procedimentos de composição, processos gráficos, encadernação, impressão, publicação, venda de livros, coleção de livros, bibliotecas, proveniência do livro e o papel de o livro físico na sociedade e na cultura – junto com as biografias das pessoas envolvidas nessas histórias.

Em 1927 McKerrow publicou o livro: *Introdução à Bibliografia para alunos de literatura* sendo a primeira tentativa de examinar o uso dos materiais impressos e métodos da época elisabetana, demonstrando as questões envolvidas na transmissão

do texto desde sua concepção manuscrita até a publicação impressa dessa edição, bem como, as possíveis mudanças ocorridas nas próximas edições (HARMON, 1981, p. 14, tradução nossa).

Em 1994, foi publicada a obra de McKerrow *Introdução à Bibliografia Material*. Trata-se de um manual sobre livro, sua apresentação tipográfica e outras realidades materiais que afetam o texto: edições, impressões, problemas e estado de conservação; correção de provas gráficas e de erros de composição, impressão e dobra; dos vários formatos; a descrição do livro impresso; e uma série de informações úteis interessantes para editores de texto, bibliófilos e acadêmicos interessados na história do livro e da imprensa.

Semelhante a este manual, Bidwell (2019) publicou *Paper and Type: Bibliographical Essays* sobre a produção de livros na Inglaterra e na América durante a Revolução Industrial, analisando o setor manufatureiro do livro com base em dois insumos essenciais para seu comércio: papel e tipos.

Isto também significa que seus objetos de investigação podem variar cronologicamente, considerando estudos sobre tabuletas de argila e rolos de papiro, códices, impressos, cartazes,

folhetos, textos literários e documentos contemporâneos e documentos digitais.

Um exemplo de estudos bibliográficos materiais se refere à música, ao registro fonográfico no suporte de vinil e sua divulgação. Até o final da década de 1930, os discos de vinil eram envelopados em capas sem arte gráfica, isto é, sem ornamentação, dados de produção, título etc. e eventualmente, apresentavam nome do artista e o preço.

Em 1939, o designer norte-americano Alex Steinweiss inovou ao relacionar a capa de discos com imagens e textos gráficos com título e informações da gravadora. Essa inovação teve como objetivo criar uma imagem gráfica que estivesse de acordo com a obra musical sob algum apelo para venda das peças[47].

Com a evolução tecnológica da fotografia e do design gráfico, as capas de discos de vinil passaram a ser importantes para identificar e visualmente resumir as ideias e contextos das obras musicais.

---

[47] HELLER, Steven. Alex Steinweiss, Originator of Artistic Album Covers, Dies at 94. *The Ney York Times*, New York, July 19, 2011. Disponível em: https://www.nytimes.com/2011/07/20/business/media/alex-steinweiss-originator-of-artistic-album-covers-dies-at-94.html. Acesso em: 2 jul. 2023.

Materiais não textuais, numismática, gravação sonora, imagens em movimento, iconografia, software e objetos nascidos digitais ou digitalizados, por exemplo, costumam, naturalmente, ser analisados à luz de seus aspectos materiais e funções socioculturais.

Além disso, outros aspectos físicos, circunstâncias de sua produção, colecionismo, transferência e permanência sociais podem ser abundantemente abordados pelas bibliografias físicas.

Graças ao trabalho de Emmanuel Souchier (1996) que introduziu a bibliografia material em estudos nas disciplinas digitais na França: a arqueologia do objeto digital, sua arquitetura, construção, permanência e preservação passam a ser elementos de interesse à Bibliografia.

E em 1996 em diante, os estudos da materialidade digital se tornaram úteis para a digitação de objetos, preservação digital e formatos computacionais do texto digital, por exemplo.

Na Era Digital, abordagens bibliográficas tradicionais também estão sendo aplicadas a objetos e textos eletrônicos. Com as novas tecnologias

digitais, o campo de atuação das bibliografias físicas aumentou (JAHJAH, 2016).

Além do vasto domínio de estudos das bibliografias físicas, os nascidos digitais e digitalizados lhe são adicionados, ampliando as possibilidades de suas análises e descobertas (JAHJAH, 2016).

No interesse dos estudos físicos (materiais), o que liga todas as atividades bibliográficas é uma compreensão do significado do livro e do não-livro como produtos tangíveis do esforço intelectual humano.

Exatamente isso que delineia o escopo das sociedades bibliográficas dos países anglo-saxônicos que na atualidade têm produzido descobertas bibliográficas importantes para a história do conhecimento registrado.

O Brasil tem tradição em elaboração de bibliografias físicas. Mas, em contraste a décadas de escassez de incentivos e recursos para projetos de pesquisa ou premiações - por parte de sucessivos governos - instituições de cultura brasileiras têm buscado suprir lacunas de conhecimento sobre o patrimônio bibliográfico sob sua gestão por meio de acordos de cooperação técnica e tecnológica.

Por exemplo, a Fundação Biblioteca Nacional está engajada em projetos internacionais de cooperação, como é o caso de sua participação na Biblioteca Digital Lusófona.

A Fundação Biblioteca Nacional, em suas ricas coleções e catálogos, é um exemplo de fonte indicada para estudos das bibliografias físicas. Mas, pouco aproveitada em uma nação que tem muito o que descobrir, aprender e ensinar sobre sua memória intelectual e desenvolver sua autonomia tecnológica.

Além disso, desde 1873, a *Biblioteca Nacional* mantém regular atividade editorial, mediante a qual divulga os inúmeros estudos e pesquisas realizados por seu corpo técnico e oferece ao público o acesso a parte significativa do seu acervo (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, [2000?]).

Vale destacar que, estudos em bibliografias físicas não suplantam as ciências da história da escrita, tais como: a paleografia, papirologia, diplomática ou bibliologia[48]. Ao contrário, seus estudos têm contribuído para as análises físicas para a bibliografia.

---

[48] Para saber mais sobre os conceitos relativos a estas disciplinas, indico o *Glossário de codicologia e documentação*, compilado por Pinheiro (1995): http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1995_00115.pdf

77 FERNÁNDEZ-VALLADARES, Mercedes. Análisis material y control bibliográfico del libro antiguo: un ejemplo a propósito de la obra de Martín de Frías. *Revista General de Información y Documentación*, Madrid, v. 8, n. 1, p. 11-37, 1998. Disponível em: http://agora.edu.es/servlet/articulo?codigo=170017. Acesso em: 2 jul. 2023.

78 FONSECA, Edson Nery da. A bibliografia como ciência: da crítica textual à Bibliometria. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Brasília, DF, v. 12, n. 1-2, p. [29]-38, jan./jun. 1979.

79 GARCÍA, Idalia. Entre páginas de libros antiguos: la descripción bibliográfica material en México. *Investigación Bibliotecológica*, Ciudad de México, v. 22, n. 45, p. 13-40, mayo/ago. 2008. Disponível em: http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/16922/16104. Acesso em: 21 jul. 2023.

80 HORCH, Rosemarie Erika. Bibliografia Textual. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Brasília, DF, v. 11, n. 3-4, p. 147-154, jul./dez. 1978. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2011/07/pdf_9af28ab82a_0018194.pdf. Acesso em: 16 jul. 2023.

81 JAHJAH, Marc. De la bibliographie matérielle aux “Digital Studies”? L’apport des SIC à la comprehension de la matérialité numérique. *Revue francaise des sciences de l’information et de la communication*, Paris, n. 8, p. 1-20, 2016. Disponível em: https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01596121/document. Acesso em: 22 jul. 2023.

82 LAUFER, Roger. La bibliographie matérielle: Dans Ses Rapports Avec la Critique Textuelle, L'histoire Littéraire et la Formalisation. *Revue d'Histoire littéraire de la France*, Paris, v. 70, n. 5/6, 1970, p. 776-783. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40523971. Acesso em: 17 jul. 2023.

83 MCCRANK, Lawrence J. Analytical and historical bibliography: a state of the art review. *Annual Report of the American Rare, Antiquarian and Out-of-Print Book Trade*, New York, p. 175-185, 1979.

84 REUBEN, A. Bibliography as a Science. *The Library Journal*, New York, v. IV, n. 5, p. 67-69, 1937.

85 SOUCHIER, Emmanuel. L'écrit d'écran, pratiques d'écriture & informatique. *Communication et Langages*, Paris, n. 107, p. 105-119, 1996. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_1996_num_107_1_2662. Acesso em:10 jun. 2023.

86 TANSELLE, G. Thomas. Descriptive bibliography and library cataloguing. *Studies in Bibliography*, Charlottesville, v. 30, p. 1-56, 1977. Disponível em: http://xtf.lib.virginia.edu/xtf/view?docId=StudiesInBiblio/uvaBook/tei/sibv030.xml. Acesso em: 23 jun. 2023.

Livro

87 BIDWELL, John. *Paper and Type: Bibliographical Essays*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 2019.

88 BOWERS, Fredson. *Principles of Bibliographical Description*. Princeton: Princeton University Press, 1994. Disponível em: https://archive.org/details/principlesofbibl0000bowe_x7y1. Acesso em: 1 jun. 2023.

89 BOWERS, Fredson (ed.). *Studies In Bibliography*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1950. v. 3. Disponível em: https://archive.org/details/studiesinbibliog001955mbp/page/n15/mode/2up. Acesso em: 28 jul. 2023.

90 CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da impressão régia do Rio de Janeiro*: 1808-1822. São Paulo: Edusp, Kosmos,1993. 2 v.

91 CARTER, John. *ABC for Book Collectors*. 7th Ed. New Castle: Oak Knoll Press, 1995. Disponível em: https://archive.org/details/abcforbookcollec0000cart_w6t3/page/n5/mode/2up. Acesso em: 21 jun. 2023.

92 CLAIN-STEFANELLI, Elvira Eliza. *Select Numismatic Bibliography*. New York: Stack's, 1965. Disponível em: https://archive.org/details/1965selectnumbibliostefanelli/page/n3/mode/2up. Acesso em: 2 jul. 2023.

93 COCKERELL, Douglas. *Bookbinding, and the care of books*: a handbook for amateurs bookbinders & librarians by Douglas Cockerell with drawings by Noel Rooke and other illustrations. New York: D. Appleton and Company, 1910. Disponível em: http://www.gutenberg.org/files/26672/26672-h/26672-h.htm. Acesso em: 14 jul. 2023. E-Book. Digitalização do original por: Project Gutenberg Literary Archive Foundation, 2012.

94 DAVIDS, Thaddeus. *The History of Ink*: Including its Etymology, Chemistry, and Bibliography. New York: T. Davids &Co., 1860. Disponível em: http://www.gutenberg.org/files/50564/50564-h/50564-h.htm. Acesso em: 14 jul. 2023. E-Book. Digitalização do original por: Project Gutenberg Literary Archive Foundation, 2012.

95 DINIZ, Cláudia Coimbra. *Fontes selecionadas para pesquisa e estudo de obras raras e valiosas*. Brasília, DF: Senado Federal, 2012. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/242976/Fontes%20Selecionadas.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 1 jul. 2023.

96 ESCAMILLA GONZÁLEZ, Gloria. *Manual de metodología y técnica bibliográficas*. México: Universidad Nacional, 1973. Disponível em: https://books.google.co.ve/books?id=JIoZAAAAMAAJ&hl=es&lr=. Acesso em: 1 jul. 2023.

97 ESDAILE, Arundell. *A student's manual of bibliography*. London: George Allen & Unwin Ltd., 1963. Disponível em: https://archive.org/details/studentsmanualof00esda. Acesso em: 16 jul. 2023.

98 FREER, Percy. *Bibliography and modern book productions*. Notes and Sources for Student Librarians, Printers, Booksellers, Stationers, Book-collectors. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1954.

99 GASKELL, Philip. *A New Introduction to Bibliography*. News Castle: Oak Knoll Press, 1995. Disponível em: https://archive.org/details/newintroductiont0000gask/page/n7/mode/2up. Acesso em: 11 jul. 2023.

100 GORE, Daniel. *Bibliography for beginners*: New York: Appleton-Century-Crofts, 1973. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographyforb0000gore/page/30/mode/2up. Acesso em: 14 jul. 2023.

101 HARRIS, Neil. *Paper and Watermarks as Bibliographical Evidence*. 2nd Ed. Lyon: Institut d'histoire du livre, 2017. Disponível em: https://air.uniud.it/retrieve/handle/11390/1110783/226055/Harris_Paper_%20and_Watermarks_2017.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

102 HORCH, Rosemarie Erika. *Catálogo de Incunábulos da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. Disponível para consulta n Fundação Bibliotec Nacional: http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=dpt_retroconor_pr&db=dpt_retroconor&use=sh&rn=2&disp=card&sort=off&ss=22422328&arg=incunabulos.

103 LANGLOIS, Charles-Victor. *Manuel de bibliographie historique*. Paris: Hachette, 1901. Disponível em: https://archive.org/details/manueldebibliog00langgoog. Acesso em: 14 jul. 2023.

104 MCKERROW, Ronald B. An Introduction To Bibliography For Literary Students. London: Amen House, 1927. Disponível em: https://archive.org/details/dli.ernet.503054/page/n5/mode/2up?view=theater. Acesso em: 1 jul. 2023. Há uma versão em espanhol da obra: *Introducción a la bibliografía material*. Madrid: Arco/Libros, 1998.

105 NEWTON, Alfred Edward. *Bibliography and pseudo-bibliography*. Philadelphia: University of

Pennsylvania Press, 1936. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographypseu0000unse/page/n9/mode/2up. Acesso em: 1 jul. 2023.

106 PIMENTA, Fernando. *O cinema brasileiro em cartaz*. Rio de Janeiro: Petrobras, 2006.

107 POLLARD, Alfred W. *et al. Catalogue of books mostly from the presses of the first printers showing the progress of printing with movable metal types through the second half of the fifteenth century*. Oxford: University of Oxford Press, 1910. Disponível em: https://archive.org/details/catalogueofbooks00annmrich. Acesso em: 3 jul. 2023.

108 VARRY, Dominique. *La bibliographie matérielle*: renaissance d'une discipline. Lyon: Presses de L'enssib, 2014. Disponível em: https://books.openedition.org/pressesenssib/2685. Acesso em: 1 jul. 2023.

109 WILLIAMS, Willian Proctor; ABBOTT, Craig S. *An Introduction to Bibliographical and Textual Studies*. 3rd Ed. New York: Modern Language Association of America, 1999. Disponível em: https://archive.org/details/introductiontobi0000will/page/n3/mode/2up. Acesso em: 11 jul. 2023.

110 WILLIAMSON, Derek. *Historical bibliography*. [Hamden]: Archon Books, 1967. Disponível em: https://archive.org/details/historicalbiblio0000will/page/14/mode/2up. Acesso em: 11 jul. 2023.

111 ZOLTOWSKI, Victor. *Les cycles de la création intellectuelle et artistique*: Bibliographie de la France: "Chroniques". París: Cercle de la Librairie, 1952. Disponível em:

https://www.jstor.org/stable/27885026. Acesso em: 11 jul. 2023.

Sítio Web

112 BIBLIOGRAPHICAL SOCIETY. London, [2018]. Disponível em: http://bibsoc.org.uk/. Acesso em: 21 jul. 2021. Fundada em 1892, é a segunda mais antiga organização dedicada aos estudos do livro e sua história.

113 THE BIBLIOGRAPHICAL SOCIETY OF AMERICA. *The oldest scholarly society in North America dedicated to the study of books and manuscripts as physical objects*. New York, 2020. Disponível em: https://bibsocamer.org/. Acesso em: 13 jul. 2023.

114 THE BIBLIOGRAPHICAL SOCIETY OF AUSTRALIA AND NEW ZEALAND. [Brisbane], [2018?]. Disponível em: https://www.bsanz.org/. Acesso em: 4 jul. 2023. Fundada em 1969 sob o modelo da Bibliographical Society.

115 THE BIBLIOGRAPHICAL SOCIETY OF THE UNIVERSITY OF VIRGINIA. *Studies in Bibliography*. Charlottesville, [2003]. Disponível em: https://bsuva.org/studies-in-bibliography/. Acesso em: 29 jun. 2023. Trata-se da revista acadêmica sobre bibliografia analítica, publicada desde 1948.

116 DROIXHE, Daniel. De quelques critères en bibliographie matérielle. Liège: Université de Liège, [2004]. Disponível em: https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/962/1/bibliographiematerielle.pdf. Acesso em: 2 jul. 2023.

117 THE OXFORD BIBLIOGRAPHICAL SOCIETY. Oxford, [2018]. Disponível em: http://www.oxbibsoc.org.uk/. Acesso em: 20 jul.

2023. Fundada em 1922, promove estudos bibliográficos em geral, incluindo manuscritos, livros impressos, bibliotecas e ofícios relacionados a eles.

118 TANSELLE, G. Thomas. *Bibliography Defined*. New York: The Bibliographical Society of America, 2020. Disponível em: https://bibsocamer.org/about-us/bibliography-defined/. Acesso em: 2 jul. 2023.

119 VARRY, Dominique. *Introduction a la bibliographie matérielle*: Archéologie du livre imprimé (1454 – vers 1830). [Paris], 2011. Disponível em: https://books.openedition.org/pressesenssib/2685. Acesso em: 4 jul. 2023.

120 ______. *Les techniques de la bibliographie matérielle et l'identification d'impressions anciennes*. [Lyon], [2010]. Disponível em: https://www.bn.gov.ar/resources/conferences/pdfs/Varry-Lestechniquespresentacion.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

BIBLIOGRAFIAS NACIONAIS

«*uma bibliografia nacional corrente é um espelho que reflete a cultura de um país. Ao olhar para ela, é possível aprender sobre a singularidade de um país*»
- Barbara Bell, 1998[49]

A noção geográfica de bibliografia nacional ou internacional é antiga na história das bibliografias (MALCLÈS, 1977). As primeiras sociedades literárias, científicas e artísticas modernas, bem como as primeiras publicações seriadas em ciência, contribuíram para a difusão do conhecimento por meio da produção e circulação de impressos na Europa e, depois, nas colônias em busca de independência.

A Revolução Francesa influenciou a maneira de se produzir a bibliografia nacional; esta tornou-se abrangente e de valor para fins cívicos e políticos (MALCLÈS, 1977).

Mais tarde, com a Revolução Industrial, as máquinas de impressão produziam livros mais baratos e em maior quantidade do que seus antecessores, feitos artesanalmente (FEATHER, 1987), cuja implicação para a bibliografia nacional foi a ampliação de seu escopo.

---

[49] (p. 29, tradução nossa)

Em 1896, Frank Campbell definiu formalmente o conceito de bibliografia nacional por sua observação de que deveria ser desenvolvida sob um sistema bibliográfico nacional na Inglaterra (HARMON, 1998).

Com a criação do *Instituto Internacional de Bibliografia*, a elaboração de bibliografias nacionais emerge sob a noção de recenseamento da produção editorial nacional (FIGUEIREDO; CUNHA, 1967).

Muitas bibliografias nacionais objetivam documentar a herança cultural das publicações de uma nação e, ao fazê-lo, tornaria essa herança conhecida, acessível no presente e preservada para futuras gerações.

Bibliografias nacionais podem ser percebidas em relação ao alcance do assunto: geral e especializada.

O fator *geral* da bibliografia de um país tem valor de inventário nacional da produção editorial, recente e acumulada. A bibliografia nacional *especializada* dedica-se à cultura e à comunicação técnica-científica dentro de um país e, por vezes, é denominada por *bibliografia nacional temática*.

As bibliografias nacionais gerais podem ser planejadas para serem publicações seriadas

(correntes) para efeito de atualização e acumulação dos registros bibliográficos oficiais de uma nação.

Já as bibliografias nacionais especializadas abarcam o fornecimento corrente de informação técnica-científica de uma área do conhecimento de um país cujo controle bibliográfico pode estar a cargo ou de um centro documentário nacional ou de vários institutos do país, comprometidos com a publicação da bibliografia de sua área.

Também há as bibliografias nacionais monográficas. Isto é, a cobertura geográfica é nacional cujo produto é uma monografia. Seu bibliógrafo se dedica a compilar documentos sobre um assunto em especial ou visa refletir a cultura e a história de uma nação por meio dos documentos que lhes sirvam de testemunho.

Nessa categoria, destaca-se a primeira bibliografia brasileira, de autoria de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brazileiro*. Esta bibliografia arrola autores brasileiros e sua produção intelectual do período colonial ao Século XIX.

O *Catalogo da Exposição de História do Brazil realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*

a 2 de dezembro de 1881[50], compilado e publicado por Benjamim Franklin Ramiz Galvão. Essa é a maior bibliografia nacional temática impressa e contém referências de manuscritos, livros, mapas, pinturas, gravuras, medalhas, moedas, estátuas e outros artefatos intelectuais.

Outro exemplo é a obra de Rubens Borba de Moraes intitulada *Manual bibliográfico de estudos brasileiros* que ele "planejou, organizou e editou, com a colaboração do professor norte-americano William Berrien e publicada em 1949 em dois volumes. Produto típico de uma época técnica e de um trabalho em equipe" (FONSECA, 1979, p. 6).

Essa bibliografia é sistematizada por quatorze assuntos, é anotada pois, apresenta comentários precedidos de ensaios introdutórios e referências aos documentos arrolados.

Tal como o *Catálogo da Exposição de História do Brasil* [...], de Benjamim Franklin Ramiz Galvão, o *Manual bibliográfico de estudos brasileiros* oferece a importância de aprofundamento na cultura nacional, sobretudo, a literária, tornando-se essencial ao conhecimento sobre o Brasil, seu povo e sua memória intelectual.

---

[50] Obra disponível nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v.9.

Desde os anos 1970, bibliografias nacionais correntes têm sido a base para muitos programas da IFLA e da Unesco para a universalização do conhecimento, sobretudo, a bibliografia geral.

A bibliografia nacional - geral e corrente - é aquela que decorre da organização de uma agência bibliográfica nacional e desde 1977 se coaduna com o programa da IFLA/Unesco, Controle Bibliográfico Universal - CBU (CALDEIRA; CARVALHO, 1980).

Com o tempo, as fontes primárias para elaboração de todos os tipos de bibliografia foram as bibliografias nacionais (MADSEN, 2000) e a maioria delas em atividade hoje já tinha um longo período de experiência em produção e divulgação (BEAUDIQUEZ, 1998).

Este tipo de bibliografia pode listar e descrever uma ampla variedade de publicações produzidas de um determinado país, ou publicadas em outros lugares, mas de especial interesse ou significado para aquele país e pretende se manter atualizada pelos critérios de completude e rapidez de sua publicação conforme sua periodicidade.

Alguns recursos formais de controle bibliográfico são fundamentais para a organização das bibliografias nacionais: depósito legal, centros de

registro de sistemas de numeração internacional (ISBN, ISSN, ISMN), adoção de padronização internacional de catalogação e serviços bibliográficos integrados (ŽUMER, 2008).

Com o desenvolvimento do CBU, agências bibliográficas nacionais são as únicas responsáveis pela publicação e divulgação da bibliografia nacional corrente, visando garantir o controle e preservação do patrimônio bibliográfico nacional.

Bibliografias nacionais gerais correntes dependem de um sistema de aquisição que deve ser instituído por legislação própria para o depósito de um ou mais exemplares de publicações na instância formal para ser a depositária legal, a agência bibliográfica nacional.

A lei de depósito de documentos de um país forma o canal de aquisições mais importante para o enriquecimento da bibliografia nacional geral corrente e seus termos e escopo variam conforme os interesses e entendimentos das políticas de informação de cada nação.

Uma bibliografia nacional abrangente pode incluir livros, periódicos, documentos sonoros, microformas, partituras musicais, panfletos, documentos governamentais, dissertações, teses,

materiais educacionais, filmes, objetos tridimensionais, sítios Web, itens nascidos digitais e digitalizados.

Esse tipo de trabalho bibliográfico, normalmente, fornece dados estruturados mediante padronização bibliográfica internacional de modo a permitir a elaboração e compartilhamento com alcance mundial dos registros bibliográficos oficiais.

Também pode incluir informações sobre futuras publicações para facilitar o pedido antecipado de itens de interesse de colecionadores, bibliotecários, documentalistas e livreiros.

Várias bibliografias nacionais impressas consistem em mais de uma parte - por exemplo: uma parte monográfica, uma parte seriada, uma parte de artigos - e muitas são publicadas em mais de um formato (BELL; LANGBALLE, 2001, p. 2).

Sob a liderança da IFLA, bibliografias nacionais correntes devem ser produzidas por uma agência bibliográfica nacional, elegida por legislação para efeitos de controle bibliográfico nacional. Normalmente, bibliotecas nacionais atuam como uma agência bibliográfica e um país pode ter mais de uma agência bibliográfica.

Em 1927, o Comitê de Cooperação Internacional da Liga das Nações (antecessor direto da Unesco) e a IFLA criaram um Subcomitê de Bibliografia e convocaram diretores de bibliotecas nacionais para conferência em sua sede em Paris com as primeiras recomendações para as bibliografias nacionais (MADSEN, 2000).

Desde então, bibliografias nacionais em todo o mundo eram diferentes umas das outras de muitos modos. Por exemplo, elas podem incluir publicações de cidadãos do país que foram publicadas no exterior ou publicações sobre o país publicadas no exterior ou em seu próprio idioma (BELL; LANGBALLE, 2001).

Por meio da conferência internacional organizada pela Unesco em 1955, a bibliografia nacional geral e corrente foi definida basicamente como um sistema ou como um serviço bibliográfico nacional (MADSEN, 2000).

Esta concepção foi um marco para a bibliografia nacional em uma visão social, após a Segunda Guerra Mundial. Basicamente, significou evitar a dispersão intelectual e a perda de memória cultural nacional (LINDER, 1959).

Na década de 1950 em diante, vários programas culturais internacionais surgiram da Unesco e IFLA, tais como: UNISIST, NATIS e PGI; todos voltados para promover o planejamento de infraestruturas em Documentação, Bibliotecas e Arquivos, com base no desenvolvimento de sistemas nacionais de informação.

Por muito tempo, a bibliografia nacional foi editada em meio impresso. Todavia, a definição de 1998 da bibliografia nacional foi mais ampla do que a de 1955 e foi definida como um conjunto de listas autorizadas e registros nacionais completos.

O surgimento da computação na década de 1950 trouxe novas possibilidades para coletar, processar e armazenar informações para bibliotecas e centros de documentação.

Mas, ao mesmo tempo, tornou-os dependentes da indústria de tecnologia para sua automação (WEDGEWORTH, 1993, p. 2). Além disso, muitas bibliotecas em todo o mundo tiveram que esperar um longo prazo de implantação de arquiteturas computacionais para suas atividades e para o processamento das bibliografias nacionais.

Desde a concepção do CBU em 1977, IFLA/Unesco concluíram que não se tinha a força

para impor padrões ou normativas para a bibliografia nacional, em vez disso, a IFLA assumiu o papel de cooperação entre seus membros apontando sobre a importância de implementar suas recomendações.

Em 1998, com a Conferência Internacional sobre Serviços Bibliográficos Nacionais - International Conference on National Bibliographic Services (ICNBS) - (BELL, 1998), a IFLA propôs atualizar diretrizes para a bibliografia nacional, dentre as quais, que poderiam adicionar a cobertura retrospectiva e “incluir registros de materiais em todos os idiomas ou scripts em que as publicações são produzidas” (ŽUMER, 2008, p. 14).

Nessas recomendações, a bibliografia nacional deveria ser publicada regularmente com o menor atraso possível, de acordo com as normas internacionais de catalogação, para atender a uma necessidade mundial de informação (MADSEN, 2000; HAZEN, 2004).

Nas décadas de 1990 e 2000, bibliografias nacionais correntes expandiram seu papel social, extraindo registros em massa para o CD-ROM e, em nível internacional, por meio de bancos de dados (ŽUMER, 2008).

Em 2008, a IFLA atualizou as diretrizes da *Bibliografia Nacional na Era Digital* ao propor recomendações para publicar bibliografias nacionais em formato eletrônico e na inclusão de recursos digitais.

A IFLA introduziu dimensões para aumentar a utilidade social das bibliografias nacionais; enfatizando a relevância e a difusão on-line do patrimônio bibliográfico nacional.

As seis dimensões da IFLA para a *Bibliografia Nacional Corrente na Era Digital* são: 1) Funcionalidade e Interfaces, 2) Recuperação de Informação, 3) Melhores procedimentos de catalogação, 4) Novo escopo de registro de dados, 5) intercâmbio de melhores práticas e cooperação, 6) Modelo Organizacional e Medida de Efetividade.

De acordo com Alentejo e Ramanan (2017, p. 221): a primeira inclui funcionalidade da bibliografia nacional on-line e suas interfaces digitais. Por meio do emprego de uma arquitetura digital, centrada na funcionalidade e interoperabilidade, objetiva-se facilitar a recuperação da informação, como normalmente ocorre em um OPAC.

A segunda se refere à busca realizada pelos usuários aos registros bibliográficos oficiais do país.

Com um mínimo de pontos de acesso necessários, todos os usuários devem facilmente identificar, selecionar, recuperar e acessar publicações de que necessitam com a expectativa de acesso direto a recursos eletrônicos ou obter a localização de publicações.

A terceira orienta a integração da catalogação de recursos eletrônicos em bibliografias nacionais, considerando a relação dos registros nacionais com os catálogos das bibliotecas nacionais, registros bibliográficos baseados nas tarefas FRBR, esquemas descritivos e padrões de assunto, metadados relacionados com os recursos, federação de dados e links persistentes.

A quarta abrange um conjunto de critérios de seleção de recursos eletrônicos e seus aspectos específicos para estimular inclusão de materiais como: jornais on-line, programas informatizados, aplicativos, softwares, bases de dados, sítios Web etc.

A quinta recomenda aprendizado com outras agências bibliográficas com base em parcerias. Algumas estratégias são: buscar parceiros para a cooperação dentro do próprio país para criar um ambiente nacional baseado em uma estrutura

colaborativa ou distribuída e voltada para o propósito comum do controle bibliográfico.

A sexta envolve questões-chave para melhorar as agências bibliográficas nacionais. Considerando cada particularidade, a IFLA enfatiza sua missão e inclui o cuidado organizacional da bibliografia nacional corrente, observando:

a) *O modelo de negócios* - Depende dos usuários e objetivos da bibliografia nacional, dos recursos disponíveis para produzi-la e do contexto organizacional ou político da agência bibliográfica nacional. Os registros nacionais podem ser ou não cobrados pela bibliografia completa, serviços bibliográficos ou registros representativos;

b) *Apresentação on-line da Bibliografia Nacional* - Deve ser publicada sob os critérios de qualidade: sem demora, de modo corrente e de distribuição efetiva. A escolha da mídia para a entrega da bibliografia nacional é influenciada pelo modelo de negócios e recursos disponíveis. Também reflete o nível de automação no país. Além disso, há duas formas de registros nacionais. Alguns países diferenciam suas bibliografias nacionais do catálogo nacional. Outros consideram que tudo o que é acrescentado às suas coleções por lei não requer a

distribuição do calibre de uma bibliografia nacional, portanto, o catálogo bibliográfico nacional é suficiente.

c) *Medidas de eficácia* - A bibliografia nacional deve ser medida por muitas razões: por vezes, o financiamento para a agência bibliográfica nacional está diretamente ligado aos indicadores de desempenho de seus mantenedores. Orçamentos estreitos e políticas nacionais podem constituir barreiras à manutenção de serviços bibliográficos nacionais. A avaliação também contribui para melhorar o gerenciamento de informações e seus processos. As estatísticas sobre a eficácia da bibliografia nacional devem fornecer respostas oportunas e precisas às perguntas de: editores, governo, usuários, contribuindo para a identificação de pontos fortes e fracos para melhorar seus serviços.

Como se pode notar, a maioria destas orientações envolve esforços técnicos, operacionais e colaborativos para melhorar a bibliografia nacional geral corrente em seu potencial uso social e sob perspectivas de cooperação e políticas nacionais e internacionais de informação e universalização do conhecimento.

Com o ambiente Web, bibliotecários puderam obter com mais facilidades informações sobre inovações em serviços de biblioteca e informação de interesse, gerando possibilidades de aplicações tecnológicas para arquitetura on-line da bibliografia nacional e cooperação internacional entre agências bibliográficas nacionais.

Na Era Digital, alguns fatores foram adicionados à editoração e difusão da bibliografia nacional, pois, a publicação na Web e a mídia eletrônica mudaram o escopo das bibliografias nacionais em todo o mundo (ŽUMER, 2008).

As bibliografias nacionais on-line podem existir como uma base de dados separada ou pode ser parte do catálogo on-line nacional de uma biblioteca nacional, e de modo semelhante, as editoras constituem suas bibliografias comerciais on-line, agregando serviços ao usuário em sítios Web, criando interfaces participativas com possibilidade de tornar seu usuário potencialmente ativo nos processos colaborativos de troca e difusão de registros bibliográficos.

Antes das tecnologias digitais, a maioria dos sistemas de recuperação de informação de

bibliografia nacionais on-line se posicionam com interação de mão única com os usuários.

Mas, na Web, elas podem ser projetadas para ser um modelo de interação em via de mão dupla, isto é, participativa (ALENTEJO, 2016[51]).

E dada a ampla oferta de serviços de busca de informação na rede, agências bibliográficas nacionais estão enfrentando ainda mais pressão para sustentar bibliografias nacionais correntes e assegurar que sejam socialmente relevantes (ŽUMER, 2008).

A arquitetura da bibliografia nacional na Web pode ser compreendida como um espaço participativo, reforçando o papel social das agências bibliográficas nacionais de forma a obter proveitos da inteligência coletiva no ambiente digital.

As aplicações para esta finalidade podem ser diversas, por exemplo, hospedagem de blogs e wikis para comunidades de usuários; uso de software livre de código aberto disponível para criar versões de bibliografias Wikipédia; recursos de *bookmarking*, criação de espaços e encontros virtuais coletivos.

---

[51] ALENTEJO, Eduardo da Silva. Redes participativas: A biblioteca como conversação. *In:* DUQUE, Cláudio Gottschalg (org.). *Ciência da informação*: estudos e práticas. Brasília, DF: Thesaurus, 2016. v. 3, p. 75-116.

Algumas dessas aplicações dependem da ação direta do usuário, como a manipulação e alteração de dados no sistema, exigindo, portanto, níveis de confiabilidade e interação com o sistema bibliográfico (ALENTEJO, 2015).

Considerando que muitos dos usuários se tornaram acostumados com a ideia de funções e níveis de autoridade em muitas outras configurações on-line, a tecnologia existente, por exemplo, permitiria a introdução de sistemas de mérito, de modo a tirar proveito de redes colaborativas de sítios na Web, tal como ocorre com a Amazon.com, LibraryThing, eBay, Barnes & Noble etc. (ALENTEJO, 2015).

No contexto do movimento de acesso aberto, bibliotecários em todo o mundo têm buscado alternativas para a disponibilidade dos registros bibliográficos que produzem.

Nessa possibilidade, bibliografias nacionais poderiam satisfazer necessidades de informação de qualquer audiência, como muitos outros sistemas de informação costumam fazer.

O ambiente digital tem sido um meio potencial para a publicação e divulgação da bibliografia nacional corrente. Na atualidade, agências

bibliográficas nacionais tendem a adicionar documentos digitais, tal como se configuram as bibliografias nacionais da Alemanha e da Austrália.

Diante dos desafios que as recentes tecnologias na Web trazem às agências bibliográficas nacionais, o atual modelo de controle bibliográfico nacional tende a mudar seu paradigma, de "o que é" para o que ele precisa ser para os usuários, agora e no futuro (BEAUDIQUEZ, 1998).

Estas mesmas perspectivas podem ser aplicadas à *bibliografia nacional especializada* que se destina ao controle bibliográfico especializado de um determinado país.

A produção de bibliografias nacionais especializadas se diferencia da bibliografia nacional geral sob vários aspectos. O mais evidente é o fato de que a produção especializada arrolada decorre dos grupos que atuam na realização de práticas e pesquisas específicas em contexto técnico, cultural, científico, artístico ou literário.

Embora Egan e Shera (1952) tivessem relacionado sua produção aos grupos de interesse em âmbito particular do controle bibliográfico, desde a Segunda Guerra Mundial, *bibliografias nacionais especializadas* têm sido empreendidas visando o

compartilhamento e a cooperação técnica-científica entre inúmeras instâncias locais, nacionais e internacionais da informação especializada.

No Brasil, por exemplo, na área da *saúde*, destaca-se a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) que inclui a participação de bibliotecários e outros profissionais da informação de vários países com a transferência, troca de tecnologias e desenvolvimento de redes de conhecimento.

As instâncias que podem estar envolvidas com a elaboração e manutenção da *bibliografia nacional especializada* podem variar entre países, mas, em geral seus agentes são: o Estado (via programas em ciência, tecnologia e inovação), organizações de pesquisa, indústrias, entidades profissionais, universidades, consórcios de bibliotecas e associações profissionais que assumem a responsabilidade pelo controle bibliográfico especializado em um país.

Com emprego da automação, a distribuição de serviços e produtos bibliográficos especializados tem ocorrido, notadamente, no fluxo da comunicação científica e sua contribuição se fundamenta na capacidade de fornecimento de informação sobre o que está publicado ou em vias de – no caso do

preprint[52], quem a produz e em qual sistema está acessível.

Nesse aspecto, alguns exemplos brasileiros são: *Bibliografia Brasileira de Ciência da Informação*, editada pelo IBBD na década de 1980. Por tipo de literatura: *Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil* – BBLIJ, iniciada em 1953, produzida pela Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-juvenil Monteiro Lobato.

Também pela origem editorial: Centro Nacional de Informação: *Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas* - criado para atender às necessidades tecnológicas de micro e pequenas empresas e de empreendedores de todo o Brasil.

Por tipo de documento: *Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional* – CPBN do PLANOR que reúne dados de obras raras dos Séculos XV ao XIX, de instituições públicas e privadas brasileiras.

---

[52] *Preprints* são manuscritos não avaliados por um periódico ou já avaliados, mas em processo de publicação. Fonte: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo

Artigo

121 ALENTEJO, Eduardo da Silva; RAMANAN, T. National Bibliography in Brazil and Sri Lanka in Digital Age: a comparative study. *Qualitative and Quantitative Methods in Libraries Journal*, Athens, v. 6, n. 2, p. 217-227, June 2017. Disponível em: http://qqml-journal.net/index.php/qqml/article/view/402/396. Acesso em: 3 jun. 2023.

122 ANDERSON, Dorothy. The Role of the National Bibliographic Centre. *Library Trends*, Urbana-Champaign, v. 25, n. 3, p. 645-643, Jan. 1977. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/8764/librarytrendsv25i3g_opt.pd..?sequence=2. Acesso em: 24 jun. 2023.

123 CALDEIRA, Paulo da Terra; CARVALHO, Maria de Lourdes Borges. O problema editorial da Bibliografia Brasileira Corrente. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Brasília, DF, v. 13, n. 3-4, p. 210-216, jan./jun. 1980.

124 FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia Brasileira Corrente: Evolução e Estado Atual do Problema. *Revista Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 9-14, 1972. Artigo pode ser acessado na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação.

125 HAZEN, Dan. La bibliografía nacional en un mundo globalizado: el caso de América Latina. *IFLA Counciland General Conference*, Buenos Aires, n. 70, 2004. Disponível em: http://archive.ifla.org/IV/ifla70/papers/158f_trans-Hazen.pdf. Acesso em: 2 jul. 2023.

126 KOHLER, Relinda. Bibliografia nacional: uma co-responsabilidade da classe bibliotecária. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 185-195, set. 1977.

127 MADSEN, Mona. The National Bibliography in the Future: New Recommendations. *Alexandria, The Journal of National and International Library and Information Issues*, [London], v. 12, n. 1, p. 45-50, 2000.

128 MEY, Eliane Serrão Alves. Levantamento sobre uso da ISBD em bibliografias nacionais. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 14, n. 2, p. 305-311, 1986. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/v/a/1929. Acesso em: 20 jun. 2023.

129 PARENT, Ingrid. The Importance of National Bibliographies in the Digital Age. International cataloguing and bibliographic control, International Federation of Library Associations, *UBCIM Programme*, [Den Haag], v. 37, n.1, p. 9-12, 2007. Disponível em: http://origin-archive.ifla.org/IV/ifla73/papers/089-Parent-en.pdf. Acesso em: 4 jun. 2023.

130 SANTOS, Maria Luisa. A bibliografia nacional portuguesa: novas exigências, novos modelos e serviços. A*ctas BAD*, Lisboa, n. 10, 2010. Disponível em: http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/165/160. Acesso em: 5 jun. 2023.

Livro

131 BELL, Barbara L. *An Annotated Guide to Current National Bibliographies*. 2nd Comp. and Rev. München: K.G. Saur, 1998. Disponível em: https://archive.org/details/annotatedguideto0000bell/mode/2up. Acesso em: 4 jun. 2023.

132 CÓRDON-GARCÍA, José Antonio. *El registro de la memoria*: el Depósito legal y las bibliografías nacionales. Gijón: Ediciones TREA, 1997.

133 DORJI PENJORE. Bhutan's national bibliography. Thimpu: Centre for Bhutan Studies, 2002. Disponível em: https://archive.org/details/dli.pahar.3735. Acesso em: 29 jun. 2023.

134 LIBRARY OF CONGRESS. *Current national bibliographies*. Comp. by Helen Field Conover. New York, Greenwood Press, 1968. Disponível em: https://archive.org/details/currentnationalb0000libr. Acesso em: 30 jul. 2023.

135 LINDER, Leroy Harold. *The rise of current complete National Bibliography*. New York: Scarecrow Press, 1959. Disponível em: https://archive.org/details/riseofcurrentcom0000lero_t4b3/page/n7/mode/2up. Acesso em: 2 jul. 2023.

136 LUBAS, Rebecca L. *et al*. *Common Practices for National Bibliographies in the Digital Age*. The Hague: International Federation of Library Associations and Institutions, 2021. Disponível em: . Acesso em: 4 jul. 2023.

Sítio Web

137 BEAUDIQUEZ, Marcelle. *National Bibliographic Services at the Dawn of the 21st Century*: Evolution and Revolution. IFLA, 1998. Disponível em: http://www.ifla.org/files/assets/bibliography/publications/beam-e.pdf. Acesso em: 2 jul. 2023.

138 BELL, Barbara L.; LANGBALLE, Anne M. Hasund. *An examination of national bibliographies and their adherence to ICNBS recommendations*. Den Haag: IFLA, 2001. Disponível em: http://www.ifla.org/VII/s12/pubs/sbrep.pdf. Acesso em: 5 jul. 2023.

139 BEST Practice for National Bibliographic Agencies in a Digital Age: Location of the national bibliographic agency. [Den Haag]: International Federation of Library Associations and Institutions, 2018. Disponível em: https://www.ifla.org/node/8285. Acesso em: 22 jul. 2023.

140 BIBLIOGRAPHIE NATIONALE FRANÇAISE. Histoire de la Bibliographie: Du décret impérial à la Bibliographie en ligne. Paris, [2000]. Disponível em: https://bibliographienationale.bnf.fr/content/bibliographie. Acesso em: 2 ago. 2023.

141 CARME, Inès. *Qu'est-ce qu'une bibliographie nationale au XXIe siècle?* Paris: Bibliotheque publique d'information Centre Pompidou, [2023]. Disponível em: https://pro.bpi.fr/bibliographie-nationale-21e-siecle/. Acesso em: 22 jul. 2023.

142 LIBRARY OF CONGRESS. *Bibliographic Framework Initiative*. Washington, [2015]. Disponível em: http://www.loc.gov/bibframe/. Acesso em: 14 jul. 2023.

143 ŽUMER, Maja. The new "Guidelines for national bibliographies in the digital age". Durban: International Federation of Library Associations and Institutions, 2007. p. 1-6. Disponível em: https://archive.ifla.org/IV/ifla73/papers/089-Zumer-en.pdf. Acesso em: 26 jul. 2023.

BIBLIOGRAFIAS INTERNACIONAIS

As bibliografias internacionais podem cobrir qualquer área do conhecimento, assunto, tema ou especialização, evidenciando o controle bibliográfico especializado com alcance internacional.

Em sua amplitude internacional, podem abranger um continente ou países de um bloco econômico (MERCOSUL, União Europeia) ou incluir documentos de interesse entre países e ser publicada na forma monográfica ou seriada (corrente).

A natureza editorial de uma bibliografia internacional pode ser comercial ou não. E pode ser publicada na Web em vários modos. Por exemplo, em sítios Web específicos, no formato de catálogo coletivo, base de dados multilíngues ou disponibilizadas em bibliotecas digitais.

Também podem ser produzidas e publicadas por várias organizações, tais como: centros de documentação, redes de editoras e livrarias, redes de bibliotecas nacionais e universitárias e instituições de pesquisas científicas.

Em sua cobertura especializada, bibliografias internacionais também podem arrolar documentos

concernentes a uma atividade ou repertoriar mais de um assunto de interesse internacional. E podem apresentar dados estatísticos e índices - onomástico, geográfico, ideológico ou cronológico.

A bibliografia *World bibliography of international documentation*, publicada em 1981 por Theodore Delchev Dimitrov arrola no primeiro volume indicações a documentos relativos às atividades, estrutura, políticas de organizações internacionais e no segundo, traz referências a documentos sobre política e assuntos mundiais, listas de periódicos e registros de conferências internacionais.

A *International Bibliography of Social Sciences* (IBSS) é uma bibliografia internacional corrente, publicada na Web e mantida pela Biblioteca da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara - UC Santa Barbara. A IBSS cobre vários assuntos em ciências sociais, arrolando livros e artigos da área, publicados desde 1951 de mais de cem países.

A bibliografia on-line do centro de documentação *Philosophy Documentation Center*[53], dentre vários repertórios, publica a bibliografia internacional sobre Covid (com 1026 entradas) e

[53] Fonte: https://philpapers.org/browse/covid-19

outros temas, por exemplo: ebola, HIV/AIDS, influenza, vacinas e DST.

Um exemplo de bibliografia internacional em formato base de dados é a BFPB[54], publicada pela Universidade da República Checa. A bibliografia contém registros relativos a material impresso do Século XVIII, permitindo buscas combinadas por autor, título, impressor e editor, ano, local de publicação e por assunto.

A bibliografia internacional especializada também pode compreender sua cobertura por traduções, tal como a bibliografia internacional[55], publicada pela Liga das Nações, atual Unesco, desde 1932, intitulada: *Index Translationum* e informatizada em 1979.

Tratava-se de uma bibliografia de alcance internacional, disponível na Web e que cobria traduções de edições de livros no mundo mas, que foi encerrada em 2015[56].

Index Translationum ainda oferece recursos de busca e acesso a estatísticas internacionais de obras traduzidas. Sua atualização derivava do

---

[54] Fonte: https://kvo.lib.cas.cz/en/foreign-language-bohemica/bfpb/

[55] Segundo Lindoso,(2015) a suspensão se deu por restrições orçamentárias. Fonte: https://www.publishnews.com.br/materias/2015/03/25/81186-index-translationum-uma-lacuna-que-pode-ser-irreparavel

[56] Fonte: http://www.unesco.org/xtrans/

compartilhamento de dados sobre livros traduzidos que eram enviados pelas agências bibliográficas nacionais.

A origem editorial da bibliografia internacional independe de políticas governamentais para o controle bibliográfico, mas, em geral, resulta de ações de organismos internacionais de cultura e documentação como a Unesco e a Organização Mundial de Saúde que publica *The Global Index Medicus*[57]; bibliografia internacional de acesso à literatura internacional nas áreas de biomedicina e saúde pública.

A biblioteca digital do Projeto Gutenberg, por exemplo, fornece acesso completo a livros eletrônicos, nascidos e-books ou digitalizados e soma mais de 70 mil itens disponibilizados na Web.

No campo das coleções de bibliotecas, editoras e livrarias, o catálogo coletivo internacional da OCLC, *WorldCat* reúne catálogos de bibliotecas cooperantes do sistema OCLC e oferece serviços de busca que permite localizar um determinado item em bibliotecas bem como oferece a possibilidade de compra ao apresentar lista de organizações

[57] Fonte: https://www.globalindexmedicus.net/pt/

comerciais onde o item pode estar disponível para aquisição.

Neste exemplo, trata-se de um produto bibliográfico internacional geral, mas, sua cobertura reflete as coleções organizadas de muitas instituições e bibliotecas de vários países.

Quando a bibliografia internacional visa cobrir um domínio do conhecimento sobre um material específico ou mídias especiais (livros raros, partituras, fotografias, mapas, discos, gravuras, por exemplo), pode-se denominá-la por bibliografia de materiais especiais.

Discogs é um exemplo de produto bibliográfico de alcance internacional, na área de música e gravações sonoras. Trata-se de um banco de dados de informação sobre discos, incluindo itens promocionais, comerciais e discos não oficiais.

Sua natureza editorial é comercial e sua arquitetura oferece ao usuário interfaces multilíngue de *website* e pesquisa em seu banco de dados. Sua plataforma permite que usuários, produtores e vendedores, colecionadores e interessados criarem páginas no sítio e realizarem o registro de suas coleções de músicas.

No Discogs, via tecnologias interativas e cooperativas, usuários podem trocar informações e dados sobre títulos de álbuns, raridades, músicas, artistas, valores comerciais etc., sem limitações geográficas.

Discogs arrola informações sobre materiais sonoros: estatísticas, artigos, discos de vinil, cassetes, MP3 etc. Discogs oferece um dos maiores banco de dados on-line para música e arrola a maior quantidade de dados sobre discos de vinis[58].

Internet Archive é outro exemplo de repertório de livros e outros materiais digitais disponíveis em plataforma on-line. Sua organização visa à preservação da memória intelectual da Internet. Mantém um arquivo multimídia de informações, oferece acesso a livros e fac-símiles digitalizados ou a e-books de domínio público[59].

No contexto do Programa CBU da IFLA/Unesco, a bibliografia internacional publicada em qualquer mídia (impresso, bases de dados, catálogo on-line etc.) permite reunir documentos específicos tendo como fonte de compilação as bibliografias nacionais correntes e retrospectivas.

---

[58] ENCONTRE Música no Discogs. Portland: Discogs, 2020. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/search/?ev=em_rs. Acesso em: 23 jun. 2023.

[59] Fonte: https://archive.org/

O grupo de trabalho da IFLA dedicado à bibliografia nacional, intitulado *Bibliography Section* mantém o *Registro de Bibliografia Nacional*[60] que contém perfis de agências bibliográficas para atualização de dados sobre bibliografias nacionais na Web e listas de links para seu acesso.

Uma das atuais tarefas da IFLA quanto ao tratamento das bibliografias internacionais é a de utilizar dados bibliográficos disponíveis nas bibliografias nacionais. Esse empreendimento se inicia com dados compartilhados pelas agências bibliográficas nacionais.

O controle bibliográfico internacional de livros, por exemplo, representa um problema que raramente é abordado de forma satisfatória. Pois, a publicação de bibliografias internacionais com base em bibliografias nacionais depende de fatores como: velocidade de publicação, disponibilidade e qualidade dos registros bibliográficos nacionais (KALTWASSER, 2006).

---

[60] Fonte: https://www.ifla.org/g/bibliography/national-bibliographic-register/

144 BORBINHA, José; FREIRE, Nuno. Da “The European Library” à “Europeana” - Um percurso com impulsos nacionais. *Actas BAD*, Lisboa, n. 10, [não paginado], 2010. Disponível em: https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/congressosbad/article/view/174. Acesso em: 4 jun. 2023.

145 BRADFORD, S. C. International Bibliography. *Nature*, [London], v. 126, n. 3179, p. 551-552, Oct. 1930. Disponível em: https://www.nature.com/articles/126551a0. Acesso em: 4 jun. 2023.

146 NEWTON, Daniel; TELLMAN, Jennalyn. A Comparison of the Iter Bibliography and the International Medieval Bibliography. *Reference & User Services Quarterly*, Chicago, v. 49, n. 3, p. 265-277, 2010. Disponível em: https://journals.ala.org/index.php/rusq/article/view/3536/3822. Acesso em: 2 jun. 2023.

147 SILVA, Luis Antônio Gonçalves da. Políticas e programas de informação e documentação da Unesco e fontes para seu estudo. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 68-84, jan./dez. 1994. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/12/pdf_6a99fb0d66_0013936.pdf. Acesso em: 4 jun. 2023.

148. THOMAS, N. W. Suggestions for an International Bibliography of Anthropology. *M.A.N.*, [London], n. 108, p. 129-133, 1901. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2840019. Acesso em: 2

jun. 2023. Para acesso integral o texto, é necessário realizar registro gratuito para leitura on-line.

Livro

149 CAMPBELL, Francis Bunbury Fitzgerald. *Theory of National and International Bibliography*. London: Library Bureau, 1896. Disponível em: https://archive.org/details/theorynationala03campgoog. Acesso em: 1 jun. 2023.

150 CABRITA, Dulce Isabel do Carmo. *A Bibliografia Internacional de Ciências Económicas da U.N.E.S.C.O*. Lisboa: Editorial Império, 1960.

151 DIMITROV, Theodore Delchev. *World bibliography of international documentation*. New York: UNIFO Publishers, 1981. Disponível em: https://archive.org/details/worldbibliograph0002dimi. Acesso em: 23 jun. 2023.

152 FERDINAND, Denis; MARTONNE, Guillaume François de. *Nouveau manuel de bibliographie universelle*. Paris: Librairie encyclopédique de Roret, 1857. Disponível em: https://archive.org/details/nouveaumanueldeb00deni/page/n7/mode/2up. Acesso em: 25 jul. 2023.

153 OETTINGER, Eduard Maria. *Bibliographie biographique universelle*. Paris: A. Lacroix, 1866. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_boxBAAAAYAAJ. Acesso em: 20 jun. 2023.

154 RAMOS, Luis Fernando; Arquero Áviles, Rosario (coord.). *Europeana*: La plataforma del patrimonio cultural europeo. Gijón: Ediciones TREA, 2014.

155 TORRES- RAMÍREZ, Isabel de (Coord.). *Guía práctica de fuentes de información*. Madrid: Síntesis, 1998. Disponível em: http://eprints.rclis.org/15035/. Acesso em: 20 jul. 2018.

Sítio Web

156 DISCOGS. *Encontre Música no Discogs*. Portland, 2020. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/search/?ev=em_rs. Acesso em: 29 jul. 2023.

157 INTERNATIONAL BIBLIOGRAPHY OF SOCIAL SCIENCES. UC santa Barbara Library, 2019. Disponível em: https://www.library.ucsb.edu/research. Acesso em: 29 jul. 2023.

158 INTERNATIONALE Bibliographie der geistes- und sozialwissenschaftlichen Zeitschriftenliteratur. Berlin: De Gruyter Saur, [2020]. Disponível em: https://www.degruyter.com/database/ibz/html. Acesso em: 16 jul. 2023. Versão em alemão e em inglês.

159 KALTWASSER, Franz George. *Universal Bibliographical Control (UBC)*. Munich: Bayerische Staatsbibliothek, 2006. Disponível em: http://www.ffzg.unizg.hr/infoz/dzs/text/UBC.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

160 MODERN LANGUAGE ASSOCIATION. *MLA International Bibliography*. New York, 2016.

Disponível em:
https://www.mla.org/Publications/MLA-International-Bibliography. Acesso em: 1 jul. 2023.

161 OXFORD Bibliographies. Oxford University Press, 2018. Disponível em:
http://fdslive.oup.com/www.oup.com/academic/pdf/online_products/obo_rolling_demonstration.pdf. Acesso em: 5 jun. 2023.

162 INDEX TRANSLATIONUM. [Paris]: UNESCO, [2018]. Disponível em:
https://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx. Acesso em: 23 jul. 2023.

163 U. S. NLM. *The Story of NLM Collections*. Bethesda, 2018. Disponível em:
https://www.nlm.nih.gov/hmd/about/collection-history.html. Acesso em: 3 jul. 2023.

BIBLIOGRAFIA DE BIBLIOGRAFIAS

Uma evidência do avanço do conhecimento e do sucesso do livro impresso foi o surgimento de bibliografia de bibliografias. Isso se destaca pela primeira edição da obra *Bibliotheca Bibliothecarum curis secundis auctior* de Philippe Labbé's, publicada em 1664[61].

Trata-se da mais antiga bibliografia de bibliografias que se tem notícia. Philippe Labbé's listou bibliografias por ordem alfabética, organizadas pelos primeiros nomes dos autores, seguida de oito índices de assuntos, entre eles, um índice contendo catálogos de editoras e livreiros. Anexou à obra uma bibliografia sobre *numismática*. A obra teve três edições posteriores durante o Século XVII.

Gabriel Peignot publicou em 1812 *Répertoire bibliographique universel* [...]. A obra contém notas fundamentadas das bibliografias especiais publicadas à época e de um grande número de outras obras bibliográficas relacionadas à história literária e à bibliologia.

---

[61] Disponível na base de dados E-rara: https://www.e-rara.ch/zut/content/search/3481238?query=Bibliotheca%20bibliothecarum%20curis%20secundis%20auctior

No prefácio, Peignot (1812, p. [5], tradução nossa) declarou:

> como as obras sobre bibliografia se multiplicaram muito ao longo de mais de um século, e como esta ciência, cultivada com sucesso, ocupa hoje um lugar de destaque na literatura de todos os países, pensamos que um livro exclusivamente dedicado a dar a conhecer, com o maior detalhe, as melhores produções deste tipo, podem ser agradáveis e úteis aos bibliógrafos.

Na obra de Peignot, de 1812, é possível ter a noção da infinidade de livros e bibliografias que a imprensa de tipos móveis produziu desde a sua origem e, claro, da imensidão dos tesouros literários espalhados pelas diferentes partes da Europa.

Em 1877, Joseph Sabin elaborou *A bibliography of bibliography; or, A handy book about books which relate to books*; trata-se de uma bibliografia de bibliografias ampliada da obra "*Handy book about books*" de J. Power, de 1870; além de revisada, passou a ter uma extensão quatro vezes maior da obra de J. Power.

Em 1884, Léon Vallée publicou na França *Bibliographie des bibliographies* e em 1887 publicou a segunda edição com suplemento. Em ambas as edições, o autor teve como objetivo indicar todas as

bibliografias importantes desde a invenção da imprensa de Gutenberg.

O número crescente de bibliografias de bibliografias espelhava a necessidade de controle das bibliografias, como por exemplo, a publicação de bibliografia de bibliografias de bibliografias, entre 1901 e 1904, do bibliotecário sueco Gustav Salomon Aksel Josephson.

Em 1913, a segunda edição da obra *Bibliographies of Bibliographies*, do autor foi publicada pela Bibliographical Society of Chicago com um sistema de arranjo cronológico de todos os tipos de bibliografias de bibliografias, incluindo suas várias edições.

No Brasil, Antônio Simões dos Reis publicou em 1942 *Bibliografia das bibliografias brasileiras*, pelo Instituto Nacional do Livro.

No Paraguai, Jerry Wilson Cooney publicou em 1997 a bibliografia de bibliografias paraguaias com base no acervo de bibliografias da Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Nacional de Assunção.

Essa obra também incluiu importantes bibliografias nacionais do Paraguai, tais como: *Bibliografia nacional paraguaya* entre os anos de

1971 até 1977 e *Historiografia paraguaya*, de autoria de Efraím Cardozo, publicada em 1959.

Outra iniciativa de alcance nacional se refere à obra *Bibliography of Canadian bibliographies* e seu título equivalente em francês "*Bibliographie des bibliographies canadiennes*". Trata-se de uma bibliografia de bibliografia geral, abarcando todos os assuntos referentes às bibliografias compiladas no Canadá.

Primeiramente publicada por Douglas Lochhead, entre 1929 e 1930, arrolava 1.375 entradas; teve sua segunda edição publicada em 1977, acrescida de 751 itens, e a terceira edição, de 1994, foi produzida por Ernest Ingles, com acréscimo de 2.325 obras.

O alcance geográfico desse tipo de bibliografia também pode ser internacional, tal como se destaca a *Retrospective National Bibliographies*, publicada em 1981 pela organização Commonwealth.

Bibliografia de bibliografias pode ser especializada em uma área do conhecimento e cobrir um tema específico. Por exemplo, a obra de Judy Berndt *Rural sociology: a bibliography of Bibliographies*, publicada em 1986 que arrola bibliografias sobre sociologia rural.

Também podem ser seletivas com coberturas cronológicas e geográficas. Um exemplo é a obra *A selective bibliography of bibliographies of Hispanic American literature* de 1966 sob a compilação de Shasta M. Bryant, cuja segunda edição, de 1976, foi revisada e ampliada; de 374 itens arrolados da primeira edição para mais 662 entradas. Sua cobertura é internacional, abrangendo a literatura da América Espanhola.

Graças ao trabalho realizado pela Federação Internacional de Documentação, um número crescente de bibliografia de bibliografias passou a ser produzido de acordo com um sistema padrão de organização do conhecimento.

Por exemplo, a utilização do sistema *Classificação Decimal Universal* – Universal Decimal Classification para o *Index Bibliographicus* permitia, dentre outras possibilidades, uma combinação ilimitada de atributos de um assunto e relações entre assuntos a serem expressos[62].

Bibliógrafos da estatura de Paul Otlet consideram as bibliografias das bibliografias como fontes terciárias de informação com base no fato de

---

[62] UDC Consortium. *UDC History*. The Hague, 2020. Disponível em: http://www.udcc.org/index.php/site/page?view=about_history. Acesso em: 20 jun. 2023.

que, se os livros são instrumentos primários de informação e as bibliografias, de segundo grau, as bibliografias das bibliografias devem ser de terceiro grau (BIBLIOGRAFÍA..., 1989).

Para Malclès[63], bibliografias de bibliografias podem ser compreendidas de duas maneiras: 1) como a soma de todos os repertórios impressos desde o Século XV; 2) como guias orientadores sobre vários assuntos e fontes bibliográficas.

Essas bibliografias podem ser amalgamadas em um único índice, onde todas as referências a um determinado tópico, coletadas de uma variedade de fontes em diferentes idiomas, podem ser encontradas imediatamente em um único lugar.

A massa documental acumulada, no entanto, é organizada de acordo com uma variedade de sistemas, principalmente em ordem alfabética, em geral, por intermédio de linguagens documentárias.

A adoção de sistemas individuais de organização do conhecimento aumentou a necessidade de pesquisas bibliográficas para verificar quais bibliografias foram compiladas sobre um determinado assunto.

---

[63] MALCLÈS, Louise-Noëlle. *Manuel de bibliographie*. Paris: Presses universitaires de France, 1963. p. 295-296.

Besterman (1965) elaborou o primeiro volume da *Bibliografia Mundial de Bibliografias* com cerca de 24.000 entradas de bibliografias publicadas separadamente de todos os países sobre todos os assuntos, cobrindo livros impressos e outros materiais.

A obra de Besterman em cinco volumes teve sua quarta edição revista e ampliada, publicada em 1965 e em 1977 foi atualizada por Alice F. Toomey.

Esses exemplos evidenciam o poder das bibliografias de bibliografias para os efeitos de controle bibliográfico, configurando-se como repertórios que apresentam benefícios e limitações aos seus consulentes.

Os benefícios da bibliografia de bibliografias estão relacionados à sua utilidade e são: 1) auxiliar o encontro de bibliografias sobre um determinado tópico de forma rápida e fácil, 2) encontrar mais informações sobre bibliografias, 3) seleção de bibliografias relevantes.

O bibliógrafo diante da missão de elaborar uma bibliografia de bibliografias terá como limitações a dispersão das fontes de pesquisa e por isso, delimitando-se àquelas do seu conhecimento, levando-o a realizar escolhas que fazem,

naturalmente, desse tipo de bibliografia um produto em permanente estado de busca por completeza.

Para aquisição de bibliografias por parte de bibliotecários e colecionadores, os critérios de seleção de bibliografias de bibliografias são: atualização, acurácia, completeza e origem editorial.

Esses critérios são essenciais para a seleção de bibliografias, tendo em vista que, uma bibliografia de bibliografias pode estar desatualizada, trazer dados imprecisos ou incompletos e ser tendenciosa, por exemplo, em objetivo editorial, puramente comercial (BESTERMAN, 1965; WITT, 1998).

Artigo

164 AYUSO GARCÍA, María Dolores. Importancia informativa de las bibliografías de bibliografías. *Revista lnteramericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 20, n. 2, Jul./Dic. 1997.

165 MILLARES CARLO, Agustín. La bibliografía y las bibliografías. *Cuadernos Americanos*, Ciudad de México, ano 14, v. 79, n. 1, p. 176-194. Disponível em: http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1955.1/CuadernosAmericanos.1955.1.pdf . Acesso em: 4 jul. 2023.

Livro

166 BARROW, Jacob. *Bibliography of bibliographies in religion*. Ann Arbor: Edwards Brothers INC., 1955. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographyofbi00barr/page/n7/mode/2up. Acesso em: 23 jun. 2023.

167 BERNDT, Judy. *Rural sociology*: a bibliography of Bibliographies. Metuchen: Scarecrow, 1986. Disponível em: https://archive.org/details/ruralsociologybi0000bern/page/n11/mode/2up. Acesso em 27 jun. 2023.

168 BESTERMAN, Theodore. *A World Bibliography of Bibliographies*. 4th Ed. New Jersey: Adams & Company, 1965. v. 1. Disponível em: https://archive.org/details/worldbibliography0001theo/page/n5/mode/2up. Acesso em: 1 jun. 2023.

169 BRYANT, Shasta M. *A selective bibliography of bibliographies of Hispanic American literature*. 2nd Ed. Austin : Institute of Latin American Studies, University of Texas at Austin, 1976. Disponível em: https://archive.org/details/selectivebibliog0000brya/page/n9/mode/2up. Acesso em 27 jun. 2023.

170 COONEY, Jerry Wilson. *Paraguay*: a bibliography of bibliographies. Austin, TX: SALALM Secretariat, 1997. Disponível em: https://archive.org/details/paraguaybibliogr0000coon/page/n13/mode/2up. Acesso em: 26 jun. 2023.

171 INGLES, Ernest. *Bibliography of Canadian bibliographies*. Toronto: University of Toronto Press, 1994. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographyofca0000ingl/page/n51/mode/2up. Acesso em: 12 jul. 2023.

172 PEIGNOT, Gabriel. *Répertoire bibliographique universel, contenant la notice raisonnée des bibliographies Spéciales publiées jusqu'à ce jour, et d'un grand nombre d'autres ouvrages de bibliographie, relatifs à l'histoire littéraire, et à toutes les parties de la bibliologie*. Paris: A. A. Renouard, 1812. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=tOdIAAAAcAAJ&pg=GBS.PR4&hl=pt. Acesso em: 23 jul. 2023.

173 REIS, Antônio Simões dos. *Bibliografia das bibliografias brasileiras*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1942.

174 SABIN, Joseph. *A bibliography of bibliography; or, A handy book about books which relate to books*. New York: Josephy Sabin & Sons, 1977. Disponível em:

https://archive.org/details/bibliographyofbi00sabirich/page/n5/mode/2up?q=. Acesso em: 12 jul. 2023.

175 SPAMER, Earle E. *The Grand Canon. A Worldwide Bibliography of the Grand Canyon and Lower Colorado River Regions in the United States and Mexico*: 1535-2021. Philadelphia: Raven’s Perch Media, 2022. v. 1. Disponível em: https://ravensperch.org/wp-content/uploads/2022/01/Part-1.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

176 VALLÉE, Léon. Bibliographie des bibliographies: [With]: Supplément. Paris: E. Terquem, 1887. Disponível em: https://archive.org/details/bibliographiede02vallgoog/page/n2/mode/2up. Acesso em: 23 jul. 2023.

Sítio Web

177 LIS EDUCATION NETWORK. Bibliography of Bibliographies. [*S.l.*], 2023. Disponível em: https://www.lisedunetwork.com/bibliography-of-bibliographies/. Acesso em: 23 jul. 2023.

178 WITT, Maria. *Présentation d'une bibliographie des bibliographies des sciences de l'information*: International bibliography of bibliographies in library and information science and related fields volume 2. 1979-1990. [Den Haag]: IFLA General Conference, 1998. Disponível em: https://archive.ifla.org/IV/ifla64/023-141f.htm. Acesso em: 2 jul. 2023.

BIBLIOGRAFIAS RETROSPECTIVAS

Uma bibliografia retrospectiva apresenta seu escopo restrito a materiais publicados no passado, às vezes dentro de um período específico e, por isso, é o oposto do escopo de uma bibliografia corrente que visa listar materiais recém-publicados (FREIDES, 1971).

Elas podem ter origem na acumulação de bibliografias seriadas. O acúmulo de volumes das bibliografias seriadas constitui o material para a publicação futura de índices bibliográficos e bibliografias retrospectivas.

O *Cumulative Index Book*, por exemplo, era um diretório de livros em língua inglesa no Século XX dos Estados Unidos, publicado pela H. W. Wilson Company. Ele foi publicado pela primeira vez como um suplemento do catálogo *Books in Print,* iniciado em 1898 (OCKERBLOOM, 1999).

O *Cumulative Book Index* acabou sendo sincronizado com o *Books in Print* e assumiu sua função referencial nacional após 1928. O último volume foi publicado em 1999 (OCKERBLOOM, 1999). A instituição The Online Books Page disponibiliza arquivos eletrônicos persistentes dos

números entre 1898 e 1960 do *Cumulative Book Index* (OCKERBLOOM, 1999).

Outro trabalho em destaque é a reunião de bibliografias nacionais retrospectivas que parte da organização Commonwealth, uma instituição não governamental voluntária de 56 países independentes e inclui economias avançadas e países em desenvolvimento, sendo 32 países membros pequenos estados, incluindo muitas nações insulares.

Com a publicação em 1977 de seu diretório anotado, intitulado *Bibliografias Nacionais da Commonwealth*, a Divisão de Educação do Secretariado da Commonwealth produziu o primeiro volume sobre bibliografias nacionais retrospectivas (COMMONWEALTH, 1981).

Desde então, o diretório tem sido usado por bibliotecários, livreiros, instituições de pesquisa e acadêmicos como um guia de informação sobre a produção editorial dos países participantes.

Na maioria dos países associados à Commonwealth, as bibliografias nacionais são recentes. Quase nenhuma existia antes de 1960; muitos surgiram na década de 1970. Por começarem a partir da década de 1970, muitas nações tenderam, portanto, a não registrar uma vasta quantidade de

material de grande significado histórico, social e cultural.

Outro tipo de bibliografia retrospectiva surge do planejamento cujo escopo temporal é delineado pelo bibliógrafo para realizar a pesquisa bibliográfica visando arrolar fontes, primárias ou secundárias, com base em períodos pré-determinados e que estão em algum acervo de alguma instituição e que, por algum motivo, não foram compiladas à sua época de publicação (FREIDES, 1971).

Bibliografias retrospectivas podem ser planejadas sob vários critérios cronológicos (fato histórico, delimitação temporal, sobre obras de autores e títulos esgotados etc.), mas, sempre, com base na compilação de itens bibliográficos publicados no passado.

Este é o caso da *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, de Rubens Borba de Moraes (1969) e do catálogo da exposição *Livros raros de Biblioteconomia: a memória científica da Biblioteca Nacional brasileira* oferecida pela Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, em 2011, de autoria de Pinheiro (2013)[64].

---

[64] Fonte: http://www.unirio.br/proreitoriadeextensaoecultura/publicacoes/revista-chronos/ano-08-2013-numero-10-2014-100-anos-de-instalacao-da-escola-de-biblioteconomia

Outro exemplo de bibliografia retrospectiva foi planejada pela Biblioteca de Illinois: *Bibliography and Historical Research*, disponível na Web sob a denominação de guia de bibliografias (ILLINOIS LIBRARY, 2023).

Trata-se de uma bibliografia de bibliografias retrospectivas baseada nas coleções de bibliografias da Biblioteca de Illinois que tem por objetivo auxiliar seus consulentes a encontrar e usar bibliografias para pesquisa histórica.

As bibliografias arroladas foram digitalizadas a partir dos volumes de títulos colecionados pela biblioteca. O guia oferece acesso integral a várias bibliografias de alcance nacional, biobibliografia, bibliografias temáticas, catálogos de bibliografias e obras originalmente publicadas como bibliografias retrospectivas (ILLINOIS LIBRARY, 2023).

Nesse caso, as bibliografias retrospectivas arroladas também se constituem em fontes de referência utilizadas para localizar bibliografias sobre um determinado assunto.

Além do alcance geográfico local, nacional ou internacional, as bibliografias retrospectivas podem ser planejadas quanto à abrangência de assuntos consoante ao interesse de suas audiências a que se

destinam. Nesse caso, elas podem ser: geral e especializada, nacional e internacional.

No congresso internacional realizado pela Unesco em 1977, em Paris, *Bibliografia Nacional, papel atual e desenvolvimentos futuros*, as diretrizes acordadas entre os países membros da Unesco para a agência bibliográfica nacional recomendavam a compilação de bibliografias retrospectivas da produção bibliográfica nacional (CALDEIRA; CARVALHO, 1980).

Uma bibliografia nacional geral retrospectiva pressupõe a elaboração de um repertório do período passado que inclui todos os itens publicados e por isso, tem natureza exaustiva.

Nesse sentido, exaustividade se refere à "tentativa de se relacionar todo o material publicado em um determinado período, através de consulta a catálogos de bibliotecas, listas [...]" (CALDEIRA; CARVALHO, 1980, p. 51).

Esse tipo de bibliografia costuma ser útil para tarefas de desenvolvimento de coleções de bibliotecas e centros documentários bem como, ser uma fonte para pesquisas para os profissionais da indústria de livros (FREIDES, 1971), constituindo-se como um instrumento auxiliar de consultas em

determinados tópicos e análises, tais como: autor, título, edições, datas de publicação, editores, idiomas, traduções etc.

Bibliografias retrospectivas podem ser geradas pela absorção do conteúdo das bibliografias correntes, acumuladas em grandes períodos, transformando-se no inventário cultural de uma determinada nação (CALDEIRA; CARVALHO, 1980, p. 51).

Além disso, bibliografias retrospectivas podem contribuir na formação de catálogos bibliográficos coletivos. Catálogos coletivos podem incorporar bibliografias correntes e retrospectivas, listas de livros e bibliografias seletivas baseadas em autor, assunto ou outro tópico para fins de pesquisa e geração de bibliografias comerciais esgotadas ou bibliografias de documentos oficiais de governos.

Este o caso do National Union Catalog (NUC) com participação de mais de 1.100 bibliotecas nos EUA e Canadá, incluindo a Library of Congress que pode ser acessado na Web na plataforma do catálogo coletivo mundial da OCLC, o WorldCat.

O seu programa denominado National Union Catalog of Manuscript Collections (NUCMC) fornece acesso a registros bibliográficos do patrimônio

documental acumulado do país com base na catalogação cooperativa das coleções nos Estados Unidos (LIBRARY OF CONGRESS, 2011).

Uma bibliografia retrospectiva pode ser planejada para arrolar um tipo de mídia, como música, filme e periódicos, tal como a obra *Bibliography of music for film and television* (WESCOTT, 1985).

Quanto ao arranjo, elas podem ter o formato de dicionários alfabéticos (de autores e obras anônimas) e são raras as bibliografias nacionais retrospectivas classificadas por assunto (CALDEIRA; CARVALHO, 1980).

Artigo

179 CALDEIRA, Paulo da Terra; CARVALHO, Maria de Lourdes Borges. Bibliografia retrospectiva: um instrumento para a análise do desenvolvimento científico e cultural do Brasil. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 50-68, mar. 1980. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/75923. Acesso em: 29 jul. 2023.

180 FREIDES, Thelma. Characteristics of Retrospective Bibliography: Bibliographies in the Social Sciences. *RQ*, [Chicago], v. 11, n. 1, p. 15–22, 1971. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/25824360. Acesso em: 25 jul. 2023.

181 GROGAN, Denis J. Dictionaries of English: a decade of development. *Journal of Librarianship and Information Science*, [London], v. 23, n. 1, p. 37-50, 1991.

182 TURNER, John R. Developments in retrospective bibliography since 1975. *Journal of Librarianship and Information Science*, [London], v. 23, n. 3, p. 147–152, 1991.

Livro

183 COMMONWEALTH Retrospective National Bibliographies: An Annotated Directory. Compilação: The IFLA International Office for UBC. London: Commonwealth Secretariat, 1981. Disponível em: https://www.thecommonwealth-ilibrary.org/index.php

/comsec/catalog/view/709/709/5323. Acesso em: 23 jul. 2023.

184 PHILOMNESTE JUNIOR. *Bibliomanie en 1883*: bibliographie rétrospective plus remarquables faites cette année valeur primitive de ces ouvrage. Bordeaux: V Moquet Libraire, 1884. Disponível em: https://archive.org/details/labibliomanieen00brungoog/page/n11/mode/2up. Acesso em: 26 jul. 2023.

185 MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 1969.

186 REIS, Brian. *Australian film*: a bibliography. London; Washington, DC: Mansell, 1997. Disponível em: https://archive.org/details/australianfilmbi0000reis/mode/2up. Acesso em: 18 jul. 2023.

187 WESCOTT, Steven D. *Bibliography of music for film and television*. Detroit: Information Coordinators, 1985. Disponível em: https://archive.org/details/comprehensivebib0000wesc/page/n5/mode/2up. Acesso em: 18 jul. 2023.

Sítio Web

188 ILLINOIS LIBRARY. *Bibliography and Historical Research*. Urbana, IL, 2023. Disponível em: https://guides.library.illinois.edu/bibliography/national. Acesso em: 30 jul. 2023.

189 LIBRARY OF CONGRESS. *About the National Union Catalog of Manuscript Collections (NUCMC)*. Washington, DC, 2011. Disponível em:

https://www.loc.gov/coll/nucmc/about.html. Acesso em: 30 jul. 2023.

190 OCKERBLOOM, John Mark (ed.). *Cumulative Book Index*. [*S.l.*]: The Online Books Page, 1999. Disponível em: https://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/serial?id=cumbookindex. Acesso em: 29 jul. 2023.

DOCUMENTAÇÃO

«*Anything in which knowledge is recorded is a document, and documentation is any process which serves to make a document available to the seeker after knowledge*»
- Theodore Besterman[65], 1945.

Documentação, em sentido amplo, refere-se à reunião ou coleção de documentos de qualquer natureza, devidamente conservados, passíveis de descrição e organizados para fins de consulta, estudo ou prova (BRIET, 1951).

Documentação é todo o processo que serve para fazer utilizáveis os documentos das pesquisas intelectuais realizadas ou em vias de serem concluídas (OTLET, 1934).

Na literatura especializada, *documentação* é comumente percebida como uma área do conhecimento que se dedica ao processamento da informação para constituir e fornecer um compêndio de dados estruturados para fins de recuperação da informação. E por sua natureza multidisciplinar, os

[65] Theodore Besterman foi o primeiro editor da publicação inglesa 'Journal of Documentation' em 1945. [*Qualquer coisa em que o conhecimento seja registrado é um documento, e documentação é qualquer processo que serve para disponibilizar um documento ao buscador do conhecimento*]. Fonte: https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/eb026056/full/html

produtos que geram devem estar disponíveis a todas as pessoas.

Coblans (1957) afirmou que era impossível definir documentação com exatidão, porque seu significado difere muito de um país a outro.

Mortimer Taube[66], bibliotecário norte-americano e criador do sistema Unitermo[67], declarou que a documentação é uma mescla de biblioteconomia e editoração, a qual está agregada a responsabilidade de preparar ou provocar a preparação de material informativo a ser publicado, colecionado, organizado, utilizado e distribuído.

No Brasil, dependendo de quem fala, também é comum obter distintas noções sobre documentação, tanto em termos conceituais quanto de seu histórico.

Além disso, vários domínios da documentação aos quais se ocupam e se destinam o trabalho bibliográfico especializado apresentam distintos termos associados, por exemplo: documentação científica, documentação administrativa, documentação jurídica, documentação nas artes etc.

---

[66] Litton (1971, p. 41).

[67] Unitermo é um sistema composto por um conjunto de fichas, onde cada ficha continha uma única palavra e os números dos documentos associados a esta palavra. O Unitermo era fundamentado na hipótese de que cada ideia poderia ser representada por uma única palavra.

Em comum, essas variações expressam a ideia de controle e organização da informação. No entanto, tendo como referência os documentos selecionados por meio de critérios estabelecidos em referência ao público atendido pelo sistema bibliográfico.

Contudo, seu desenvolvimento e compreensão perpassam por sua história em contextos sociais e de sucessivas tecnologias aplicadas ao trabalho de documentar e representar a informação no Século XX.

Shera e Egan[68] explicam que a documentação foi iniciada em fins do Século XV com Johann Tritheim. Suas obras *Scriptoribus Eclesiastics*' e '*Catalogus Ilustrium Virorum Germaniae* foram elaboradas através de técnicas de pesquisa, compilação, arranjo e classificação resultando em várias produções bibliográficas à sua época.

No entanto, a teoria da documentação surgiu em consequência do desenvolvimento da indústria gráfica no final do Século XIX. Foi construída gradualmente desde o início da inflação tipográfica, no Século XIX, e correspondeu ao desenvolvimento

---

[68] SHERA, Jesse H.; EGAN, Margaret E. Exame do estado atual da Biblioteconomia e Documentação *In*: BRADFORD, Samuel Clement. *Documentação*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1953. p. 18-19.

das ciências e ao progresso técnico da mecanização da produção dos livros, publicações seriadas, de outros materiais gráficos e tecnologias intelectuais.

Nos últimos anos do Século XIX, os advogados belgas Paul Otlet e Henri Marie La Fontaine desenvolveram a atividade científica da documentação com vistas à organização do conhecimento registrado com alcance mundial (ZANDONADE, 1999, p. 53).

Eles fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB)[69] em 1895, em Bruxelas. Em seu *Tratado sobre documentação* (1934), ou como indica o subtítulo *le livre sur le livre, théorie et pratique*, Paul Otlet introduziu o termo "documentologia", ciência do documento[70].

No berço de organização da documentação, sua manutenção pretendeu um *Diretório Bibliográfico Universal* em que se ambicionou que todo o conhecimento se tornasse acessível, mas, segundo Briet (1951), demonstrou-se ser uma

---

[69] O IIB passou a ser denominado por Federação Internacional de Documentação e em 1985 incluiu o termo 'informação', passando a ser Federação Internacional de Informação e Documentação.

[70] LÓPEZ-YEPE, José. Características de la Documentación y su reflejo en la formación de los profesionales e investigadores de la disciplina. CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8., Estoril, 2004. *Acatas*... Lisboa: BAD, 2004. Disponível em: https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/issue/view/13. Acesso em: 10 jul. 2023.

quimera, pois, não fomentou adesão ou interesse de catálogos coletivos regionais.

O universalista Paul Otlet, partindo dos fundamentos da bibliografia, concebeu a documentação como um ramo do conhecimento surgido da bibliografia que se ocupa em organizar e sistematizar todos os materiais necessários para proporcionar adequação da informação registrada em qualquer suporte às necessidades de informação da sociedade[71].

Em 1910, Paul Otlet e Henri Marie La Fontaine idealizaram a *cidade do conhecimento*, originalmente denominada por *Palais Mondial* (Palácio Mundial), sediado na cidade de Mons, Bélgica.

Em 1924, Paul Otlet o renomeou como *Mundaneum*. Ocupava-se de reunir todo o conhecimento do mundo e classificá-lo de acordo com o sistema *Classificação Decimal Universal*, desenvolvido na virada do século.

O *Mundaneum* pode ser considerado um marco na história da coleta, organização e gerenciamento da informação (WRIGHT, 2014), sendo o primeiro projeto ambicioso de uma arquitetura mundial de

---

[71] Ibid.

informação[72], de cooperação bibliográfica internacional e ainda como um precursor da Internet[73].

Tinha como finalidade a promoção do conhecimento mundial acumulado com base em uma bibliografia universal constituída por colaboração de instituições e bibliotecas em todo o mundo (WRIGHT, 2014, p. 8-14).

As atividades dos documentalistas foram se desenvolvendo simultaneamente ao surgimento das bibliotecas públicas. No início do Século XX, Paul Otlet e Henri Marie La Fontaine sistematizaram a documentação, cunhando este termo para significar, de forma mais ampla, "aquilo antes denominado bibliografia" (ORTEGA, 2004, não paginado).

Esse histórico demonstra que o trabalho bibliográfico excedeu o limite da simples compilação, marca dos séculos anteriores, tornando-se útil para atividades em pesquisa, produção e difusão da informação e suscitando a ideia de ciclo da geração

---

[72] HEUVEL, Charles van den. *Mundaneum*. Virtual Knowledge Studies: [*S.l.*], [2019?]. Disponível em: https://web.archive.org/web/20120227142623/http://www.virtualknowledgestudio.nl/staff/charles-van-den-heuvel/vdheuvel-mundaneum.pdf. Acesso em: 3 jul. 2023.

[73] BUCKLAND, Michael K. Emanuel Goldberg, Electronic Document Retrieval, And Vannevar Bush's Memex. *Journal of the American Society for Information Science*, New York, v. 43, n. 4 p. 284-294, May 1992.

de conhecimento balizado pelo conceito de documento.

O conceito de documento enunciado pela bibliotecária francesa Suzanne Briet (1951, 2006) permanece como referência na atualidade: toda base de conhecimento, fixada materialmente, suscetível de ser utilizada para consulta, estudo ou prova.

Desse modo, para a documentação, a partir de critérios como materialidade e intencionalidade, qualquer objeto pode ser um documento.

O aumento da produção de documentos também pode ser percebido como efeito do progresso da ciência e da tecnologia com o qual, ao longo do tempo, bibliografias e serviços de informação foram aperfeiçoados, como por exemplo, com o emprego da computação.

A documentação tem suas raízes nessa ampliação da bibliografia[74]. Coblans[75] aponta que a natureza internacional da biblioteconomia está relacionada, principalmente, com o surgimento do livro impresso e sua aceitação pela humanidade. Pois, da invenção dos tipos móveis de Gutenberg às

---

[74] (SHERA; EGAN, 1953, p. 17).

[75] COBLANS, Herbert. *Librarianship and Documentation*: An international perspective. London: Andre Deutsch, 1974.

prensas a vapor, o livro impresso se consolidou como objeto universal de registro do conhecimento.

O que proporcionou às bibliotecas e aos bibliotecários a experiência de cerca de 300 anos de organização bibliográfica baseada em técnicas de representação descritiva, tendo como corolário normas e códigos de catalogação ao longo do tempo: *Panizzi rules*, *Prussian Instruktionen*, *Vaticano Norme* e *Anglo-American Cataloguing Rules*, por exemplo.

No Século XIX, em meio a invenções e inovações tecnológicas, como a fotografia, radiodifusão, cinema, o registro sonoro e o surgimento de outros materiais gráficos, Shera (1966, p. 35) aponta que as técnicas tradicionais de representação da informação de bibliotecas eram insuficientes para atender às demandas dos novos objetos informativos.

No início do Século XX, documentalistas começaram a explorar um amplo conjunto de técnicas para a organização desses objetos e iniciaram o desenvolvimento de sistemas de indexação e serviços de resumo buscando adequação aos novos recursos que passaram a ser denominados por documentos (SHERA, 1966, p. 35).

Em relação ao bibliotecário como bibliógrafo e documentalista, Shera e Egan (1953, p. 19-20) registraram:

> Por mais de quatro séculos a Biblioteconomia foi sinônimo de Bibliografia e os precursores da moderna biblioteca pública sentiram que os problemas de melhorar as técnicas da organização bibliográfica eram capitais para a prática da própria Biblioteconomia!

Nesse cenário, o bibliotecário quando exercia a função de bibliógrafo passou a incorporar o trabalho documentário em sua atuação, tornando-se um bibliotecário documentalista (SHERA, 1966).

Essa junção foi resultado de décadas de práticas do trabalho bibliográfico. Se antes era centrado nas coleções, passou a incorporar a difusão da informação como ponto central do controle bibliográfico.

Com o desenvolvimento da documentação, o enfoque foi norteado pela difusão da informação, na reunião de documentos representativos de uma ciência, de um assunto de interesse de determinadas comunidades, organizações, universidades ou governos.

Desde então, compete à documentação fornecer resumos de pesquisa, em processo ou já concluídas, tanto quanto de artigos, comunicações a congressos, relatórios, teses, patentes etc., e, eventualmente, traduções e reproduções desses documentos, muitos dos quais não impressos (FONSECA, 2003).

Para Bradford (1953), o progresso dos saberes, ao depender dos recursos de informação, tem a documentação como o meio de criar o livre acesso à informação, coligindo, classificando e pondo à disposição de todos as peças informativas referentes a todas as espécies de atividades, quer artísticas, literárias, técnicas ou científicas.

Nesse escopo, a documentação passou a ser o domínio da organização do conhecimento cujas ações e produtos não se esgotavam ou se limitavam a determinadas particularidades da descrição bibliográfica, mas sim, visava buscar a classificação do conhecimento em alcances abrangentes, do nacional ao universal.

Em 1931, Suzanne Briet participou ativamente da criação da Union Française des Organismes de Documentation (UFOD)[76]. Ela também se tornou

[76] FAYET-SCRIBE, Sylvie. Connaissez-vous Suzanne Briet? *Bulletin Bibliographique de France*, Paris, t. 57, n. 1, [2020?]. Disponível em:

vice-presidente da Federação Internacional de Documentação (FID).

De 1934 a 1954, Briet dirigiu a sala de catálogos e bibliografias da Biblioteca Nacional da França. Em particular, estabeleceu um arquivo de padrões de catalogação que seria reutilizado posteriormente pela Association française de normalisation (AFNOR). Por meio dessa ação, promoveu a facilidade de consulta e acesso à informação especializada e geral na França.

Posteriormente, ela propôs, outra definição sobre *documento* que julgou mais atualizada: documento é todo signo indicial (ou índice) concreto ou simbólico, preservado ou registrado para fins de representação, de reconstituição ou de prova de um fenômeno físico ou intelectual (ORTEGA; LARA, 2010).

Na visão de Bradford (1953), a documentação origina-se da necessidade de colocar em ordem os processos de adquirir, preservar, resumir e proporcionar, na medida do necessário, livros, artigos e relatórios, dados e documentos de todas as espécies.

---

https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2012-01-0040-007. Acesso em: 14 jul. 2023.

Com a finalidade de tornar acessíveis os registros de todas as formas de atividade intelectual, o documentalista desenvolve operações inerentes à organização do conhecimento (BRADFORD, 1953) que podem ser representadas pelo ciclo documentário.

O ciclo documentário completa-se com a realização das etapas de reunião, classificação e divulgação do documento (ZAHER, 1967), as quais determinam a existência de um conjunto de serviços para uma documentação geral ou especializada, que de forma organizada deve ficar à disposição dos interessados (ROBREDO, 2005).

O ciclo documentário é sistêmico e pode ser percebido sob três propriedades: entrada, processamento e saída. Isto é, capacidade de transformação de insumos - a informação dispersa - em informação - prontamente disponível - para uso mediante processamento técnico que envolve etapas consecutivas e enunciadas por Robredo (2005, p. 10-11) do seguinte modo:

1) Seleção, aquisição, registro (tombamento),

2) Descrição bibliográfica, análise para criação de substitutos pela representação condensada dos

documentos (dados estruturados no sistema mediante algum código de catalogação),

3) Indexação (identificação de conceitos mediante linguagens natural ou documentária),

4) Armazenamento de documentos e das representações documentárias,

5) Processamento da informação condensada, produtos de informação (registros e dados estruturados),

6) Pesquisa bibliográfica que parte de um estado de incerteza para outro de necessidade por encontro de informações relevantes e pertinentes,

7) Capacidade de recuperação de documentos no sistema, finalidade do trabalho documentário.

Nesse contexto, a *documentação* ampliou o ideal de controle bibliográfico para além do aspecto descritivo relacionando-o com o âmbito exploratório do controle bibliográfico, para a classificação dos assuntos disponíveis nos documentos (COBLANS, 1957).

Com o desenvolvimento da documentação, manifestada na instituição dos centros documentários, nacionais e especializados, verifica-se uma mudança de paradigma na área da

biblioteconomia, antes orientado pela posse do volume nas bibliotecas para uma concepção de documento como fonte de informações.

Ditmas (1949, p. 332) situou a documentação como "o setor da bibliografia em que a principal preocupação e o aperfeiçoamento dos meios para a utilização ativa dos registros do conhecimento humano, em oposição à sua guarda".

Nesse período, as dificuldades de se estabelecer o *controle bibliográfico* em nível mundial deram oportunidades de estudos sobre o tema em referência às particularidades da *explosão da informação*.

Com a automação, o enfrentamento à sobrecarga da informação consolidou a documentação como a ciência do controle bibliográfico baseado em cooperação local, nacional e internacional.

Com o crescente processo de inflação da informação, os métodos e recursos de localização e recuperação de informações tornaram-se essenciais para acesso ao conhecimento por intermédio dos documentos, em seu ciclo documentário.

Na década de 1930, os documentalistas, agrupados em associações nacionais e

internacionais, aperfeiçoaram técnicas e sistemas sob a fundamentação teórica da padronização, organização e difusão da informação bibliográfica (FAYET-SCRIBE, 2000).

No esforço de criar registros a partir da reunião de documentos, a documentação, compreendida como processo, tem por objetivos: criar representações que aumentem a possibilidade de acesso às informações pelos usuários, proporcionando a recuperação e o intercâmbio de informações (LÓPEZ YEPES, 1978, p. 321-322).

Na atualidade, a formulação de sistemas bibliográficos necessariamente obedece aos princípios que regem a documentação e o trabalho dos documentalistas.

Na Era Digital, a documentação se manifesta como um campo científico composto por diversos aspectos do trabalho documental, originado na bibliografia e fundamentado no princípio de universalidade do conhecimento.

Artigo

191 DITMAS, E. M. R. A Chapter Closes: Bradford, Pollard, and Lancaster-Jones. *College & Research Libraries Journal*, New York, v. 10, n. 4, p. 332- 337, Oct. 1949. Disponível em: https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/10475. Acesso em: 19 jul. 2023.

192 GUGLIOTTA, ALEXANDRE Carlos. Uma bibliotecária a serviço da documentação. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 31, n. 2, p. 14-30, jun./dez. 2017. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/23889. Acesso em: 20 jun. 2023.

193 JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. A documentação no Brasil: primórdios de sua inserção no país (1895-1920). *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 9, n. 1, p. 271-284, 2016. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/75030. Acesso em: 2 jul. 2023.

194 LÓPEZ, José Yepes; HERNANDÉZ, Federico Pacheco. Aportaciones a la História de la Documentación: evolución y contexto historiográfico. *Documentación de las Ciencias de la Información*, Madrid, v. 34, p. 203-222, 2011. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/36454. Acesso em: 29 jul. 2023.

195 ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em:

https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5664. Acesso em: 4 jul. 2023.

196 ______. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para a compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 14, número especial, p. 59-79, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a05v14nspe.pdf. Acesso em: 18 jul. 2023.

197 ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, abr. 2010. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/12626. Acesso em: 4 jul. 2023.

198 PEÑA, Leomar José Montilla. O tratado de documentação de Paul Otlet: uma exposição metacientifica. *Biblios*, Lima (Peru), n. 51, p. 57-69, 2013. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/64288. Acesso em: 20 jul. 2023.

199 SANTOS, Paola. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 36, n. 2, p. 54-63, maio/ago. 2007. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/21279. Acesso em: 12 jul. 2023.

200 SILVA, Camila Mariana A.; BRITO, Marcílio; ORTEGA, Cristina. Dotta. Documento, documentação, documentologia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 240-253, 2016. Disponível em:

https://brapci.inf.br/index.php/res/v/37998. Acesso em: 20 jul. 2023.

Livro

201 BRADFORD, S. C. *Documentação*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1953.

202 BRIET, Suzanne. *Qu’est-ce que la documentation?* Paris: Édit - Éditions Documentaires Industriales et Techniques, 1951. Disponível em: http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

203 ______. *O que é a Documentação?* Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016. Disponível em: https://archive.org/details/OQueADocumentaoParapublicar/page/n1/mode/2up. Acesso em: 2 jul. 2023.

204 COBLANS, Herbert. *Introdução ao estudo de Documentação*. Rio de Janeiro: D.A.S.P., 1957. (Ensaios de Administração, n. 8).

205 FAYET-SCRIBE, Sylvie. *Histoire de la documentation en France*: culture, science et technologie de l'information, 1895-1937. Paris: C.N.R.S. Éditions, 2000. Disponível em: https://books.openedition.org/editionscnrs/8548. Acesso em: 2 jul. 2023.

206 FONSECA, Edson Nery da. *Problemas brasileiros de Documentação*. Brasília, DF: IBICT, 1988. Disponível em: http://livroaberto.ibict.br/handle/1/764. Acesso em: 17 jul. 2023.

207 HAUPTMAN, Robert. *Documentation*: A History and Critique of Attribution, Commentary, Glosses, Marginalia, Notes, Bibliographies, Works-Cited Lists, and Citation Indexing and Analysis. McFarland: McFarland & Company, 2008.

208 LASSO DE LA VEGA, Javier. *Manual de Documentación*. Madrid: Editorial Labor, 1969.

209 LITTON, Gaston. *La Documentación*. Buenos Aires: Bowker Editores Argentina, 1971.

210 LÓPEZ YEPES, José. *Teoría de la documentación*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1978. Disponível em: https://books.google.com.cu/books?id=5KUaAAAAMAAJ&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 2 jul. 2023.

211 OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; MELLO E SILVA, Maria Celina Soares de (org.). *Gestão de documentos e acesso à informação*: desafios e diretrizes para as instituições de ensino e pesquisa. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. Disponível em: http://site.mast.br/encontro_arquivos_cientificos/pdf/setimo_encontro_de_arquivos_cientificos.pdf. Acesso em: 2 jul. 2023.

212 OLIVEIRA, Mário Mendonça de. *A Documentação como Ferramenta de Preservação da Memória*: Cadastro, Fotografia, Fotogrametria e Arqueologia. Brasília, DF: IPHAN, 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/CadTec7_DocumentacaoComoFerramenta_m(2).pdf. Acesso em: 2 jun. 2023.

213 OTLET, Paul. *Traité de Documentation*: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934. Disponível em: https://archive.org/details/OtletTraitDocumentationUgent/page/n29/mode/2up. Acesso em: 8 jul. 2023. Tradução em português da obra de Paul Otlet também está disponível no repositório da UnB em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32627/1/LIVRO_TratadoDeDocumenta%C3%A7%C3%A3o.pdf.

214 ______. *Les sciences bibliographiques et la documentation*. Bruxelles: Institut International de Bibliographie, 1903.

215 ROBREDO, Jaime. *Documentação de hoje e de amanhã*. 4. ed. Brasília, DF: Thesaurus, 2005.

216 SHERA, Jesse. *Documenting and the Organization of Knowledge*. Handem: Archon Books, 1966. Disponível em: https://archive.org/details/documentingorgan0000jess/page/n5/mode/2up. Acesso em: 12 jul. 2023.

217 WRIGHT, Alex. *Cataloging the World*: Paul Otlet and the Birth of the Information Age. Oxford: New York: OUP USA, 2014. Disponível em: https://archive.org/details/catalogingworldp0000wrig. Acesso em: 20 jul. 2023.

218 ZAHER, Celia. *Introdução à documentação*. Rio de Janeiro: IBICT, 1967. Disponível em: http://livroaberto.ibict.br/handle/1/449. Acesso em: 14 jul. 2023.

Sítio Web

219 BLANQUET, Marie-France. *L'homme qui voulait classer le monde*. Paris: Savoirs CDI, Déc. 2006. Disponível em: https://stph.scenari-community.org/contribs/doc/fdl/otl2/co/otl2.html. Acesso em: 13 jun. 2023.

220 OCHANDO, Manuel Blázquez. *Historia de la Ciencia da la Documentación*. Madrid, nov. 2014. Disponível em: http://ccdoc-histccdocumentacion.blogspot.com.br/. Acesso em: 12 jun. 2013.

221 OTLET, Paul. Documentos e Documentação: (Introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal, realizado em Paris, em 1937). Rio de Janeiro: BITI, [2015?]. Disponível em: http://www.conexaorio.com/biti/otlet/. Acesso em: 14 jun. 2023.

222 STANESCU, Chantal. *Paul Otlet et la bibliologie*. Paris: BBF, [2010]. Disponível em: https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2010-03-0088-007. Acesso em: 12 jun. 2023.

223 SWIMM. *What is documentation & how it can transform your organization*. [New York], 2023. Disponível em: https://swimm.io/learn/what-is-documentation/what-is-documentation-how-it-can-transform-your-organization/. Acesso em: 20 jun. 2023.

224 WOLFRAM ALPHA LLC. *Timeline of Systematic Data and the Development of Computable Knowledge*. [London], 2023. Disponível em:

https://www.wolframalpha.com/docs/timeline/computable-knowledge-history-5.html. Acesso em: 16 jun. 2023.

Em 1995, o Harrod's Librarians' Glossary[77] apresentou o verbete *Bibliometrics* (bibliometria) da seguinte forma: “a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos ao estudo do uso feito de livros e outras mídias dentro e entre sistemas de bibliotecas”.

De acordo com o glossário da ALA[78], *Bibliometrcs* se refere ao uso de métodos estatísticos e matemáticos para estudar e identificar padrões no uso de materiais e serviços de informação dentro de uma biblioteca bem como para a análise do processo de um corpo documental específico de literatura.

Na primeira designação, bibliometria é uma aplicação bibliotecária para medir o uso de recursos bibliográficos no âmbito das coleções de bibliotecas.

Na segunda, os métodos bibliométricos podem ser empregados por pesquisadores para avaliação e determinação da influência de um único escritor em seu campo científico, por exemplo, ou para descrever a relação entre dois ou mais escritores ou obras (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2013, p. 30).

---

[77] HARROD'S librarians' glossary (1995, p. 63, tradução nossa).
[78] ALA (2013, p. 30, tradução nossa).

Mugnaini (2013) assinala que o interesse pela mensuração da produção científica se tornou parte das atividades científicas de pesquisadores brasileiros. No entanto, essa atividade era atribuída a bibliotecários, ou conduzida por alguns cientistas limitando-se à pesquisa bibliográfica sobre temas de interesse ou sobre o processo de comunicação científica.

Tais explicações, embora operacionais, fazem parte de um *cluster* metodológico de múltiplas possibilidades de *métricas* para lidar com a diversidade do conhecimento registrado, relacionado de modo geral, com as informações que se interessam pesquisadores, cientistas, comunidades de práticas e órgãos governamentais.

Contudo, a mensuração quantitativa da informação deveria atender a objetivos de investigações bibliográficas cujos resultados também fornecem a noção de controle bibliográfico sobre a literatura acumulada nos mais diversos ramos dos saberes, sistemas e serviços de informação, agências bibliográficas, centros de documentação, pois:

> os cientistas, no seu esforço para fazer avançar a ciência, necessitam ter acesso constante ao conhecimento

> já registrado e, nesse processo, farão referência em seus próprios trabalhos às ideias ou resultados de pesquisas de autores que os precederam[79].

Gary, Gary e Barker (2005, p. 1, tradução nossa) apresentam a seguinte definição: "bibliometria é um campo de pesquisa que examina corpos de conhecimento dentro e entre disciplinas".

Nesse conceito, o componente fundamental para estudos em bibliometria é, em geral, a análise de citações que é sedimentada pela avaliação quantitativa dos padrões de citação no plano de uma determinada literatura.

Nas últimas cinco décadas, a análise de citações tem sido usada para examinar a quantidade e o impacto do trabalho intelectual comunicado de indivíduos e instituições acadêmicas (MUGNAINI, 2013; URBIZAGASTEGUI, 2016).

Uma vez que a comunicação científica por meio de periódicos científicos é a forma mais utilizada pelos cientistas para divulgar os resultados de suas pesquisas, as publicações de maior prestígio em um determinado campo são aqueles que recebem o

---

[79] (STORER, 1966 apud MUELLER, 1995, p. 64). Fonte: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38313/29849

maior número de artigos buscando publicação (ALVARADO-URBIZAGASTEGUI, 1984, p. 92).

Mas, no campo científico também é preciso prevalecer a visibilidade do documento publicado. Por exemplo, os artigos publicados são recolhidos e indexados em bases de dados bibliográficos especializadas e, por múltiplas razões, estas bases de dados nunca se tornam exaustivas nem capazes de indexar tudo o que é publicado numa região ou país (URBIZAGASTEGUI, 2016, p. 52, tradução nossa).

Nesse contexto, tem-se a aparição de termos relacionados à quantificação lógica de grandes volumes de dados e talvez seja isso a causa possível da polifonia de entendimentos sobre mensuração da informação, por exemplo: bibliografia estatística, bibliometria, cienciometria ou cientometria, infometria, e recentemente, webometria.

Destacando algumas causas, a primeira, talvez a mais antiga, decorre da influência anglo saxônica sobre países de língua latina, em um processo de internacionalização da recente ciência da informação, recriada pelos seus membros no afã por status científico próprio (FONSECA, 1973).

A segunda explicita a própria indefinição do que se pode entender por documento ou informação,

principalmente quando a Web desloca atenções sobre mensuração da ciência, compreendida como processo de informação e sua comunicação.

Em relação à primeira, Fonseca (1973) esclarece os equívocos cometidos por alguns influentes saxões no campo da ciência da informação.

Fonseca (1973, p. 5) se refere à influência internacional a título de ignorância saxônica em relação às línguas neolatinas por parte de escritores anglo-saxões, tal como o destaque relativo à omissão de Bradford quando este deixou de mencionar "os brasileiros que contribuíram para a consolidação do Instituto Internacional de Bibliografia", em Bruxelas.

O termo *bibliometria* cuja denominação é atribuída a Pritchard (1969) é também um exemplo disso. Sen (2015, p. 222) aponta que o termo *bibliometrie* foi registrado por Paul Otlet (1934) no seu livro '*Traitée de Documentation. Le Livre sur le Livre. Theorie et Pratique*, no capítulo 24 intitulado: *Le Livre et la Mesure. Bibliometrie*.

Fonseca (1973) aponta também quatro inexatidões no texto de Pritchard (1969), dentre as quais a que omite que o termo '*bibliografia estatística'* foi cunhado por Hulme (1923) e utilizado

pela segunda vez por Paul Otlet (1934) e pela terceira vez por Zoltowski (1955).

Segundo Fonseca (1973, p. 6), Pritchard (1969) discorre sobre o método estatístico ao livro como tivesse sido uma redescoberta feita por outro norte-americano em texto sobre obsolescência de títulos de livros. No entanto, a literatura internacional sobre *bibliometria* traz rotineiramente o apontamento de que o termo foi introduzido por Pritchard (WOLFGANG, [2017]).

Desde a denominada crise dos periódicos, entre os anos 1970 e 1980, a mensuração estatística da informação têm lidado com a sobrecarga da informação, com os custos da informação, seus sistemas, seu peso nas tomadas de decisões e com o movimento crescente de acesso aberto às publicações científicas.

Interesses em saber sobre aspectos intelectuais, materiais, editoriais, informativos, documentais, estatísticas de uso da informação, no comportamento de seu uso por comunidades de informação e crescimento ou obsolescência das ciências se tornaram objetos inerentes às análises bibliométricas.

Se o termo *bibliometria* abrange a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos a livros e outros meios de comunicação intelectual, Nalimov e Mulchenko (1969) definiram a *cienciometria* como a aplicação desses métodos quantitativos que lidam com a análise da ciência vista como um processo de informação.

De acordo com essas interpretações, a cienciometria é restrita à medição da comunicação científica, enquanto a bibliometria é projetada para lidar com processos de informação mais amplos.

De qualquer forma, as fronteiras confusas entre as duas especialidades quase desapareceram durante as últimas três décadas, e hoje em dia ambos os termos são usados quase como sinônimos.

O termo *infometria* (GORKOVA, 1988) representa um subcampo mais geral da ciência da informação que trata da análise matemático-estatística dos processos de comunicação na ciência.

Em contraste com a definição original de bibliometria, a *infometric* também lida com mídia eletrônica e inclui tópicos como a análise estatística dos sistemas de texto e de hipertexto, medidas de informação em bibliotecas eletrônicas, modelos

quantitativos para processos de produção de informação e recuperação da informação.

Em sua resenha intitulada "Biblio-, sciento-, in-metrics? Sobre o que estamos falando?", Brookes (1990) forneceu uma visão interessante sobre a origem e os contextos dessas métricas da ciência, literatura e informação em geral.

Para ele, o escopo das áreas de pesquisa bibliométrica é muito mais amplo do que as usuais, e assim integra todas as orientações existentes atualmente, como aplicações à política científica e para a recuperação de informações (ARAÚJO, 2006).

Conforme sua abordagem, a bibliometria inclui "todos os aspectos quantitativos e modelos de comunicação científica, armazenamento, disseminação e recuperação de informação científica" (WORMELL, 1998, p. 211).

A definição de Gloria Carrizo-Sainero (2000) considera a bibliometria como o conjunto de conhecimentos metodológicos que servirá para a aplicação de técnicas quantitativas, a fim de avaliar os processos de produção, comunicação e uso da informação científica.

Seu objetivo é contribuir para a análise e avaliação da ciência e pesquisa. Com o *Big Data* e

com as tecnologias de *machine learning*[80] tem-se percebido crescente número de estudos que visam contextualização de dados como tarefa em ciência de dados (*Data Science*), envolvendo, por exemplo, aprendizado de máquinas, estatística aplicada, econometria, reconhecimento de imagens, sistemas de recomendação, busca na Internet, tecnologia *blockchain* e criptomoedas.

No fluxo de dados na Web, quando se considera o objetivo de extração de conhecimento, isso sugere que o panorama de comportamento, consumo, opiniões e atitudes dos usuários na rede pode gerar análises em *webometria*.

Segundo Bufrem e Prates (2005, p. 12), as leis bibliométricas podem ser assim relacionadas: a) à produtividade científica (Lei de Lotka), b) à dispersão da produção científica (Lei de Bradford), c) à ocorrência de palavras no texto (Lei de Zipf).

Para essas autoras, as aplicações originais "foram cedendo lugar a modificações e incorporações, estruturaram-se em corpo teórico que

---

[80] *Machine Learning* é o termo em inglês para a tecnologia conhecida no Brasil como aprendizado de máquina, apoiado na capacidade de os computadores aprenderem de acordo com as respostas esperadas por meio associações de diferentes dados. Fonte: ALECRIM, Emerson. *Machine learning*: o que é e por que é tão importante. [*S.l.*]: Tecnoblog, 2020. Disponível em: https://tecnoblog.net/247820/machine-learning-ia-o-que-e/. Acesso em: 12 jul. 2023.

justificou o status de ciência ao conjunto de conhecimentos que então se configurava em torno do objeto informação" (BUFREM; PRATES, 2005, p. 12).

A lei de Bradford, descrita pela primeira vez por Samuel C. Bradford em 1934, estima os retornos exponencialmente decrescentes da busca por referências em revistas científicas.

Armado com essa ideia e inspirado pelo famoso artigo de Vannevar Bush, '*As We May Think*', Eugene Garfield, do Institute for Scientific Information, nos anos 1960, desenvolveu um índice abrangente de como o pensamento científico se propaga.

Seu Science Citation Index (SCI) teve o efeito de tornar mais fácil identificar exatamente quais cientistas e suas publicações tiveram impacto, e em quais periódicos isso ocorreu (WOLFGANG, [2017]).

O resultado disso é a pressão sobre os cientistas para publicar nos melhores periódicos e a pressão sobre as universidades para garantir o acesso a esse conjunto principal de periódicos (VILAÇA, 2018).

Por outro lado, o conjunto de *periódicos centrais* pode variar mais ou menos fortemente com os pesquisadores individuais, e ainda mais fortemente ao longo de divisões de escolas de

pensamento (GINGRAS, 2016) e que pode ser avaliado pelos índices de citação.

Um índice de citação é um tipo de índice bibliográfico, isto é, um índice de citações entre publicações que permite ao pesquisador ou ao bibliógrafo estabelecer facilmente quais documentos posteriores citam quais documentos anteriores.

Uma forma de índice de citação é encontrada pela primeira vez na literatura religiosa hebraica do Século XII. Índices de citação já foram encontrados no século XVIII e popularizados por citadores como o Shepard's Citations (1873) (WOLFGANG, [2017]).

Em 1960, o Instituto de Informação Científica (ISI) de Eugene Garfield, introduziu o índice de citação de trabalhos publicados em revistas acadêmicas, primeiro o Science Citation Index (SCI) e mais tarde o Social Sciences Citation Index (SSCI) e o Arts and Humanities Citation Index (AHCI).

A primeira indexação automática de citações foi feita pela CiteSeer em 1997 (WOLFGANG, [2017). Outras fontes para esses dados incluem o Google Scholar e o Scopus, da empresa Elsevier.

Artigo

225 ALVARADO-URBIZAGASTEGUI, Ruben. A bibliometria no Brasil. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 13, n. 2, jul./dez. 1984. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/18014. Acesso em: 29 jul. 2023.

226 ARABIDIAN, Lizandra Veleda; CADEMARTORI, Cristina Vargas; BENEDUZI, Anelise. Estudo bibliométrico da produção científica sobre a temática “preservação documental dos acervos em bibliotecas”. *Biblos*, Rio Grande, v. 34, n. 01, p. 79-94, jan./jun. 2020. Disponível em: https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/10950. Acesso em: 13 jul. 2023.

227 ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/10124. Acesso em: 29 jul. 2023.

228 BUFREM, Leilah; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. *Revista Ciência da Informação, Brasília*, DF, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1086/1190. Acesso em: 13 jul. 2023.

229 CARVALHO, Maria de Lourdes Borges de. Índice de citações: uma revisão de literatura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 207-217, set. 1973. Disponível em:

http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/71154. Acesso em: 30 jul. 2023.

230 CÉNDON, Beatriz Valadares; MATTOS, Max Cirino. Análise automática de citações disponíveis em arquivos XML da SciELO: o periódico “Perspectivas em Ciência da Informação” em números. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 156-170, jan./mar. 2015. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33197. Acesso em: 20 jul. 2023.

231 FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia Estatística e Bibliometria: Uma Reivindicação de Prioridades. *Revista Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. l, p. 5-7, 1973. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/19/19. Acesso em: 22 jul. 2023.

232 GARFIELD, Eugene. The evolution of the Science Citation Index. *International Microbiology*, [Barcelona], v. 10, p. 65-69, 2007. Disponível em: http://garfield.library.upenn.edu/papers/barcelona2007a.pdf. Acesso em: 24 jul. 2023.

233 NICOLAISEN, Jeppe; HJØRLAND, Birger. Practical potentials of Bradford's law: a critical examination of the received view. *Journal of Documentation*, London, v. 63, n. 3, p. 359-377, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1108/00220410710743298. Acesso em: 25 jul. 2023. Artigo também disponível em: https://www.researchgate.net/publication/243464364_Practical_potentials_of_Bradford%27s_law_A_critical_examination_of_the_received_view.

234 PINTO, Maria João; FERNANDES, Sofia. New questions arise: are bibliometrics indicators adequate for evaluation the scientific production of Social Sciences and Humanities? *Qualitative & Quantitative Methods in Libraries Journal*, Athens, Special issue, p. 161-169, Jan. 2015. Disponível em: http://www.qqml.net/index.php/qqml/article/view/372 . Acesso em: 25 jul. 2023.

235 PRITCHARD, Adrian. Statistical bibliography or bibliometrics? *Journal of Documentation*, London, v. 25, n. 4, p. 348-349, 1969.

236 QUEMEL, Maria Angélica Rodrigues *et al.* A dispersão de artigos sobre a lei da dispersão de Bradford: análise bibliométrica. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 13, n. ¾ , p. 157-166, jul./dez. 1980. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/18222. Acesso em: 21 jul. 2023.

237 SEN, B. K. Ranganathan’s contribution to bibliometrics. *Annals of Library and Information Studies*, New Delhi, v. 62, n. 4, p. 222-225, Dec. 2015. Disponível em: https://nopr.niscair.res.in/bitstream/123456789/33715/4/ALIS%2062(4)%20222-225.pdf. Acesso em: 2 ago. 2023.

238 SHAPIRO, Fred R. Origins of Bibliometrics, Citation Indexing, and Citation Analysis: The Neglected Legal Literature. *Journal of the American Society of Information Science*, [Chapel Hill], v. 43, n. 5, p. 337-339, June 1992.

239 SINGH, Kunwar; RANJAN, Abhishek; RAI, Somesh. Information Visualization Research Publications during 1990-2018: A Scientometric

Analysis. *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n.3809, p. 1-13, Winter 2019. Disponível em: https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/3809/. Acesso em: 2 ago. 2023.

240 THAVAMANI, Kotti. Analysis of Literature on Dengue: A Bibliometric Study. *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n.1907, p. 1-19, Fall 2018. Disponível em: https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/1907/. Acesso em: 1 ago. 2023.

241 URBANO SALIDO, Cristóbal. El análisis de citas en trabajos de investigadores como método para el estudio del uso de información en bibliotecas. *Anales de Documentación*, Murcia, v. 4, p. 243-266, ene. 2001. Disponível em: http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/2281/2271. Acesso em: 1 ago. 2023.

242 URBIZAGASTEGUI, Ruben. La Bibliometría, Informetría, Cienciometría y otras "Metrías" en el Brasil. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 51-66 , set./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n47p51. Acesso em: 5 ago. 2023.

243 VANTI, Nadia. A cientometria revisitada à luz da expansão da ciência, da tecnologia e da inovação. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 5, n. 3, p. 5-31, 2011. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81850. Acesso em: 30 jul. 2023.

244 WORMELL, Irene. Informetria: explorando bases de dados como instrumentos de análise. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 27, n. 2, p. 210-216, maio/ago. 1998. Disponível em:

https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/805. Acesso em: 28 jul. 2023.

Livro

245 FONSECA, Edson Nery da (org.). *Bibliometria*: teoria e prática: textos de Paul Otlet, Robert Estivais, Victor Zoltowski, Eugene Gartield. São Paulo: Cultrix, 1986.

246 GARY, Holden; GARY, Rosenberg; BARKER, Kathleen (ed.). *Bibliometrics in social work*. New York: Haworth Social Work Practice Press, 2005. Disponível em: https://archive.org/details/bibliometricsins0000unse/page/n17/mode/2up. Acesso em: 1 ago. 2023.

247 GINGRAS, Yves. *Os desvios da avaliação da pesquisa*: o bom uso da Bibliometria. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2016.

248 HULME, Edward Wyndham. *Statistical bibliography in relation to the growth of modern civilization*: two lectures delivered in the University of Cambridge in May, 1922. London: Hulme, 1923. Disponível em: https://archive.org/details/statisticalbibli00hulmuoft. Acesso em: 16 jul. 2023.

Sítio Web

249 CENTRE FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY STUDIES. Quantitative Science Studies. Leiden, 2020. Disponível em: https://www.cwts.nl/research/research-groups/quantitative-science-studies. Acesso em: 4 ago. 2023.

250 MUGNAINI, Rogério. *40 anos de Bibliometria no Brasil*: da bibliografia estatística à avaliação da produção científica nacional. [*S.l.*]: ResearchGate, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262048420_40_anos_de_Bibliometria_no_Brasil_da_bibliografia_estatistica_a_avaliacao_da_producao_cientifica_nacional. Acesso em: 26 jul. 2023.

251 WEB OF SCIENCE GROUP. [*S. l.*]: *Master Journal List*, [2018]. Disponível em: http://mjl.clarivate.com/. Acesso em: 30 jul. 2023.

252 WOLFGANG, Glänzel. *A Concise Introduction to Bibliometrics & its History*: The origin of the term "Bibliometrics". Lovaina: ECOOM, [2017]. Disponível em: https://www.ecoom.be/en/research/bibliometrics. Acesso em: 21 jul. 2023.

CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO

«*O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio*[81]»
- Jacques Le Goff, 1996.

Por décadas, o termo *documentação* tem sido amplamente aplicado e tem diferentes significados dependendo do contexto em que vários profissionais o empregam.

Em algumas partes do mundo, a menção da palavra *documentação* traz diretamente à mente uma coleção de documentos (GUZMAN; VERSTAPPEN, 2003, p. 6).

Este significado tende a dar importância ao conjunto real ou coleção de documentos em posse de alguém ou de alguma organização (GUZMAN; VERSTAPPEN, 2003, p. 6).

O termo é usado neste sentido, por exemplo, quando se refere a um centro como uma organização possuidora de extensa documentação sobre um assunto ou um contexto abrangente de uso de

[81] LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In*: ______. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996. p. 535.

informação que tem sob sua guarda uma massa documental.

Nessa direção, por centro de documentação, compreende-se a instituição que por meio de seus acervos e organização da informação permite gerar serviços organizados de fornecimento de documentos a determinados públicos, internos e externos às instituições.

Em relação ao trabalho do documentalista, a *Documentação* tem se mostrado uma insistente inquietude profissional cujo desenvolvimento futuro depende de muitos fatores, alguns previsíveis outros não (LITTON, 1971).

Um desafio evidente é o trabalho dos documentalistas no processo de adquirir e classificar por assunto todos os registros a fim de torná-los conhecidos e sob o alcance dos pesquisadores (BRADFORD, 1950).

Outro diz respeito a organização e manutenção de centros de documentação que por muitos exemplos assistimos serem suspensos, por vezes, em função de restrições orçamentárias e de fatores externos à instituição, tais como: acidentes naturais, guerras e censura.

Esse cenário reflete o que advertiu Litton (1971, p. 39) sobre a necessidade de organização para o trabalho e institucionalização da documentação:

> a documentação é, na melhor das hipóteses, uma ciência nascente. Os esforços para desenvolver documentação científica até agora têm sido provisórios e dispersos, e os resultados refletem com precisão o suporte que, por sua vez, tem sido precário e disperso.

Sob uma visão sistêmica, Paul Otlet observou operacionalmente o trabalho bibliográfico para o documento, isoladamente, e ao seu conjunto como objeto de um ciclo de operações conexas a processos interdependentes:

> Todo documento é o resultado de múltiplas operações e combinações. Na sua elaboração são aproveitados todos os estágios do processo de documentos anteriores para prolongá-los em novos documentos; todos os elos das cadeias são interdependentes e solidários. Sob um primeiro aspecto, o documento existe de per si, nele próprio encontra seu fim; porém, sob um segundo aspecto, é parte da totalidade documental. Assim, às operações de

> redução, impressão e edição sucedem-se as operações complementares de bibliografia (catalografia), de inserção nas coleções, de dissecação do conteúdo do documento e sua posterior inclusão nos arquivos, de coordenação dos dados a serem distribuídos por seus respectivos conjuntos. O estabelecimento de ligações entre estas operações trará o auxílio de umas à realização das outras. (OTLET, 1937)[82].

Nessa perspectiva, para a documentação, as etapas do trabalho documental, em diferentes âmbitos de divisão e processos de organização, são dependentes entre si e devem, como instruiu Paul Otlet (1937), contar com que as regras documentais constituam uma unidade, sendo cada uma delas regida pelas outras.

E de tal modo que concepção, organização e disponibilidade dos documentos sejam os eixos nos processos que constituem os sistemas de informação, em sua função elementar de fornecimento de informação, preferencialmente, relevante e pertinente, à sua audiência.

---

[82] Introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal, realizado em Paris, em 1937. Trad. Hagar Espanha Gomes. Disponível em: http://www.conexaorio.com/biti/otlet/#S. Acesso em: 22 jul. 2023.

Sejam eles sistemas automatizados ou tradicionais, comumente, denominados na atualidade como serviço de informação ou centro de informação, formam os organismos de documentação que colecionam os documentos que organizam e divulgados pela organização documentária em atendimento à sociedade.

Para Otlet (1934, p. 7, tradução nossa), organismos documentários são centrais para as atividades de documentação. Estes podem ser toda instituição que tenha por função a salvaguarda de coleções de livros, documentos e repertórios sob sua responsabilidade, organizados para atendimento à pesquisa e à elaboração de trabalhos intelectuais (OTLET, 1934, p. 7-8, tradução nossa).

Para Otlet (1934), os objetivos da documentação evidenciam o trabalho documental num contexto sistêmico orientado pelo conteúdo e na informação fornecida. Os resultados de processos de sua organização podem ser alcançados pelos organismos documentários: agências locais ou nacionais, institutos ou centro de documentação e pesquisa.

Centrados na entrega da informação, a documentação organizada se fundamenta na busca

por universalização do conhecimento pelo compartilhamento livre de barreiras.

Os resultados dos processos documentais devem expressar antecipação e preparação das informações a serem identificadas e estas devem ser colocadas à disposição do maior número possível de pessoas.

Também devem cobrir qualquer assunto de interesse à comunidade de informação que atendem, de modo que, o que já estiver documentado garanta ao sistema e aos seus consulentes: informações atualizadas, corretas, completas, fáceis de serem obtidas, sintetizadas de modo que possam oferecer rapidez de pesquisa ao consulente (OTLET, 1934, p. 6).

Para tanto, o efeito de eficiência que se espera do trabalho documental dos centros de documentação pode ser alcançado pela combinação das partes do processo de organização que se mesclam e têm por finalidade a entrega da informação ao seu usuário.

Otlet (1934, p. 6-7) aponta para as partes compreendidas pela documentação:

a) os documentos que formam os registros de informação, ideias e fatos, sob alguma organização lógica em sua linguagem e estrutura;

b) as coleções dos documentos conservados sob adequação de armazenamento e preservação;

c) o trabalho bibliográfico, tendo como sua expressão a bibliografia, para a organização bibliográfica de descrição e classificação dos documentos;

d) o arquivo documentário que mediante técnicas que favoreçam a consulta rápida se constitui do recorte de conteúdos e elementos das publicações, segundo uma ordem diferente permite formar conjuntos que tratem sobre as mesmas questões de algum assunto;

e) o arquivo administrativo que compreende todo documento, administrativo e de apoio aos processos, utilizado pelo organismo documentário de modo que possa oferecer de modo sintético informações sobre atividades do organismo, pessoas, assuntos e questões;

f) o arquivo histórico que possa com seu conjunto de documentos permitir reconstruir a memória administrativa das instituições;

g) registros do conhecimento não gráficos ou bibliográficos incluídos, como os de imagem em movimento (filmes, cinema, filmoteca), registros sonoros (fonógrafos, discos, discoteca);

h) coleções museográficas formadas por peças diversas que podem ser úteis para a Documentação;

i) a enciclopédia compreendida como livro universal em oposição ao livro específico, produzida pelo trabalho de codificação e coordenação de dados e fatos mediante sistema único e lógico.

Os centros de documentação devem executar operações inerentes à sua organização, como objetos

dos processos documentais, com objetivos de fornecimento de informações a variado tipo de audiência, geral ou especializada, interna ou externa, local, nacional ou internacional, empresarial ou governamental.

Em seu alcance geográfico, a coordenação da documentação nacional é correlata ao conjunto do sistema de controle documental do país do qual envolve bibliotecas, arquivos, museus etc.

Centro de documentação, de pesquisa, de distribuição de informação são alguns nomes dos quais um sistema documentário estrutura serviços e produtos para fornecimento de documentos.

Dentre eles, centros de documentação podem ofertar: serviços de referência, serviços de alertas, disseminação seletiva da informação, acesso a bases de dados nacionais e internacionais, bibliografias, análises bibliométricas, estatísticas, tradução de textos, resenhas e serviços de indexação e resumo de modo corrente e personalizados.

Artigo

253 BOTELHO, Tânia Mara Guedes. A Documentação como sistema. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 2, n. 1, p. 57-70, 1974. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/28603. Acesso em: 14 jul. 2023.

254 CASTRO, Renata Brião de; GASTAUD, Carla Rodrigues. O que são centros de documentação? O caso do Centro de Documentação do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 263-282, maio/ago. 2017. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818372017263. Acesso em: 15 jul. 2023.

255 CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega. Bibliotecas especializadas, Centros de Documentação, Centro de Análise da Informação: apenas uma questão de terminologia? *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 218-241, set. 1978. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/77414. Acesso em: 10 jul. 2023.

256 EVARISTO, Márcia de Figueiredo. Sistemas nacionais de acesso ao documento: um modelo para o Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 10, n. 1, p. 19-32, 1982. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/70618. Acesso em: 26 jul. 2023.

257 HEDSTROM, Margaret *et al.* On the LAM: Library, Archive, and Museum Collections in the

Creation and Maintenance of Knowledge Communities. *Organisation for Economic Cooperation and Development*, Paris, 2004. Disponível em: http://www.oecd.org/edu/innovation-education/32126054.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

258 JACKSON, Willian V. Um plano nacional para Desenvolvimento de Bibliotecas e Centros de Documentação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 2, n. 1, p. 23-42, mar. 1973. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/72920. Acesso em: 19 jul. 2023.

259 ROBREDO, Jaime.; BOTELHO, Tania Mara; CUNHA, Murilo Bastos da. Problemas de implantação de serviços de informação em países em desenvolvimento. *Transinformação*, Campinas, v. 2, n. 2/3, p. 15-32, maio/dez. 1990. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1664/1635. Acesso em: 29 jul. 2023.

260 VIDOTTI, Carlos C. F. *et al*. Sistema Brasileiro de Informação sobre Medicamentos – SISMED. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p.1121-1126, out-dez, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/csp/v16n4/3615.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

Livro

261 BEAUDIQUEZ, Marcelle. *Bibliographical services throughout the world,1975-1979*. Paris: Unesco, 1984. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373648. Acesso em: 3 jun. 2023. Para consulta ao livro, a

Unesco recomenda enviar mensagem para: library@unesco.org and archives@unesco.org.

262 ______. *Les service bibliographiques dans le monde 1965-1969*. Paris: Unesco, 1972. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373648. Acesso em: 3 jun. 2023. Para consulta ao livro, a Unesco recomenda enviar mensagem para: library@unesco.org and archives@unesco.org.

263 GUZMAN, Manuel; VERSTAPPEN, Bert. *What is documentation*. Versoix: HURIDOCS, 2003. v. 2. Disponível em: https://huridocs.org/wp-content/uploads/2020/12/whatisdocumentation-eng.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.

264 LOPES, Aline; PIMENTA, Cristina (org.). *Como montar um Centro de Documentação*: democratização, organização e acesso ao conhecimento. Rio de Janeiro: ABIA, 2003. Disponível em: http://www.abiaids.org.br/_img/media/cedoc01.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

265 MUNDET-CRUZ, José Ramón. *Administración de documentos y archivos*: Textos fundamentales. Madrid: Universidad Carlos III, La Coordinadora de Asociaciones de Archiveros y Gestores de Documentos, 2011. Disponível em: https://e-archivo.uc3m.es/handle/10016/19730. Acesso em: 18 jul. 2023.

266 OTTO, Frank. *Modern documentation and information practices*: a basic manual. The Hague: International Federation for Documentation, 1961. Disponível em:

https://archive.org/details/moderndocumentat00fran/page/n7/mode/2up. Acesso em: 23 jul. 2023.

267 PENNA, Carlos Victor. *The planning of library and documentation services*. 2nd Ed. Rev. Paris: Unesco Press, 1970. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000093028. Acesso em: 26 jul. 2023.

268 SCHÜTZ, Harald (Dir.). *Function and organization of a national documentation centre in a developing country*. Paris: Unesco Press, 1975. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0001/000155/015576eo.pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

269 TESSITORE, Viviane. *Como implantar Centros de Documentação*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial, 2003. Disponível em: http://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf9.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

Sítio Web

270 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Arquivos & conceitos: órgãos de documentação. Porto Alegre, 29 jan. 2014. Disponível em: https://arquivopublicors.wordpress.com/2014/01/29/arquivos-conceitos-orgaos-de-documentacao/. Acesso em: 1 ago. 2023.

271 CENTRO de Documentação regional. Dourados: UFGD, [2012?]. Disponível em: http://portal.ufgd.edu.br/setor/cdr/index. Acesso em: 29 jul. 2023.

272 DEFENCE SCIENTIFIC INFORMATION & DOCUMENTATION CENTRE. *Historic Background*. New Delhi, 2020. Disponível em: https://www.drdo.gov.in/labs-establishment/historical-background/defence-scientific-information-documentation-centre-desidoc. Acesso em: 28 jul. 2023.

273 DOCUMENTATION AND INFORMATION CENTRE. Turin: United Nations Interregional Crime and Justice Research Institute, [2015?]. Disponível em: http://www.unicri.it/services/library_documentation/. Acesso em: 29 jul. 2023.

274 OTLET, Paul. *Documentos e Documentação*. Trad. de Hagar Espanha. Paris, 1937. Introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal, realizado em Paris, em 1937. *In*: Biblioteconomia, Informação & Tecnologia da Informação. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

http://www.conexaorio.com/biti/otlet/#S. Acesso em: 29 jul. 2023.

PESQUISAS BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

A *pesquisa bibliográfica* é um princípio do trabalho bibliográfico e é inerente ao método produtivo das tarefas e atividades da *bibliografia* e da *documentação* (KEMBELLEC, 2012).

Esse princípio envolve atividades que cobrem variados fenômenos relacionados com os sistemas de informação em seu processo de comunicação científica e de organização do conhecimento registrado (FONSECA, 1988).

Em termos de aplicação, igualmente à bibliometria, a pesquisa bibliográfica se constitui como método de análises que permite relações textuais, entre edições da mesma obra, descobertas relativas às obras antigas e modernas, recenseamento dos livros em sua totalidade e permite revelar movimentos culturais (ZOLTOWSKI, 1952), tecnológicos, políticos e econômicos no contexto da civilização moderna (HULME, 1923).

A pesquisa bibliográfica é uma resposta possível de como a atual civilização sistematizou, cada vez mais, as áreas do conhecimento, coletou os dados a elas associados, os tem conservado e os

tornou passíveis de automação pela computação, em sucessivas gerações de sistemas (WOLFRAM ALPHA LLC, 2023).

E mesmo diante da exposição excessiva à informação no Século XXI, a sobrecarga de informação conduz a humanidade à busca de significados pelo desejo de saber, da necessidade de informação e da premente utilização dos sistemas de recuperação da informação.

Na perspectiva da interação usuário com o sistema bibliográfico, diante da necessidade de informação em sua relação, por exemplo, com a competência informacional (MIRANDA, 2006), a pesquisa bibliográfica é fundamental para a comunicação científica (GÓMEZ, 2004), principalmente para os efeitos de seu crescimento e inventário.

A pesquisa bibliográfica se manifesta diante dos processos de inflação da informação e se debruça como um dos aspectos da transferência e necessidade de informação determinadas por sua aplicação e uso.

O termo explosão da informação concebia que o status exponencial do crescimento da literatura científica já se encontrava ou se tornaria

incontrolável (MUELLER; PASSOS, 2000), o que sugere que num processo de investigação científica, a pesquisa bibliográfica é a fase inicial em quaisquer tipos de estudos (MOREIRA, 2004).

De la Cuesta Benjumea (2017) relaciona a pesquisa bibliográfica como processo bibliográfico associado com outras fontes e indicações bibliográficas, como por exemplo, sítios na Web, encontros científicos e colégio invisível.

No contexto da Era Digital, Taurion (2013, não paginado) informa que há um crescente volume de dados circulando pelo mundo. Por exemplo, o próprio Google processa mais de 24 petabytes de dados por dia.

E isso se conecta ao *Big Data* como fenômeno do qual o valor não reside nos dados em si, em sua forma bruta, mas, nas etapas de seleção, processamento e análise que resultam na estruturação de dados, útil para determinadas comunidades de informação[83].

A despeito do contexto da sobrecarga da informação, a pesquisa bibliográfica está, em sua natureza, desprovida da noção de desorganização,

---

[83] LETOUZÉ, Emmanuel. *Big Data* e desenvolvimento: uma visão geral. *Panorama Setorial da Internet*, São Paulo, ano 10, n. 1, p. 1-11, maio 2018.

por ser uma atividade essencialmente planejada à luz do planejamento e organização bibliográfica.

Como processo, a pesquisa bibliográfica é a condutora do trabalho bibliográfico e da comunicação científica. Suas atividades estão conectadas com a produção, disseminação e uso da informação, desde o nascituro da investigação científica até o momento em que as ideias comunicadas alcancem o público a que se destinam.

Nesse sentido, por meio da pesquisa bibliográfica, pesquisadores têm a possibilidade de se extrair a qualidade desejada em meio a quantidade de ofertas de fontes de informação e de sua dispersão.

Isso corresponde a dizer que a procura de informações e a cópia de referências como ações embrionárias do trabalho científico não se traduzem em pesquisa bibliográfica (FONSECA, 1988), mas sim, em uma técnica dentro das etapas de pesquisas em andamento.

Pois, compreendida como método se destina à correta identificação de textos e seu estudo comparativo ou bibliométrico, tendo como alguns objetivos a comprovação ou retificação da história das ideias tanto pelo relacionamento entre

documentos citados bem como pelo recenseamento ideográfico, gerais ou especializadas, correntes ou retrospectivas (FONSECA, 1988, p. 220-221).

Para Marie-Odile (2020), a pesquisa bibliográfica não se limita a textos impressos, mas, a qualquer documento que seja relevante, tornando adequado denominar-se por pesquisa documental.

Nessa perspectiva, é uma abordagem sistemática, que consiste em identificar, recuperar e processar vários elementos (figuras, bibliografia, textos, imagens em movimento etc.) sobre um determinado assunto. Isto é, uma etapa para a identificação das informações em qualquer síntese sobre todos os assuntos.

Tendo como foco a relevância do documento, exige do pesquisador e do documentalista o perfeito conhecimento de múltiplas fontes de informação; domínio de recursos e estratégias de pesquisa e recuperação de informações.

São distintas as etapas necessárias para seu desenvolvimento, tais como: especificação de objetivos da pesquisa e formulação prévia da questão no momento de realização de buscas; definição de estratégias de pesquisa de acordo com as fontes consultadas, avaliação e seleção das referências

obtidas e priorização das informações e documentos coletados (MARIE-ODILE, 2020).

Em termos de método científico, convencionou-se a denominar pesquisa bibliográfica como atividade que pressupõe consultas a materiais bibliográficos, típicos de coleções de bibliotecas e para a pesquisa documental, a materiais típicos da documentação administrativa, museológica, arquivista, artística, jornalística etc.

Artigo

275 DE LA CUESTA BENJUMEA, Carmen de la. El valor de bibliografía en la investigación cualitativa. *Cultura de los Cuidados*, Alicante, v. 21, n. 48, p. 199-209, 2017. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/69276/1/CultCuid_48_22.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

276 DONATO, Helena; MARINHO, Rui Tato. Como Fazer Pesquisa Bibliográfica com Eficácia? As Estratégias do Push e Pull. *Acta Medica Portuguesa*, [Lisboa], v. ;26, n. 4, p. 471-475, 2013. Disponível em: http://www.actamedicaportuguesa.com/info/apresentacoes_simposio/03-Helena%20Donato_I-Simp.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

277 FULTON, J. F. The Principles of Bibliographic Citation: An Informal Discourse Addressed to Writers of Scientific Papers. *Bulletin of Medical Library Association*, Chicago, v. 22, n. 4, p. 183-197, Apr. 1934. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC234228/pdf/mlab00302-0013.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

278 GÓMEZ, Maria Nélida González de. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 33, n. 1, p. 55-67, jan./abril 2004. Disponível em: http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/249/1/NELIDACI2004.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

279 MIRANDA, Silvânia Vieira. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. *Revista Ciência*

da Informação, Brasília, DF, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

280 MOREIRA, Walter. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. *Janus*, Lorena, ano 1, n. 1, p. [19]-30, 2004. Disponível em: https://portais.ufg.br/up/19/o/Revis__o_de_Literatura_e_desenvolvimento_cient__fico.pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

Livro

281 BIBLARZ, Dora; BOSH, Stephen; SUGNET, Chris. *Guide to Library User Needs Assessment for Integrated Information Resource*: Management and Collection Development. New York: Scarecrow Press, 2001.

282 BUFREM, Leilah Santiago. *Pesquisas em Informação*: reflexões sobre o método. Curitiba: LUD, 2000.

283 CORDÓN GARCÍA, José Antonio; LOPEZ LUCAS, Jesus; VAQUERO PULIDO, José Raul. *Manual de investigación bibliográfica y documental*: teoría y práctica. Madrid: Pirámide, 2001.

284 DELGADO, Márcia Cristina. *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

285 FERRARI, Alfonso Trujilo. *Metodologia da ciência*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Kennedy Ed. e Distrib., 1974.

286 JIMÉNEZ-PLACER, Javier Lasso de la Vega. *Manual de documentación*: las técnicas para la investigación y redación de los trabajos científicos y de ingeniería. Madrid: Editorial Labor, 1969.

287 MENOU, Michel; GUINCHAT, Claire. *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*. 2. ed. Brasília, DF: IBICT, 1994. Disponível em: http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1007. Acesso em: 15 jul. 2023.

288 MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima (org.). *Comunicação científica*. Brasília, DF; Universidade de Brasília, 2000.

289 SAFON, Marie-Odile. *Sources d’information et méthodologie de recherche documentaire en santé*. Paris: Centre de documentation de l’Irdes, 2020. Disponível em: https://www.irdes.fr/documentation/documents/sources-d-information-et-methodologie-de-recherche-documentaire.pdf. Acesso em: 3 ago. 2023.

290 SUCH, Marie-France; PEROL, Dominique. *Initiation à la bibliographie scientifique*. Paris: Promodis-Editions du Cercle de la librairie, 1987. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10029494.texteImage. Acesso em: 25 jul. 2023.

Sítio Web

291 FUREDI, Frank. Information Overload or a Search for Meaning? *The American Interest*, [*S. l.*], 2015. Disponível em: http://www.the-american-interest.com/2015/12/17/information-overload-or-a-search-for-meaning/. Acesso em: 28 jul. 2023.

292 SCARPEL, Luciele Cristina Pelicioni. *Pesquisa científica*. São José dos Campos: Instituto Tecnológico de Aeronáutica, 2016. Disponível em: http://www.mec.ita.br/~cge/Acervo/PesquisaCientifica.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

293 UNIVERSITY OF TOLEDO. *Assessing an information need*. Toledo: Raymon H. Mulford library, [2015?]. Disponível em: https://www.utoledo.edu/library/mulford/pdf/assess.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

Recuperação de documentos é uma aspiração e necessidade das comunidades de informação ao longo do tempo. A diversidade de entendimentos que abarca lhe confere a preferência pela denominação atual '*recuperação da informação*'.

A popularização da ideia de recuperação da informação começou em 1945, a partir do artigo de Vannevar Bush, com o projeto Memex (LESK, 1996, p. 2).

A recuperação da informação teve sua fase inicial de pesquisa nos anos 1950 e início dos anos 1960; em seguida, "lutou para ser adotado na década de 1970, mas, nas décadas de 1980 e 1990, alcançou aceitação, pois os sistemas de pesquisa de texto livre continuaram a ser utilizados rotineiramente" (LESK, 1996, p. 1, tradução nossa).

Recuperação da informação reporta à ciência da computação cuja expressão foi cunhada por Calvin Mooers (1951, p. 51, tradução nossa) como o processo que "[...] engloba os aspectos intelectuais de descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas

ou máquinas empregados para o desempenho da operação”.

Essencialmente, a ideia de *recuperar* precipita-se de algum grau de incerteza de indivíduos diante de um universo de documentos disponíveis em um sistema: *como encontrar um documento se alguém nunca o viu antes?*

Cesarino (1985, p. 158) constata que *recuperar informação* é um processo que está na estrutura de utilidades dos sistemas de organização bibliográfica.

E como tal, *recuperação da informação* pode ser examinada em muitos campos de estudo: teoria da informação, canais de comunicação, seleção e aquisição de documentos, disseminação da informação, planejamento e avaliação de sistemas de informação etc. (CESARINO, 1985, p. 158).

Diante do fenômeno conhecido como *explosão da informação* que denota inflação crescente da informação, o conhecimento científico se tornou uma preocupação para suas comunidades cuja referência são os documentos que constituem a literatura científica.

Com base em sistemas de informação, o acesso ao documento, de modo rápido, preciso e contínuo,

tornou-se preponderante para o desenvolvimento das áreas do conhecimento (SERRAI, 1975).

E informação compreendida como mensagem é o que comunicam os documentos. E pode ser representada de tal modo a permitir a identificação de uma unidade ou de vários documentos que estejam conservados e de modo pré-estabelecido sob algum arranjo, levando à questão: *como alguém pode recuperar documentos de seu interesse?*

As propostas de recuperação mecanizada de informações atravessou o Século XX. Em vários momentos demonstrou limitações e foram pouco produtivas, pois a ênfase recaiu na máquina e não no aspecto humano, lógico, linguístico etc. (SHERA, 1973, p. 87).

Em parte, a natureza das próprias máquinas e o valor tecnocrata a elas dispensados não foram suficientes para enfrentar a sobrecarga da informação: o crescimento exponencial de documentos e assuntos e, da consequente, dispersão dos sistemas de informação[84].

Por outro lado, dos muitos modelos de vocabulários controlados, tentativas de aperfeiçoamento dos sistemas de classificação, de

[84] SHERA, Jesse H. Bibliographic management. *In*: BRENI. Vito J. (ed.). *Essays on bibliography*. Metuchen: Scarecrow, 1975. p. 167-175.

tesauros e tecnologias sofisticadas consubstanciaram estudos para equacionar o problema entre a informação relevante da não relevante para as comunidades de informação.

A ideia de que a recuperação é um processo de inferência ou raciocínio evidencial não é nova. Por exemplo, a relevância lógica de Cooper (1971) é baseada em relações dedutivas entre representações de documentos e necessidades de informação.

Nesse contexto, o assunto recuperação da informação pode ser apreciado como processo e, por esta razão, como sistema; isto é, como parte de um modelo de comunicação em cenários sociais, culturais, históricos (CESARINO, 1985, p. 159) e tecnológicos.

Cesarino (1985, p. 157) definiu sistemas de recuperação da informação como um conjunto de operações consecutivas para execução de tarefas de localização de conteúdo de interesse “dentro da totalidade de informações disponíveis, aquelas realmente relevantes”.

No plano do controle bibliográfico, o sistema de recuperação da informação abarca subsistemas, delineados em modelos dentre os quais, o que foi

proposto por Lancaster (1968) apresenta os seguintes componentes:

1) Seleção e aquisição dos documentos que farão parte do sistema bibliográfico;

2) Indexação que envolve processos de controle bibliográfico exploratório para a criação de vocabulário e termos utilizados no sistema;

3) Organização e manutenção dos arquivos que pressupõe atualização e desenvolvimento do sistema bibliográfico,

4) Interfaces de interação entre usuário e sistema de recuperação da informação.

Para a recuperação da informação ser factível, deve-se ter como referência à informação armazenada nos sistemas, disponível e potencialmente capaz de ser usada. No plano de interações com o sistema, a recuperação decorre das tarefas de usuário em encontrar informações, selecioná-las, acessá-las e usá-las.

Em geral, a avaliação de taxas de sucesso de recuperação da informação ocorre por medições estatísticas. A tensão entre análise estatística e análise de conteúdo intelectual tem se movido em direção a métodos puramente estatísticos (LESK, 1996).

No entanto, à medida que aprendemos a lidar com o texto, a ideia de recuperação da informação avançou para projetos de recuperação de som e imagem, juntamente com o fornecimento eletrônico de muitos materiais que circulam na rede (LESK, 1996).

As representações de rede têm sido utilizadas na recuperação de informações desde pelo menos o início dos anos 1960. As redes têm sido aplicadas para suportar diversas funções de recuperação, incluindo navegação, agrupamento de documentos, pesquisa de ativação de difusão, suporte para várias estratégias de pesquisa e representação do conhecimento do usuário e conteúdo do documento[85].

Até a computação ser desenvolvida na metade do século passado, a recuperação de documentos era altamente dependente de metadados – então chamados de registros – que podiam ser instalados em dispositivos como fichas ou catálogos de livros e fornecidos ao pesquisador para leitura[86].

---

[85] TURTLE, Howard; CROFT, W. Bruce. Inference Networks for Document Retrieval. *In*: ANNUAL INTERNATIONAL ACM CONFERENCE, 13th. 1989, New York. *Proceedings* [...]. New York: ACM, 1989. Disponível em: https://dl.acm.org/doi/pdf/10.1145/96749.98006. Acesso em: 11 jun. 2023.

[86] MCCALLUM, Sally H. A Look at New Information Retrieval Protocols: SRU, OpenSearch/A9, CQL, and XQuery. *In*: WORLD

Um sistema de recuperação da informação é em sua natureza um sistema de comunicação da informação cuja arquitetura deve buscar efeito de acesso ao conteúdo sob determinadas propriedades do sistema bibliográfico, dentre as quais, eficácia do sistema de recuperação da informação e relevância de resultados para os usuários.

A tarefa de recuperar informação lida com os processos de representação, armazenamento, organização e acesso ao sistema de informação, objetivando proporcionar ao usuário facilidades na obtenção da informação relevante (BAEZA-YATES; RIBEIRO NETO, 2013).

Tal noção de relevância é expandida à interação entre o sistema com seu usuário em contextos coletivos, onde grupos podem atribuir valor à informação recuperada para que dela possam fazer uso.

E em relação aos sistemas, usuários são centrais nos fluxos de organização da informação, onde as interações com o sistema de recuperação da informação são essenciais para a gestão de sistemas de informação.

LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS. 72., 2006, Seoul, Korea. *Proceedings* [...]. [*S.l.*]: IFLA, 2006. p. 1-8.

Os aspectos subjetivos dos usuários de informação determinam a formulação de termos para busca e a relevância atribuída às respostas recebidas na utilização de um sistema de busca.

Isso sugere que a avaliação da qualidade da informação recuperada pelo usuário em um sistema está conectada aos seus valores subjetivos e que determina sua percepção tanto acerca do sistema quanto da informação sob critérios como relevância e pertinência.

Os processos de recuperação da informação, embora aparentemente simples são óbvios ao acessar, por exemplo. o Google, mas, surpreendentemente complexos.

A recuperação de informações em um contexto aberto, como é o caso da Web, ainda é uma tarefa complexa para os modelos tradicionais de busca de informação, baseados em algoritmos de indexação de conteúdo (BAEZA-YATES; RIBEIRO NETO, 2013), de esquemas de classificação e políticas de indexação da informação (BRITO *et al.*, 2018).

A despeito dos softwares atuais de localização de informação, denominados motores de busca, possuírem número considerável de páginas indexadas para obtenção de resultados em resposta

às consultas dos usuários, podem não refletir as necessidades de acordo com os reais interesses de pesquisa dos consulentes.

Em geral, o emprego de técnicas de *Search Engine Optimization* (SEO) coloca vários *Websites* comerciais nas primeiras posições do ranking destes motores de busca, o que pode ser contrário ao interesse de um usuário que está interessado na parte técnica ou artística de um assunto, imprimindo, assim, sentidos de relevância[87].

Em contraste com o ambiente Web, a arquitetura digital de sistemas bibliográficos permite simplificar as tarefas de busca e identificação dos registros bibliográficos ao transformar possibilidades que o usuário tem para obter informações de seu interesse em probabilidades suficientes (MONTEIRO *et al.*, 2017).

Isso porque, para a recuperação da informação na Web, motores de busca, geralmente, funcionam em três etapas: *crawling tracking* –indexação– *rankeamento*, como é o caso do Google; e em sistemas bibliográficos internacionais (como são o caso do WorldCat e Biblioteca Digital Mundial), a

---

[87] MOUSINHO, André. *O que é SEO (Search Engine Optimization)*: o guia completo para você conquistar o topo do Google. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-seo/. Acesso em: 11 jun. 2023

recuperação da informação costuma ser balizada em arquitetura *Application Programming Interface* com recursos de conexão entre computadores, programas e interfaces de usuários de modo que itens de uma determinada coleção sejam os primeiros nos resultados de pesquisa unificada.

Para planejar esquemas e estratégias de busca na arquitetura do *Sistema de Recuperação da Informação*, dois aspectos se tornam essenciais: qualidade dos resultados e da interface com o usuário.

O primeiro diz respeito a capacidade de o sistema fornecer resultados qualitativos independentemente do nível de conhecimento de o consulente saber como realizar consultas. E o segundo busca responder como atender usuários leigos ou profissionais experientes com uma única interface, simples de ser manuseada e compreendida.

No contexto da pesquisa distribuída, é importante notar que tecnologias de busca de recuperação da informação estão potencializando os sistemas de produção bibliográfica, tal como já ocorre na editoração eletrônica de periódicos científicos (GUANAES; GUIMARÃES, 2012).

Desse modo, pode-se afirmar que desde o início da automação em bibliotecas até o surgimento da Web e tecnologias semânticas, o sistema de recuperação da informação tem sido aperfeiçoado.

A proposta da Web Semântica é trazer sentido para as informações disponíveis na Internet de forma que seres humanos e computadores possam trabalhar em conjunto (BERNERS-LEE; HENDLER; LASSILA, 2001) sob estruturação semântica com base em ontologias[88].

Berners-Lee, Hendler e Lassila (2001) assinalaram que no ambiente da Web Semântica "computadores que navegarão na Web de amanhã compreenderão mais o que está acontecendo - tornando mais provável que você obtenha o que realmente deseja".

No século passado, na maioria dos ambientes de sistemas bibliográficos, a descoberta de recursos ocorria principalmente por meio da coleta e indexação do conteúdo de metadados.

Esses serviços de busca e recuperação ainda fornecem maneiras muito eficazes para as pessoas encontrarem itens de interesse, mas não tinham a

---

[88] ZHANG, Jane. Ontology and the Semantic Web. *In*: NORTH AMERICAN SYMPOSIUM ON KNOWLEDGE ORGANIZATION, 2007, Toronto. *Proceedings*... Toronto: ISKO, 2007. v. 1, p. 9-20.

capacidade de levar os usuários à procura de recursos relacionados em potencial ou de fazer consultas mais complexas.

Recentes técnicas de gerenciamento de informações da Web relacionadas à Web Semântica tem incentivado bibliotecas e centro de documentação a coletar, vincular e compartilhar seus dados on-line para facilitar seu processamento por máquinas e por intervenção humana, "oferecendo melhores consultas cujos resultados aumentam a visibilidade e a interoperabilidade dos dados"[89].

---

[89] HALLO, Maria; LUJAN-MORA, Sergio; TRUJILLO, Juan. Transforming Library Catalogs into Linked Data. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE OF EDUCATION, RESEARCH, AND INNOVATION, 7., 2013, Sevilla. *Proceedings*..., Sevilla: Universidad de Alicante, 2014. p 1845-1853.

294 BERNERS-LEE, Tim; HENDLER, James; LASSILA, Olli. The Semantic Web-computers navigating tomorrow's web will understand more of what's going on-making it more likely that you'll get what you really want. *Scientific American*, [*S.l.*], v. 284, n. 5, p. 34-43, Jan. 2001.

295 BRITO, Antônia Karine Paz *et al*. Política de indexação: modelo de elaboração. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 66-76, 2018. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/29188. Acesso em: 11 jul. 2023.

296 CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega. Sistemas de Recuperação da Informação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 157-168, set. 1985. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36507. Acesso em: 11 jul. 2023.

297 COOPER, W. S. A definition of relevance for information retrieval. *Information Storage and Retrieval*, [*S.l.*], v. 7, n. 1, p. 19-37, 1971. Disponível em: https://doi.org/10.1016/0020-0271(71)90024-6. Acesso em: 11 jul. 2023.

298 GUANAES, Paulo Cezar Vieira; GUIMARÃES, Maria Cristina. Soares. Modelos de gestão de revistas científicas: uma discussão necessária. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 56-73, jan./mar. 2012.

299 MONTEIRO, Silvana Drumond *et al.*. Sistemas de recuperação da informação e o conceito de relevância nos mecanismos de busca: semântica e significação. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 161-175, set./dez., 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n50p161. Acesso em: 11 jul. 2023.

300 MOOERS, Calvin N. Zatocoding applied to mechanical Organization of Knowledge. *American Documentation Journal*, [Washington, DC], v. 2, n. 1, p. 20-32, 1951. Disponível em: https://courses.grainger.illinois.edu/cs473/fa2013/misc/zatocoding.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

301 SERRAI, Alfredo. História da Biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 141-161, set. 1975. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36168. Acesso em: 11 jul. 2023.

302 SHERA, Jesse H. Toward a Theory of Librarianship and Information Science. *Revista Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 87-97, 1973. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/55660. Acesso em: 11 jul. 2023.

Livro

303 BAEZA-YATES, Ricardo; RIBEIRO-NETO, Berthier. *Recuperação de Informação*: Conceitos e Tecnologia das Máquinas de Busca. 2 ed. Porto Alegre: Bookman Editora, 2013.

304 LANCASTER, F. W. *Information Retrieval Systems*: characteristics, tests and evaluation. New York: John Wiley, 1968. Disponível em: https://archive.org/details/informationretri0000lanc/page/n5/mode/2up. Acesso em: 19 jul. 2023.

Sítio Web

305 LESK, Michael. *The Seven Ages of Information Retrieval*. UDT Universal Dataflow and Telecommunications Core Programme, Occasional Papers # 5. Ottawa: International Federation of Library Associations and Institutions, 1996. Disponível em: https://archive.ifla.org/VI/5/op/udtop5/udt-op5.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

CONTROLE BIBLIOGRÁFICO

O conceito de controle bibliográfico é inerente às atividades das bibliotecas, desde o início destas instituições - Grings e Pacheco, 2010

Em uma visão ampliada, *controle bibliográfico* pressupõe em fazer com que documentos ou recursos de informação úteis possam ser encontrados por aqueles que possam precisar deles, mas não têm, ou têm conhecimento insuficiente sobre sua identidade[90].

Em sua origem, bibliotecas se constituem na primeira expressão de controle bibliográfico e catálogos e bibliografias, os primeiros instrumentos voltados para esse fim. "As bibliotecas foram as primeiras instituições responsáveis pelo controle bibliográfico" (CAMPELLO; MAGALHÃES, 1997, p. 1).

Na década de 1950, *controle bibliográfico* passou a ser expressão adotada por bibliotecários no mundo inteiro ao associá-lo ao trabalho bibliográfico das bibliotecas. E, relacionado com a organização bibliográfica, é hoje tão importante quanto foi nas décadas passadas.

---

[90] HJØRLAND. Birger. Bibliographical control. *In:* HJØRLAND. Birger; GNOLI, Claudio (ed.). Encyclopedia of Knowledge Organization. Toronto: ISKO, 2023. não paginado. Disponível em: http://www.isko.org/cyclo/control#1.2.

Controle bibliográfico foi formalmente definido em 1950 pela Unesco e pela Library of Congress como o domínio sobre os registros escritos e publicados, suprido pela bibliografia e para os objetivos da bibliografia (DAVINSON, 1975) e está relacionado com a capacidade de enfrentamento da sobrecarga da informação sob a aplicação da computação e automação dos serviços das bibliotecas.

Todavia, a vulgarização da expressão *controle bibliográfico* na literatura tem demonstrado insuficiência de precisão ao conceituá-lo. Essencialmente, *controle bibliográfico* pressupõe a gerência sobre os materiais que registram o conhecimento, objetivando sua identificação, organização e difusão (CAMPELLO; MAGALHÃES, 1977).

Disso decorre a necessidade de listas abrangentes e pesquisáveis de toda a produção publicada em uma determinada área do conhecimento, de um autor ou de um país bem como relativas a outras demarcações formais.

Desde a imprensa de Gutenberg, perspectivas de controle da produção intelectual tem se tornado intimamente associada a alguns fatores tecnológicos:

o crescimento exponencial de impressos e sua consequente acumulação, emprego de máquinas para organização bibliográfica e, no Século XX, a computação associada ao desenvolvimento das bases de dados pela Bureau of Census[91] (EUA) e no início do Século XXI, a popularização da Internet.

No contexto bibliográfico editorial, tornou-se impossível para bibliotecas a coleta e colecionismo de todos os itens para satisfazer às necessidades de seus usuários.

E devido ao aumento exponencial das publicações associado às crescentes restrições orçamentárias, bibliotecários cultivaram a cooperação como corolário de sua profissão e, com isso, a adição de tarefas ao que foi denominado por controle bibliográfico.

Tradicionalmente, a cooperação bibliotecária ocorre no que diz respeito à catalogação cooperada e ao compartilhamento e aquisição de recursos.

Nessa visão, o catálogo bibliográfico público:

> não funciona apenas para mostrar o que a biblioteca tem, mas para mostrar o que a biblioteca pode obter

[91] UNITED STATES CENSUS. *A Timeline of Census History*. [*S.l.*], 2023. Disponível em: https://www.census.gov/history/pdf/timeline_census_history.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

> para o usuário. Com o aumento da automação bibliotecária, os registros criados por uma biblioteca devem se encaixar no contexto da universalização do conhecimento (SNYMAN, 2000, não paginado).

A colaboração eficiente entre bibliotecas e outros provedores de dados depende da padronização bibliográfica. Uma questão fundamental nesse contexto é o controle bibliográfico que essencialmente, pode ser percebido como atividade da organização da informação, comumente designada por organização bibliográfica.

Tal como explicado por Joseph (2019, p. 38, tradução nossa), entre as muitas funções desempenhadas no campo da biblioteconomia, o trabalho dos catalogadores - que sempre foi realizado de forma descentralizada - representa um caso de uso intrigante, pois, diante das práticas de catalogação compartilhada:

> catálogos se tornaram amplamente centralizados, divorciados da participação pública, dominados por um etos de eficiência ao custo da qualidade e essencialmente inalterados desde a mudança do armazenamento de catálogo físico para eletrônico há mais de 40 anos.

No entanto, com as tecnologias desenvolvidas nos anos 1970 e 1980, a "cooperação bibliotecária em escala internacional se tornou cada vez mais viável e as noções iniciais de cooperação foram progressivamente alargadas” (HAVARD-WILLIAMS, 1982, p. 174) sob a possibilidade de catalogação e compartilhamento de recursos em rede.

Mas, com o desenvolvimento da computação e da Internet, percebe-se uma mudança radical nos meios de transferência de informação e tem representado motivações para estudar novos fenômenos que estão associados ao controle bibliográfico.

Tecnologias baseadas na Web acenam possibilidades para um novo campo de estudos sobre todos os níveis de controle bibliográfico. Porque, elas têm provocado transformações tanto dos modos de o indivíduo obter informação quanto como e onde isso ocorre.

Isso tem moldado formatos, motivos e tarefas no plano da organização bibliográfica, como por exemplo, as atividades de catalogação no plano do controle bibliográfico descritivo, padronização catalográfica universal e interoperabilidade entre sistemas bibliográficos.

Os problemas já experimentados com o controle bibliográfico, especialmente em nível internacional e as capacidades da tecnologia computacional dão origem a novas ideias (SNYMAN, 2000), por exemplo: resposta à consulta do usuário com interfaces OpenSearch, em formato RSS ou Atom , catálogos coletivos *on-the-fly* , federação de catálogos na Web.

E diante das possibilidades tecnológicas, é importante celebrar a biblioteca, física e digital, porque, como resultado da organização bibliográfica em séculos, ela permanece como lugar da memória intelectual e de perspectivas interdisciplinares de continuidade do conhecimento e que tem como fonte a formação de bibliotecários.

Se a abundância de documentos já existentes podia produzir efeito de frustração para estudiosos e pesquisadores que queriam descobrir tópicos de seus interesses, a irrupção da nova mídia baseada em rede também contribuiu para ampliar o problema[92].

Na Era Digital, por exemplo, a exposição excessiva a dados pode oferecer a sensação de disponibilidade total de informação; contudo, na mesma proporção, isso pode causar 'ansiedade por

[92] WURMAN, Richard Saul. *Ansiedade de Inform@ção*: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.

mais informação' (CASE, 2012[93]), caracterizada por Wurman [94] como a distância entre o que compreendemos e o que acreditamos que deveríamos compreender.

Furedi (2015, não paginado), em sua analogia da 'Era Digital à Era da Distração', enfatiza que: "o ritmo frenético da mudança tecnológica torna difícil, se não impossível, concentrar-se em livros e textos desafiadores".

No entanto, tal como aponta Cendón [95], a variedade e o volume de informação em circulação na Internet vem se tornando exponencial desde a década de 1990 e sua popularização decorre de fatores como interconectividade e interatividade.

De acordo com Martins, Silva e Carmo[96], o desenvolvimento das tecnologias digitais impactou as duas últimas décadas, marcadas pela emergência e pela popularização da Internet em seu papel central

---

[93] CASE, Donald O. *Looking for information*: a survey of research on information seeking, needs, and behavior. 3rd ed. London: Emerald Group, 2012.

[94] WURMAN, Richard Saul. *Information Anxiety*. New York: Doubleday, 1989.

[95] CENDÓN, Beatriz Valadares. A Internet. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerrite. *Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Cap. 19, p. 275-300.

[96] MARTINS, Dalton Lopes; SILVA, Marcel Ferrante, CARMO, Danielle do. Acervos em rede: perspectivas para as instituições culturais em tempos de cultura digital. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 194-216, jan./abr. 2018.

junto a outros fatores de mudanças tecnológicas. Em torno das transformações sociais e econômicas, "encontra-se a ideia de rede como modo de representação da sociedade".

Ao que Schons (2007) explica, o uso contínuo da Internet tornaria o acesso um hábito na vida da sociedade. "A rede não cessa, ela interage com tudo e todos a todo o momento. Pode-se dizer que, a Internet é um sistema ativo, em constante troca com o meio e altamente mutável" (SCHONS, 2007, p. 5), onde a Web é um espaço "tremendamente desorganizado", um sistema em que a desordem cresce e onde não há limites para estocagem de informações (SCHONS, 2007, p. 5).

Na perspectiva de Castells[97], a Web em sua capacidade evolutiva decorre de sua distribuição descentralizada e pelo que tem representado para vida em sociedade, constitui-se como meio de relação, interação e comunicação, em favor ao que o autor denomina por 'sociedade em rede' e que tem sua própria geografia formada por "[...] redes e nós que processam o fluxo de informação gerados e administrados a partir de lugares. Como a unidade é

---

[97] CASTELLS, Manuel. Internet e Sociedade em Rede. *In*: MORAES, D. (org.). *Por uma outra comunicação*: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255 –287.

a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significados e função para cada lugar”.

Sob o ponto de vista do acervo e da coleção, o local tem sido composto de vários espaços coletivos com arquiteturas compartilhadas para a organização bibliográfica e o controle da informação sob aplicação da computação.

Nesse cenário, o assunto *controle bibliográfico* perpassou do paradigma tecnocrata das décadas subsequentes à Segunda Guerra Mundial para o paradigma social do que se chamou de moderno controle bibliográfico sob os ideais de acesso universal à informação.

O acesso universal do conhecimento foi, formalmente, iniciado ao fim do Século XIX, com a documentação de Paul Otlet e Henry Marie La Fontaine e sistematizado na metade do Século XX, com os programas da IFLA e Unesco, principalmente, com o CBU e por muitas vezes foi compreendido como uma utopia.

Com o advento da Internet, versionamentos da Web e o surgimento de tecnologias digitais disruptivas, o que seria utópico se tornou um princípio factível de ser alcançado por meio de

esforços profissional e institucional, emprego sustentável de tecnologias digitais e políticas de informação congruentes ao controle bibliográfico.

Os versionamentos Web têm impactado arquiteturas de sistemas bibliográficos e de recuperação da informação, consequentemente, mudanças dos modos de acesso e uso da informação têm exigido novas práticas de organização bibliográfica.

O crescimento de dados que circulam na Web evidencia sua natureza inflacionária da informação em circulação. Em outras leituras, o deslocamento do modelo de disponibilidade bibliográfica local migra para a dimensão múltipla de acesso ao conhecimento.

Os armazéns digitais e o fluxo bibliográfico na rede trazem outro fenômeno inerente ao controle bibliográfico para os bibliotecários que há séculos perseguem padrões bibliográficos que possam ser universalmente utilizáveis.

Padrões ajudam à organização bibliográfica, mas, não estabelecem a ordem das próprias coisas quando, por eles, o registro bibliográfico transita pelas arquiteturas dos sistemas de informação e estes, impactados pelas mudanças da Web, tornam-

se também altamente dependente de memória de armazenamento em ambientes complexos de uso da informação.

Uma vez que padrões bibliográficos são cruciais para bibliotecas e para o intercâmbio de recursos, é impreterível mantê-los atualizados, caso contrário, perdem o objetivo para o que foram criados; talvez até todo o trabalho por trás deles[98].

O controle bibliográfico dimensionado como sistema se aplica a várias operações pré-estabelecidas de organização. Por isso, pode ser compreendido em descritivo e exploratório.

[98] BEHRENS, Renate. Standards in a new bibliographic world – community needs versus internationalisation. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON BIBLIOGRAPHIC CONTROL IN THE DIGITAL ECOSYSTEM, 2021. Florence. *Proceedings* [...]. Florence: Associazione Italiana Biblioteche, 2021.

CONTROLE BIBLIOGRÁFICO COMO SISTEMA

A partir da definição de cibernética, proposta por Norbert Wiener em 1948, em sua obra *Cybernetics or Control and Communication in the Animal And the Machine*, [Cibernética: ou controle e comunicação no animal e na máquina], Wiener partiu do princípio de que todo fenômeno ou processo é passível de ser estudado à luz da informação ou de sua transmissão.

No ano seguinte, Egan e Shera (1949) cunharam o termo *controle bibliográfico* para designar os vários níveis de mecanismos de organização bibliográfica visando extração de seus sistemas de modo a oferecer porções relevantes de informação para uma determinada tarefa, como pesquisar ou consultar com rapidez, facilidade e economia de esforços.

Sob os novos paradigmas da ciência, relacionados aos sistemas complexos, Shannon e Weaver (1963) pensaram a informação desvinculada do aspecto material do documento; uma nova identidade da informação com o domínio quantitativo e da probabilidade na sua comunicação.

O que consolidou o paradigma físico da informação à luz da *Teoria Matemática da Informação*, ou simplesmente, *Teoria da Comunicação*, da qual o controle e qualidade da informação caracterizam-se matematicamente por uma relação entre probabilidade e uma incerteza no sistema, onde a informação é processada.

Fenômenos como ordem e desordem, entropia e caos, ruído e redundância, probabilidade e incerteza são observáveis em relação ao grau de homeostase ou de instabilidade que se encontra um determinado sistema, em um dado momento de interação do usuário, nos eventos de pesquisa ou recuperação da informação.

Em um estado de homeostase, sistemas de recuperação da informação proporcionam a possibilidade de o usuário ter acesso à informação-potencial que se traduz como sendo uma probabilidade de informação, cuja relevância e pertinência é julgada pelo usuário, como resultado de sua experiência de utilização do sistema.

Segundo Hjørland[99], a relevância é a propriedade mais importante da informação e

[99] HJØRLAND, B. The foundation of the concept of relevance. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, [Leesburg], v. 61, n. 2, p. 217-237, 2010.

significa a medida do contato efetivo entre a fonte e o destinatário.

No paradigma social da informação, essa medição impacta os sistemas de informação e os usos da informação por meio de interações dinâmicas com um conjunto variado de dados e processos de comunicação do conhecimento.

Se os sistemas se tornam instáveis, são afetados pela entropia cujas causas costumam ser de origem interna, como a inadequação das tarefas de representação da informação e se manifestam em uma série de eventos de ruídos na comunicação da informação. Também, podem ser de natureza externa, difícil de se exercer gestão.

Essa complexidade tem relação com a continuidade da ordem no sistema e que exige planejamento e conhecimento sobre os elementos que compõem os sistemas de controle bibliográfico e as causas que podem afetá-lo.

Nessa compreensão sistêmica, a capacidade operacional dos sistemas podem ser determinadas pelo controle bibliográfico e suas tarefas.

E o efeito de sua gestão deve considerar: eficiência, eficácia e qualidade da informação como

indicadores constantes sobre o estado de funcionamento do sistema de controle bibliográfico.

CONTROLE BIBLIOGRÁFICO COMO ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A sistematização da organização bibliográfica foi, internacionalmente, iniciada a partir da Revolução Industrial (STOKES, 1965) da qual possibilitou o surgimento de diferentes abordagens constituídas por profissionais da informação, que:

> [...] contribuem para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de técnicas que agilizam a recuperação da informação; a influência de instituições internacionais como Library of Congress, Unesco, IFLA, no registro e controle das publicações, principalmente no estabelecimento de normas e padrões; a organização de eventos que possibilitam o encontro de especialistas e, como consequência, a interação de ideias e experiências; e da editoração, que publica códigos, em vários idiomas, com o intuito de padronizar práticas de controle bibliográfico (MACHADO, 2003, p. 43).

Na quarta edição do glossário elaborado pela American Library Association (2013, p. 28, tradução nossa), *controle bibliográfico* é conceituado do seguinte modo: termo que cobre uma variedade de

atividades bibliográficas, dentre as quais: registros completos de todos os itens bibliográficos publicados; padronização da descrição bibliográfica; fornecimento de acesso físico de livros e outros materiais mediante quaisquer empreendimentos de cooperação; fornecimento de registros bibliográficos por meio da distribuição de bibliografias nacionais e especializadas realizadas por agências bibliográficas e centros de documentação.

Segundo Welisch (1987, p. 41) não seria a quantidade de documentos o cerne dos problemas para o controle bibliográfico, mas sim, a avassaladora variedade de assuntos, tópicos e termos produzidos pelo conhecimento que devem ser interpretados e expressos em reinterpretações em linguagem infinitamente variável para representações bibliográficas, operando como linguagens de comunicação entre a informação e o usuário que a demanda.

Além disso, a cada dia, centenas de milhares de livros, artigos, teses de doutorado, relatórios, páginas da Web etc. são criados e a documentação convencional sofre mudanças ou substituições de formatos, causando uma sensação de perplexidade e desamparo entre aqueles que buscam velocidade e

eficiência na obtenção de informações (CORDÓN GARCÍA; LOPEZ LUCAS; VAQUERO PULIDO, 2001).

Mas, se nossas sociedades desejam que os sistemas bibliográficos atendam adequadamente aos seus anseios de acesso ao conhecimento e preservação do patrimônio bibliográfico, os requisitos de controle da organização bibliográfica devem entregar os resultados de seu trabalho de forma completa, na medida do possível.

Nessas perspectivas, o que se denomina por *controle bibliográfico* tem um histórico orientado à equalização de vários elementos conexos ao crescimento exponencial da informação, das tecnologias envolvidas a esse fenômeno e em circunstâncias do crescimento do conhecimento, da literatura, da tecnologia, da ciência e suas especializações.

Até o final dos anos 1960, há um considerável número de trabalhos sobre *controle bibliográfico*. Isso foi notado por Campello e Magalhães (1997) que apontam para seu moderno conceito que emergiu nesse período com a sistematização do assunto *bibliografia nacional geral corrente.*

Também contribuiu o programa CBU, desenvolvido pela IFLA e Unesco, fundamentado na

cooperação local, nacional e internacional, na padronização internacional da catalogação e possibilidade de intercâmbio bibliográfico livre de barreiras.

Nas décadas de 1960 e 1970, tem-se a computação orientada à difusão do conhecimento científico e tecnológico. Na década de 1980, decorre o ensejo para implementação de infraestrutura global de informação baseada na telecomunicação.

Na década seguinte, ocorre a busca pela adequação dessa infraestrutura orientada à sociedade. E a partir dos anos 2000, o caminho para a participação e exercício da cidadania pelo uso de informações pela Sociedade da Informação passou a incluir sua participação e utilização de recursos digitais, sob a premissa de se ter acesso à informação na rede e nela comunicar informações.

Todavia, no que diz respeito à automação de sistemas de informação, a ênfase da organização bibliográfica atribuída às características de comunicação da informação, como por exemplo, a possibilidade de avaliação dos sistemas na perspectiva do usuário, teve como apoio o projeto de epistemologia social de Egan e Shera (MARTÍNEZ-ÁVILA; ZANDONADE, 2020, p. 14, tradução nossa):

> Essa alternativa foi sugerida em relação às inconsistências teóricas dos sistemas de organização do conhecimento e como fundamento teórico para uma área que lutava para ganhar status teórico.

Pois, muitos bibliotecários e os emergentes cientistas da informação vivenciavam o paradigma tecnocrata, isto é, valor do controle bibliográfico atribuído à tecnologia para a gestão de recursos. Isso pode ser verificado no trabalho de Svenonius (1991, p. 101, tradução nossa) no qual, a autora aponta que pesquisas no campo do controle bibliográfico, comumente, têm

> um fim predominantemente prático, e tem havido um apelo por mais estudos de custo-efetividade. Mas também há necessidade de pesquisa teórica ou fundamental. Um tema igualmente forte ao longo do artigo tem sido a insistência de que a teoria deve informar e preceder a prática da pesquisa avaliativa e de desenvolvimento.

Controle bibliográfico como organização adquiriu um valor para a busca de solução de antigos

e novos problemas relacionados à comunicação, preservação e recuperação da informação.

Em contraste à sobrecarga da informação, funções do controle bibliográfico delineiam os âmbitos em que suas atividades-meio atendem às comunidades da informação.

ÂMBITOS DO CONTROLE BIBLIOGRÁFICO

O controle da produção intelectual se tornou tarefa significativamente complexa no Século XX. Sua institucionalização resultou em muitas maneiras de constituir sistemas de informação que moldam os modos pelos quais os consulentes de sistemas bibliográficos realizam pesquisa e usam a informação.

Controle bibliográfico pode ter muitos significados, dentre os quais, os que foram propostos por Shera e Egan que o compreendem como sistema cujas funções são dispostas em níveis de atuação intelectual e se constitui como os meios para obtenção da informação.

Shera e Egan [100]lançaram as sementes para a disciplina *epistemologia social*; formalizada por Steve Fuller[101] nos anos 1980 como um referencial teórico sobre a produção, distribuição e utilização de produtos intelectuais processados pelo trabalho

[100] SHERA, Jesse Hauk; EGAN, Margaret Elizabeth. *Bibliographic organization*. Chicago: University of Chicago Press, 1952.
[101] FULLER, Steve. On Regulating What Is Known: A Way to Social Epistemology. *Social Epistemology Journal*, [*S.l.*], v. 73, n. 1, p. 145-183, Oct. 1987. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/20116446. Acesso em: 1ago. 2023.

bibliográfico, expressos no catálogo e bibliografia (ZANDONADE, 2004).

Desse modo, eles formularam a base epistemológica para uma ciência da biblioteca na qual a Bibliografia, a Biblioteconomia e as então ideias emergentes sobre Documentação seriam integradas.

No texto *Foundations of a theory of bibliography* (*Fundamentos de uma teoria da bibliografia*), os autores identificaram uma lacuna no campo da *bibliografia* e propuseram a disciplina como referencial teórico para explicitar os âmbitos com os quais o controle bibliográfico é inteligível a cada propósito social, com isso, visaram constituir uma das principais operações dos sistemas bibliográficos, o acesso à informação.

Sob o enfoque da epistemologia social, Shera e Egan propuseram que no universo do domínio bibliográfico, mecanismos de seu controle - constituídos pelos vários tipos de organizações - podem ser dimensionados sob uma perspectiva macroscópica.

Isto é, situando os modos de se perceber as ações, atividades, serviços e produtos do controle bibliográfico, distintos da abordagem micro

bibliográfica, caracterizada pela utilização de métodos e técnicas tradicionais de organização bibliográfica.

Essa visão macroscópica foi sistematizado por Shera[102] para contextualizar os modos operacionais do sistema bibliográfico sob a relação entre produtor, fornecedor e consumidor da informação, enunciados nos âmbitos: geral, particular e interno.

De acordo com o grau de alcance do controle bibliográfico, Shera o dividiu do seguinte modo:

Controle bibliográfico geral - compreende o controle dos registros que interessam à nação, de responsabilidade governamental;

Controle bibliográfico particular - relaciona-se com o controle dos registros que interessam a um determinado grupo de indivíduos e instituições e está relacionado com a produção da bibliografia especializada,

Controle bibliográfico interno - é inerente ao controle das operações de organização bibliográfica que interessam ao papel desempenhado pelas bibliotecas ou agências de informação.

---

[102] SHERA, Jesse H. Bibliographic management. *In*: BRENI. Vito J. (ed.). *Essays on bibliography*. Metuchen: Scarecrow, 1975. p. 167-175.

Sob essa prerrogativa, instituições de cultura, bibliotecas, agências bibliográficas nacionais e comunidades de práticas (científicas, tecnológicas, profissionais, literárias e artísticas) consubstanciam as conexões que engendram os âmbitos do controle bibliográfico, explicados por Shera (1975).

Artigo

306 ABDULLAH, Che Zainab Hj *et al.* Bibliographic Control and Resource Description Access Standard in Malaysia. *International Journal of Academic Research in Progressive Education and Development*, [Bahawalpur], v. 7, n. 3, p. 96–102, July 2018. Disponível em: http://hrmars.com/hrmars_papers/Bibliographic_Control_and_Resource_Description_Access_Standard_in_Malaysia.pdf. Acesso em: 29 jul. 2023.

307 ALBA, José G. Moreno de. Organismos internacionales y programas sobre control bibliográfico. *Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas*, Ciudad de México, v. IV, n. 1, p. 203-208, 1999. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/82739. Acesso em: 22 jul. 2023.

308 BALDEN, D.; ROBINSON, L. The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. *Journal of Information Science*, London, v. 35, n. 2, p. 180-191. Disponível em: http://www.bollettinoadapt.it/old/files/document/21976david_b-2008.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

309 EGAN, M. E.; SHERA, J. H. Prolegomena to bibliographic control. *Journal of Calaloging and Classification*, Chicago, v. 5, n. 2, p. 17-19, 1949.

310 HICKEY, Doralyn J. Theory of Bibliographic Control in Libraries. *The Library Quarterly*, Chicago, v. 47, n. 3, p. 253-273, Jul., 1977. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/620691. Acesso em: 14 jul. 2023.

311 GARFIELD, Eugene. A tribute to Calvin N. Mooers, a pioneer of information retrieval. *The Scientist*, Midland, v. 11, n. 6, p. 9, 1997. Disponível em: http://www.garfield.library.upenn.edu/commentaries/tsv11%2806%29p09y19970317.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

312 GUEDES, Marina Zeni; KOHLER, Relinda; SIQUEIRA, Márcia Lopes. Controle bibliográfico: um levantamento da literatura. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 9, n. 2, p. 123-144, 1981. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/77438. Acesso em: 10 jul. 2023.

313 LACERDA, Célia Maria Peres *et al.* Avaliação de experiências de controle bibliográfico em Curitiba: 1970-1980. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 9, n. 2, p. 95-102, 1981. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/77407. Acesso em: 10 jul. 2023.

314 MARKUSON, Barbara Evans. Bibliographic Systems: 1945-1976. *Library Trends*, Urbana-Champaign, v. 25, n. 1, p. 311-328, 1976. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/4816227.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

315 MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; ZANDONADE, Tarcísio. Social Epistemology in Information Studies: a consolidation. *Brazilian Journal of Information Science*, Marília, v. 14 n. 1, p. 7-36, jan./mar. 2020. Disponível em: http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/9839/6281. Acesso em: 17 jul. 2023.

316 PINTO, Maria Cristina Bello Ferreira. Catálogos & Bibliografias: evolução histórica do trabalho de controle bibliográfico. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, n. 16, p. 143-158, set. 1987. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/71450. Acesso em:11 jul. 2023.

317 SCHONS, Cláudio Henrique. O volume de informações na internet e sua desorganização: reflexões e perspectivas. *Informação & Informação,* Londrina, v. 1 2, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1748. Acesso em: 12 jul. 2023.

318 THOMAS, Sarah E. Quality in Bibliographic Control. *Library Trends*, Urbana-Champaign, v. 44, n. 3, p. 491-505, Winter 1996. Disponível em: https://ecommons.cornell.edu/handle/1813/2669. Acesso em: 14 jul. 2023.

319 ZANDONADE, Tarcísio. A Cibernética aplicada ao controle bibliográfico. *Revista Contabilidade, gestão e governança*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 53-61, 1999. Disponível em: https://revistacgg.org/index.php/contabil/article/view/111/pdf_16. Acesso em: 22 jul. 2023.

Livro

320 BERGAMIN, Giovanni; GUERRINI, Mauro (ed.). *Bibliographic Control in the Digital Ecosystem*. Florence: Firenze University Press, 2022. Disponível em: https://books.fupress.com/catalogue/bibliographic-

control-in-the-digital-ecosystem/10612. Acesso em: 15 jul. 2023.

321 BETTENCOURT, Ângela Monteiro. *A representação da informação na Biblioteca Nacional*: do documento tradicional ao digital. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1431511/drg1431511.pdf. Acesso em: 14 jun. 2023.

322 CAMPELO, Bernadete Santos; MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. *Introdução ao controle bibliográfico*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1997.

323 DAVINSON, Donald Edward. *Bibliographic control*. London: C. Bingley, 1975.

324 INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Manual on bibliographic control*. Paris: Unesco, 1983. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000055012?posInSet=1&queryId=018e9f91-42b8-4e5c-9eb2-c2ca316cd984. Acesso em: 13 jul. 2023.

325 MACHADO, Ana Maria Nogueira. *Informação e controle bibliográfico*: um olhar sobre a cibernética. São Paulo: Editora UNESP, 2003. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17926. Acesso em: 13 jul. 2023.

326 MELO, Aristeu Gonçalves de. *O controle bibliográfico no Brasil*: uma proposta. Brasília, DF: Câmara dos Deputados; Centro de Documentação e Informação, 1981.

327 STOKES, Roy. Bibliographical Control and Service. London: André Deutsch, 1965. Disponível em: https://archive.org/details/in.gov.ignca.44151. Acesso em: 13 jul. 2023.

328 WELLISCH, Hans H. *A cibernética do controle bibliográfico*: para uma teoria dos sistemas de recuperação da informação. Brasília, DF: IBICT, 1987.

329 WILSON, Patrick. *Two Kinds of Power*: An Essay on Bibliographical Control. Berkeley: University of California Press, 1968.

Sítio Web

330 BIBLIOGRAPHIC CONTROL AND ACCESS. Chicago: American Library Association, Aug. 2013. Disponível em: http://www.ala.org/alcts/resources/collect/serials/microforms05. Acesso em: 20 jul. 2023. Chapter 5 of Managing Microforms in the Digital Age.

331 BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Processamento técnico*. Rio de Janeiro, [2018?]. Disponível em: https://antigo.bn.gov.br/sobre-bn/competencias-atividades/processamento-tecnico. Acesso em: 29 jul. 2023.

332 CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. *Ficha catalográfica*. São Paulo, [2018?]. Disponível em: http://cbl.org.br/servicos/ficha-catalografica. Acesso em: 17 jul. 2023.

333 LIBRARY OF CONGRESS WORKING GROUP ON THE FUTURE OF BIBLIOGRAPHIC CONTROL. Library of Congress, Washington, DC, [2015]. Disponível em: http://www.loc.gov/bibliographic-future/. Acesso em: 17 jul. 2023.

334 SNYMAN, Retha. *Bibliographic control* - is the current training still relevant? Den Haag: International Federation of Library Associations and Institutions, 2000. Disponível em: http://archive.ifla.org/IV/ifla66/papers/108-183e.htm#:~:text=It%20is%20therefore%20quite%20clear,to%20develop%20effective%20online%20systems.. Acesso em: 12 jul. 2023.

CONTROLE BIBLIOGRÁFICO NACIONAL

O âmbito geral do controle bibliográfico denota ações, serviços e produtos de alcance nacional. Refere-se ao controle dos registros bibliográficos que interessam à nação, em geral, segundo as diretrizes da IFLA para a *bibliografia nacional*[103].

São exemplos de produtos e instituições desse âmbito: bibliotecas nacionais, agências bibliográficas nacionais, bibliografia nacional corrente e catálogo coletivo nacional.

O controle bibliográfico nacional fornece um sistema que aumenta a possibilidade de identificação e localização de recursos de informação dentro das fronteiras de um país (AKIDI, 2020, p. 2).

Além da identificação, recuperação, coleta e preservação dos itens físicos originários do país, é muito significativa a criação de registros bibliográficos porque descrevem e contabilizam as publicações (AKIDI, 2020, p. 2).

[103] INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Guidelines for National Bibliographies in the Electronic Age. [Den Haag]: IFLA Working Group on Guidelines for National Bibliographies, 2008. Disponível em: http://www.ifla.org/node/5226. Acesso em: 10 jul. 2023.

E a publicação dispersa por si só não tem valor para as comunidades de informação sem os registros que indiquem sua existência e deem acesso ao seu conteúdo (AKIDI, 2020, p. 2).

Quando organizações e representações internacionais empreendem programas, produtos e serviços bibliográficos de alcance mundial, pode-se dizer de que se trata do controle bibliográfico internacional ou universal, tal como são os casos do *Catálogo de Autoridade Internacional Virtual* - (VIAF) e o Programa CBU.

Nesse modelo, a conexão entre os âmbitos do controle bibliográfico com a universalização do conhecimento registrado é consequência de entendimentos, locais e internacionais, entre bibliotecários e instituições na promoção da ideia de organização bibliográfica e pela adesão de dois princípios: cooperação e padronização bibliográficas (ANDERSON, 1974).

Tais princípios nortearam vários programas culturais e de informação da Unesco e da IFLA, em especial, o NATIS, o UNISIST e o CBU, na década de 1970.

Do local para o alcance nacional e internacional, o controle bibliográfico se expandiu e

alcançou perspectivas sociais no plano da universalização do conhecimento, como se destacam os objetivos da IFLA para o compartilhamento dos registros bibliográficos oficiais emitidos pelas agências bibliográficas dos países e difusão do conhecimento por meio das bibliografias nacionais.

Na Era Digital, tal aspiração pode ser vislumbrada pelo desenvolvimento continuado da Web que oferece à humanidade a oportunidade de universalização do conhecimento à medida que melhorias para o acesso à informação se realizam rumo à democratização do conhecimento.

Artigo

335 AKIDI, Juliana. Bibliographic Control Practices in the Digital Age: Conceptual and Theoretical Framework Perspective. *Library Philosophy and Practice*, Lincoln, n. 3998, p. 1-15, Winter 2020. Disponível em: https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/3998/. Acesso em:18 jul. 2023.

336 ALBA, J. G. M. Organismos internacionales y programas sobre control bibliográfico. *Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas*, Ciudad de México, v. IV, n. 1, p. 203-208, 1999. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/82739. Acesso em: 20 jul. 2023.

337 COBLANS, Herbert. National bibliographical centre in Brazil. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 19, n. 1, p. 91-101, jan./jun. 1990. Disponível em: http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/380 . Acesso em: 18 jul. 2023.

338 GORMAN, Michael. Control o caos bibliográfico: un programa para los servicios bibliográficos nacionales del siglo XXI. *Anales de Documentación*, Murcia, v. 6, p. 277-288, 2003. Disponível em: http://eprints.rclis.org/12050/. Acesso em: 29 jul. 2023.

339 GRINGS, Luciana; PACHECO, Stela. A Biblioteca Nacional e o Controle Bibliográfico. Nacional: situação atual e perspectivas futuras. *InCID*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 77-88, jul./dez. 2010. Disponível em:

http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42321. Acesso em: 26 jul. 2023.

340 MONTE-MÓR, Janice. Controle bibliográfico nacional. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 1-12, 1981. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/73699. Acesso em: 26 jul. 2023.

Livro

341 ALENTEJO, Eduardo da Silva. *Controle Bibliográfico Nacional na Era Digital*. Rio de Janeiro: Sociedade Bibliográfica Brasileira, 2023. Disponível em: https://archive.org/details/cbn-era-digital-e-alentejo/page/n3/mode/2up. Aceesso em: 30 jul. 2023.

342 CLEWS, John. *Documentation of the United Nations System*: a survey of bibliographic control and a suggested methodology for an integrated UN bibliography. London: International Office for UBC, 1981.

343 LARSEN, Knud. *Les Services bibliographiques nationaux*: création et fonctionnement. Paris: Unesco, 1955. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135525. Acesso em: 22 jul. 2023. Traduções da Unesco em inglês e espanhol tambérm disponíveis.

344 THE UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. *Agence bibliographique nationale et bibliographie nationale*: principes directeurs. Paris: Unesco, 1986. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000048658_fre?posInSet=1&queryId=f4054b3b-0326-43e2-bb96-b0f8c7851ef7. Acesso em: 24 jul. 2023.

Sítio Web

345 BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Competências e atividades. Rio de Janeiro, [2018?]. Disponível em: https://www.gov.br/bn/pt-br/acesso-a-informacao-2/in

stitucional/sobre-a-fbn/competencias-e-atividades/competencias-e-atividades. Acesso em: 22 jul. 2023.

346 INTERNATIOONAL ISBN AGENCY. *The Global System With a Local Network*. London, 2014. Disponível em: https://www.isbn-international.org/. Acesso em: 22 jul. 2023.

347 UNESDOC DIGITAL LIBRARY. Intergovernmental Conference on the Planning of National Documentation, Library and Archives Infrastructures. Paris: Unesco, [2018?]. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/search/8d6e3d1a-d236-47c8-8d0b-49d2b4163ae0. Acesso em: 29 jul. 2023.

CONTROLE BIBLIOGRÁFICO UNIVERSAL

O ideal de universalização do conhecimento foi intensificado no Século XIX, com o *Répertoire bibliographique universele* de Paul Otlet e Henry Marie La Fontaine, refletindo-se, por exemplo, em acordos internacionais para o intercâmbio de publicações entre instituições de diferentes países (ROBERTS, 1994).

E, do final do Século XIX ao Século XX, ideais universalistas foram retomados, após a Segunda Guerra Mundial, para a constituição de um programa de controle bibliográfico de alcance mundial sob o reconhecimento de que o conhecimento pertence a todos os povos.

A sistematização do controle bibliográfico decorreu da Revolução Industrial com o surgimento de diferentes abordagens para os sistemas de organização bibliográfica (ROBERTS, 1994).

Para essa ideia, a colaboração internacional foi aproveitada com vários graus de sucesso. Os projetos internacionais, a rigor, implicavam em conceber a

existência de estados-nação para o funcionamento dos programas de intercâmbio bibliográfico.

Desde então, universalização do controle bibliográfico passou a estar relacionado com o programa CBU, da IFLA/Unesco. Trata-se de um programa de longo alcance, descentralizado e baseado no compartilhamento de bibliografias nacionais em escala mundial sob princípios de padronização internacional de intercâmbio bibliográfico.

Em meados da década de 1970, a IFLA/Unesco idealizou o programa CBU, formalmente lançado em 1977, com base na promoção de um sistema mundial de controle e troca de dados bibliográficos de modo descentralizado (ROBERTS, 1994).

O objetivo do sistema foi primeiro ideológico e seu impulso para alcançar o *controle bibliográfico universal* é especialmente baseado em bibliografias nacionais compartilhadas (HAZEN, 2004).

Com o programa CBU, pretendia-se disponibilizar os registros bibliográficos de todas as publicações publicadas em todos os países e foi concebido com base na rede de agências bibliográficas nacionais com o compromisso de compartilhamento de registros bibliográficos

derivados das bibliografias nacionais. Contudo, tornando-a dependente do comércio de livros e da indústria tecnológica (MADSEN, 2000).

Em essência, o controle bibliográfico universal é resultado do controle bibliográfico nacional das agências bibliográficas de cada país cooperante com os objetivos do programa com base na reciprocidade, esforços intelectuais e profissionais comuns para manterem suas bibliografias nacionais em operação.

No início do Programa CBU, a comunidade bibliotecária internacional dava os primeiros passos rumo à padronização bibliográfica. Os primeiros movimentos da Library of Congress levou ao projeto piloto *Catalogação Legível por Computador* -MARC em 1965.

Sob o ideal de registros bibliográficos compartilhados, padrão de catalogação internacionalmente aceito e possibilidade de acesso físico às coleções de bibliotecas de todos os países, acreditava-se que o CBU promoveria a cultura de paz para a comunidade internacional.

Depois de 1977, o programa CBU da IFLA/Unesco passou a envolver recomendações de padrões operacionais para a organização de

bibliografias nacionais (ROBERTS 1994; BELL; LANGBALLE, 2001).

Contudo, numerosas bibliografias foram criadas desde então, "algumas desapareceram depois de alguns anos, enquanto outras têm grande dificuldade em aparecer regularmente" (BEAUDIQUEZ, 1998).

Com os primeiros anos de sucesso do CBU, a IFLA/Unesco publicou em 1983 o Manual de Controle Bibliográfico (ROBERTS, 1994). Posteriormente, ao idealismo inerente à concepção do CBU, foi acrescentado em seu corolário alguns aspectos práticos sobre o compartilhamento da bibliografia nacional para evitar a duplicação de esforços na catalogação e elaboração de registros bibliográficos.

Em ambos os movimentos, a visão de que estruturas, sistemas e redes deveriam ser formalizados e beneficiados pelo processamento automatizado da informação, avançaria os objetivos políticos nacionais e internacionais da IFLA/Unesco (ROBERTS, 1994).

Em 1987, o Programa Internacional MARC fundiu-se com as metas para o CBU e o resultado disso foi a constituição do Programa Universal

Bibliographic Control and International MARC (UBCIM).

Os objetivos da UBCIM foram: a) incentivar o intercâmbio e uso de registros bibliográficos compatíveis, em nível mundial; b) criar, manter e promover o uso de padrões para o intercâmbio de dados bibliográficos na forma de registros legíveis por computador (ROBERTS, 1994).

Recursos de controle bibliográfico de alcance internacional têm sido desenvolvidos. Por exemplo, a base virtual internacional de autoridade (VIAF) que contribui para o CBU quanto à padronização internacional de autoridade.

Artigo

348 ANDERSON, Dorothy. Controle Bibliográfico Universal. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 5, n. 1, 1977. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/78293. Acesso em: 23 jul. 2023.

349 CALDEIRA, Paulo Terra. A situação do Brasil em relação ao controle bibliográfico universal. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 260-283, 1984. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76310. Acesso em: 25 jul. 2023.

350 FREIRE, Victor Alves da Silva. A bibliographia universal e a classificação decimal; subsídio para a participação do Brasil na organização internacional da bibliographia scientifica. *Annuario da Escola Polytechnica de São Paulo*, São Paulo, n. 2, p. 125-157, 1901. Disponível em: https://cuislandora.wrlc.org/islandora/object/lima%3A24516. Acesso em: 23 jul. 2023.

351 ROBERTS, Winston D. O que é controle bibliográfico universal? *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 114, p. 149-171, 1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1994_00114.pdf. Acesso em: 24 jul. 2023.

Livro

352 ANDERSON, Dorothy. *Universal Bibliographic Control*. Paris: NATIS, 1974. Disponível em:

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf000000986
4?posInSet=1&queryId=04ad123c-75ce-4310-a585-
7704535a7e66. Acesso em: 24 jul. 2023.

353 BERGAMIN, Giovanni; GUERRINI, Mauro (ed.). *Bibliographic Control in the Digital Ecosystem*. Florence: Firenze University Press, 2022. Disponível em: https://books.fupress.com/catalogue/bibliographic-control-in-the-digital-ecosystem/10612. Acesso em: 20 jul. 2023.

354 PELLETIER, Monique; BOSSUAT, Marie-Louise; FEUILLEBOIS, Geneviève. *Le Contrôle bibliographique universel dans les pays en développemen*. Paris: Unesco, 1975. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf000002692
1?posInSet=1&queryId=6c5fe012-ed7e-4c5e-b7b9-
2842067d2c9e. Acesso em: 24 jul. 2023. Para consulta ao livro, a Unesco recomenda enviar mensagem para: library@unesco.org and archives@unesco.org

Sítio Web

355 CONTROLE Bibliográfico Universal. São Paulo: USP/ECA, [2015?]. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/prof/sueli/cbd201/controle.ht
m. Acesso em: 22 jul. 2023.

356 IFLA Series on Bibliographic Control. IFLA: Den Haag, 2015. Disponível em: http://www.ifla.org/publications/ifla-series-on-bibliographic-control. Acesso em: 1 ago. 2023.

357 UNESDOC DIGITAL LIBRARY. *Universal Bibliographic Control*. Paris: Unesco, [2018?].

Disponível em:
https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf000000986
4. Acesso em: 29 jul. 2023.

CONTROLE BIBILIOGRÁFICO ESPECIALIZADO

O âmbito particular se refere ao controle bibliográfico especializado. Envolve a gestão dos registros que interessam às comunidades de informação com interesse em comum em torno da arte, literatura, ciência, tecnologia, indústria, comércio, inovação etc.

As instituições científicas com interesses específicos comuns, como as que produzem ou se beneficiam das bibliografias especializadas se ancoram no plano desse âmbito.

Outros exemplos são: organizações profissionais, civis, centros de pesquisa, de documentação, agências bibliográficas, bibliografias comerciais, bases de dados e catálogos bibliográficos temáticos, catálogos e glossários industriais, institutos de cultura, comércio etc.

Esse âmbito decorre da necessidade do controle bibliográfico da literatura científica e tecnológica de um país, principalmente, aqueles em desenvolvimento, como passo inicial para a

disseminação da informação especializada (CUNHA, 1977).

Dentre os programas da Unesco/IFLA, Silva (1994) e Roberts apontam que o UNISIST visava estabelecer um sistema mundial de informação científica e o NATIS visava promover o planejamento das infraestruturas nacionais em Documentação, Bibliotecas e Arquivos, tendo como base o desenvolvimento de sistemas nacionais de informação e formatos de intercâmbio bibliográfico.

Em 1976, ambos os programas se fundiram dando origem ao PGI – Programa Geral de Informação, cuja missão era de favorecer o desenvolvimento de sistemas especializados de informação nas esferas da educação, cultura, ciência e tecnologia (SILVA, 1994).

Com o advento das tecnologias da informação e da Web, as possibilidades de ampliação dessas ações potencializam redes nacionais e internacionais de conhecimento para o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural das nações.

Nesse sentido, o âmbito particular do controle bibliográfico diz respeito à informação técnica-científica, tem por ênfase a economia na transferência do conhecimento, disseminação da

informação e difusão do patrimônio científico e cultural; aspectos que delineiam o controle bibliográfico especializado.

Artigo

358 CALDEIRA, Paulo Terra. O controle bibliográfico na área de biblioteconomia no Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 9, n. 2, p. 77-88, 1981. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/77380. Acesso em: 22 jul. 2023.

359 CAMPOS, Carlita Maria; CALDEIRA, Paulo da Terra. Bibliografia especializada corrente no Brasil: três décadas de descontinuidade. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 186-213, set. 1988. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13621. Acesso em: 28 jul. 2023.

360 COSTA, João Frank da. O sistema nacional de informação científica e tecnológica (SNICT). *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 1, n. 2, jul./dez. 1973. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/77068. Acesso em: 23 jul. 2023.

361 CUNHA, Murilo Bastos da. O controle bibliográfico da literatura científica e tecnológica no Brasil. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, 1977. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75751. Acesso em: 24 jul. 2023.

362 MONTE-MÓR, Janice. Documentação em Ciências Sociais. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 16, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 1987. Disponível em:

http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/264/264. Acesso em: 13 jul. 2023.

363 MEDEIROS, Nilcéia Lages de; LUZ, Talita Ribeiro da. Redes de bibliotecas governamentais: um enfoque administrativo sobre o periódico científico-jurídico brasileiro e o controle bibliográfico. *CAJUR - Caderno de Informações Juridicas*, Brasília, DF, v. 4, n. 2, p. 307-331, jul./dez. 2017. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37073. Acesso em: 22 jul. 2023.

364 PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. O controle da informação jurídica no Brasil: a contribuição do Senado Federal. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 23. n. 3, p. 363-368, set./dez. 1994. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/537. Acesso em: 23 jul. 2023.

365 ROBREDO, Jaime. Contribuição da Biblioteca Nacional de Agricultura à Biblioteca Agrícola Brasileira e outros serviços atualmente oferecidos. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 8, n. 2, p. 143-173, dez. 1980. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/78146. Acesso em: 23 jul. 2023.

366 SANTOS, Lívia Renata; OLIVEIRA, Nivaldo; SILVA, Marina Cajaíba da. Comutação bibliográfica e as novas tecnologias de comunicação e informação: uma convivência pacífica? *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 429-450, 2009. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64512. Acesso em: 24 jul. 2023.

Livro

367 AMAT NOGUERA, Núria. *Documentación científica y nuevas tecnologías de la información*. 2. ed. Madrid: Pirámide, 1988.

368 KEMBELLEC, Gérald. *Bibliographies scientifiques*: de la recherche d’informations à la production de documents normés. Paris: Sciences de l’information et de la communication. Université Paris VIII Vincennes Saint Denis, 2012. Disponível em: https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00771553/document. Acesso em: 21 jul. 2023.

Sítio Web

369 INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)*. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/. Acesso em: 21 jul. 2023.

370 ______. *Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN)*. Brasília, DF, [2016?]. Disponível em: https://ccn.ibict.br/busca.jsf. Acesso em: 21 jul. 2023.

371 ______. *Centro Brasileiro do ISSN*. Brasília, DF, [2016?]. Disponível em: https://cbissn.ibict.br/. Acesso em: 21 jul. 2023.

372 ______. *Programa de Comutação Bibliográfica (Comut)*. Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://comut.ibict.br/comut/do/index?op=filtroForm. Acesso em: 21 jul. 2023.

373 ______. *Repositórios Digitais*. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: https://antigo.ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/repositorios-digitais. Acesso em: 21 jul. 2023.

CONTROLE BIBILIOGRÁFICO DESCRITIVO E EXPLORATÓRIO

O âmbito interno do controle bibliográfico está relacionado com as atividades e funções de bibliotecas, centros de documentação, arquivos, museus, por exemplo.

Essa esfera de organização bibliográfica diz respeito aos processos internos de criação dos registros bibliográficos correspondentes à informação conservada e aos acervos salvaguardados nestas instâncias de cultura.

Essa tarefa é sistêmica e decorre das atividades e processos de colecionismo, indexação, descrição, classificação e preservação dos itens das coleções que interessam aos usuários ou de interesse de determinadas instituições bibliotecárias e documentárias.

Desde a entrada da informação no sistema, a organização bibliográfica se baseia no controle descritivo (representação bibliográfica) e exploratório (representação do conhecimento), de modo que se viabilize a localização e acesso aos itens das coleções no ambiente físico ou digital.

Wilson (1968) e Wellisch (1987) distinguem controle bibliográfico sob dois modos: *descritivo* e *exploratório* para descrever as atividades e funções da biblioteca como sistema de informação.

Do qual o *descritivo* se refere à catalogação e recuperação da informação por meio das atividades de organização bibliográfica concernente à representação descritiva da informação.

De acordo com Alves e Santos (2013), a representação da informação realizada no domínio bibliográfico encontra-se pautada em instrumentos, princípios, modelos e tecnologias, tais como códigos de catalogação e padrões de metadados.

Entre os códigos e modelos deste domínio estão o código de catalogação *Resource Description and Access* (RDA) e o *Bibliographic Framework Initiative* (BIBFRAME).

E *exploratório* se refere à organização e representação temática; destina-se à recuperação da informação por meio de recursos de representação dos assuntos, cuja eficiência à recuperação depende dos sistemas de organização do conhecimento adotados.

De acordo com Catarino, Cervantes e Andrade (2015, p. 106), a representação do conteúdo de um documento:

> é denominada representação temática e abarca os processos de classificação e indexação No que se refere ao conteúdo a representação temática, auxilia significativamente na recuperação da informação a partir da determinação e disponibilização de pontos de acesso, apoiadas pelos recursos tecnológicos.

Esses modos de aplicação do controle bibliográfico interno também diz respeito ao ciclo documental, ou como explica Robredo (2005), ao processo documental que envolve uma série de etapas, tais como: seleção, aquisição, registro, descrição bibliográfica, análise, indexação, armazenagem dos documentos, armazenagem da representação dos documentos, processamento da informação condensada, produtos do processamento, busca e recuperação da informação (ROBREDO, 2005, p. 8-10) com a finalidade de proporcionar efeitos de controle e de recuperação da informação.

Isto é, o controle bibliográfico interno se evidencia no processamento técnico no contexto do processo documentário e pode ser percebido sob três

propriedades do sistema: entrada, processamento e saída (ZANDONADE, 1999).

Tal proposição pode ser verificada no plano da Teoria Matemática da Informação, porque, está relacionada à teoria dos sistemas da qual interessa a comunicação da informação, processada e estruturada em etapas de entrada, tratamento e saída da informação (MACHADO, 2003).

A maneira primária de conseguir o controle de uma coleção de documentos numa biblioteca, por exemplo, consiste em inspecionar a todos, um a um, até que se encontre o documento desejado, algo inviável e impraticável (MACHADO, 2003).

Por isso, as ações e recursos do controle bibliográfico descritivo e exploratório são essenciais para o sistema de organização bibliográfica.

Wellisch (1987) explica o conceito de controle bibliográfico sujeito às leis da cibernética e o analisa quanto às suas funções e operações: a) a função orientada para a forma descritiva, b) a transcrição de dados descritivos para um substituto de documento, c) a ordem sequencial desses substitutos, d) a função orientada à organização do conteúdo, isto é, função exploratória.

Para Wellisch (1987), o controle bibliográfico evidencia que as funções descritivas, transcritivas e de ordem desempenhadas no sistema de controle podem ser submetidas ao controle total quando governado por regras geralmente aplicáveis, como dos códigos de catalogação e formatos de compartilhamento bibliográfico.

A função de recuperação orientada ao conteúdo é baseada em julgamentos subjetivos de relevância, mediados por sistemas de indexadores e usuários finais. O que permite estabelecer mensurações dos limites de organização atingíveis pelo controle bibliográfico interno.

Artigo

374 ALMEIDA, Lucelia da Silva. Controle bibliográfico e a organização da informação: as contribuições da Biblioteconomia. *Revista Bibliomar*, São Luís, v. 16, n. 1, p. 65-75, 2017. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/126303. Acesso em: 1 ago. 2023.

375 ALMEIDA, Maurício Barcellos; BAX, Marcelo Peixoto. Uma visão geral sobre ontologias: pesquisa sobre definições, tipos, aplicações, métodos de avaliação e de construção. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 32, n. 3, p. 7-20, set./dez. 2003. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/20632. Acesso em: 20 jul. 2023.

376 ALVARENGA, Lidia *et al.* Declaração de princípios internacionais de catalogação. *IFLA Journal*, Den Haag, 2009. Disponível em: http://www.ifla.org/files/assets/cataloguing/icp/icp_2009-pt.pdf. Acesso em: 24 jul. 2023. Tradução do original em Língua Inglesa para a Língua Portuguesa.

377 BARBOSA, Alice Príncipe. *Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica*. Rio de Janeiro: IBICT, 1969. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1001. Acesso em: 23 jul. 2023.

378 BOUVIN, G.; BRACKE, Wouter. Digitization and analytical bibliography. *e-Perimetron*, [Athens], v. 3, n. 2, p. 77-85, 2008. Disponível em: http://www.e-

perimetron.org/Vol_3_2/Bouvin_Bracke.pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

379 CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Linguagens documentárias: núcleo básico de conhecimento para seu estudo. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 52-62, jan./jun.1995. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76251. Acesso em: 25 jul. 2023.
380 CATARINO, Maria Elisabete; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira; ALMEIDA, e Ilza Almeida de. A representação temática no contexto da web semântica. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 25, n. 3, p. 105-116, 2015. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92285. Acesso em: 28 jul. 2023.

381 COSSHAM, Amanda F. Bibliographic records in an online environment. *Information Research*, London, v. 18, n. 3, Sep. 2013. Disponível em: http://www.informationr.net/ir/18-3/colis/paperC42.html#.VoEJCVn53a8. Acesso em: 23 jul. 2023.

382 COUZINET, Viviane. Objet de recherche et matériau: les langages documentaires comme source et méthode pour les sciences de l'information et de la communication. *Recherches qualitatives*, Toulouse, v. 3, n. 18, p. 27-38, 2016. Disponível em: http://www.recherche-qualitative.qc.ca/documents/files/revue/hors_serie/HS-18/rq-hs-18-couzinet.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

383 CUNHA, Murilo Bastos da. RDA: um novo paradigma na catalogação. *Infohome*, [*S. l.*], maio 2011. Disponível em http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=604. Acesso em: 30 jul. 2023.

384 HJØRLAND, Birger. Arguments for 'the bibliographical paradigm'. Some thoughts inspired by the new English edition of the UDC. *Information Research*, London, v. 12, n. 4, Oct. 2007. Disponível em:
http://www.informationr.net/ir/12-4/colis/colis06.html. Acesso em: 30 jul. 2023.

385 ______. Fundamentals of Knowledge Organization. *Knowledge Organization*, [*S. l.*], v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003. Disponível em:
http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Hjorland2003.pdf. Acesso em: 30 jul. 2023.

386 MERČUN, Tanja. Creating better library information systems: the road to FRBR-land. *Information Research*, London, v. 18, n. 3, Sep. 2013. Disponível em:
http://www.informationr.net/ir/18-3/colis/paperC07.html#.VoEKOFn53a8. Acesso em: 23 jul. 2023.

387 OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de *et al.* O uso do campo marc 9xx para controle bibliográfico institucional. *Revista Ciência da Informação,* Brasília, DF, v. 33, n. 2, p. 179-186, 2004. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1060. Acesso em: 26 jul. 2023.

388 PALING, Stephen. Classification, Rhetoric, and the Classificatory Horizon. *Library Trends*, Urbana-Champaign, v. 52, n. 3, p. 588-603, 2004. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/items/1781. Acesso em: 25 jul. 2023.

389 POLGER, Mark Aaron. Controlling our vocabulary: language consistency in a library context. *The Indexer*, Sheffield, v. 32, n. 1, p. 32-37.

Disponível em:
http://academicworks.cuny.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1078&context=si_pubs. Acesso em: 28 jul. 2023.

390 RAGHAVAN, K. S. The Colon Classification: A few considerations on its future. *Annals of Library and Information Studies*, New Delhi, v. 62, p. 231-238, Dec. 2015. Disponível em:
http://op.niscair.res.in/index.php/ALIS/article/view/11404. Acesso em: 30 jul. 2023.

391 RUBI, Milena Polsinelli; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Política de indexação na catalogação de assunto em bibliotecas universitárias: a visão sociocognitiva da atuação profissional com protocolo verbal. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v.7, n. 2, p. 118-150, jan./jun. 2010. Disponível em:
http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1960/2081. Acesso em: 24 jul. 2023.

392 SILVA, Renata Eleuterio da; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa Santos. Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR): considerações sobre o modelo e sua implementabilidade. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 116-129, jul./dez. 2012. Disponível em:
http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/214. Acesso em: 15 jul. 2023.

393 SVENONIUS, Elaine. Directions for research in indexing, classification, and cataloging. *Library Resources & Technical Services*, Chicago, v. 25, n. 1, p. 88- 103, Jan./Mar. 1991. Disponível em:
http://downloads.alcts.ala.org/lrts/lrtsv25no1.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

394 VASCONCELLOS, Paulo de Avelar de Góes e. Bibliodata/Calco - informação bibliográfica para o desenvolvimento. *Revista Ciência da Informação,* Brasília, DF, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/18887. Acesso em: 23 jul. 2023.

Livro

395 ALVES, Rachel Cristina Vesu; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. *Metadados no domínio bibliográfico*. Rio de Janeiro: Intertexto, 2013.

396 BARBOSA, Alice Príncipe. *Novos rumos da catalogação*. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978.

397 COYLE, Karen. *FRBR – Before and After*: A Look at Our Bibliographic Models. Chicago: ALA, 2016. Disponível em: http://kcoyle.net/beforeAndAfter/978-0-8389-1364-2.pdf. Acesso em: 2 ago. 2023.

398 DELAUNAY, Guillaume. *La place de la bibliothéconomie dans l'organisation des connaissances et les classifications*. Paris: École nationale supérieure des sciences de l'information et des bibliothèques, 2009. Disponível em: http://www.rechercheisidore.fr/search/resource/?uri=10670/1.937bso. Acesso em: 22 jul. 2023.

399 DEWEY, Melvil. *A Classification and subject index for cataloguing and arranging the books and panphlets of a library*. Massachusetts: Amherst, 1876. Disponível em:

http://www.gutenberg.org/ebooks/12513. Acesso em: 15 jul. 2023.

400 FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (org.). *A indexação de livros*: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

401 GARCÍA, Idália. *Secretos del estante*: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2011. Disponível em: https://ru.iibi.unam.mx/jspui/bitstream/IIBI_UNAM/L53/1/secretos_del_estante.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

402 GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera. *Organização do conhecimento e diversidade cultural*. Marília: ISKO Brasil, 2015. Disponível em: https://isko.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Proceedings-ISKO-Brasil-2015.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

403 LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos*: teoria e prática. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1993.

404 LANDRIDGE, Derek. *Classificação*: abordagem para estudantes de Biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

405 LIBRARY OF CONGRESS. Office for Descriptive Cataloging Policy. *Bibliographic description of rare books*: rules formulated under AACR 2 and ISBD(A) for the descriptive cataloging of rare books and other special printed materials. Washington, DC: Library of Congress, 1981. Disponível em:

https://archive.org/details/bibliographicdes0000libr. Acesso em: 24 jul. 2023.

406 MACHADO, Raildo de Sousa; ZAFALON, Zaira Regina. *Catalogação*: dos princípios e teorias ao RDA e IFLA LRM. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. Disponível em: http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/336/780/6478-1. Acesso em: 22 jul. 2023.

407 MENDES, Maria Tereza Reis. *Cabeçalhos para Entidades Coletivas*. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

408 MONTANER FRUTOS, Alberto. *Prontuario de bibliografía*: pautas para la realización de descripciones, citas y repertorios. Gijón: Trea, 1999.

409 MORTIMER, Mary. *Learn descriptive cataloging*. Canberra: DocMatrix, 2000. Disponível em: https://archive.org/details/learndescriptive0000mort. Acesso em: 24 jul. 2023.

410 MOTTA, Dilza Fonseca da. *Método Relacional como Nova Abordagem para a Construção de Tesauros*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1987. Disponível em: http://www.conexaorio.com/biti/dilza/index.htm. Acesso em: 30 jul. 2023.

411 RANGANATHAN, S. R. *Colon classification*. 2nd Ed. Madras: The Madras Library Association, 1939. Disponível em: https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.279875/mode/2up. Acesso em: 24 jul. 2023.

412 ROWLEY, Jennifer; HARTLEY, Richard. *Organizing Knowledge*. London: Routledge, 2008.

413 SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. *Rede Bibliodata/Calco*: base de dados bibliográfica, com informação para todos que pesquisam, estudam e trabalham. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1992.

414 SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. PEREIRA, Ana Maria. *Catalogação*: breve história e contemporaneidade. Niterói: Intertexto, 2014.

415 SHERA, Jesse; EGAN, Margaret E. *The classified catalog*: basic principles and practices. Chicago: American Library Association, 1956. Disponível em: https://archive.org/details/classifiedcatalo0000sher/page/n5/mode/2up. Acesso em: 24 jul. 2023.

416 SHERA, J. H.; EGAN, M. E. *Catálogo sistemático*: princípios básicos e utilização. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1969.

417 SIMÕES, Maria Graça; LIMA, Gercina Ângela de. *Do tratamento à Organização da Informação*: Reflexões sobre concepções, perspectivas e tendências. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. Disponível em: http://monographs.uc.pt/iuc/catalog/view/121/297/476-1. Acesso em: 28 jul. 2023.

418 SOUZA, Sebastião de. *CDU*: Como entender e utilizar a 2ª Edição-Padrão Internacional em Língua Portuguesa. 2ª ed. Brasília, DF: Thesaurus, 2010.

419 SVENONIUS, Elaine. *The Intellectual Foundation of Information Organization*. Cambridge: MIT Press, 2000. Disponível em:

https://archive.org/details/intellectualfoun0000sven. Acesso em: 24 jul. 2023.

420 VIZINE-GOETZ, Diane. *The Dewey Decimal Classification*. Dublin: OCLC Online Computer Library, Inc., 2009. Disponível em: http://www.oclc.org/content/dam/research/publications/library/2009/mitchell-dvg-elis.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

Sítio Web

421 AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. *Open discussion of RDA and related topics*. Chicago, [2015]. Disponível em: http://lists.ala.org/sympa/info/rda-l. Acesso em: 30 jul. 2023.

422 BLISS CLASSIFICATION ASSOCIATION. *Welcome to the web pages of the Bliss Classification Association*. London, [2016]. Disponível em: https://www.blissclassification.org.uk/. Acesso em: 26 jul. 2023.

423 FALLGREN, Nancy J. *Users and Uses of Bibliographic Data*. Washington DC: Library of Congress, Background Paper for the Working Group on the Future of Bibliographic Control, 2007. Disponível em: https://www.loc.gov/bibliographic-future/meetings/docs/UsersandUsesBackgroundPaper.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

424 GOMES, Hagar Espanha. *Biblioteconomia, Informação & Tecnologia da Informação*: Esta página se dedica aos interessados nos estudos de Informação / documentação. Rio de Janeiro, 2014.

Disponível em:
http://www.conexaorio.com/biti/index.htm. Acesso em: 25 jul. 2023.

425 INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *IFLA Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records*. [*S. l.*]. 2015. Disponível em: http://www.ifla.org/publications/functional-requirements-for-bibliographic-records. Acesso em: 24 jul. 2023.

426 INTERNATIONAL SOCIETY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION. [S.l.], 2004-2023. Disponível em: https://www.isko.org/. Acesso em: 5 ago. 2023.

427 OCLC. *RDA Implementation*. Chicago, 2015. Disponível em:
https://help.oclc.org/Library_Management/Amlib/Authorities/RDA_Implementation. Acesso em: 18 jul. 2023.

428 OCLC. *Organize your materials with the world's most widely used library classification system*: WebDewey. [Chicago], 2020. Disponível em: https://www.oclc.org/en/dewey.html. Acesso em: 5 ago. 2023.

429 RDA Toolkit Essentials. Chicago: American Library Association, 2015. Disponível em: http://www.rdatoolkit.org/essentials. Acesso em: 27 jul. 2023.

430 SEBASTIANI. Fabricio. *Bibliography on Automated Text Categorization*. [*S. l.*]: Resources for Text, Speech and Language Processing, 2018. Disponível em:

http://www.gabrilovich.com/resources/atc/atcbib.html. Acesso em: 27 jul. 2023.
431 TILLETT, Barbara. *What is FRBR?* A Conceptual Model for Bibliographic Universe. Washington, DC: Library of Congress Cataloguing Distribution Service, 2014. Disponível em: http://www.loc.gov/cds/downloads/FRBR.PDF. Acesso em: 28 jul. 2023.

432 UDC Consortium. *UDC History*. The Hague, 2020. Disponível em: http://www.udcc.org/index.php/site/page?view=about_history. Acesso em: 27 jul. 2023.

OBRAS DE REFERÊNCIA

«*a necessidade de se conhecer as fontes e saber identificar e promover o acesso à informação pertinente continua sendo tão importante quanto sempre foi para os profissionais que se dedicam ao atendimento do usuário*» - Mueller, 2000[104].

Na metade do Século XVIII, no contexto do Iluminismo, surgiu o movimento filosófico-cultural, conhecido por *Enciclopedismo* que foi marcado pela tentativa de recenseamento de todo o conhecimento humano.

Seus principais representantes foram os enciclopedistas d'Alembert e Diderot, tendo como objetivo a catalogação e a divulgação do conhecimento iluminista através da escrita, publicação e divulgação da Enciclopédia (ISRAEL, 2009)[105], contribuindo também para o desenvolvimento da Bibliografia e para o surgimento de outras obras de referência[106] (MALCLÈS, 1950).

Ao longo da vida, indivíduos são imbuídos ao aprendizado dos sentidos às palavras, entendimentos

---

[104] MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, B. S. *et al. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. cap.1, p. 21-34.

[105] ISRAEL, Jonathan I. *Iluminismo Radical*: a Filosofia e a construção da Modernidade (1650 - 1750). São Paulo: Madras, 2009.

[106] Algumas pessoas cometem equívocos quando afirmam que a bibliografia, como ideia ou produto, surge somente após a invenção dos tipos móveis de Gutenberg.

de conceitos, conhecimentos de fatos e ideias inerentes à categorização do mundo (BRANSFORD; BROWN; COCKING, 2007).

Deparam-se, consequentemente, com materiais de consulta, potencialmente remissivos a variados recursos de informação para atendimento à necessidade humana de saber.

Esses materiais são conhecidos como obras de referência (em inglês '*Reference Works*' *ou* '*Reference Books*') que se caracterizam como trabalhos destinados à referenciação de tal modo que permitem aos seus consultores acessarem tópicos e recursos em contextos de informação (tais como: da comunicação científica, literária e artística), facilitando sua localização.

No âmbito dos serviços de atendimento ao usuário de bibliotecas, obras de referência geralmente se enquadram em três categorias (WESTERN ILLINOIS UNIVERSITY, [2018], tradução nossa)[107]:

1) *Remissivas a fatos* - é o tipo mais comum de fonte de referência. São recursos que contêm dados úteis, como descrições, definições, estatísticas, listas,

[107] Alguns títulos são elencados com o objetivo de ilustrar alguns tipos de obras de referência. As partes sobre 'bibliografia' e 'guia de obras de referência' apresentam seleção com base na qualidade e facilidade de acesso às fontes: p. 183-192.

citações ou regras. Eles incluem dicionários, enciclopédias, manuais, atlas, almanaques, livros de cotação, biografias e manuais de estilo.

2) *Recursos de localização* - indicam documentos, tais como livros e artigos sobre um determinado tópico e podem existir em formato impresso ou eletrônico. Normalmente, pesquisa-se nessas fontes por tópico, assunto ou tema. Alguns exemplos incluem catálogos bibliográficos, bases de dados, índices e bibliografias.

3) *Recursos híbridos* - da mesma forma que o nome sugere, recursos híbridos combinam funções de fatos e de localização por conterem informações sobre um tópico, assunto ou tema e uma lista de recursos recomendados. Biobibliografias (vida e obra de uma pessoa ou instituição), diretórios e muitas enciclopédias especializadas - e até mesmo a Wikipédia – podem ser consideradas híbridas. Nessas características, há um considerável número de Bibliotecas Digitais que fornecem catálogos, bibliografias, biografias e dados sobre fatos, destaca-se nesse grupo a World Digital Library.

As obras de referência fornecem informações elementares sobre um tópico ou apontam para fontes

em uma área do conhecimento. Essencialmente, visam reunir dados ou indicações a textos relativos aos assuntos dispersos em determinada literatura.

Recursos de informação ou, simplesmente, recursos, por outro lado, são comumente relacionadas aos documentos como os livros e os artigos que podem fornecer o tipo de informação e análises detalhadas que alguém que pesquisa pode precisar (WESTERN ILLINOIS UNIVERSITY, [2018]), constituindo-se como fontes primárias.

Esse tipo de material pode ser publicado na forma de manuscrito, por exemplo: dicionário da língua – podendo ser atualizado ao longo do tempo; e de publicação seriada, tal como as bibliografias nacionais correntes.

As noções sobre obras de referência remetem aos canais de comunicação da informação, disponíveis em variado modelo conceitual. Em 1971, por exemplo, o modelo UNISIST foi desenvolvido pela Unesco para o programa de infraestrutura de informação com objetivos mundiais de transferência e possibilidades de acesso internacional ao conhecimento registrado.

Tal modelo foi orientado a partir do produtor de conhecimento mediante três categorias de canais

de distribuição da informação: comunicação informal, formal e ainda canais tabulares, decorrentes das métricas de informação no plano da produção e comunicação científica.

Os canais formais comportam os documentos publicados (livros e periódicos, por exemplo) que resultam do produtor-autor e se processam deste ao editor e publicadores a partir dos quais alcançam os usuários, por vezes por meio de bibliografias comerciais e seletivas ou por distribuição de dados bibliográficos, por agências bibliográficas nacionais e centros documentários.

Os documentos formais favorecem o controle bibliográfico em três níveis geográficos: regional, nacional e internacional, obtendo assim um efeito de visibilidade maior que a literatura cinzenta (teses, relatórios técnicos, documentos governamentais, por exemplo) em função da distribuição limitada à sua concentração lógica no âmbito particular do controle bibliográfico especializado.

Com a evolução da Internet, tecnologias digitais têm permitido avançadas arquitetura de bases de dados e repositórios on-line, tornando estas publicações acessíveis sem limitações para sua publicação e divulgação. A base de dados referencial

para literatura cinzenta e de cobertura internacional mais conhecida é a GreyNet.

A operacionalidade do modelo on-line de catálogos bibliográficos públicos pode abranger fontes primárias, secundárias e terciárias, onde os serviços e produtos das fontes secundárias registram e descrevem fontes primárias de modo que seu poder remissivo contribui com o propósito de recuperação de informação.

Catálogos bibliográficos especializados utilizam desses recursos com a finalidade de controle, análises descritivas, armazenamento, disseminação e preservação da informação, como por exemplo: catálogos de bibliotecas e editoras, serviços de referências, serviços de índices bibliográficos e bases de dados.

Nesse modelo, constituem-se em fontes terciárias: almanaques[108], manuais, enciclopédias, bibliografias de bibliografias, bibliografias especiais, como as de tradução, guias de literatura e guia de referência que consolidam, coletam e sintetizam fontes primárias e secundárias (HJØRLAND; SØNDERGAARD; ANDERSEN, 2005, p. 130-133).

---

[108] Um exemplo de fonte terciária é o *Almanac Search* que arrola na Web almanaques publicados nos EUA. Disponível em: https://www.almanac.com

Quanto ao alcance geográfico, obras de referência podem ser nacionais ou internacionais e quanto à cobertura, gerais ou especializadas. O ULRICH’S, por exemplo, é um guia classificado para fornecer lista selecionada de títulos de periódicos, estrangeiros e nacionais.

ULRICH’S é a fonte autorizada de informações bibliográficas sobre editores em mais de 300 mil periódicos de todos os tipos, constituindo-se em um diretório de editores e um guia mundial para fontes hemerográficas. No plano científico, destaca-se o *Master Journal List,* recurso on-line de pesquisa de periódicos na Web of Science.

No entanto, os vários tipos de obras de referência se distinguem em seu propósito, sua arquitetura e finalidades. Almanaques, enciclopédias, dicionários, glossários, guias de literatura, guia de obras de referência, bases de dados bibliográficos, diretórios, biobibliografias, catálogos bibliográficos de bibliotecas e comerciais, de editoras e de vendas e tesauros são exemplos dessa variedade.

Um almanaque é uma publicação, geralmente anual, que lista um conjunto de informações atualizadas sobre um ou vários assuntos que também

é conhecido pelo termo em inglês *Yearbook* (PRINCE GEORGE’S COMMUNITY COLLEGE, 2022).

Um almanaque pode ser apresentado como um calendário anual (anuário) contendo datas importantes e dados estatísticos ou astronômicos, tabelas de marés etc. ou na forma de manual, contendo informações de interesse geral ou sobre um esporte ou passatempo (PRINCE GEORGE’S COMMUNITY COLLEGE, 2022).

No caso da enciclopédia, Otlet (1934, p. 241, tradução nossa) apresentou cinco sentidos que a distingue: se universal visa à totalidade de uma ciência “englobando todas suas noções abstratas e concretas”; a enciclopédia dita comum traz ‘noções sumárias sobre todas as partes de uma ciência ou ciências’; a enciclopédia compreendida como ciência preliminar é o preparativo para estudar; a enciclopédia como ciência complementar auxilia seu consulente a “preencher lacunas nos estudos”, a enciclopédia filosófica é útil para um “conjunto das generalidades abstratas e permanentes de uma ciência”.

Os dicionários também apresentam tipos de acordo com suas funções e destinações de uso tendo como eixo central o significado das coisas: “Se o

primeiro livro de um povo é o dicionário da sua língua, o segundo deve ser o da sua história" (DICIONÁRIO... 2000)[109].

Existem dois tipos: dicionários gerais da língua e dicionários especializados (KATZ, 1992). O primeiro é mais comum e conhecido pois, reúne considerável número de palavras, definidas em suas várias acepções e significados, como por exemplo o "Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa" de Caldas Aulete.

Nessa categoria, há dicionários bilingues, plurilíngues, etimológicos, de coletivos, sinônimos e antônimos. Os especializados apresentam duas funções essenciais: 1) de complementação aos dicionários de língua; 2) de fornecimento de definições de termos empregados em uma área específica da ciência ou arte[110].

São exemplos: dicionários de assunto, temáticos (botânica, zoologia, farmácia etc.) e de abreviaturas, de nomes. Aqueles denominados temáticos podem apresentar verbetes com tratamento enciclopédico, apresentando conteúdos

---

[109] João Romano Torres, Lisboa, 25 de março de 1904, 1ª edição do dicionário português.
[110] DIAS, Eduardo Wense. Obras de referência. *In:* CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerrite (org.). *Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2003.p. [199]-216.

mais extensos do que a simples definição e até incluírem informações biográficas e históricas[111].

Já os de assunto costumam apresentar definições sucintas dos termos utilizados numa especialidade[112]. Distinguem-se de glossários e terminologias pois que, estes destinam-se, no campo das normas técnicas à padronização e uniformização de produtos, serviços e procedimentos, por vezes, específicos e restritos a certos profissionais dos setores da indústria, computação, saúde, aviação, atividade comercial, militar etc.

As terminologias fazem parte da normalização técnica. Elas contribuem para a padronização da comunicação do conhecimento, políticas de transferência de informações, qualidade de produtos e serviços bem como para a segurança da informação[113].

O glossário representa uma lista de palavras e expressões de sentido obscuro ou pouco conhecido e relativas a termos técnicos regionais ou estrangeiros

[111] Ibid. p. 201
[112] Ibid. p. 202-203.
[113] INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. ISO 27000. Security techniques -- Information security management systems -- Overview and vocabulary. Geneva, 2009.

empregados em um texto cuja ordenação alfabética é, em geral, anexado à obra[114].

No contexto da bibliografia, guias de literatura listam recursos em uma determinada disciplina, para um curso específico ou ainda para uma audiência maior sobre um assunto ou disciplina.

Os guias de literatura (em inglês *subject guides, pathfinder*) são sempre anotados e podem incluir fontes impressas e eletrônicas e ajudam pesquisadores a encontrar fontes e recursos de informação sobre um assunto, tema ou área do conhecimento (COURTOIS; HIGGINS; KAPUR, 2005).

O guia de obras de referência, também denominado por guia de referência, apresenta textos referenciais, podendo ser sinalético ou anotado (CALDEIRA, 1975), constituindo-se em um tipo de bibliografia que arrola obras de referência.

De acordo com Katz (1992), esse tipo de obra se distingue do manual (*handbook*) que se apresenta como um tratado de assunto especializado, já o guia de obras de referência arrola e apresenta análise de obras essenciais de referência usadas tanto pelo

---

[114] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011. Item 3: Termos e definições.

usuário quanto pelos especialistas e bibliotecários no serviço de referência.

As bases de dados foram desenvolvidas pelo Bureau of Census nos EUA na década de 1950. Bases de dados representam um tipo de sistema de informação computadorizado que pode ser pesquisado de modo interativo através de um terminal de computador (LEVINE-CLARK; CARTER, 2013).

Se compreendidos como repertórios automatizados que constituem conjuntos de diretórios, então, formam banco de dados (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

Sob este aspecto, banco de dados pode ser definido como conjunto de bases de dados que permite múltiplo acesso a informações.

A tipologia de bases de dados decorre de várias destinações que estes instrumentos permitem atender a necessidades distintas de informação: referencial, catalográfica, estatísticas etc.

No caso das bases de dados temos as que listam dados cadastrais e são conhecidas como diretórios (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

Outras listam dados numéricos ou estatísticos. Há bases de dados que se destinam a colecionar

imagens, mapas, vídeos dentre outros documentos não-textuais; a título de exemplo, a *Base Cartográfica Contínua - Brasil*, publicada pelo IBGE, apresenta elementos interpretados de imagens, de nomes geográficos e dados fornecidos por órgãos setoriais parceiros.

Já aquelas derivadas de bibliografias especializadas e dos serviços de indexação e resumos funcionam como bases de dados bibliográficos porque oferecem acesso às referências de recursos informacionais gerais ou especializados em todas as áreas do conhecimento e podem ser identificadas do seguinte modo:

a) *Bases de dados referenciais*: listam referências de determinados documentos. Podem apresentar alguma forma de descrição ou classificação por área (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Quando não apresentam qualquer tipo de anotação, como resumos, são sinaléticas.

b) *Bases de dados bibliográficas de acesso integral ao documento*: listam referências com ou sem comentários com a oportunidade de o consulente poder acessar integralmente o documento relacionado, mediante pagamento ou não (LEVINE-CLARK; CARTER, 2013).

As bases de dados bibliográficas têm como origem as bibliografias especializadas que, ao longo do tempo, transformaram-se nos periódicos de indexação e resumo com o propósito de controle bibliográfico especializado mediante atividades de coleta, indexação e disponibilização de informações atualizadas de uma área do conhecimento.

A partir da década de 1960, face ao aperfeiçoamento da automação e processamento computacional, bases de dados bibliográficos passaram a ser publicadas eletronicamente e atualmente, em sua maioria, estão disponíveis na Web.

Bases de dados são em geral especializadas por tratarem de uma área do conhecimento. Esse contexto demonstra que o controle da literatura especializada feito através das bibliografias especializadas, mais tarde denominadas por "Índices" e "Abstracts", originaram as bases de dados bibliográficos nas décadas que antecipam à popularização da Internet. (LEVINE-CLARK; CARTER, 2013).

Obras de referência de recursos híbridos são de tipos e funções variadas, como no caso das biobiliografias e diretórios. Os diretórios são

constituídos para fornecer listas de pessoas, organizações os de ambos sob arranjos de ordenação alfabética ou classificada com a finalidade de registrar endereços, afiliações, formação profissional, dentre outros dados.

Eles podem ser específicos, como o caso de catálogos telefônicos, industriais, médicos (CUNHA; CAVALCANTI, 2008) ou institucionais, como o caso do *Guia das Bibliotecas Brasileiras*, publicado pelo Instituo Nacional do Livro, na década de 1970.

Há diretórios que informam dados profissionais dentro de uma comunidade que dividem interesses na mesma atividade, setor de produção ou área do conhecimento, é o caso das obras denominadas por ‘Quem é Quem’ (em inglês *Who’s Who*). Diretório de biografias costumam ser denominados por dicionário biográfico.

Essa obra de referência é um tipo de diretório biográfico que fornece dados de indivíduos, tais como: data de nascimento, região onde vive, afiliação, cargo que ocupa e formação educacional dentre outros, e que eventualmente, também podem, eventualmente, fornecer dados sobre sua produção intelectual.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação publicou em 1970 o diretório *Quem é quem na biblioteconomia e documentação no Brasil*.

As biobibliografias são trabalhos bibliográficos que registram e descrevem vida e obra intelectual de uma pessoa, grupo de pessoas e até de instituições. Limitando-se a apresentar a vida de uma pessoa, trata-se de um gênero literário denominado por *biografia*[115].

Quando se destinam a pesquisar, descrever e incluir a obra intelectual do biografado, temos a *biobibliografia* que em sua base é um trabalho técnico-científico que se diferencia da biografia romanceada que com objetivo literário, o autor recria, ficcionalmente, o material documental e de pesquisa sobre a vida dos biografados[116].

A Wikipedia é um exemplo de canal de divulgação biobibliográfica que, de modo colaborativo, apresenta dados biográficos acrescidos de citações e lista de referências.

Na Web, há uma infinidade de sítios propondo fornecer citações com notas biográficas de pessoas

---

[115] HISGAIL, Fani (Org.). *Biografia*: Sintoma da Cultura. São Paulo: Hacker Editores, 1997.
[116] Ibid.

famosas e por vezes, acrescentam referências e atribuições de frases, filosóficas e universais.

Em um sentido ampliado, catálogos são listas de materiais preparados para um propósito particular, por exemplo: um catálogo de exposição ou de vendas.

De acordo com o Glossário da ALA (LEVINE-CLARC; CARTER, 2013, p. 47), no domínio bibliográfico, um catálogo é um arquivo contendo registros bibliográficos, criado de acordo com princípios de construção específicos e uniformes sob um sistema de controle de autoridades e que descreve materiais contidos em uma coleção, biblioteca ou grupo de bibliotecas.

No plano de uma biblioteca, pode haver vários catálogos com distintas funções de controle bibliográfico dos quais são manuseados e utilizados pelos profissionais na biblioteca. Aquele destinado ao acesso público é denominado por catálogo bibliográfico público.

Catálogos bibliográficos on-line são excelentes recursos para localizar obras de referências, como enciclopédias e bibliografias, pois permitem ao usuário estabelecer estratégias de buscas que podem localizar as palavras “bibliografia” e “bibliografias”

ou “enciclopédia” e “enciclopédias” em qualquer parte de um registro on-line, desde o título do assunto até a descrição bibliográfica.

Catálogos bibliográficos públicos são naturalmente desenvolvidos como parte do sistema de controle bibliográfico interno de bibliotecas, arquivos, museus, por exemplo; também podem ter natureza comercial, como catálogos de editoras, livrarias e outras formas de comercialização e circulação de documentos.

Editoras e livreiros também dispõem de catálogos bibliográficos sem, no entanto, obedecerem as mesmas regras de catalogação que bibliotecas aplicam e estão em funcionamento na Web de muitos modos. Catálogos bibliográficos comerciais também são fontes para o estudo em bibliografias intelectuais e físicas e para a história editorial, bem como, úteis para o desenvolvimento de coleções.

A primeira vez bem sucedida de se estabelecer um catálogo bibliográfico on-line partiu da Biblioteca Alden, da Universidade de Ohio (EUA), em 1971. E teve como marco a catalogação baseada em computação on-line que permitiu construir um sistema onde as bibliotecas podiam compartilhar

eletronicamente registros de catálogos em uma rede[117].

Esse catálogo acabou se tornando o núcleo do WorldCat, da OCLC, o catálogo coletivo internacional on-line que é compartilhado por bibliotecas em 107 países, incluindo o Brasil.

Catálogos bibliográficos on-line passaram a ser conhecidos pela expressão em inglês *Online Public Access Catalog* (OPAC). Conforme o Glossário da ALA (LEVINE-CLARC; CARTER,2013, p. 180), OPAC é um catálogo de acesso público on-line a registros bibliográficos.

Com a automação e aplicações de tecnologias digitais, pode-se dizer que há milhares de catálogos bibliográficos de bibliotecas, de editoras e livreiros disponíveis na Web; ambiente digital oportuno para agregação de serviços e produtos bibliográficos disruptivos.

Tesauro é um repertório alfabético de termos utilizados em indexação e classificação de documentos com base na compilação de termos que mostram sinônimos, hierarquias e outros

[117] MIHELICH, Amy. *A Brief History of the Library Catalog*. Washington, DC: Washington Country Cooperative Libraries Services, 2023. Disponível em: https://www.wccls.org/news/brief-history-library-catalog#:~:text=1971%2C%20August%2026%20%E2%80%93%20Ohio%20University's,entering%20records%20in%20each%20catalog. Acesso em: 2 jun. 2023.

relacionamentos, cuja função é fornecer um vocabulário padronizado e controlado para armazenamento e recuperação de informações (LEVINE-CLARC; CARTER, 2013, p. 254).

Trata-se de um vocabulário controlado com vistas a tradução da linguagem natural contida nos documentos, bem como “aquela dos indexadores e usuários, em uma nova forma de representação que, por ser uniforme e padronizada, permite a recuperação da informação pelos sistemas de busca” (TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL-PE, [2022]).

Artigo

433 ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Fontes de informação na área de preservação de bens culturais. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 20, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 1996. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/77730. Acesso em: 14 jul. 2023.

434 ANDRADE, DIVA CARRARO; GEBARA, Leila; CINTRA, Maria Antônia de Ulhôa; CAUSIN, Maria Itália. Roteiro para o desenvolvimento de um guia de obras de referência em ciências sociais e humanas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 5, n. 2, 1977. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75468. Acesso em: 15 jul. 2023.

435 ARCHELA, Rosely Sampaio. Bibliografia analítica das pesquisas em cartografia e a cartografia escolar no Brasil. *Boletim de Geografia*, Maringá, v. 19, n. 2, p. 334-346, 26 jul. 2011. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/14223. Acesso em: 16 jul. 2023.

436 BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloísa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João pessoa, v. 6, n. 2, p. 204-217, jul./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/26798. Acesso em: 12 jul. 2023.

437 BAWDEN, David. Alas poor ARIST: reviewing the information sciences. *Journal of Documentation*, London, v. 66, n. 5, p. 625-626, 2010.

438 CALDEIRA, Paulo Terra. Guias de referência. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 242-263, set. 1975. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75640. Acesso em: 20 jul. 2023.
439 CÉNDON, Beatriz Valadares. Bases de dados de informação para negócios no Brasil. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 32, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n2/17030. Acesso em: 16 jul. 2023.

440 COURTOIS, Martin P.; HIGGINS, Martha E.; KAPUR, Aditya. Was the guide helpful? User`s perception of subject guides. *Reference Services Review*, [London], v. 33, n. 2, p. 188-196, 2005.

441 CUNHA, Murilo Bastos da. Bases de dados no Brasil: um potencial inexplorado. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 18, n. 1, p. 45-57, jan./jun. 1989. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/322. Acesso em: 18 jul. 2023.

442 DIAS, Walderez Maria D.; SILVA, Maria Neves de Oliveira. O uso de base de dados em bibliotecas brasileiras e americanas. *Revista de Biblioteconomia*, Brasília, DF, v. 15, n. 2, p. 203- 215, jul./dez. 1987. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76182. Acesso em: 20 jul. 2023.

443 FONSECA, Edson Nery da. O negócio das Enciclopédias. *Revista Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 91-98, 1972. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/12/12. Acesso em: 13 jul. 2023.

444 GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. O uso de obras de referência no letramento de estudantes da educação básica. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, artigo 4, fev. 2015. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8121. Acesso em: 18 jul. 2023.

445 GRAVIER, Marina Garone. Los catálogos editoriales como fuentes para el estudio de la bibliografía y la historia de la edición. el caso del fondo de cultura económica. *Palabra Clave*, Buenos Aires, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/139753. Acesso em: 22 jul. 2023.
446 GUIMARÃES Tatiara Paranhos; MARCIAL, Cristine Coutinho. Guias de bibliotecas como fontes de Informação: metodologia de elaboração do Guia da 1ª região. *Informação & Informação*, Londrina, v. 13, n. 2, p.108-124, jul./dez. 2008. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1823. Acesso em: 14 jul. 2023.

447 HJØRLAND, Birger; SØNDERGAARD; Trine Fjordback ANDERSEN, Jack. UNISIST Model and Knowledge Domains. *In*: ENCYCLOPEDIA of Library and Information Science. New York: CRC Press, p. 129-135, 2005.

448 OHIRA, Maria Lourdes Blatt. Biblioinfo: Base de dados sobre automação em bibliotecas (Informática documentária): 1986-1994. *Revista Ciência da*

Informação, Brasília, DF, v. 23, n. 3, p. 369-371, set./dez. 1994. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/538. Acesso em: 14 jul. 2023.

449 PONTES, Cecília Carmem Cunha. Bases de dados em Ciência e Tecnologia. *Transinformação*, Campinas, SP, v. 2, n. 2/3, p. 33-42, maio/dez. 1990. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1665. Acesso em: 20 jul. 2023.

450 SALCEDO, D. A.; FEITOSA, K. L. Índices para obras de referência: o caso da bibliografia filatélica brasileira (BIFIBRA). *Biblios*, Brasília, DF, n. 72, p. 22-34, 2018. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/69822. Acesso em: 14 jul. 2023.

451 TEIXEIRA, Magda Chagas. Enciclopédia eletrônica: semelhanças e diferenças com o documento tradicional. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 19-37, 2002. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39660. Acesso em: 15 jul. 2023.

Livro

452 BRANSFORD, John D.; BROWN, Ann L.; COCKING, Rodney R. (org). *Como as Pessoas Aprendem*. São Paulo: Senac, 2007.

453 CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerrite (org.). *Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2003.

454 CASSEL, Kay Ann; HIREMATH, Uma. *Reference and Information Services in the 21st Century*: An Introduction. 2nd Ed. New York: Neal-Schuman Publishers, 2009. Disponível em: https://archive.org/details/referenceinforma0002cass . Acesso em: 16 jul. 2023.

455 CUNHA, Murilo Bastos da. *Para saber mais*: fontes de informação em Ciência e Tecnologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2001. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/15121. Acesso em: 24 jul. 2023.

456 ______. *Para saber mais*: fontes de informação em Ciência e Tecnologia. 2 ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016.

457 GÓMEZ-DOMÍNGUEZ, David. *Fuentes de información bibliográficas*. Granada: Universidad de Granada, [2003]. Disponível em: http://www.ugr.es/~jologon/metodos_2008/metodos/PDF/articulo_fuentes_infor.pdf. Acesso em: 30 jul. 2023.

458 INTRODUCCIÓN a las obras de consulta. [Madrid]: Biblioteca Nacional de España, 2003.

Disponível em:
http://www.bne.es/es/Micrositios/Guias/ObrasReferencia/resources/docs/GuiaPDF.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

459 KATZ, William A. *Introduction to Reference Work*. 6th Ed. New York: McGraw-Hill, 1992. v. 1. Disponível em:
https://archive.org/details/introductiontore00katz_3. Acesso em: 16 jul. 2023.

460 LOPEZ CARREÑO, Rosana. *Fuentes de información. Guía básica y nueva clasificación*. Barcelona: Editorial UOC, 2017.

461 MALCLÈS, Louise Noëlle. *Les sources du travail bibliographique*. Paris: Minard, 1950. Disponível em: https://archive.org/details/lessourcesdutrav0001lnma. Acesso em: 24 jul. 2023.

462 TOMAEL, Maria Inez; ALCARÁ, Adriana Rosecler (org.). *Fontes de informação digital*. Londrina: Eduel, 2016.

Sítio Web

463 DIAS, Célia. Os canais de comunicação científica. *Fontes*, João Pessoa, jun. 2011. Disponível em: http://fontesgerais.blogspot.com/2011/06/os-canais-de-comunicacao-cientifica.html. Acesso em: 14 jul. 2023.

464 ______. Enciclopédias. *Fontes*, João Pessoa, 9 jun. 2011. Disponível em:
http://fontesgerais.blogspot.com/2011/06/enciclopedi

as-adriana-magda-e-natalia.html. Acesso em: 14 jul. 2023.

465 PRINCE GEORGE’S COMMUNITY COLLEGE. *Almanacs and Yearbooks*.. [*S.l.*]: Library & Learning resource, 2022. Disponível em: https://pgcc.libguides.com/c.php?g=60059&p=385935. Acesso em: 17 jul. 2023.

466 REFERENCE Service and Sources. Fairbanks: Elmer E. Rasmuson Library, [2019]. Disponível em: https://library.uaf.edu/ls101-reference-services. Acesso em: 17 jul. 2023.

467 TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL-PE. *O que é tesauro ou thesaurus?* Recife, [2022]. Disponível em: https://www.tre-pe.jus.br/jurisprudencia/perguntas-frequentes/o-que-e-tesauro-ou-thesaurus. Acesso em: 22 jul. 2023.

468 UNIVERSITY OF DENVER. *A-Z Databases: Dictionaries / Encyclopedias*: Research Guides. Denver, [2021]. Disponível em: https://libguides.du.edu/az.php?t=17166. Acesso em: 20 jul. 2023.

469 WESTERN ILLINOIS UNIVERSITY. *Library Research Basics: 5. Reference Materials*. Disponível em: https://wiu.libguides.com/c.php?g=295551&p=1969525. Acesso em: 22 jul. 2023.

Almanaque

470 EUROPA World Plus: The Global Reference Resource. [Abingdon]: Taylor & Francis Group, 2018. Disponível em: https://librarianresources.taylorandfrancis.com/prod

uct-info/digital-products/online-resources/europa-world/. Acesso em: 25 jul. 2023.

471 EUROPA World Year Book. [London]: Taylor & Francis Group, 2023. Disponível em: https://librarianresources.taylorandfrancis.com/books/europa/. Acesso em: 25 jul. 2023.

472 JANSSEN, Sarah. *The World Almanac and Book of Facts*: 2015. New York: World Almanac Books, 2015. Disponível em: https://archive.org/details/worldalmanacbook0000unse/page/n5/mode/2up. Acesso em: 25 jul. 2023.

Bases de dados bibliográficos

473 BALL, Rafael (ed.). *E-rara*. Zurich: ETH-Bibliothek, [2023]. Disponível em: http://www.e-rara.ch/. Acesso em: 14 jul. 2023. Serviço nacional de base de dados de obras raras de textos digitalizados por bibliotecas suíças. Em sua plataforma, arrola livros, mapas a materiais ilustrados dos séculos XVI ao XX.

474 BIELEFELD ACADEMIC SEARCH ENGINE (BASE). *About BASE*. Bielefeld University Library, 2023. Disponível em: http://www.base-search.net/about/en/. Acesso em: 12 jul. 2023.

475 BRASIL. Ministério da Educação. *Portal Domínio Público*. Brasília, DF, [2005]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp. Acesso em: 19 jul. 2023.

476 BIBLIOGRAPHY of Foreign-Language Printed Bohemica up to 1800 (BFPB) Database. Prague: AV ČR – History of book culture, Department of Historical Bibliography at CR Academy of Sciences Library, 2023. Disponível em: http://clavius.lib.cas.cz/katalog/eng/baze.htm. Acesso em: 19 jul. 2023.

477 LATINDEX. Sistema Regional de Información en línea para revistas científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, [2022]. Disponível em: https://www.latindex.org/latindex/inicio. Acesso em: 30 jul. 2023.

478 NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE. *MEDLINE®*: Description of the Database. Bethesda, 2022. Disponível em: https://www.nlm.nih.gov/bsd/medline.html. Acesso em: 17 jul. 2023.

Bibliografia

479 BASTOS, Simone; RODRIGUES, Ricardo C. Fontes para o estudo da bibliografia brasileira. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 9, n. 2, p. 145-152, jul./dez. 1981. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/77451. Acesso em: 24 jul. 2023.

480 CÓRDON-GARCÍA, José Antonio; ALONSO-ARÉVALO, Julio; GÓMEZ DÍAZ, Raquel; LÓPEZ LUCAS, Jesús. *Las nuevas fuentes de información: Información y búsqueda documental en el contexto de la web 2.0*. 2ª ed. Madrid: Ediciones Pirámide,

2004. Disponível em: https://archive.org/details/las-nuevas-fuentes-de-informaci-cordon-garcia-jose-a-alonso/page/3/mode/2up. Acesso em: 25 jul. 2023.

481 BIBLIOGRAFIA Crítica do Teatro Brasileiro. São Paulo: USP, [2020]. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/bctb/. Acesso em: 20 jul. 2023.

482 BIBLIOGRAFIA Geral do Patrimônio. IPHAN: Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/bibliografiaPatrimonio. Acesso em: 26 jul. 2023.

483 BRENNI, Vito Joseph. *The Art and History of Book Printing*: A Topical Bibliography. Westport: Greenwood, 1984.

484 COBLANS, Herbert. *Best books of Brazil*: a guide to translations in English. [Johannesburg]: Potschefstroom, 1955.

485 CUNHA, Murilo Bastos da. Biblioteca digital: bibliografia das principais fontes de informação. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 39, n. 1, p. 88-107, jan./abr. 2010. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/711. Acesso em: 30 jul. 2023.

486 DINIZ, Cláudia Coimbra. *Fontes selecionadas para pesquisa e estudo de obras raras e valiosas*. Brasília, DF: Senado Federal, 2012. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242976. Acesso em: 21 jul. 2023.

487 GARRAUX, A. L. *Bibliographie brésilienne*: catalogue des ouvrages français & latins Relatifs au Brésil. 2. ed. Introdução de Francisco de Assis

Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or48376/or48376.pdf. Acesso em: 16 jul. 2023. Coleção Documentos brasileiros, 100. Obra originalmente publicada em Paris, em 1898.

488 HESSIAN LIBRARY INFORMATION SYSTEM. *Hessische Bibliographie*. [Frankfurt am Main], [2023]. Disponível em: http://cbsopac.rz.uni-frankfurt.de/LNG=DU/DB=2.4/?COOKIE=U203,K203,I251,B1999++++++,SN,NDefault+login,D2.4,Ed55852ab-2210,A,H,R168.227.52.209,FY. Acesso em: 19 jul. 2023. Link de acesso em português.

489 HUE, Sheila Moura; PINHEIRO, Ana Virginia. 2. ed. *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

490 KNIHOVNA AKADEMIE VĚD CZECH REPUBLIC. *Bibliological bibliography*. Prague: AV ČR – History of book culture, Department of Historical Bibliography at CR Academy of Sciences Library, 2018. Disponível em: https://www.lib.cas.cz/kvo/en/bibliological-bibliography/. Acesso em: 29 jul. 2023.

491 LÓPEZ, José Yepes. *El estudio de la documentación*: metodología y bibliografía fundamental. Madrid: Madrid Tecnos, 1981.

492 MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

493 MORAES, Rubens Borba de; BERRIEN, William (Dir.). *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1949. Reedição eletrônica de 1998 pelo Senado Federal: Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1023. Acesso em: 20 jul. 2023.

494 MOREIRA, Maria José; CARDIM, Neusa; DIB, Simone Faury. *Concursos Públicos em Biblioteconomia*: Índice Bibliográfico. Brasília, DF: Thesaurus, 2006.

495 NASCIMENTO, Braulio do; BOUYER, Cydnéa. *Bibliografia do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1971.

496 NOCETTI, Milton A. *Bibliografia brasileira sobre automação de serviços bibliotecários*: 1968-1981. Brasília, DF: EMBRAPA, 1982.
497 NOCETTI, Milton; OLIVEIRA, Maria da Conceição. *Fontes para o estudo da Biblioteconomia Agrícola no Brasil*. Brasília, DF: EMBRAPA, 1978.

498 PINHEIRO, Ana Virgínia. *Livros Raros de Biblioteconomia*: a memória científica da Biblioteca Nacional brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

499 RAYWARD, W. Boyd. *A Bibliography of the Works of Paul Otlet, 1868-1944*. Kensington, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/32955347_Bibliography_of_the_Works_of_Paul_Otlet. Acesso em: 22 jul. 2023.

500 REPERTOIRE INTERNATIONAL DES SOURCES MUSICALES (RISM). The International Inventory of Musical Sources: Paris, [2017?]. Disponível em: http://www.rism.info/home/. Acesso em: 22 jul. 2023.

501 WITT, Maria; HENRYK, Sawoniak (ed.). *International Bibliography of Bibliographies in Library and Information Science and Related Fields*. Berlin: De Gruyter Saur, 1945-1990. 2 v. Disponível em: https://www.degruyter.com/serial/ibblis-b/html. Acesso em: 24 jul. 2023.

Biobibliografia

502 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. 7 v. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681. Acesso em: 22 jul. 2023.

503 CASCUDO, Luís da Câmara. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*: tentativa de ensaio biobibliográfico. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

504 DICIONÁRIO Biobibliográfico de autores brasileiros: filosofia, pensamento político, sociologia, antropologia. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1030. Acesso em: 25 jul. 2023.

Catálogo bibliográfico on-line

505 ALFAGRAMA. *E-books*. Buenos Aires, [2020]. Disponível em: https://alfagrama.com.ar/categoria-producto/ebook/. Acesso em: 22 jul. 2023. Catálogo comercial on-line da Editora Alfagrama que publica livros na área de Biblioteconomia, impresso e e-book.

506 CATÁLOGO coletivo nacional de publicações seriadas. Brasília, DF: IBICT, [2015]. Disponível em: http://ccn.ibict.br/busca.jsf. Acesso em: 14 jul. 2023.

507 EUROPEANA Collections. [Bruxelles]: European Union, [2018]. Disponível em: https://www.europeana.eu/portal/pt. Acesso em: 22 jul. 2023.

508 FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Catálogo de Publicações da Fundação Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, [2000?]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000128.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

509 GALLICA. [Catalogue]. Paris: BnF, [2018]. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/accueil/?mode=desktop. Acesso em: 30 jul. 2023.

510 NATIONAL LIBRARY OF AUSTRALIA. [Catalogue]. Canberra, [2022?]. Disponível em: https://catalogue.nla.gov.au/. Acesso em: 30 jul. 2023.

511 NATIONAL Union Catalog. Washington, DC: Library of Congress, 2022. Disponível em: http://www.loc.gov/rr/main/inforeas/union.html. Acesso em: 23 jul. 2023.
512 OAK KNOLL. *Wellcome to Oak Knoll*. New Castle, 2020. Disponível em: https://www.oakknoll.com/?utm_source=Recent+Reviews+-

+August+2019&utm_campaign=Recent+Reviews+-+August+2019&utm_medium=email. Acesso em: 22 jul. 2023.

513 WORLDCAT. OCLC: [*S. l.*]: OCLC, 2017. Disponível em: https://www.worldcat.org/. Acesso em: 25 jul. 2023.

Dicionário

514 AULETE DIGITAL. [Rio de Janeiro]: Lexicon Editora Digital, [2020?]. Disponível em: https://www.aulete.com.br/. Acesso em: 22 jul. 2023.

515 BUONOCORE, Domingo. *Diccionario de bibliotecología*. 2. ed. Buenos Aires: Marymar, 1976.

516 CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/34113. Acesso em: 14 jul. 2023.

517 DICIONÁRIO Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico. Lisboa: Manuel Amaral Ed, 2000. Disponível em: http://www.arqnet.pt/dicionario/. Acesso em: 22 jul. 2023.

518 DICIONÁRIO Iphan de Patrimônio Cultural. Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural. Acesso em: 25 jul. 2023.

519 FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro*: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EDUSP, 2008.

520 FEATHER, John. *A Dictionary of Book History*. London: Oxford, 1986. Disponível em: https://archive.org/details/dictionaryofbook0000unse/page/n7/mode/2up. Acesso em: 25 jul. 2023.

521 GARCÍA EJARQUE, Luis. *Diccionario del archivero bibliotecario*. Gijón: Ediciones Trea, 2000.

522 LÓPEZ, José Yepes. *Diccionario enciclopédico de ciencias de la documentación*. Madrid: Madrid Editorial Sintesis, 2004.

523 MARTÍNEZ DE SOUZA, José. *Diccionario de edición, tipografía y artes gráficas*. Gijón: Trea, 2001.

524 MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

525 REITZ, Joan M. *Online Dictionary for Library and Information Science*. Santa Barbara: ABC CLIO, 2004-2014. Disponível em: http://www.abc-clio.com/ODLIS/odlis_b.aspx. Acesso em: 30 jul. 2023.

526 SPINAK, Ernesto. *Diccionario Enciclopédico de Bibliometría, Cienciometría y Informetría*. Montevideo: Unesco, 1996. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002433/243329S.pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

527 VOCABULARIUM Bibliotecarii. 2nd Ed. Paris: Unesco, 1962. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000715/071518MB.pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

Diretório

528 ALOI, Michael J.; FUSCO, Marjorie; KETCHAN, Susan E. *Digital Collections Worldwide*: An Annotated Directory. New York: Neal-Schuman Publishers, 2013.
529 CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. *Diretório de Instituições*. Brasília, DF, 2002-2004. Disponível em: http://di.cnpq.br/di/index.jsp. Acesso em: 22 jul. 2023.

530 THE FOREIGN Book Dealers Directory. Chicago: Association for Library Collections &Technical Services, 1997-2018. Disponível em: http://www.ala.org/CFApps/bookdealers/. Acesso em: 26 jul. 2023.

531 GUIA das bibliotecas brasileiras 1976. Rio de Janeiro: INL, IBGE, 1978. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=281474&view=detalhes. Acesso em: 30 jul. 2023.

532 LIBRARY Associations Around the World. [Chicago]: American Library Association, 2006. Disponível em: http://www.ala.org/aboutala/offices/iro/intlassocorgconf/libraryassociations. Acesso em: 23 jul. 2023.

533 INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO. *Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil*. Rio de Janeiro, 1971. Disponível em:

https://livroaberto.ibict.br/handle/1/991. Acesso em: 12 jul. 2023.

534 SCIREV: *Spending Up Scientific Knowledge Production*. [*S.l.*]: SciRev Foundation, 2013-2018. Disponível em: https://scirev.org/. Acesso em: 26 jul. 2023.

535 U. S. NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE. *Directory of History of Medicine Collections*. Bethesda, 2018. Disponível em: https://hmddirectory.nlm.nih.gov/. Acesso em: 13 jul. 2023.

Enciclopédia

536 ENCYCLOPEDIA of Library and Information Science. New York: CRC Press, 2005.

537 ENCYCLOPEDIA of Knowledge Organization. Edmonton: International Society for Knowledge Organization, 2020. Disponível em: https://www.isko.org/cyclo/. Acesso em: 27 jul. 2023.

538 FEATHER, John; STURGES, R. P. International Encyclopedia of Information and Library Science. New York: Routledge, 2003. Disponível em: https://archive.org/details/internationalenc00john. Acesso em: 16 jul. 2023.

539 INSTITUO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia e Conselho Nacional de Estatística, 1957-1964. 36 v. il., mapas. Inclui bibliografia. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-cata%20logo?view=detalhes&id=227295. Acesso em: 14 jul. 2023.

540 KENT, A.; LANCOUR, H. (ed.). *Encyclopedia of Library and Information Science*. New York: M. Dekker, 1968-1992. 49 v. Vários volumes estão disponíveis na plataforma *Internet Archive*.

541 NEW WORLD ENCYCLOPEDIA. *New World Encyclopedia*: About. [*S.l.*], [2023]. Disponível em: https://www.newworldencyclopedia.org/entry/New_World_Encyclopedia:About. Acesso em: 30 jul. 2023.

542 WEDGEWORTH, Robert (ed.). *World Encyclopedia of Library and Information Services*. 3rd Ed. Chicago: American Library Association, 1993. Disponível em: https://archive.org/details/worldencyclopedi0000unse/page/n7/mode/2up. Acesso em: 26 jul. 2023.

Glossário

543 HEITLINGER, Paulo. *Glossário*: índice de temas. [Lisboa]: TIPÓGRAFOS.NET, 2007. Disponível em: http://tipografos.net/glossario/index.html. Acesso em: 25 jul. 2023.

544 LEVINE-CLARC; Michael; CARTER, Toni N (ed.). *ALA [Glossary] of library & information science*. 4th Ed. Chicago: American Library Association, 2013. Disponível em: https://archive.org/details/alaglossaryoflib0000unse/page/172/mode/2up. Acesso em: 15 jul. 2023.

545 PINHEIRO, Ana Virginia (comp.). Glossário de codicologia e documentação. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 115, p. 123-213, 1995. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1995_00115.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

546 RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon; SILVA, Mariana Briese. *Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [2023]. Disponível em: https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/336. Acesso em: 15 jul. 2023.

547 SOUSA, B. A. de. *Glossário*: Biblioteconomia - Arquivologia - Comunicação - Ciência da Informação. 2. ed. rev. e atual. João Pessoa: UFPB, 2008.

Guia de Literatura

548 ANNUAL REVIEW OF INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY. Silver Spring: Association for Information Science & Technology, 1966-2011. Vários volumes estão disponíveis para acesso na Plataforma Internet Archive, incluindo o primeiro, de 1966.

549 ANNUAL REVIEW OF NURSING RESEARCH. New York: Springer Publishing Company, 2015. v. 33. Disponível em: https://archive.org/details/annualreviewofnu0033unse_a4j9/page/12/mode/2up. Acesso em: 23 jul. 2023.

550 ELLIS, Alec. *How to Find Out About Children's Literature*. 3rd Ed. Oxford: Pergamon, 1973. Disponível em:

https://archive.org/details/howtofindoutabou00elli. Acesso em: 26 jul. 2023.

Guia de Obras de Referência

551 ALVES, Suly Cambraia (comp.); MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio; BASTOS, Simone (org.). *Tesauros, bibliografia 1970/1982*. Brasília, DF: CNPq, 1983. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1004. Acesso em: 14 jul. 2023.

552 ARAÚJO, Zilda Galhardo de. *Guia de bibliografia especializada*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Bibliotecários, 1969.

553 CUNHA, Murilo Bastos da. *Manual de fontes de informação*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2010.

554 ______. *Manual de fontes de informação*. 2ª ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2020. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/36747. Acesso em: 1 ago. 2023.

555 GUIDE to Reference. Chicago: American Library Association, 2008-. Acesso mediante pagamento de assinatura. Disponível em: https://web.archive.org/web/20150215014745/http://www.guidetoreference.org/HomePage.aspx. Acesso em: 22 jul. 2023.

556 HARTNESS, Ann. *Brasil*: obras de referência: 1999-2013. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2014.

557 KISTER, Kenneth F. *Best encyclopedias*: a guide to general and specialized encyclopedias. Phoenix, AZ : Oryx Press, 1986. Disponível em: https://archive.org/details/bestencyclopedia0000kist/page/36/mode/2up. Acesso em: 23 jul. 2023.

558 MÁRDERO ARELLANO, Míguel Angel *et al. Guia de fontes de informação para editores de periódicos científicos*. Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação/UnB, 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/5479. Acesso em: 30 jul. 2023.

559 SABOR, Josefa Emília. *Manual de fuentes de información*. 3. ed. Buenos Aires: Kapelusz, 1957. Disponível em: https://archive.org/details/manualdefuentesd0000jose/page/n3/mode/2up. cesso em: 25 jul. 2023.

Tesauro

560 BIBLIOTECA NACIONAL DE AGRICULTURA. *THESAGRO - Thesaurus Agrícola Nacional*. Brasília, DF: EMBRAPA, [2021]. Disponível em: https://sistemas.agricultura.gov.br/tematres/vocab/index.php. Acesso em: 13 jul. 2023.

561 PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; FERREZ, Helena Dodd. *Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação*. Rio de Janeiro; Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2014. Disponível em: http://sitehistorico.ibict.br/publicacoes-e-institucionais/tesauro-brasileiro-de-ciencia-da-informacao-1/

copy_of_TESAUROCOMPLETOFINALCOMCAPA2410 2014.pdf. Acesso em 14 jul. 2023.

562 REDMOND-NEAL, Alice; HLAVA, Marjorie M. K. (ed.). *ASIS&T Thesaurus of Information Science, Technology and Librarianship*. 3rd. Ed. Medford: Information Today, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/ASIS_T_Thesaurus_of_Information_Science.html?id=urTlgtWIPiAC&redir_esc=y. Acesso em: 14 jul. 2023.

563 UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. *About UNESCO Thesaurus*. Paris, [2020]. Disponível em: http://vocabularies.unesco.org/browser/en/about. Acesso em: 13 jul. 2023.

GLOSSÁRIO

AMÉRICA LATINA PORTAL EUROPEU - Informações e pesquisas científicas sobre América Latina. O Portal é fruto da cooperação entre as redes Rede Europeia de Informação e Documentação sobre a América Latina (REDIAL) e Conselho Europeu de Pesquisas Sociais da América Latina (CEISAL); o objetivo é oferecer um sistema completo de informação especializada em pesquisa europeia em Ciências Humanas e Sociais sobre América Latina.

AMERICAN DOCUMENTATION INSTITUTE (ADI)[118] - Instituição fundada nos EUA por Watson Davis (1896-1967) em 1935 como Instituto de Documentação que mudou seu nome para 'American Documentation Institute - Instituto Americano de Documentação' em 1937. Em 1968, seu nome foi novamente mudado para 'American Society for Information Science (ASIS) - Sociedade Americana de Ciência da Informação', que mais uma vez em 2000 mudou o nome para: 'Association for Information Science & Technology (ASIS&T) - Sociedade Americana para a Ciência e Tecnologia da Informação'. Watson Davis foi um dos primeiros americanos a ter um interesse em como os termos "documentos" e "documentação" foram usados na Europa. Desde 1952, o crescimento da ADI como organização profissional influenciou a Ciência da Informação ao que passou a denominar-se por ASIS&T promovendo anualmente eventos científicos e publicações influentes na área, como o Journal of the Association for Information Science and Technology (JASIST) e o ARIST.

[118] Fonte: https://www.loc.gov/rr/scitech/trs/trsadi.html

ANGLO-AMERICAN CATALOGUING RULES – AACR2[119] – desde a segunda edição de 1978 (atualizada em 1988) da primeira publicação do AACR (1967) é o código de catalogação mais utilizado, projetado para uso na construção de catálogos e outras listas bibliográficas em bibliotecas de todos os tipos e de todos os tamanhos. É publicado conjuntamente pela American Library Association, Canadian Library Association e Chartered Institute of Library e Information Professionals no Reino Unido. No Brasil, o AACR2 foi primeiro publicado em português no formato impresso pela FEBAB, a quem tem os direitos de publicação. Graças ao trabalho e domínio na área de catalogação de grandes bibliotecárias brasileiras, o AACR2 foi primeiramente publicado em dois volumes, em 1983 e 1985 e sua atualização, depois publicada em 2002. Graças à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e instituições (FEBAB) e ao trabalho conjunto de grandes bibliotecárias brasileiras, tais como Maria Tereza Reis Mendes, Anamaria Cruz e Rosa Maria Rodrigues Corrêa, dentre outras profissionais, é que o Brasil e seus bibliotecários tiveram acesso aos fundamentos e normas para elaboração em busca de concisão e padronização compatível internacionalmente para o controle bibliográfico dos catálogos de bibliotecas brasileiros, tornando mais eficiente a difusão do conhecimento e do patrimônio cultural bibliográfico brasileiro para usuários ao longo do tempo.

ANNUAL REVIEW OF INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY. – ARIST – Guia de literatura na área de ciências da informação e tecnologia foi um

---

[119] FOSKETT, Douglas John. Cataloging. *In:* ENCYCLOPÆDIA Britannica (on-line). Disponível em: https://www.britannica.com/topic/library/Cataloging#toc336276

periódico anual criado em 1965 pela National Science Foundation e pelo American Documentation Institute e foi primeiramente publicado em 1966 e encerrado em 2011 pela Association for Information Science & Technology (ASIS&T). Publicou artigos de revisão sobre várias temáticas, em vez de artigos de pesquisa empírica, com base nos assuntos que apareciam em índice de citações. De acordo com Bawden (2010, p. 625, tradução nossa), "seu último fator de impacto foi de 2.000 em 2010. Foi durante 45 anos o principal fórum de artigos de revisão acadêmica em ciência da informação". Vale o destaque para o volume 32, de 1997, dedicado ao planejamento de sistemas de informação e serviços bibliográficos[120].

BASE DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS - Um arquivo de computador que consiste em entradas eletrônicas chamadas registros, cada uma contendo uma descrição uniforme de um documento específico ou item bibliográfico, geralmente recuperável por autor, título, título do assunto (descritor) ou palavra-chave (s). Algumas bases de dados bibliográficas são gerais no escopo e cobertura; outros fornecem acesso à literatura de uma disciplina específica ou grupo de disciplinas. Um número crescente fornece acesso completo ao texto ou de pelo menos uma parte das fontes indexadas. A maioria dos bancos de dados bibliográficos é proprietária, disponível por contrato de licenciamento de fornecedores, ou diretamente dos serviços de indexação e resumo que os criam.

[120] ANNUAL REVIEW OF INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY. Silver Spring: Association for Information Science & Technology, v. 32, 1997. Disponível em: https://archive.org/details/annualreviewofin0000amer/page/n7/mode/2up. Acesso em: 3 jun. 2023.

BASE DE DADOS REFERENCIAIS DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – (BRAPCI) - é o produto de informação do projeto de pesquisa “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior”. Trata-se de uma base de dados referenciais e de textos completos livres de barreiras de acesso. Isto é, remete às fontes primárias de informação, principalmente a artigos científicos publicados desde 1972 no contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Incluem citações bibliográficas acompanhadas de resumos dos trabalhos publicados em revistas especializadas. Em termos de recuperação da informação, apresenta variedade de pontos de acesso. Atualmente disponibiliza acesso a 8303 textos publicados em 38 periódicos nacionais impressos e eletrônicos. Dos periódicos disponíveis na base de dados, vinte e nove títulos estão ativos e os demais descontinuados. A BRAPCI está em processo de construção e pode contribuir para estudos bibliométricos sobre a produção editorial brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Fornece uma visão ampliada para o pesquisador sobre a produção brasileira e ao mesmo tempo evidencia aspectos singulares do domínio científico. “Os saberes e as pesquisas publicados e organizados para fácil recuperação clarificam as posições teóricas dos pesquisadores. Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq)’[121].

BFPB DATABASE – Base de dados bibliográficas publicada pela Knihovna Akademie věd Czech Republic (Universidade da República Checa), do departamento de História da Cultura do Livro[122]. A BFPB é de acesso gratuito na Web (iniciada por volta

[121] Fonte: PBCIB. http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/6223

[122] Fonte: https://kvo.lib.cas.cz/en/foreign-language-bohemica/bfpb/

de 2010) e utiliza o sistema Clavius para o serviço de recuperação da informação em linha com buscas simples e avançadas. Atualmente contém registros relativos a material impresso do século XVIII, permitindo buscas combinadas por autor, título, impressor e editor, ano e local de publicação (países europeus) e por assunto. Apresentadas junto aos registros estão as fichas catalográficas digitalizadas com descrições bibliográficas detalhadas e uma lista de cópias existentes no catálogo coletivo nacional do país. A BFPB é gradualmente expandida com registros de trabalhos para os quais ainda não são conhecidos (a cópia existente, conhecida sob o termo *desiderata*) e descrições analíticas de publicações ainda não registradas no catálogo de fichas catalográficas da BFPB original. Tendo em vista os desenvolvimentos contemporâneos no exterior na concessão de acesso a bibliografias nacionais retrospectivas, a partir de 2014 a base de dados BFPB passou a ser sistematicamente suplementada por cópias digitais das publicações descritas, que juntamente com dados detalhados de seleção visando melhorias em termos de conveniência de pesquisa e utilização. dos documentos processados. Se necessário, é útil a utilização da ISO 9 para o processo de transliteração alfabética.

BIBLIOGRAFIA - Ciência dos livros, lista completa ou seletiva de documentos; listas periódicas de documentos são os vários significados para Bibliografia. Zaher e Gomes (1972, p. 5) explicam que graças à invenção da imprensa, a bibliografia teve como um de seus objetivos o de divulgar o conhecimento acumulado nos livros. De um lado, surgiram os repertórios dos livreiros, como publicidade de seus estoques, e que se transformaram, em alguns casos, em bibliografias nacionais. De outro, emergiram as bibliografias

especializadas, inicialmente de caráter internacional, como reflexo da erudição de seus autores e empregadores. As bibliografias constituem importantes instrumentos de controle bibliográfico e de divulgação de livros e outros materiais, seja ela empreendida por uma Agência Bibliográfica Nacional ou por algum Instituto Bibliográfico, de Documentação ou ainda por editoras de bases de dados on-line. Como campo de estudos, a literatura especializada anglo-saxônica divide em dois ramos: sistemático ou enumerativo e analítico. Já os tratadistas norte-americanos apresentam um terceiro ramo, o histórico; os franceses como bibliografia sistemática e material.

BIBLIOGRAFIA NACIONAL CORRENTE - Em 1896, Campbell desenvolveu a teoria de um sistema nacional para Bibliografia Nacional como sendo um sistema de controle bibliográfico na Inglaterra. Na metade do Século XX, a Bibliografia Nacional foi sistematizada pelo Programa CBU da IFLA/Unesco. Por vezes é denominada por 'bibliografia nacional geral' por ter como finalidade congregar todas as publicações editoriais de um país mediante dispositivo legal de depósito, diferenciando-se, assim, da bibliografia nacional especializada. Deve fornecer registros de toda produção intelectual nacional, funcionando como instrumento de pesquisa para identificação de tendências, progressos e interesses de um país, possibilitando visualizar a evolução cultural da nação ao longo do tempo. Para o Governo, fornece evidências do impacto de suas políticas em várias áreas. Em uma perspectiva operacional, serve como instrumento de seleção e aquisição de materiais para as bibliotecas do país, além de se consistir em referência de catalogação. Para a indústria editorial funciona como registro estatístico da sua produção. Além disso, pode servir

como base para a compilação de índices e bibliografias retrospectivas variadas geradas a partir dos registros acumulados ao longo do tempo.

BIBLIOGRAFIA NACIONAL ESPECIALIZADA – Tipo de bibliografia nacional também denominada por temática de acordo com a agência bibliográfica de cada país. Destina-se ao controle bibliográfico especializado. A produção de Bibliografias Nacionais Especializadas se diferencia da Bibliografia Nacional Geral sob vários aspectos. O mais evidente é o fato de que a produção especializada se destina aos grupos que atuam profissionalmente na realização de pesquisas e sua comunicação no contexto técnico, cultural, científico, artístico ou literário de uma área do conhecimento. Embora, Egan e Shera (1952) tivessem relacionado sua produção aos grupos de interesse em âmbito particular do controle bibliográfico, desde a Segunda Guerra Mundial essa produção tem sido empreendida de forma a favorecer o compartilhamento e a cooperação entre inúmeras instâncias locais, nacionais e internacionais que apresentam também interesse na formação e aperfeiçoamento científico em favor do desenvolvimento científico-econômico nacional. É nesse contexto, que surgem os exemplos de cooperação institucional, por exemplo, na área da Saúde com a BVS, incluindo a participação de bibliotecários e outros profissionais da informação com a transferência e troca de tecnologia e redes de conhecimento. Desse modo, na dinâmica da produção bibliográfica temática nacional as instâncias que podem estar envolvidas com a elaboração e manutenção da Bibliografia Nacional Especializada são: o Estado via programas e políticas de cultura, ciência, tecnologia e inovação, institutos de pesquisa governamentais ou não, indústrias, organizações profissionais, laboratórios,

universidades. Isto com emprego efetivo da tecnologia da informação, sobretudo, a Web. A distribuição de serviços e produtos bibliográficos especializados se dá no fluxo da comunicação científica e sua contribuição foca a capacidade de fornecimento de informação sobre o que, quem a produz e onde foi produzido e está disponível para acesso via serviços de indexação e resumos, seja de artigos e literatura cinzenta, as especializadas em assuntos e áreas do conhecimento ou ainda por tipo de literatura, como por exemplo, a Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil – BBLIJ, produzida pela Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-juvenil Monteiro Lobato, iniciada em 1953.

BIBLIÓGRAFO - é um profissional que compila via pesquisa bibliográfica para descrever e listar livros e outros tipos de documentos gráficos, considerando características descritivas essenciais como autoria e imprenta. Se descreve e lista livros com o propósito de tecer análises materiais, pode incluir características literárias, históricas, contextos e particularidades materiais do documento; no caso de impressos, dados bibliológicos de interesse. Se descreve e lista livros com foco nos conteúdos, com a finalidade de enumerar e sistematizar assuntos de livros e outros documentos, promove o arranjo de itens com base em classificação por assuntos, utilizando sistemas de classificação existentes (CDD, BIS, CDU etc.) ou próprios. O profissional que limita tais esforços a um campo ou disciplina específica é conhecido como um “bibliógrafo especializado"[123]. Bibliógrafos especializados também podem ser denominados por ‘bibliógrafos de campo’, por exemplo, ‘MLA International Bibliography’ é uma

[123] Fonte: (REITZ, 2004-2014).

bibliografia internacional na área de idiomas. É publicada pela Modern Language Association e compilada por membros de sua equipe em cooperação de especialistas voluntários chamados bibliógrafos de campo. Bibliógrafos de campo adicionam novas citações à bibliografia registrando informações de publicação e definindo seu assunto, conteúdo e forma[124].

THE BIBLIOGRAPHICAL SOCIETY OF AMERICA – A mais antiga sociedade acadêmica da América do Norte dedicada ao estudo de livros e manuscritos como objetos físicos. Iniciou sua organização em 1904 e incorporada em 1927 aos objetivos principais de promover a pesquisa bibliográfica e divulgar publicações na área da Bibliografia Material (analítica, descritiva, científica, textual). Promove várias atividades e pesquisas na área, incluindo reuniões, palestras e programas de bolsas de estudo. Além de atuar como editora de livros sobre bibliografia, desde 1907 publica o periódico 'Papers of the Bibliographical Society of America' no campo da bibliografia material e história do livro, incluindo temas como impressão, encadernação, publicação e circulação de livros. Seus membros incluem bibliógrafos, bibliotecários, professores, estudantes, livreiros e colecionadores em todo o mundo.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES - (BDTD) - tem por objetivo integrar, em um único portal, os sistemas de informação de teses e dissertações existentes no País e disponibilizar para os usuários um catálogo nacional de teses e dissertações em texto integral, possibilitando uma forma única de busca e acesso a

[124] Fonte: MLA. https://www.mla.org/Publications/MLA-International-Bibliography/About-the-MLA-International-Bibliography/MLA-Field-Bibliographers

esses documentos. O IBICT coleta e disponibiliza apenas os metadados (título, autor, resumo, palavra-chave) das teses e dissertações, sendo que o documento original permanece na instituição de origem. Dessa forma, a qualidade dos metadados coletados e o acesso ao documento integral são de inteira responsabilidade da instituição de origem. A BDTD utiliza as tecnologias do *Open Archives Initiative* (OAI) e adota o modelo baseado em padrões de interoperabilidade consolidado em uma rede distribuída de bibliotecas digitais de teses e dissertações. Nessa rede, as instituições de ensino e pesquisa atuam como provedores de dados e o IBICT opera como agregador, coletando metadados de teses e dissertações dos provedores, fornecendo serviços de informação sobre esses metadados e expondo-os para serem coletados por outros provedores de serviços, em especial pela Networked Digital Library of Theses and Dissertation (NDLTD), da Virginia Tech University[125].

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL - (BNDigital)[126] - Bibliotecas Nacionais e seus bibliotecários se beneficiaram com o surgimento das tecnologias da informação e comunicação na metade do Século XX. Entre estas tecnologias, a Internet, a Web e o documento digital trouxeram novas perspectivas para essas instituições. Dentre elas, a possibilidade de se estabelecer um modelo dinâmico e aberto, acessível a todos. Algo em oposição à velha noção de tradicional guardiã da memória intelectual de uma nação, estática e pouco acessível. A maioria das bibliotecas nacionais em todo mundo tem criado produtos e serviços bibliográficos baseados em digitalização de acervos e sua disponibilização na Web, criando acervos, catálogos e dispositivos de

[125] Fontes: NDLTD: http://www.ndltd.org/
[126] Fonte: BNDigital. http://bndigital.bn.br/sobre-a-bndigital/

preservação e curadoria digital. O que tem feito surgir novos recursos bibliográficos, planejamento de projetos, cooperações, padrões, normas e protocolos de transmissão de dados visando compartilhamento com menor esforço ou barreiras. No Brasil, o Ministério da Cultura (MinC), desde 2008, tem investido nesse empreendimento junto à Fundação Biblioteca Nacional. Nessa política de informação nacional, objetivou-se ampliar e democratizar o acesso da população aos documentos que compõem o Acervo Memória Nacional através de sua digitalização e disponibilização em OPAC na Internet por meio da BNDigital. No modelo interno, a BNDigital está constituída por três segmentos: Captura e armazenagem de acervos digitais, Tratamento técnico e publicação de acervos digitais e Programas e Projetos de digitalização e divulgação. Conta com uma equipe interdisciplinar composta por bibliotecários, historiadores, arquivistas e digitalizadores. As normas e padrões adotados para seu funcionamento são estabelecidos em três categorias: 1) Padrões de captura, 2) Padrões para descrição e representação da informação, 3) Padrões de interoperabilidade. O esquema de metadados adotado pela BNDigital é o Dublin Core acrescido de metadados de preservação. O sistema de classificação utilizado para a indexação uniforme do conteúdo intelectual dos documentos da BNDigital é a Classificação Decimal de Dewey. O vocabulário controlado adotado para indexação é a Base de terminologia da FBN. Essa base segue a estrutura da lista de Cabeçalhos de Assunto da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Na BNDigital todos os conteúdos são representados de forma bilíngue: português e inglês. Para interoperar com outros sistemas de bibliotecas digitais, a BNDigital aderiu ao protocolo da Iniciativa dos Arquivos Abertos - OAI-PMH - mecanismo para transferência de dados

entre repositórios digitais. A BNDigital amplia a missão da sua respectiva unidade física ao permitir que a Biblioteca Nacional se torne cada vez mais uma fonte de pesquisa e viabilize o acesso a todo conteúdo da memória intelectual e sobretudo, relacionar sua preservação através de sua utilização sistemática.

BIBLIOTECA UNIVERSAL - Biblioteca de referência idealizada por Paul Otlet e Henri Marie La Fontaine que previa reunir o registro de todo o conhecimento humano em fichas de 12,5cm por 7,5cm, as quais foram criadas por eles. Nessa instância, não haveria acervo e sim a localização de referência dos itens arrolados. Foi desenvolvida no IIB e materializada com a construção do Mundaneum (antigo *Palais Mundial*), e chegou a reunir cerca de quinze milhões de fichas no ano de 1930. Desde o início desse investimento, o Brasil, no Império, fez parte da colaboração internacional do IIB através da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

BIBSOCAN - THE INTERNET DISCUSSION GROUP ON BIBLIOGRAPHY– É um grupo de discussão aberto na Web, não moderado, da The Bibliographical Society of Canada (La Société bibliographique du Canada) que aborda o assunto Bibliografia. É um fórum internacional sobre Bibliografia e compartilhamento de notícias, conferências e publicações. Este grupo funciona como um fórum onde se compartilham conhecimentos de técnicas e se apresentam soluções para problemas e quem tem mais habilidade compartilha sua experiência e conhecimento com quem ainda é iniciante. O grupo oferece notícias de eventos bibliográficos, conferências, reuniões e publicações. Embora a lista seja patrocinada pela Sociedade Bibliográfica do Canadá / La Société

bibliographique du Canada, a Sociedade espera que o grupo não se limite à bibliografia e bibliógrafos canadenses, mas tenha um escopo internacional. Para se inscrever, basta enviar o seguinte comando no corpo de uma mensagem de correio eletrônico para LISTSERV@LISTSERV.UTORONTO.CA: sub BIBSOCAN [nome].

BIELEFELD ACADEMIC SEARCH ENGINE (BASE) - Iniciativa de acesso aberto à informação científica. Constitui em um provedor de serviços OAI que, por meio de interface web, disponibiliza serviço de pesquisa que propicia busca simultânea de informações em metadados de bibliotecas digitais, periódicos científicos, repositórios institucionais e repositórios temáticos.

BIG DATA - Normalmente, *Big Data* é um termo popular usado para descrever o crescimento, a disponibilidade e o uso exponencial de informações estruturadas e não estruturadas na Web. *Big Data* pode ser tão importante para os negócios – e para a sociedade – quanto a Internet se tornou[127]. Segundo a Revisão da Literatura, Big Data ou Big Data Analytics é o termo utilizado para definir as novas possibilidades de análise de dados a partir da imensa capacidade de captação de informações permitida pelas novas tecnologias, fazendo referência direta ao volume de informações que se tornaram disponíveis com a revolução digital. No entanto, o seu alcance é muito maior e não se limita ao volume mas também a um novo grau de complexidade, que os meios estatísticos tradicionais não conseguem dar conta. Mas, isso também se refere à capacidade tecnológica

[127] SAS INSTITUTE INC. *Big Data*: What it is and why it matters? [*S.l.*], 2015. Disponível em: https://www.sas.com/pt_br/insights/big-data/what-is-big-data.html. Acesso em: 21 jul. 2023.

de armazenar e disponibilizar tudo em rede. Conforme explica SAS Institute Inc. (2015), embora o termo "big data" seja relativamente novo, cunhado por Doug Laney, o ato de coletar e armazenar grandes quantidades de informações para eventuais análises é muito antigo e podemos supor que seja estritamente relacionados ao controle bibliográfico, no contexto das Biblioteconomia e Ciências da Informação, ou mais comumente referido pelas Ciências da Computação como 'Controle de fluxo de dados' ou modernamente como Mainstream. De qualquer forma, todos esses termos estão relacionados ao potencial uso da informação por Empresas ou Sociedade[128].

BLISS CLASSIFICATION – BC2 é um sistema de classificação facetado, em sua segunda edição, que fornece classificação detalhada para uso em bibliotecas e serviços de informação de todos os tipos, tendo uma ordem e estrutura ampla e detalhada. O vocabulário em cada classe é abrangente e complementado por uma notação facetada excepcionalmente breve, considerando os detalhes disponíveis, fornecendo indexação para qualquer profundidade que o classificador desejar. A estrutura da matéria dentro de cada aula é clara e simples, com regras fornecidas para a colocação rápida e consistente de qualquer item. Um índice A-Z completo é fornecido em cada volume. Os usuários podem acessar um registro do catálogo de assuntos por meio de qualquer parte do todo, dependendo do interesse principal do usuário[129].

---

[128] ALECRIM, Emerson. *Big Data*::o que é e como funciona? [*S.l.*]: Infowester, 2013. Disponível em: http://www.infowester.com/big-data.php. Acesso em: 21 jul. 2023.
[129] Fonte: https://www.blissclassification.org.uk/bchist.shtml

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO – CBL – entidade sem fins lucrativos que visa à promoção do mercado editorial no País com base na perspectiva de incentivo ao hábito da leitura nacional, divulgação de livros e oferta de serviços bibliográficos, tais como: elaboração da ficha catalográfica de livros e guia de orientação sobre procedimentos de abertura de livrarias. Dentre suas ações de promoção do mercado editorial, destacam-se o Prêmio Jabuti de Literatura a organização da Bienal do Livro de São Paulo.

CATÁLOGO DE AUTORIDADE INTERNACIONAL VIRTUAL - (VIAF) - A base virtual internacional de autoridade (VIAF) contribui para o CBU. O Catálogo de autoridade internacional virtual (VIAF) é um serviço internacional criado para facilitar o acesso aos maiores catálogos de autoridade de nomes do mundo. Seus criadores o idealizaram como uma base para a Web semântica que permitisse a alteração do modo de exibição dos nomes de pessoas, para que eles pudessem ser exibidos com o idioma e script escolhidos pelo usuário da Web. O VIAF era inicialmente um projeto desenvolvido em parceria pela Library of Congress dos EUA (LC), a Deutsche National Bibliothek (DNB), a Bibliothèque Nationale de France (BNF) e a OCLC. Na última década, ele se tornou uma iniciativa colaborativa que envolve um número cada vez maior de bibliotecas nacionais. No início de 2012, os colaboradores incluem vinte agências bibliográficas de dezesseis países. A maioria das grandes bibliotecas possui listas de nomes de pessoas, empresas, conferências e localizações geográficas, além de listas para controlar as obras e outras entidades. Essas listas, chamadas catálogos de autoridade, são desenvolvidas e mantidas de forma diferente por cada uma das comunidades bibliotecárias ao redor

do mundo. As diferenças no modo de lidar com essas informações ficam evidentes quando dados de várias comunidades bibliotecárias são reunidos em catálogos compartilhados como o World Cat da OCLC. O VIAF ajuda a reduzir os custos de manutenção dos catálogos de autoridade e a torná-los mais úteis para as bibliotecas e usuários em geral. Para isso, o VIAF compara e associa os catálogos de autoridade das bibliotecas nacionais e agrupa todos os registros de autoridade de uma determinada entidade em um “super” registro de autoridade que contém os diferentes nomes fornecidos para essa entidade. Ao associar nomes distintos fornecidos a uma mesma pessoa ou organização, o VIAF permite que um número maior de bibliotecas e outras agências reutilizem convenientemente dados bibliográficos produzidos por bibliotecas que atendem a comunidades com diferentes idiomas. Mais especificamente, o VIAF: 1) Associa registros de autoridade nacionais e regionais, criando um grande registro para cada nome exclusivo, 2) Expande o conceito de controle bibliográfico universal, pois, permite a coexistência de variações nacionais e regionais na forma autorizada dos nomes, 3) fornece suporte a variações preferenciais de idioma, script e ortografia, 4) Contribui para fundamentar o conceito de Web semântica. Além de fornecer identificação acessível na Web para entidades que interessam às bibliotecas, o VIAF cria a estrutura necessária para permitir a localização de dados bibliográficos, uma vez que versões locais dos nomes (por exemplo, em diferentes scripts, ortografia ou outras variações) ficam disponíveis para pesquisa e exibição. Por exemplo, os usuários alemães podem ver um nome exibido da forma estabelecida pela DNB, enquanto os usuários franceses podem ver o mesmo nome exibido da forma estabelecida pela BnF, e os usuários

anglófonos podem ver o nome no formato estabelecido pelo catálogo da LC/NACO. Os usuários de cada país também podem ver os registros de nomes no formato estabelecido por entidades de outros países, o que torna as autoridades realmente internacionais e facilita as pesquisas em qualquer idioma. Em resumo: é um esforço colaborativo entre bibliotecas nacionais e organizações contribuindo com arquivos de autoridade de nome, aumentando o acesso a informações. Todos os dados de autoridade para uma dada entidade estão vinculados em outro "super" registro de autoridade. É uma maneira conveniente para a comunidade de bibliotecas e outras agências reutilizarem dados bibliográficos produzidos por bibliotecas atuantes em diferentes comunidades de idiomas[130].

CATÁLOGO COLETIVO - A noção de catálogo coletivo pode ter como definição: ser obra de referência, portanto, fonte terciária de informação que apresenta o registro completo da coleção de um grupo de bibliotecas cooperantes ou organizada em consórcio, podendo, inclusive, ser restrito a uma área temática ou a certo tipo de material bem como de natureza geral quando não há restrições para os tipos de assuntos dos catálogos. Portanto, "os catálogos coletivos são instrumentos que relacionam itens ou serviços disponíveis em um conjunto definido de bibliotecas, organizando as informações segundo arranjo previamente determinado" (PEREIRA; BUFREM, 2002, p. 203).

CATÁLOGO COLETIVO NACIONAL DE PUBLICAÇÕES SERIADAS – (CCN) - Catálogo de acesso público que reúne informações sobre as coleções de publicações seriadas nacionais e

[130] Fonte: OCLC: https://www.oclc.org/pt-americalatina/viaf.html

estrangeiras disponíveis nas bibliotecas brasileiras. Essas bibliotecas da rede CCN possuem acervos automatizados e atuam de maneira cooperativa sob a coordenação do IBICT. Os objetivos do catálogo coletivo são difundir, identificar e localizar publicações seriadas existentes no País; estabelecer políticas de aquisição de coleções; padronizar a entrada dos títulos conforme critérios internacionais; promover o intercâmbio entre bibliotecas por meio do COMUT[131].

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO - CATALOGING-IN-PUBLICATION – CIP – São dados essenciais para catalogação com padrão internacional – estabelecido desde 1976 - de um trabalho, preparados antes da publicação, em geral, realizados por uma ABN de um país ou ainda realizado por outra instituição de organização editorial, como um departamento do governo ou com sua autorização. CIP deve facilitar a distribuição e difusão da bibliografia nacional corrente, promovendo o controle bibliográfico em um determinado país e a salvaguarda dos direitos autorais[132]. No Brasil, por exemplo, a Câmara Brasileira do Livro oferece o serviço de elaboração da CIP, uma vez que, a Lei Nº 10.753 de 2003, da Política Nacional do Livro, torna a CIP obrigatória na editoração do livro. A CIP não substitui as bases de catalogação de uma ABN.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO - Organização constituída para desenvolver serviços e produtos bibliográficos e documentais, incluindo atividades como seleção, análise e avaliação das fontes de informação, em consonância com os objetivos da instituição mantenedora, seja ela de origem governamental, privada ou acadêmica. Em função da

[131]Fonte: IBICT. https://ccn.ibict.br/busca.jsf
[132] Fonte: British Library: http://www.bl.uk/bibliographic/cip.html

ampliação do conceito de informação, memória e documento, ao longo do tempo, as acepções sobre centro de documentação têm incorporado, por vezes, os termos informação, memória ou ambos. O que, de fato, determina o serviço e o produto resultantes de suas atividades é a instituição mantenedora, em seus objetivos e alcance do controle bibliográfico (interno, particular ou geral), os tipos de documentos colecionados, organizados, preservados e os modos com que tecnologias são aplicadas para gerenciamento, tratamento e recuperação da informação. No entanto, essa noção contemporânea advém dos primórdios da Documentação. Na Introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal, realizado em Paris, em 1937, Paul Otlet propôs a seguinte operacionalidade do trabalho bibliográfico: "Todo documento é o resultado de múltiplas operações e combinações. Na sua elaboração são aproveitados todos os estágios do processo de documentos anteriores para prolongá-los em novos documentos; todos os elos das cadeias são interdependentes e solidários". Parece, até agora [1937], que as ações de produzir um livro, conservá-lo para utilização, examiná-lo bibliograficamente, analisá-lo e dissecá-lo no seu conteúdo ideológico, têm permanecido no âmbito exclusivo de três ordens de atividades mantidas separadas: autor e edição, biblioteca, centro de documentação (stricto sensu). "A distinção pode estar de acordo com a divisão do trabalho, mas, não deve ir ao extremo da compartimentação estanque. As regras documentais devem, então, constituir uma unidade, sendo cada uma delas regida pelas outras". Nesse contexto, são exemplos de serviços de informação: Disseminação Seletiva da Informação (DSI), COMUT e circulação, prestados por uma biblioteca ou centro de documentação. Já catálogos, bibliografias, sumários correntes e boletins bibliográficos são exemplos de

produtos de informação. Note que, bibliografias são instrumentos de controle bibliográfico, assim como os catálogos de bibliotecas e de centros de documentação.

COMUT - O Programa de Comutação Bibliográfica foi estabelecido no Brasil via Portaria ministerial em 1980[133] com respaldo econômico da FINEP, CNPq e Ministério da Educação/CAPES. A idealização do programa se deu em decorrência da dispersão dos recursos bibliográficos no País, o que segundo seu idealizador Professor Antônio Miranda[134], deveria facilitar a integração dos centros de documentação, bibliotecas e unidades de pesquisa nacionais via formação de um catálogo coletivo nacional, sendo isso, parte da política de expansão da pesquisa e tecnologia brasileiras e desenvolvimento da educação nacional[135]. Atualmente, é uma rede de serviços que permite a obtenção de cópias de documentos técnico-científicos disponíveis em acervos de bibliotecas de todo o Brasil. Entre os documentos acessíveis encontram-se: periódicos técnico-científicos, teses e dissertações, anais de congressos nacionais e internacionais, relatórios técnicos e partes de documentos (capítulos de livros), desde que sejam autorizados pela Lei de Direitos Autorais. Para participar do COMUT, o usuário deve, em primeiro lugar, cadastrar-se no Programa, via Internet, adquirir Bônus COMUT e preencher o formulário de solicitação. Uma vez cadastrado, o usuário pode solicitar cópias de documentos de duas formas: a) dirigindo-se a uma

---

[133] Ministério da Educação e Cultura (Brasil). Portaria 456, de 5 de agosto de 1980.

[134] Vídeo de entrevista com o Professor Antônio Miranda. Disponível em: https://vimeo.com/16474298

[135] Ministério da educação e Cultura (Brasil). COMUT: Manual de Operações: Programa de comutação bibliográfico. Brasília, DF: CAPES, [1981].

biblioteca pertencente à rede, utilizando-a como intermediária. Nesse caso, todos os procedimentos de solicitação serão feitos pela própria biblioteca; b) o usuário poderá fazer suas solicitações diretamente pela Internet, de qualquer lugar do mundo. Para isso, após cadastrar-se, deverá adquirir Bônus COMUT que servirão como mecanismo de pagamento pelas cópias solicitadas. Os bônus podem ser adquiridos, via Internet, por meio de boleto bancário ou crédito em conta. Um bônus dá direito a cinco páginas de documento solicitado por e-mail ou correio normal nacional. A Gerência do COMUT oferece aos seus usuários o serviço de Busca Monitorada. Esse serviço atende às solicitações de material bibliográfico existente no Brasil e no exterior e atende também a usuários estrangeiros. A busca no Brasil custa dois bônus, enquanto a busca no exterior custa 4 (quatro) bônus. A rede possui atualmente 394 bibliotecas bases, ou seja, as bibliotecas que atendem às solicitações dos usuários, 2.304 bibliotecas solicitantes e 54.058 usuários – pessoas físicas. O COMUT funciona de acordo com a legislação vigente de Direitos Autorais. A página de consulta e utilização do serviço de intercâmbio bibliográfico oferece acesso trilíngue: português, espanhol e inglês[136].

CONTROLE BIBLIOGRÁFICO UNIVERSAL – (CBU) - Programa da IFLA/Unesco desenvolvido na década de 1970. Em inglês: ‘Universal Bibliographic Control (UBC)’. O controle bibliográfico está associado com a origem das bibliotecas. E junto ao progresso dos saberes, o aperfeiçoamento de instrumentos bibliográficos tem consolidado a organização bibliográfica para as atividades de inventário, recenseamento e disseminação do conhecimento em

[136] Fonte: Acesso à utilização do Programa: http://comut.ibict.br/comut/do/index?op=filtroForm

acervos e coleções preservados em bibliotecas, editoras, centros de pesquisa, documentação, memória e bases de dados on-line. O CBU constitui a base do modelo de organização bibliográfica focada no compartilhamento e acesso internacional aos registros bibliográficos nacionais, tendo sido sistematizada em congresso organizado pela Unesco com a colaboração da IFLA. Tem enfoque na bibliografia nacional que é o instrumento-chave para seu sucesso. O grande volume de publicações e a diversidade de tipos de documentos, somados à crescente complexidade do ambiente informacional, exigiram a institucionalização do controle bibliográfico, concretizado pelo estabelecimento do programa CBU. Sob a forma de programa de longo prazo, o CBU é constituído pela cooperação internacional em prover acesso à produção bibliográfica em nível mundial, baseado na produção e compartilhamentos sistematizados, em padrões bibliográficos mundialmente aceitáveis, de bibliografias nacionais, e que tem como finalidade o acesso à informação com economia de esforços e recursos. Tendo como objetivo o estabelecimento de controle e intercâmbio de informação bibliográfica entre países, visa à possibilidade de acesso físico aos materiais identificados nos registros bibliográficos nacionais. No contexto do controle bibliográfico mundial, a acessibilidade bibliográfica significa a possibilidade de identificar a existência de documentos, sua localização e acesso físicos. Para tanto, a IFLA criou o programa Universal Availability of Publications (UAP). A pesquisa é alicerçada em catálogos e bibliografias de âmbitos nacional e internacional e o modo eficaz de localizar e obter documentos pertinentes requer uma estrutura sistêmica de ações planejadas e articuladas entre especialistas e usuários. Essa estrutura, que implica a padronização internacional, a cooperação

recíproca entre países e o desenvolvimento de redes de informação automatizadas, considera cada catálogo e cada bibliografia local como elemento potencial para a implementação, em nível nacional e universal, do sistema de Controle Bibliográfico. Os programas no contexto do CBU recomendam a utilização de padrões oriundos da catalogação, tais como: ISBD (International Standard Bibliographic Description) e as orientações do Programa Internacional MARC que em 1987 se fundiu com os objetivos da IFLA para o programa CBU, sendo o resultado disso a constituição do Programa 'Universal Bibliographic Control and International MARC' (UBCIM). Os objetivos do UBCIM são: a) incentivar o intercâmbio e a utilização de registros bibliográficos compatíveis internacionalmente; B) criação, manutenção e promoção da utilização de normas para o intercâmbio de dados bibliográficos sob a forma de registros legíveis por computador. A noção de controle bibliográfico também se refere à aspiração humana antiga de acesso sem barreiras à cultura mundial da qual se ilumina com o desenvolvimento tecnológico, cultural, social e com base na cooperação institucional.

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO – Raridade bibliográfica brasileira publicada em sete volumes pelo médico e escritor baiano Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, 1827-1903. Considerada a melhor bibliografia de autores brasileiros do período colonial até o Século XIX. Apresenta a biografia de cada autor e as obras por ele produzidas. A introdução narra os primórdios da tipografia no Brasil e o nascedouro das primeiras sociedades literárias no país. A ordem de entrada dos autores ocorre pelo prenome, costume de época. Índice publicado em 1937, de autoria de Jango Fisher, também raro. Dois outros índices conhecidos

são de autoria de Octavio Torres, 1949, e Alexandre Eulálio, [195-?], respectivamente. Todos os volumes possuem apêndice[137]. No Brasil, o enfrentamento da sobrecarga bibliográfica começou tardiamente. A bibliografia brasileira teve início apenas em 1883, com o 'Diccionario bibliographico brazileiro' de Sacramento Blake (1883-1902) e com a 'Bibliographie brésilienne' de Garraux (1898)[138].

DIGITAL VATICAN LIBRARY – DigiVatLib - É um serviço de biblioteca digital da Biblioteca Apostólica do Vaticano, a mais antiga biblioteca da Europa, mesmo não sendo a primeira biblioteca papal do primeiro núcleo de coleções pontifícias[139]. Em março de 2014, a Biblioteca do Vaticano iniciou um projeto inicial de quatro anos de digitalização de sua coleção de manuscritos, para disponibilizar on-line. A DigiVatLib fornece acesso gratuito às coleções digitalizadas da Biblioteca do Vaticano: manuscritos, incunábulos, materiais de arquivo e inventários, bem como materiais gráficos, moedas e medalhas, materiais impressos. A DigiVatLib é baseada na tecnologia International Image Interoperability Framework (IIIF), tornando os materiais digitais facilmente acessíveis e utilizáveis. Oferece os seguintes recursos: a) funções de exibição - o visualizador é capaz de ampliar, navegar e "virar as páginas" de imagens JPEG2000, bem como permitir

[137] Fonte: BIBLIOTECA DIGITAL DO SENADO: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681

[138] ALENTEJO, Eduardo; PINHEIRO, Ana Virginia. The memory of brazilian librarianship: past and present of the future. *In*: IFLA INTERNATIONAL CONFERENCE, SATELLITE MEETING, HISTORY OF LIBRARIANSHIP, 2014, Lyon. *Proceedings*... Lyon: IFLA Library Repository, 2014.

[139] LIBRARY OF CONGRESS. *Rome Reborn*: The Vatican Library & Renaissance Culture
The Vatican Library. Washington, DC, [2020?]. Disponível em: https://www.loc.gov/exhibits/vatican/vatican.html. Acesso em: 2 jul. 2023.

que estudiosos comparem objetos digitais de diferentes repositórios IIIF de outras bibliotecas digitais; b) coleções de busca e descoberta – descrições e referências dos catálogos on-line são indexadas e vinculadas a materiais digitais. A navegação guiada ("pesquisa facetada") aproveita elementos de metadados para restringir ou refinar as consultas; c) galerias digitais - manuscritos selecionados com uma seleção de materiais digitalizados dos manuscritos mais importantes da biblioteca[140].

DIRETÓRIO DE INSTITUIÇÕES – DI - Diretório de instituições participantes do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação publicada pelo CNPq que são usuárias da Plataforma Lattes. O DI é componente da Plataforma Lattes. Por meio do DI, instituições participantes podem se cadastrar no CNPq e atualizar suas informações cadastrais, sua hierarquia organizacional e, através dos sistemas-cliente, inscrever-se para participar dos programas promovidos pelo CNPq[141].

DOCUMENTAÇÃO – sob um olhar operacional, é a arte de coletar, registrar, classificar e tornar facilmente acessíveis os registros de todas as formas de atividade intelectual. Origina-se da necessidade de colocar em ordem os processos de adquirir, preservar, resumir e proporcionar, na medida do necessário, livros, artigos e relatórios, dados e documentos de todas as espécies (BRADFORD, 1953). Paul Otlet concebeu a Documentação como um ramo do conhecimento surgido da Bibliografia que se ocupa em organizar e sistematizar todos os materiais necessários para proporcionar adequação

---

[140] DIGITAL VATICAN LIBRARY. *About*. Vatican City, [2020]. Disponível em: https://digi.vatlib.it/about. Acesso em: 29 jul. 2023.
[141] Fonte: CNPq: http://di.cnpq.br/di/index.jsp

da informação registrada em quaisquer suportes às necessidades humanas (COBLANS, 1957; ALENTEJO, 2015). Coblans (1957) explica que a Documentação ampliou o ideal de controle bibliográfico para além do aspecto descritivo relacionando-o com o âmbito exploratório da organização dos assuntos disponíveis. De modo geral, é um conjunto de conhecimentos e técnicas que tem por finalidade o tratamento, a organização, a difusão e a utilização de documentos de qualquer gênero ou natureza (SOUSA, 2008). Seus princípios e técnicas privilegiam o foco na representação do conteúdo da diversidade de documentos visando ações de promoção de uso da informação (ORTEGA, 2009, p. 60).

DOCUMENTO - Briet (1951, 2006) desenvolveu sua abordagem sobre documento com base na definição adotada em 1935 pela UFODU, considerando que é toda base de conhecimento, fixada materialmente, suscetível de ser utilizada para consulta, estudo ou prova. "Propôs, em seguida, outra definição que julgou mais atualizada: o documento é todo signo indicial (ou índice) concreto ou simbólico, preservado ou registrado para fins de representação, de reconstituição ou de prova de um fenômeno físico ou intelectual (ORTEGA; LARA, 2010). Além do livro e das outras formas documentais que apareceram, como o artigo de revisão e o artigo de jornal, cita que há obras inteiras, incluindo suas ilustrações, que são transferidas para microfilmes ou microfichas (BRIET, 1951, p. 7-9 apud ORTEGA; LARA, 2010). Sob a expressão 'produção documentária', Briet, (1951, p. 24-25) denota a produção de documentos secundários de acordo com a organização de fontes de informação a partir dos documentos iniciais ou primários (os quais seriam criados pelos autores e apenas conservados pelas organizações de

documentação) (ORTEGA; LARA, 2010). Considera como documentos secundários as traduções, análises, boletins de documentação, arquivos, catálogos, bibliografias, dossiês, fotografias, microfilmes, seleções, sínteses documentárias, enciclopédias, guias de orientação, guias literários etc. Para a Documentação, qualquer objeto pode ser um documento, a partir de critérios como *materialidade* e *intencionalidade*. Outros critérios como é o caso do papel ativo do receptor pode modificar no tempo a função de informação de um mesmo objeto, a despeito da vontade de seu criador, pois, tal como Meyriat (1994) entende: a capacidade informativa de um documento não se esgota pelos usos de informações realizados. Pois, diante do papel ativo do leitor em querer saber, é possível tecer questões novas a um documento já utilizado com a esperança de obter novas informações como resposta a uma nova pergunta formulada.

ESCRITÓRIO CENTRAL DE ASSOCIAÇÕES INTERNACIONAIS - Paul Otlet e Henri Marie La Fontaine fundam em 1907, o escritório que tinha como função principal o estabelecimento do catálogo e da descrição bibliográfica em favor do desenvolvimento do RBU. Em 1910 passou a ser denominado por UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES INTERNACIONAIS, continuando a funcionar no mesmo lugar, Bruxelas.

EUROPA WORLD PLUS - Versão on-line do Anuário Mundial da Europa e dos nove volumes de Pesquisas Regionais da série Mundial. Publicado pela primeira vez em 1926, o Europa World Year Book é reconhecido como uma das principais obras de referência do mundo, cobrindo informações políticas e econômicas em mais de 250 países.

HEMEROGRAFIA - Coleções de publicações seriadas, podem ser acessíveis via Bibliografia, Bases de dados, Catálogos on-line de acervos de publicações periódicas ou Portais que permitem acesso a coleções seriadas. O acesso à Hemerografia é condição essencial para a pesquisa bibliográfica em ciência, tecnologia e inovação e que pode promover o desenvolvimento institucional e nacional. Do reconhecimento de sua importância, os países desenvolveram, via políticas de informação, produtos e empreendimentos voltados à utilização das variadas fontes seriadas. Além disso, com o desenvolvimento das tecnologias da Informação, os produtos de consórcios e portais científicos se desenvolveram amplamente em nível mundial. Mais tarde, com os versionamentos da Web, iniciou-se um movimento social, científico e tecnológico de acesso aberto em rede. No Brasil, temos como destaque o Portal Periódicos CAPES, os serviços do IBICT como o CCN, o COMUT e o desenvolvimento do software SEER para editoração de periódicos on-line visando o acesso aberto a artigos e outros manuscritos on-line.

INDEX TRANSLATIONUM – Bibliografia Internacional de Traduções da Unesco. Disponível on-line com recursos de busca em sua base de dados hospedada e mantida pela Unesco. Esta é a primeira iniciativa de fornecer dados estruturados sobre traduções em nível mundial. Em 1932, a antecessora da Organização das Nações Unidas (ONU), a Liga das Nações, estabeleceu um registro de traduções. Em 1946, a Unesco recebeu o Índice acumulativo. Em 1979, os registros foram informatizados. Como a bibliografia conta traduções de livros individualmente, autores com muitos livros com poucas traduções podem ser estar no topo das listas de mais traduzidos do que autores com poucos livros

com mais traduções. Assim, por exemplo, enquanto a Bíblia é o livro mais traduzido do mundo, ela não está na lista dos dez livros mais traduzidos. Os índices contam com nomes institucionais, desse modo, Walt Disney Company pode empregar muitos escritores, como aparece como um único escritor na lista de autoridade. Autores com nomes semelhantes às vezes são incluídos como uma entrada, por exemplo, a classificação para "Hergé" aplica-se não apenas ao autor de As Aventuras de Tintim (Hergé), mas também a B. R. Hergehahn, Elisabeth Herget e Douglas Hergert. Assim, os autores principais, como o Índice os apresenta, são de uma consulta de banco de dados cujos resultados exigem conhecimento prévio sobre o assunto e interpretação. De acordo com as estatísticas da bibliografia, Agatha Christie é a autora cujas obras são mais traduzidas. Nos índices estatísticos[142], é possível consultar dados sobre os 50 autores mais traduzidos, países que mais traduzem, os idiomas mais traduzidos ou que são traduzidos, bem como dados dos dez autores traduzidos num dado país, língua original e língua que foi traduzida, países que mais traduzem de outros idiomas para o idioma nacional, idiomas traduzidos num determinado país.

INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO - (IBBD) – A origem do IBBD ocorreu na década de 1950, quando a Unesco sugeriu à Fundação Getúlio Vargas (FGV), que promovesse a criação, no Brasil, de um centro nacional de bibliografia. A ação da Unesco, à época, incluindo consultoria internacional, contribuiu para o surgimento de instituições do gênero em diferentes países. A escolha inicial da FGV deveu-se ao fato de aquela instituição realizar importantes atividades na

[142] Fonte: https://www.unesco.org/xtrans/bsstatlist.aspx

área de bibliografia e documentação. Por essa época, estava sendo criado, também, o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), que tinha, entre suas atribuições, "manter relação com instituições nacionais e estrangeiras para intercâmbio de documentação técnico-científica". Por meio de proposta conjunta CNPq/FGV, foi criado, em 27 de fevereiro de 1954, pelo Decreto do presidente da República n° 35.124, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que passou a integrar a estrutura organizacional do CNPq[143]. O IBBD, segundo o parágrafo único, "executará o seu programa de atividades de acordo com os objetivos e interesses do Conselho Nacional de Pesquisas, do Departamento Administrativo do Serviço Público e da Fundação Getúlio Vargas". As tarefas de preparação bibliográfica seriam "solicitadas pelo Conselho Nacional de Pesquisas, pela FGV, pelo Departamento Administrativo do Serviço Público e entidades colaboradoras do Instituto. Historicamente, a serviço de consultoria da Unesco, em 1953, o bibliotecário sul-africano Herbert Coblans chegou ao Brasil com a missão de desenvolver o Centro Nacional Bibliográfico brasileiro à imagem do Instituto Bibliográfico Mexicano, criado em 1899, que tinha a função de elaboração da Bibliografia Nacional geral e corrente do México. Mais tarde, em 1967, o Instituto de Investigaciones Bibliográficas sob a dependência da Universidad Autónoma de México (UNAM) assume essa tarefa. Em seu relatório final, Coblans declarou que a ideia de criar um centro piloto para América Latina no Brasil seria uma questão ilusória devido ao surpreendente pouco interesse bibliográfico do Brasil pelo resto da América Latina (MURGUIA, 2013). Com a instituição do IBBD, criou-se também o

---

[143] Fonte: IBICT. Sobre o IBICT, histórico: https://www.gov.br/ibict/pt-br/acesso-a-informacao/sobre-o-ibict-1/historico

Serviço de Bibliografia que tinha entre outras atribuições a compilação da bibliografia corrente técnico-científica brasileira (bibliografias nacionais temáticas) e ainda a composição das bibliografias de interesse para o CNPq e à Fundação Getúlio Vargas. A centralização desse serviço se deu por várias contingências, inclusive pela expectativa de que em médio ou em longo prazo, cada instituição de pesquisa, governamental e acadêmica pudesse continuar o desenvolvimento da bibliografia especializada corrente brasileira. Em 1970, o IBBD passou a chamar-se Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - (IBICT) - Os anos da década de 1970 foram marcados por uma reorganização das atividades de ciência e tecnologia no País. Registra-se a transformação do Conselho Nacional de Pesquisas em Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, ampliando o seu poder, transformando-o em fundação, ligando-o à Secretaria do Planejamento e à Presidência da República. Da mesma maneira que o CNPq, o IBBD passa por uma transformação, inclusive com a mudança de nome para Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com a publicação da Resolução Executiva do CNPq n° 20/76. O IBICT consolidava-se, então, como órgão que coordenaria, no Brasil, as atividades de informação em Ciência e Tecnologia. O IBICT, desde então, também busca atuar na promoção da popularização da informação científica e tecnológica. São exemplos dessa iniciativa, o projeto “Ciência às Cinco”, lançado em 1987; um ano mais tarde, a base de dados de Filmes em C&T; e, em 1993, o “Programa de Tecnologias Apropriadas”. Desde 1975, o IBICT vem desenvolvendo as funções de

Centro Nacional da Rede ISSN, para atribuição do número internacional normalizado para publicações seriadas. A partir de 1980, o IBICT se estabeleceu como Centro Brasileiro do ISSN e passou a ser o único membro no Brasil para atribuição do código ISSN. Um dos primeiros serviços do IBICT, o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN), foi criado em 1954, pelo então IBBD, como um catálogo convencional de fichas, com prestação de informações presenciais, por telefone ou correspondência. Desde então, o serviço tem acompanhado a evolução das tecnologias, passando pela edição impressa, por microfichas e, finalmente, para sua atual versão eletrônica. O Programa de Comutação Bibliográfica (COMUT), instituído pela Portaria nº 456 de 5 de agosto de 1980, é um dos produtos tradicionais do IBICT, pois possibilita a obtenção de cópias de documentos técnicos científicos disponíveis nos acervos das principais bibliotecas brasileiras e em serviços de informação internacionais. O IBICT hoje é uma das referências em projetos voltados ao movimento do acesso livre ao conhecimento. Exemplo desse compromisso é a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), lançada em 2002, que utiliza as mais modernas tecnologias de arquivos abertos e integra sistemas de informação de teses e dissertações de instituições de ensino e pesquisa brasileiras[144].

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS - (IFLA) - É o principal organismo internacional que representa os interesses das bibliotecas e serviços de informação e seus usuários. É a voz global de bibliotecas, bibliotecários e outros profissionais da informação. Fundada em Edimburgo, Escócia, em 30 de setembro

[144] Fonte: IBICT. Sobre o IBICT: histórico. https://www.gov.br/ibict/pt-br/acesso-a-informacao/sobre-o-ibict-1/historico

de 1927 em uma conferência internacional, comemorou-se seu 75º aniversário na conferência realizada em Glasgow, na Escócia, em 2002. Tem cerca de 1500 membros em aproximadamente 150 países ao redor do mundo. IFLA foi registrada na Holanda em 1971. A Biblioteca Real, a Biblioteca Nacional dos Países Baixos, em Haia, fornece generosamente as instalações de sua sede[145].

INSTITUTO INTERNACIONAL DE BIBLIOGRAFIA (IIB) - O instituto foi fundado em Bruxelas, Bélgica, no ano de 1895 por Paul Otlet e Henri Marie La Fontaine. Visava à elaboração do Repertório Universal. Este instituto tinha a incumbência de decidir sobre as unidades bibliográficas e tomar todas as medidas para a sua adoção por todas as partes interessadas: os cientistas, bibliotecários, editores e autores. Tinha por missão: "favorecer o progresso do inventário, da classificação e da descrição dos produtos do espírito humano"[146]. Em 1938, o IIB muda o nome para Federação Internacional de Documentação (FID) e sob a mesma sigla muda o nome para Federação Internacional para Informação e Documentação.

INTERNATIONAL STANDARD BOOK NUMBER – ISBN - É um sistema numérico que permite individualizar qualquer título de livro e qualquer edição de livro, seja qual for o idioma e local onde tenha sido impresso. Foi criado por editores ingleses em 1967 e oficializado em 1972, como instrumento de controle bibliográfico para editoras. A agência internacional para o ISBN, sediada em Londres, é reconhecida pela International Organization for

[145] Fonte: IFLA: http://www.ifla.org/about

[146] OTLET, Paul; LA FONTAINE, Henri. Création d'un répertoire bibliographique universel: note préliminaire. *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie*, La Haye, v. 1, n. 1, p. 15-38, 1895.

Standardization (ISO) como a autoridade internacional oficial do sistema ISBN. A atribuição numérica do sistema é capaz de individualizar o livro e suas edições. Iniciou com um sistema de dez dígitos e a partir de 2006 sua atribuição é feita com treze dígitos com acréscimo do prefixo numérico 978. Amplamente adotado por bibliotecas em todo o mundo. No Brasil, desde 1978, competia à Biblioteca Nacional o controle do ISBN. Tornou-se eficiente vantagem em escoar a produção editorial e o favorecimento do controle bibliográfico nacional. Desde quando a FBN deixou, em 2020, de ser agência de controle e distribuição para o ISBN, a função foi assumida pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) que desenvolveu um sistema de busca na Web por livros registrados no sistema ISBN, sejam antigos ou novos títulos. A busca pode ser feita por nome de editora, autor, título da obra, assunto e pelo número de ISBN que individualiza cada título e cada edição.

INTERNACIONAL STANDARD SERIAL NUMBER - ISSN – É um sistema numérico que permite individualizar qualquer título de publicação seriada. Sistema de numeração padronizada para identificação de periódicos, me modo a facilitar seu controle. Em 1972 a Unesco junto ao governo francês criaram um sistema internacional de registro de publicações seriadas – International Serials Data System (ISDS), organização intergovernamental, com sede em Paris, para a operacionalização de um sistema de registro de todos os periódicos, independentemente do formato físico e cobrindo todos os assuntos. A função principal do sistema era atribuir um número padronizado a cada título de periódico, que passaria a ter identificação única em todo o mundo. Na década de 1990, o ISDS transformou-se numa rede com mais de sessenta

centros nacionais com o nome de ISSN Network. Cabe aos centros nacionais a responsabilidade de atribuir o ISSN aos periódicos publicados no país, bem como manter os registros correspondentes. Já o centro internacional responsabiliza-se pelo registro e atribuição do sistema aos periódicos publicados por organizações internacionais e por países que não contam com agências nacionais. Além de definir padrões e disseminar as informações produzidas pela rede deve conferir todos os números atribuídos e os registros inseridos na base de dados na rede, o ISSN Register com mais de 700 mil títulos em mais de 144 idiomas. Os serviços bibliográficos nacionais estão frequentemente inter-relacionados com alguns dispositivos de controle bibliográfico, tais como: depósito legal, atribuição de ISBN e ISSN, catalogação na publicação, arquivos de autoridades nacionais, comutação bibliográfica e serviços bibliográficos similares. No Brasil, o Centro Brasileiro do ISSN (CBISSN), do IBICT, efetua a distribuição do sistema ISSN conforme requisitos indispensáveis para atribuição numérica de um título de seriado; o Centro Brasileiro do ISSN passou a receber, também, as solicitações para atribuição do código ISSN por e-mail (cbissn@ibict.br)[147].

INTERNET ARCHIVE - Internet Archive é uma organização sem fins lucrativos dedicada a manter um arquivo de recursos multimídia na Web. Ela foi fundada por Brewster Kahle em 1996 e se localiza em São Francisco, Califórnia. Tal arquivo inclui o que a organização denomina por "retratos" da Web: cópias arquivadas de páginas da World Wide Web, com múltiplas cópias de cada página, mostrando assim a evolução da Web. O arquivo inclui também software, filmes, livros, e gravações de áudio. O

[147] Fonte: http://cbissn.ibict.br/index.php/solicitar-issn

acervo pretende manter uma cópia digital desses materiais para consulta histórica. Internet Archive também contém milhares de audiolivros na LibriVox Free Audiobook Collection. Librivox é uma comunidade de voluntários que gravam textos de domínio público em vários idiomas.

LATINDEX - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal é um sistema de informação de revistas científicas, de pesquisa técnica e profissional e de divulgação científica e cultural de publicações dos países da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. A ideia de criar a Latindex surgiu em 1995 na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM); tornou-se uma rede de cooperação regional desde 1997. Atualmente Latindex oferece quatro bases de dados: 1) Diretório com dados bibliográficos e contato de todas as revistas registradas e os meios de publicação: em mídia impressa ou eletrônica; 2) Catálogo de revistas impressas revistas ou eletrônicas que atendem aos critérios de qualidade projetados pelo corpo editorial da Latindex; 3) Revistas on-line que permite o acesso aos textos completos nos sites que estão disponíveis. Na seção "Produtos" há descrição mais detalhada destes recursos e como consultá-lo. 4) Portal dos Portais com o objetivo de permitir o acesso ao texto integral de uma seleção de periódicos latino-americanos disponíveis nos portais mais importantes da região.

LINKED OPEN DATA – Movimento aberto, comunitário e mundial Dados Abertos Conectados, em português, que propõe a publicação de vários conjuntos de dados de forma que as ligações sejam

possíveis entre eles, com o objetivo de construir um espaço comum de dados - W3C[148].

MASTER JOURNAL LIST – é um recurso de pesquisa on-line gratuito que permite aos usuários pesquisar todos os títulos atualmente cobertos na plataforma Web of Science. As listas atualizadas de periódicos estão disponíveis para a coleção principal da Web of Science (incluindo Science Citation Index Expanded, Social Sciences Citation Index, Arts & Humanities Citation Index e Emerging Sources Citation Index), Biological Abstracts, BIOSIS Previews, Zoological Record e Current Contents Connect, bem como Chemical Information products, Current Chemical Reactions e Index Chemicus. Oferece três tipos de busca: por palavra no título, nome completo do periódico e pelo ISSN.

MEDLINE® - É a principal base de dados bibliográfica da U.S. National Library of Medicine® (NLM) que contém mais de vinte e seis milhões de referências a artigos de revistas em ciências da vida com ênfase em biomedicina. Uma característica distintiva do MEDLINE é que os registros são indexados com NLM Medical Subject Headings (MeSH®). MEDLINE é o equivalente on-line do MEDLARS® (Sistema de Análise e Recuperação de Literatura Médica) que se originou em 1964. A maioria dos periódicos é selecionada para MEDLINE com base na recomendação do Comitê de Revisão Técnica de Seleção de Literatura (LSTRC), um comitê consultivo de especialistas externos licenciado pelo NIH, análogo aos comitês que analisam os pedidos de subsídios do NIH. Alguns periódicos e boletins informativos adicionais são

[148] HEATH, Tom; BIZER, Christian. *Linked Data*: Evolving the Web into a Global Data Space. [London]: Morgan & Claypool, 2011.

selecionados com base em revisões iniciadas pela NLM, por exemplo, história da medicina, pesquisa de serviços de saúde, AIDS, toxicologia e saúde ambiental, biologia molecular e medicina complementar, que são prioridades especiais para NLM ou outros componentes do NIH. Essas análises geralmente também envolvem a consulta a uma série de especialistas do NIH e externos. MEDLINE é a principal componente do PubMed®, parte da série *Entrez*[149] de bancos de dados fornecidos pelo NLM National Center for Biotechnology Information (NCBI). Sua cobertura temporal inclui a literatura publicada de 1966 até o presente, e literatura selecionada anterior a esse período. Atualmente, arrola citações de mais de 5.200 periódicos de todo o mundo em cerca de 40 idiomas. As citações são adicionadas ao PubMed sete dias por semana. Mais de 956.390 citações foram adicionadas ao MEDLINE em 2019. Seu escopo de assuntos é biomedicina e saúde, abrangendo as áreas das ciências da vida, ciências do comportamento, ciências químicas e bioengenharia necessárias para profissionais de saúde e outros envolvidos na pesquisa elementar e atendimento clínico, saúde pública, desenvolvimento de políticas de saúde ou atividades educacionais relacionadas e ciências da vida, vitais para biomédicos, pesquisadores e educadores, incluindo aspectos de biologia, ciências ambientais, biologia marinha, ciência de plantas e animais, bem como biofísica e química. A maioria das publicações cobertas no MEDLINE são periódicos acadêmicos; um pequeno número de jornais, revistas e boletins informativos considerados úteis para segmentos específicos da ampla comunidade de usuários do

[149] *Entrez* (Global Query Cross-Database Search System) é um metabuscador mantido pelo *National Center for Biotechnology Information* (NCBI), grupo da *United States National Library of Medicine* (NLM): https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK3837/

NLM também estão incluídos. MEDLINE é componente do PubMed (//pubmed.gov). O resultado de uma pesquisa no MEDLINE / PubMed é uma lista de citações (incluindo autores, título, fonte e geralmente um resumo) de artigos de periódicos e uma indicação da disponibilidade de texto completo eletrônico gratuito. A pesquisa é gratuita e não requer registro.

MODERN LANGUAGE ASSOCIATION INTERNATIONAL BIBLIOGRAPHY – MLA é uma associação profissional voltada principalmente para pesquisadores de línguas e literatura. A plataforma MLA International Bibliography permite acesso a citações bibliográficas de artigos de revistas científicas, sites acadêmicos, livros, trabalhos de congressos e conferências, monografias, teses, dissertações, entre outros documentos. A plataforma também indexa conteúdos correlatos ligados a categorias como, por exemplo, linguística, teatro, arte dramática e teoria e crítica literárias. A base de dados referencial comporta materiais desde 1926 com cobertura que abrange o mundo todo: África, Ásia, Austrália, Europa, América do Norte e América do Sul. A MLA, segundo o editor, inclui anualmente mais de 66 mil novos itens para consulta. Com mais de dois milhões de registros nas áreas indicadas, a plataforma oferece uma série de facilidades para os usuários, como possibilidade de envio de conteúdo por e-mail em formato HTML ou texto simples. Outras funcionalidades que os pesquisadores encontram na base são: gerador de citações que podem ser exportadas para EndNote, ProCite e RefWoks; busca avançada com operadores booleanos e diferentes critérios que permitem demarcar pesquisas; marcadores URL (favoritos); tradutor de onze idiomas, incluindo português; dicionários; download de artigos em formatos HTML e/ou PDF. O

conteúdo é responsabilidade da editora Gale e pode ser acessado pelo Portal de Periódicos da CAPES.

NATIONAL UNION CATALOG (NUC) - é uma bibliografia nacional dos Estados Unidos e Canadá baseada nos registros de publicações de mais de mil e cem bibliotecas do país, incluindo Canadá e a Biblioteca do Congresso (Library of Congress). As principais divisões do NUC são publicadas em duas séries principais: uma cobrindo publicações pós 1955 e as outras compilações de impressões pré 1956. Desde 1983, o NUC passou a ser produzido em microfichas. O NUC oferece também catálogo de autor que contém algumas entradas para trabalhos nas coleções da Biblioteca que não estão listadas em seus próprios catálogos gerais; consequentemente, as consultas devem ser em exame completo dos recursos da Biblioteca.

NEW WORLD ENCYCLOPEDIA – é uma enciclopédia baseada na Web e foi projetada para o público em geral e está disponível on-line e é gratuita para todas as pessoas com acesso à Internet sem necessidade de criação de perfil ou qualquer outra inscrição. Semelhante às operações Wikipédia, a enciclopédia opera com tecnologias *wiki*. Propõe ser uma base inovadora ao combinar o empenho de seus editores e escritores que utilizam artigos da Wikipédia como base para seus artigos e trabalham para melhorá-los com base em treinamento e experiência em suas respectivas áreas de assunto e conformidade com diretrizes estritas para escritores para este projeto. Visa organizar o conhecimento humano de uma forma que permite ao leitor aprender, não apenas por si mesmas, mas por seu valor referencial[150].

[150] NEW WORLD ENCYCLOPEDIA, [2023]: https://www.newworldencyclopedia.org/entry/New_World_Encyclopedia:About

OAK KNOLL – Oak Knoll Books & Press é uma empresa canadense dividida em duas vertentes, a Editora Oak Knoll Press e a vendedora de livros antigos, Oak Knoll Books com especialização em obras raras cobrindo 32 temas na área de Editoração, Bibliografia, Bibliofilia e Biblioteconomia. Oferece catálogo on-line, serviços de alerta e venda. É associada a importantes organizações americanas como a Association of American Publishers (AAP) que patrocina conferências nacionais e regionais visando a promoção de aspectos de melhorias na indústria editorial na América do Norte, a Antiquarian Booksellers Association of America (ABAA) que promove padrões éticos e profissionalismo no comércio de livros antiquários e encorajar a coleta e preservação de livros antiquários e materiais relacionados e a International League of Antiquarian Booksellers (Liga Internacional de Livreiros Antiquários) que forma a rede global de livreiros de obras raras em 37 países.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER (OCLC) - é uma organização de sociedade sem fins lucrativos que presta serviços bibliotecários computadorizados e de pesquisa dedicado ao propósito público de facilitar o acesso à informação mundial e reduzir os custos de informação. Fundada em 1967 como Ohio College Library Center, a OCLC e suas bibliotecas associadas de modo cooperativo produziram e mantém o WorldCat, o maior catálogo coletivo on-line de acesso público (OPAC) no mundo. OPAC - Um catálogo de acesso público on-line, disponível na Web, e caracterizado por oferecer recurso de busca via base de dados on-line de materiais detidos por uma biblioteca ou grupo de bibliotecas. Assim, de modo remoto, usuários podem buscar informações

num OPAC de uma biblioteca principalmente para localizar livros e outros materiais disponíveis nos acervos. Com o desenvolvimento da Internet e consequente surgimento dos OPAC, Lancaster em 1994[151] vaticinou que a Biblioteca seria um lugar onde as pessoas iriam menos e usariam mais à distância.

OXFORD BIBLIOGRAPHIES – conjunto de Bibliografias correntes, seletivas e on-line sobre 41 assuntos, tais como: Antropologia, Educação, Filosofia, Geografia, Linguística, Música, Religião e Sociologia, publicadas pela Oxford Press, no Reino Unido. A cobertura é internacional e destina-se a pesquisadores, professores e estudantes universitários. As bibliografias são desenvolvidas com base na colaboração de autores de todo o mundo. Os volumes podem arrolar: livros, capítulos de livros, artigos científicos, sítios Web, blogs e bases de dados. Cada item no volume é escrito e revisado por especialistas acadêmicos, com isso, os artigos disponíveis na base de dados contém comentários citações e anotações originais. Assemelhando-se aos guias de literatura, busca combinar características de uma enciclopédia com elementos de uma bibliografia tradicional, em um estilo adaptado para atender às necessidades de acesso on-line para os pesquisadores. O Sítio Web oferece os seguintes serviços: orientação para autores colaboradores, incluindo tutorial com normas e sobre submissão on-line; serviços de atendimento aos usuários, lista dos assuntos com os contatos editoriais, serviços de assinaturas, incluindo a possibilidade de indicação e avaliação por bibliotecários; um guia on-line de apresentação das

---

[151] LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 7, 1994.

obras, experiência de uso por trinta dias sem custos. As Bibliografias da Oxford estão disponíveis por assinatura e acesso perpétuo a instituições em todo o mundo. Os preços de aquisição são baseados no tamanho e tipo de instituição.

PLANO NACIONAL DE RECUPERAÇÃO DE OBRAS RARAS – (PLANOR) - Criado em 1983, o PLANOR tem como objetivos identificar e recuperar obras raras existentes, não só na Biblioteca Nacional (BN), como em outras instituições e acervos bibliográficos do País. No seu âmbito de ação, o PLANOR fornece orientações e presta assessoria técnica para a gestão de acervos raros, realiza visitas com emissão de pareceres técnicos, promove eventos e cursos de capacitação profissional e gerencia o Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional – CPBN, que reúne dados de obras raras dos séculos XV ao XIX, de instituições públicas e privadas. Além disso, o programa realiza o Encontro Nacional de Acervo Raro – ENAR, evento bienal para troca de informações e experiências. Publica semestralmente o Boletim Informativo do PLANOR e organiza o Guia do Patrimônio Nacional de Acervos Raros e Antigos, obra de referência que relaciona informações sobre bibliotecas e instituições curadoras de acervos raros e especiais em todo o Brasil[152].

PORTAL PERIÓDICOS CAPES – tem sua origem em 1990 quando, com o objetivo de fortalecer a pós-graduação no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) criou o programa para bibliotecas de Instituições de Ensino Superior (IES). Foi a partir dessa iniciativa que, cinco anos mais tarde, foi criado o Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos (PAAP). O Programa está na origem do atual serviço

[152] Fonte: FBN, PLANOR: http://arquivo.bn.br/planor/

de periódicos eletrônicos oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) à comunidade acadêmica brasileira. O Portal de Periódicos foi oficialmente lançado em 11 de novembro de 2000, na mesma época em que começavam a ser criadas as bibliotecas virtuais e quando as editoras iniciavam o processo de digitalização dos seus acervos. Com o Portal, a Capes passou a centralizar e otimizar a aquisição desse tipo de conteúdo, por meio da negociação direta com editores internacionais. Em 2017, tem adesão à iniciativa global Open Access 2020[153].

PROJETO GUTENBERG - É um esforço voluntário e coletivo para digitalizar, arquivar e distribuir obras culturais através da digitalização de livros. Fundado em 1971 por Michael Hart, Universidade de Illinois, é a mais antiga biblioteca digital. A maioria dos itens no seu acervo são textos completos de livros em domínio público. O projeto tenta torná-los tão livres quanto possível, em formatos duradouros e abertos, que possam ser usados em praticamente quaisquer computadores. Michael Hart disse em 2004, “A missão do Projeto Gutenberg é simples: “Encorajar a criação e distribuição de livros eletrônicos”[154]. O primeiro livro em português publicado pelo Projeto Gutenberg foi o Lendas do Sul (1913) do autor brasileiro João Simões Lopes Neto. Seguiram-se Os Lusíadas do português Luís Vaz de Camões. Em janeiro de 2007, o sítio Web do Projeto Gutenberg já estava totalmente disponível em português, sendo a primeira língua a traduzi-lo. Na mesma altura,

---

[153] Fonte: BRASIL, Ministério da Educação. *Histórico*. Brasília, DF: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, [2018]. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pcontent&alias=historico. Acesso em: 10 jun. 2023.
[154] Fonte: Projeto Gutenberg: https://www.gutenberg.org/about/

estavam disponíveis 70 obras em português. O Projeto Gutenberg é propositadamente descentralizado. Por exemplo, não existe nenhuma política de seleção que dite quais os textos que devem ser adicionados. Em vez disso, os voluntários trabalham individualmente naquilo em que estão interessados ou que têm disponível. O acervo do Projeto Gutenberg destina-se a conservar os itens em longo prazo de forma que não se percam, por exemplo por um acidente localizado. Num esforço para assegurar isto, toda a coleção é salvaguardada regularmente e espelhada em servidores em vários locais diferentes[155].

PUBMED® - O PubMed foi lançado pela primeira vez em janeiro de 1996 como um banco de dados experimental no sistema de recuperação *Entrez*[156] com acesso total ao MEDLINE®. A palavra "experimental" foi retirada do site em abril de 1997 e, em 26 de junho de 1997, uma coletiva de imprensa do Capitol Hill anunciou oficialmente o acesso gratuito à MEDLINE[157]. PubMed. é um motor de busca de livre acesso à base de dados MEDLINE de citações e resumos de artigos de investigação em biomedicina. Oferecido pela Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos como parte de Entrez. Compreende mais de trinta milhões de citações de literatura biomédica da MEDLINE, periódicos de ciências biológicas e livros on-line. As citações

---

[155] Fonte: Projeto Gutenberg: https://www.gutenberg.org/

[156] Entrez - Global Query Cross-Database Search System é um metabuscador mantido pelo National Center for Biotechnology Information (NCBI), uma secção da United States National Library of Medicine. Fonte: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/

[157] CANESE, Kathi; WEIS, Sarah. PubMed: The Bibliographic Database. *In*: THE NCBI Handbook. Bethesda, 2003-2013. Disponível em: http://www.ehu.eus/biofisica/juanma/mbb/pdf/pubmed_intro.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

podem incluir links para acesso ao texto completo do PubMed Central e de sites de editores.

RDA – RESOURCE DESCRIPTION AND ACCESS é o mais recente padrão para descrição de recursos e acesso projetado para incluir o contexto digital. A partir dos fundamentos estabelecidos pelo Anglo-American Cataloguing Rules, segunda versão (AACR2), o RDA fornece um conjunto abrangente de diretrizes e instruções sobre descrição e acesso a recursos, abrangendo todos os tipos de conteúdo e mídia. Benefícios do RDA incluem: a) uma estrutura baseada nos modelos conceituais de FRBR (Requisitos Funcionais Para Dados Bibliográficos) e FRAD (Requisitos Funcionais Para Dados De Autoridade) para ajudar usuários a encontrar nos catálogos as informações de que precisam mais facilmente; b) uma estrutura flexível para a descrição de conteúdo de recursos digitais que também atende às necessidades de bibliotecas que organizam recursos tradicionais; c) um melhor ajuste às novas tecnologias de bases de dados, permitindo que as instituições introduzam eficiências na captura de dados e recuperações de armazenamento (OLIVER, 2011).
Vale ressaltar que, sob os fundamentos estabelecidos pela AACR2, a organização da RDA é baseada em padrões internacionais desenvolvidos pela Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas (IFLA), tais como Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR) e Requisitos Funcionais para Dados de Autoridade (FRAD).

REDE VIRTUAL DE BIBLIOTECAS - CONGRESSO NACIONAL [158]- (RVBI) - É uma rede cooperativa de

---

[158] Fonte: BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL. Brasília, DF, [2023]. Disponível em: http://www12.senado.gov.br/institucional/biblioteca#/rvbi/rvbi.asp.

bibliotecas, coordenada pela Biblioteca do Senado Federal, que agrega recursos bibliográficos, materiais e humanos de quatorze bibliotecas da Administração Pública Federal e do governo do Distrito Federal, dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, com o objetivo de atender às demandas de informações bibliográficas de seus órgãos mantenedores. A Rede Virtual de Bibliotecas - Congresso Nacional (RVBI) originou-se da Rede SABI (Subsistema de Administração de Bibliotecas), iniciada em 1972. Durante seus vinte e oito anos de funcionamento, a Rede SABI veio adaptando-se às inovações tecnológicas e técnicas para possibilitar a compatibilidade com outras redes e sistemas de informação. Em 2000, foi implantado o sistema Aleph, software de gerenciamento de bibliotecas que adota formato internacional de intercâmbio bibliográfico, surgindo assim a Rede Virtual de Bibliotecas - Congresso Nacional – RVBO. O acervo registrado na base de dados bibliográfica da RVBI tem como prioridade temática a área das Ciências Humanas e Sociais, especificamente doutrina jurídica. Cada biblioteca da Rede possui uma base administrativa com os dados particulares de sua coleção, usuários, fornecedores. Essas bases, por sua vez, compõem-se de vários registros inter-relacionados e organizados de forma a atender às necessidades de informação dos usuários e a promover o intercâmbio e a interação dessas informações (OLIVEIRA; JAEGGER, 2007).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA – Termo ainda utilizado em vários países de língua hispânica (*referencia bibliográfica*). No Brasil, o termo 'referência bibliográfica' caiu em desuso, principalmente quando surgiu a versão da NBR

Acesso em: 10 jun. 2023.

6023, de 2002, norma de documentação para elaboração de referências para variado grupo documental, trazendo condições de se referenciar documentos distintos dos habituais livros e revistas, impressos ou eletrônicos, tais como: legislação e sítios na Internet, em várias mídias e meios digitais. Com a evolução das mídias e novos tipos de documentos na Web, a NBR 6023 foi atualizada em novembro de 2018. A ABNT NBR 6023 foi elaborada no Comitê Brasileiro de Informação e Documentação (ABNT/CB-014), pela Comissão de Estudo de Identificação e Descrição (CE-014:000.003). A norma contempla um conjunto de dados necessários para identificar um documento por meio de seus aspectos formais. É o resultado da descrição bibliográfica dos documentos. Pode fazer parte de um catálogo, de um repertório bibliográfico e a referência deve preceder um resumo ou qualquer outro instrumento descritivo. López (2004, volumen 2 Diccionario enciclopédico de las ciencias de la documentación). Sua elaboração pode decorrer de padronização de algum sistema de citação de variada área científica, como ocorre nos Estados Unidos da América com as normas APA, The Chicago Manual of Style, ou MLA, ou de instituições nacionais responsáveis por normas e técnicas, como é o caso brasileiro, pela Agência Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT). Portanto, o termo adequado é: REFERÊNCIA (lista de referências) para designar o "conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual"[159].

RÉPERTOIRE BIBLIOGRAPHIQUE UNIVERSEL (RBU) – A partir do desejo de organização do

---

[159] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023*: Informação e documentação -Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

conhecimento registrado, o RBU foi uma tentativa ambiciosa para o desenvolvimento de uma bibliografia mestre do conhecimento acumulado do mundo, e no fornecimento de informações para a recuperação sobre qualquer documento publicado em qualquer lugar do mundo. Até o final dos anos 1930, a RBU tinha crescido com mais de doze milhões de entradas. Pinto (1987, p. 148) aponta que foram onze milhões de entradas, como uma espécie de catálogo coletivo mundial. As dificuldades de se estabelecer o trabalho de controle bibliográfico em nível mundial, à época, deram oportunidades de estudos sobre o tema em suas várias particularidades com que mais tarde, com a automação, o enfrentamento à sobrecarga da informação consolidou a Documentação como a ciência do controle bibliográfico.

REPERTOIRE INTERNATIONAL DES SOURCES MUSICALES (RISM) – É um Inventário Internacional de Fontes Musicais – elaborado por uma organização internacional, sem fins lucrativos, que visa à documentação abrangente de fontes musicais existentes em todo o mundo. Essas fontes primárias consistem em manuscritos ou música impressa, escritos sobre teoria musical e livretos. Estão armazenados em bibliotecas, arquivos, mosteiros, escolas e coleções particulares. A organização, fundada em Paris em 1952, é a maior e única operação global que documenta fontes musicais escritas. O RISM registra o que existe e onde ele pode ser encontrado. Como resultado, as tradições musicais são protegidas através de catalogação em um inventário abrangente, ao mesmo tempo em que são disponibilizadas para musicólogos e músicos. Tal trabalho bibliográfico não é um fim em si mesmo, mas leva diretamente a aplicações práticas, incluindo disponibilização em acesso aberto do sistema

MUSCAT 3.0 para a descrição de documentos musicais.

REQUISITOS FUNCIONAIS PARA REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS – (FRBR) – Essencialmente, é um modelo conceitual para o universo bibliográfico. Baseia-se na Declaração de Princípios – conhecida geralmente por "Princípios de Paris" – aprovada pela Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação em 1961. Foi desenvolvido pelo Grupo de Estudos da IFLA entre os anos de 1992 e 1995. Trata-se de um modelo do tipo entidade-relacionamento, como uma visão geral do universo bibliográfico, pretendendo ser independente de qualquer código de catalogação. O modelo inclui descrição das entidades e relacionamentos, bem como os atributos (metadados), tornando-se uma proposta de alcance nacional para registro bibliográfico para todos os tipos de materiais e tarefas de usuários associadas com os recursos bibliográficos descritos nos catálogos, bibliografias e outros produtos de representação descritiva. FRBR prevê uma perspectiva atual sobre a estrutura e relacionamentos dos registros bibliográficos e de autoridade, e um vocabulário mais preciso para auxiliar aos futuros responsáveis pela construção de regras de catalogação e projetistas de sistemas quanto ao atendimento das necessidades dos usuários. Antes das FRBR, as regras de catalogação apresentavam pouca clareza no que tange ao uso das palavras "obra", "edição" ou "item". Mesmo na linguagem corrente costuma-se dizer "livro", tendo esta palavra diferentes acepções. Por exemplo, quando se diz "livro" para se descrever um objeto físico que tem páginas de papel e uma encadernação, e pode algumas vezes ser utilizado para se manter aberta uma porta ou para sustentar a perna de uma mesa, os FRBR chamam esse objeto de um "item".

Quando se diz “livro” também se pode dizer “publicação”, tal como quando se vai à livraria comprar um livro. Pode-se saber seu ISBN, mas uma cópia particular não está ainda em cogitação se ela não estiver em boa condição ou contiver páginas faltantes. Os FRBR denominam essa instância de “manifestação”. Quando se diz “livro”, no contexto de ‘quem traduziu o livro’, tem-se em mente um texto particular em uma língua específica. Os FRBR denominam isso de “expressão”. Quando se diz “livro” no contexto de “quem escreveu esse livro”, isso pode significar o mais alto nível de abstração, o conteúdo conceitual subjacente a todas as versões linguísticas, a história contada no livro, as ideias na cabeça de uma pessoa para e contidas no livro. Os FRBR denominam isso de “obra” (ALVARENGA *et al.*, 2009).

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SciELO) - SciELO é uma base de dados eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. A SciELO é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME). A partir de 2002, o Projeto conta com o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O Projeto tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico. Com o avanço das atividades do projeto, novos títulos de periódicos vão sendo incorporados à coleção da biblioteca. SciELO é uma fonte bibliográfica de acesso aberto e de divulgação da produção científica brasileira e latino-americana.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS – (SBRT) - É um serviço de informação criado para atender às necessidades tecnológicas de micro e pequenas empresas e de empreendedores de todo o País. O serviço tem como principais objetivos aplicar o conhecimento gerado nas instituições de pesquisa no aprimoramento de processos para melhoria da competitividade da microempresa; promover divulgação do conhecimento tecnológico; e contribuir para a transferência de tecnologia especialmente para micro e pequenas empresas (MPE). Os principais produtos do SBTR são: Respostas Técnicas (RT) e Dossiês Técnicos (DT). As RTs são soluções para as questões apresentadas à Rede relativas a processos de fabricação, melhoria de produtos, dentre outros aspectos tecnológicos de interesse das MPE. Elas são elaboradas a partir de busca de informações disponíveis em fontes confiáveis (documentos, bases de dados e especialistas). Essas informações são analisadas, tratadas e a RT é elaborada de forma a solucionar a questão colocada; em seguida, ela é enviada ao usuário solicitante e disponibilizada na base de dados do SBTR para uso público. A RT é, portanto, um produto da solicitação do usuário. Os Dossiês Técnicos (DT) são documentos elaborados para divulgar informações tecnológicas sobre um determinado produto em vários aspectos, como produção, equipamentos e comercialização. Para definir o produto que terá um Dossiê Técnico, são verificadas tendências com a função de antecipar oportunidades de negócios para as MPE. O IBICT faz parte do SBRT desde a sua criação, enquanto órgão de informação do MCT, tendo participado ativamente da especificação, desenvolvimento, manutenção e operação do serviço, além de manter o site em seus computadores. A gestão do SBRT é feita por um Conselho Gestor, órgão decisório formado por todas

as instituições integrantes da Rede, um Comitê Executivo, uma Secretaria Executiva e quatro grupos de trabalho temáticos: Terminologia, Tecnologia da Informação, Qualidade de Atendimento ao Usuário e Gestão do Conhecimento. O IBICT tem assento no Comitê Gestor e nos Grupos de Trabalho (GT) temáticos do SBRT, os quais elaboram metodologias e instruções de trabalho para normatização e padronização dos processos de operacionalização da Rede[160].

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES E LIVREIROS (SNEL)[161] – De acordo com o próprio sítio da Internet da instituição: a instituição foi criada em 1941 tendo como finalidade o estudo e a coordenação das atividades editoriais, bem como a proteção e a representação legal da categoria de editores de livros e publicações culturais em todo o Brasil. Como representante da categoria editorial, o SNEL é filiado à 'International Publishers Association (IPA)' e ao 'Centro Regional para el Fomento del Libro en America Latina y el Caribe (CERLALC)'.
SISTEMA ELETRÔNICO DE EDITORAÇÃO DE REVISTAS – (SEER) – atualmente denominado por Open Journal Systems é um software desenvolvido para a construção e gestão de uma publicação periódica eletrônica. Este recurso contempla ações essenciais à automação das atividades de editoração de periódicos científicos. Recomendado pela CAPES, o processo editorial no SEER permite uma melhoria

[160] Fonte: SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS. [*S.l.*]: IBICT, [2000]. Disponível em: https://sbrt.ibict.br/. Acesso em: 10 jun. 2023.

[161] Fonte: O SINDICATO Nacional dos Editores de Livros. Rio de Janeiro, [2022]. Disponível em: https://snel.org.br/o-snel/quem-somos/. Acesso em: 10 jun. 2023.

na avaliação da qualidade dos periódicos e uma maior rapidez no fluxo das informações. A aceitação do SEER pela comunidade brasileira de editores científicos vem do desempenho do sistema e de sua fácil adaptação aos processos de editoração em uso. Também o SEER permite que a disseminação, divulgação e preservação dos conteúdos das revistas brasileiras apresentem uma melhoria na adoção dos padrões editoriais internacionais para periódicos on-line 100% eletrônicos[162]. O Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), em Belém (PA), apontado como o periódico científico mais antigo do Brasil – com 113 anos – pelo Coordenador de Comunicação e Extensão do Museu, Nelson Sanjad, ganhou sua versão eletrônica no sistema em 2015.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO – É aquele que tem por finalidade exclusiva o armazenamento, processamento, recuperação e difusão da informação contida em documentos de qualquer espécie. É a expressão utilizada para descrever um sistema automatizado, ou mesmo manual, que abrange pessoas, máquinas, e métodos organizados para coletar, processar, transmitir e disseminar dados que representam informação para o usuário. Nesse aspecto, é a interface entre uma coleção de recursos de informação, em meio impresso ou não, e uma população de usuários. Desempenham as seguintes tarefas: aquisição e armazenamento de documentos; sua organização e controle para s distribuição e disseminação aos usuários[163].

---

[162] Fonte: GRUPO DE PESQUISA SOBRE TECNOLOGIAS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO. *OJS/SEER*. [*S.l.*]: IBICT, 2015. Disponível em: http://labcoat.ibict.br/portal/?page_id=15. Acesso em: 10 jun. 2023.

[163] BARITÉ, Mario. *Diccionario de organización y representación del conocimiento: clasificación, indización, terminología*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327288002_Diccionario_de_organizacion_del_conocimiento_Clasificacion_Indizacion_Terminologia.

SISTEMA DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO – A tarefa de encontrar informação não é uma novidade na história do conhecimento e pressupõe processos de localização e escolhas de uso da informação. O texto é a principal forma de armazenamento do conhecimento humano e, após a fala, a principal forma de transmissão. As técnicas de armazenamento e pesquisa de documentos textuais são quase tão antigas quanto a própria linguagem escrita. Sistema para operacionalizar conjuntos de dados padronizados, armazenados em meio eletrônico, utilizados para identificar informação e fornecer sua localização. A meta de um sistema de informação é permitir que um usuário recupere documentos através de certas características específicas (como autor, título conhecido, assunto ou qualquer combinação desses elementos) [164]. Um sistema de recuperação da informação é em sua natureza um sistema de comunicação da informação cuja arquitetura deve buscar efeito de acesso ao conteúdo sob determinadas propriedades do sistema bibliográfico, dentre as quais, eficácia do sistema de recuperação da informação e relevância de resultados.

THESAGRO - THESAURUS AGRÍCOLA NACIONAL - O THESAGRO é um vocabulário especializado brasileiro em agricultura e utilizado para o controle terminológico nos processos de indexação e recuperação de documentos. Sua elaboração conta com a colaboração de várias instituições agrícolas brasileiras Foi desenvolvido conforme padrões internacionais e diretrizes da Unesco, sob normas estabelecidas pela *United Nations Information System* - UNISIST e *Principles directeurs pour*

Acesso em: 4 jun. 2023.

[164] (SOUZA, 2006).

Létablissement et le développement the thesaurus monolíngues. É um vocabulário controlado desenvolvido pela Biblioteca Nacional de Agricultura .Sua primeira edição foi intitulada *Thesaurus para Indexação/Recuperação da Literatura Agrícola Brasileira*, em junho de 1979. Em 1989, foi lançada então, uma versão atualizada. Atualmente está disponível na Web, sob o título *THESAGRO - Thesaurus Agrícola Nacional* e arrola 9.351 termos.[165].

ULRICH'S INTERNATIONAL PERIODICALS DIRECTORY - ULRICH's International Periodicals Directory: A Classified Guide to a Selected List of Current Periodicals, Foreign and Domestic. É a fonte autorizada de informações bibliográficas sobre editores em mais de 300 mil periódicos de todos os tipos, incluindo acadêmicos e revistas científicas, publicações de acesso aberto, títulos revisados por pares, revistas populares, jornais, boletins informativos de todo o mundo. Abrange todas as disciplinas e inclui publicações que são publicados regular ou irregularmente e que são distribuídos a título gratuito ou por assinatura paga. Em seu formato on-line, constitui-se em uma base de dados. Possui catálogos de assuntos usados para classificar os periódicos na base de dados. Os assuntos são geralmente baseados no catálogo de assuntos da Library of Congress (Biblioteca do Congresso). Os cabeçalhos de assunto são supervisionados pela equipe editorial do Ulrich. Os temas de Ulrich são conhecidos e respeitados na comunidade de bibliotecários em todo o mundo[166].

[165] MAIA, Leonardo. *Thesagro*. Brasília, DF: Escola Nacional de Gestão Agropecuária, 2018. Disponível em: https://enagro.agricultura.gov.br/glossario/thesagro-pagina. Acesso em: 13 jun. 2023.

[166] Fonte: http://www.ulrichsweb.com/ulrichsweb/faqs.asp

UNISIST – United Nations International Scientific Information System - Programa desenvolvido pela Unesco em 1971, visando alcance global de transferência e compartilhamento da comunicação científica e tecnológica. Seul modelo social foi baseado na comunicação da informação entre produtores de conhecimento e usuários num sistema técnico-social formado por diversas instituições bibliográficas e documentárias de modo que a divisão de tarefas favorecesse o intercâmbio de informação técnico-científica. Hjørland, Søndergaard e Andersen (2005, p. 129) explicam que o modelo UNISIST é um entre muitos disponíveis e a despeito disso e data de sua concepção, nenhum novo modelo conseguiu, ainda, substituí-lo.

VOCABULARIUM BIBLIOTHECARII – Glossário multilíngue de termos de Biblioteconomia. Foi publicado pela Unesco primeiramente em 1953 em três idiomas: inglês, francês e alemão. Em 1958 teve suplemento e atualização. Sua segunda edição ocorreu em 1962 e está disponível no sítio da instituição para consulta. Para esta edição, a Unesco previu a necessidade de ser o glossário multilíngue para termos bibliotecários e passou a incluir os idiomas: espanhol e russo. Visa oferecer vocabulário técnico nos cinco idiomas a bibliotecários. Apresenta análises críticas acerca dos termos arrolados.

THE WORLD ALMANAC AND BOOK OF FACTS – publicação estadunidense que pode ser comprada em vários tipos de estabelecimentos comerciais nos EUA, como: livrarias, lojas de conveniência e supermercados. Trata-se de obra de referência com mais de 82 milhões de cópias vendidas. Desde 1868, este compêndio de informações tem sido a fonte autorizada para necessidades de entretenimento,

referência e aprendizado. Arrola fatos curiosos e estatísticos sobre os mais distintos temas do mundo.

WORLDCAT - O WorldCat é um catálogo coletivo internacional que relaciona as coleções de 72.000 bibliotecas em 170 países e territórios, incluindo todo o Brasil, que participam da Online Computer Library Center (OCLC), de cooperação global. É operado pela OCLC Online Computer Library Center, Inc. As bibliotecas participantes coletivamente mantem uma base de dados do WorldCat com sistema de recuperação de dados bibliográficos e localização física em bibliotecas dos itens recuperados. Durante encontro da IFLA (Lyon, 2014, History of Librarianship Satellite Meeting), o bibliotecário sul-africano Peter Lor, em suas reflexões sobre internacionalismo e cooperação internacional, concebe o WorldCat como sendo um efeito potencial do Programa CBU.

WORLD DIGITAL LIBRARY – WDL é uma biblioteca digital que disponibiliza na Internet, gratuitamente e em formato multilíngue, importantes fontes provenientes de coleções de países e culturas de todo o mundo[167]. Seus principais objetivos são: promover a compreensão internacional e intercultural; expandir o volume e a variedade de conteúdo cultural na Internet; fornecer recursos para educadores, acadêmicos e o público em geral; desenvolver capacidades em instituições parceiras, a fim de reduzir a lacuna digital dentro dos e entre os

[167] Fonte: ALENTEJO, Eduardo da Silva.; PEREIRA, Gabriel. A. ; PINHO NETO, Jayme. . CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE PARA A HERANÇA CULTURAL DIGITAL NA ?WORLD DIGITAL LIBRARY?. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E MUSEÓLOGOS, 2015, Valparaíso. Panel Web. Valparaíso: Universidad de Playa Ancha, 2015. v. 7. p. sem paginação-sem paginação.

países[168]. Biblioteca Digital Mundial, equivalente em português da WDL, permite pesquisar cerca de 19.147 itens sobre 193 países entre 8000 a.C. e 2000. Conta com acervos digitalizados de bibliotecas nacionais do mundo inteiro, incluindo Brasil o que explica sua missão, políticas e processos de digitalização e preservação de cada BN dos países cooperantes do sistema. A missão da Biblioteca Digital Mundial é tornar disponível na Internet, gratuitamente e em formato multilíngue, importantes matérias-primas de países e culturas de todo o mundo. Algumas das características da WDL são potencialmente relacionadas com o estímulo à inclusão digital e apoio à educação em escala mundial, ampliando conteúdos culturais na Internet, promovendo assim a compreensão intercultural e internacional. Os principais conceitos operacionais que orientam a Biblioteca Digital Mundial são: o conteúdo, o usuário, funcionalidade, qualidade, política, arquitetura e redes colaborativas[169].

---

[168] Fonte: https://www.wdl.org/pt/about/

[169] Fonte: LIBRARY OF CONGRESS. *World Digital Library*. Washington, DC: [2022]. Disponível em: https://www.loc.gov/collections/world-digital-library/about-this-collection/#:~:text=Launched%20in%202009%2C%20the%20World,international%20organizations%20around%20the%20world. Acesso em: 26 jun. 2023.